

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA ECONÔMICA

José Victor das Neves

UMA BÍBLIA PARA O BRASIL: A EDIÇÃO GARNIER DE 1864

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2022

JOSÉ VICTOR DAS NEVES

UMA BÍBLIA PARA O BRASIL: A EDIÇÃO GARNIER DE 1864

VERSÃO CORRIGIDA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Econômica

Orientadora: Prof^a Dr^a Marisa Midori Deaecto

Financiamento: Bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Processo nº 169438/2018-0

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

N511b Neves, José Victor das
Uma Bíblia para o Brasil: a Edição Garnier de 1864
/ José Victor das Neves; orientadora Marisa Midori
Deaecto - São Paulo, 2022.
266 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo. Departamento de História. Área de
concentração: História Econômica.

1. BÍBLIA. 2. HISTÓRIA DO LIVRO. 3. BRASIL
IMPÉRIO. 4. IGREJA CATÓLICA. 5. IGREJA PROTESTANTE.
I. Deaecto, Marisa Midori, orient. II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): José Victor das Neves****Data da defesa: 16/12/2021****Nome do Prof. (a) orientador (a): Marisa Midori Deaecto**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 13/02/2022.

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

NEVES, José Victor das. *Uma Bíblia para o Brasil: a Edição Garnier de 1864*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História, 2022.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

À memória de minha avó, Benedicta Aparecida.

Aqui uma semente do seu tronco.

Agradecimentos

À Coordenação Nacional de Pesquisa (CNPq), pelo fomento imprescindível concedido a esta pesquisa e a tantas outras Brasil adentro, tão ameaçadas e comprimidas pelas ameaças à Ciência. Ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, por seu empenho e resiliência na produção historiográfica nacional.

À professora Marisa Midori Deaecto, por aceitar orientar um aluno oscilante entre a insegurança e a obstinação. Aos professores João Cesário Leonel Ferreira, Fernando Paixão e Thiago Mio Salla pelas importantes observações e contribuições nas bancas de Qualificação e Defesa.

Aos professores Ana Maria de Almeida Camargo, Ana Rosa Clochet da Silva, Carlos Alberto de Moura Ribeiro Zeron, Eliane Robert Moraes, Luciano Carvalho, Magno Paganelli, Mônica Duarte Dantas, Plínio Martins Filho, Roger Chartier, Susana Monreal e Suzana Chwartz, por inúmeras conversas e indicações. A todos professores e mestres, que abrem os caminhos para nós, alunos e pesquisadores.

Às equipes sempre atenciosas e prestativas dos acervos e bibliotecas consultados: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, Biblioteca Florestan Fernandes, Instituto de Estudos Brasileiros, Museu da Bíblia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, Biblioteca Nacional de Lisboa e Bibliothèque Nationale de France.

A Beatriz Tavares Álvares, Eduardo Augusto Souza Cunha, Fabiana Marchetti, Felipe Castilho de Lacerda, Geferson Santana, Rodrigo Refulia, Vinícius Juberte e Vivian Nani Ayres. Um agradecimento especial à Carolina Bednarek Sobral, pela extrema delicadeza e companheirismo. Aos colegas do Grupo de Estudos “Bíblia e Literatura” da Faculdade Presbiteriana Mackenzie, pelo acolhimento e diálogos sempre frutíferos.

Aos amigos Ana Vera Santiago, Bruna Oliveira, Érika Rocha, Graziela Mazzeo, João Pedro Truzzi, Laura Medina Barros, Letícia Favoretto, Marcelo Maraninchi, Marina Mazze Cerchiaro, Mayara Aranha, Natália Vieira, Nichelle Telles e Vanessa Mattara, que acompanharam, cada um a seu modo, as várias etapas dessa jornada, e a tantos outros colegas que não caberiam nesta lista.

Aos amigos João Carlos Cândido e Jean Gomes de Souza, o amor compartilhado pela História. Ao Gustavo Pereira, Juliana Meningue e Vitor Zaupa, pelo afeto e cumplicidade em

todos os momentos. À Gabriela Caron, pela lealdade e apoio incondicionais em tantos pontos de minha formação. À Larissa Neubarth, o maior presente da *klein Paris*.

À Ceni, Cortez, Maurício e Nice, que há muito acompanham meus passos, sempre com bondade e entusiasmo. À Sonia Maria, minha tia do coração, que sempre acreditou em mim.

Ao meu pai, Darci, com quem sempre aprendo, e à minha mãe, Luiza Helena, minha primeira grande professora.

A Johann Sebastian Bach, meu leitor da Bíblia predileto, razão e inspiração deste trabalho.

Eu temo o homem de um livro só.

Tomás de Aquino

NEVES, José Victor das. *Uma Bíblia para o Brasil: a Edição Garnier de 1864*. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em História, 2022.

Este trabalho pretende investigar o contexto e a produção da Bíblia editada pelo livreiro francês Baptiste-Louis Garnier, em 1864. A obra é considerada a primeira Bíblia completa editada no Brasil, e tem como base a tradução do padre católico português Antonio Pereira de Figueiredo, acrescentada de notas do abade francês Henri Delaunay. Pretende-se situar a obra no contexto editorial da época, compreender os componentes do livro e destacar as estratégias de sua divulgação. O estudo parte de uma síntese histórica das edições da Bíblia em língua portuguesa entre os séculos XVII e XIX e sua circulação no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Busca-se, em seguida, compreender a atuação das Sociedades Bíblicas na difusão de exemplares das Escrituras por meio do trabalho missionário, assim como elucidar um conjunto de reações católicas contra a leitura de suas Bíblias. Por fim, acompanha a trajetória do editor francês Baptiste-Louis Garnier na França e no Brasil, e analisa os elementos editoriais de sua Bíblia editada em 1864.

Linha de pesquisa: Economia da Cultura

Palavras-chave: Bíblia; História do Livro; História da Igreja Católica; Sociedades Bíblicas; Baptiste-Louis Garnier.

NEVES, José Victor das. *A Bible for Brazil: The Garnier Edition of 1864*. Master's Thesis – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This work intends to investigate the context and production of the Bible edited by the French editor, publisher and bookseller Baptiste-Louis Garnier in 1864. The work is considered the first complete Bible published in Brazil, and is based on the translation of the Portuguese Catholic priest Antonio Pereira de Figueiredo, added of notes by the French Abbot Henri Delaunay. It is intended to place the work in the editorial context of the time, understand the component elements of the book, and highlight the strategies for its dissemination. It begins with a presentation of editions of the Bible in Portuguese between the 17th and 19th centuries and its circulation in Rio de Janeiro in the first half of the 19th century. Then it seeks to understand the role of Bible Societies in the dissemination of copies of the Scriptures through missionary work, as well as elucidating a set of Catholic reactions against reading their Bibles. Finally, it follows the trajectory of the French publisher Baptiste-Louis Garnier in France and Brazil, and analyzes the editorial elements of his Bible published in 1864.

Keywords: Bible; History of the Book; History of the Catholic Church; Bible Societies; Baptiste-Louis Garnier.

Lista de Imagens

1	Frontispício da primeira edição do Novo Testamento de Almeida (1681)	37
2	Folha de rosto do primeiro tomo do Novo Testamento da primeira edição de Figueiredo (1778-1790)	47
3	Folha de rosto do primeiro tomo do Antigo Testamento da primeira edição de Figueiredo (1778-1790)	47
4	Frontispício do primeiro tomo da terceira edição de Figueiredo (1794-1819)	48
5	Aspecto do primeiro tomo da terceira edição de Figueiredo (1794-1819)	48
6	Folha de rosto da edição de Aguiar Vianna da versão de Figueiredo (1852)	50
7	Folha de rosto da edição de Silva & Sousa da versão de Figueiredo (1852)	50
8	Folha de rosto da edição de B. Bensley (1821), patrocinada pela BFBS, sem notas ou comentários	53
9	Aspecto da edição de B. Bensley (1821), patrocinada pela BFBS, sem notas ou comentários	53
10	Baptiste-Louis Garnier (s.d.)	142
11	Interior da Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor (s.d.)	143
12	Edição da Bíblia de Genoude (1857), pela Garnier Frères	148
13	Edição de Femmes de la Bible (1847), pela Garnier Frères	148
14	Edição em espanhol da Bíblia da Garnier Hermanos, de 1856	149
15	Edição em espanhol da Bíblia da Garnier Hermanos, de 1857	149
16	Bíblia de Garnier anunciada em seu Catálogo n. 23	160
17	Aspecto do livro do Êxodo da edição Garnier de 1864	164
18	Folha de rosto do Tomo I da Edição Garnier de 1864	168
19	“Mandamento” [autorização] da edição Garnier de 1864	170
20	Aspecto da “Prefação geral” da edição Garnier de 1864	172

21	Aspecto do prefácio ao livro de Juízes da edição Garnier de 1864	172
22	Frontispício da Bíblia editada por Léon Curmer (1856), com notas de Delaunay	174
23	Folha de rosto da Bíblia editada por Léon Curmer (1856), com notas de Delaunay	174
24	Aspecto das notas de fim da edição Garnier de 1864	176
25	Aspecto do glossário filológico da edição Garnier de 1864	184
26	Aspecto do glossário histórico-geográfico da edição Garnier de 1864	184
27	Aspecto do índice geral da edição Garnier de 1864	185
28	Oitava estampa do tomo 2 da edição de 1864, com gravura de Da Vinci	189
29	Terceira estampa do tomo 2 da edição de 1864, com gravura de Staal	190

Lista de Quadros

1	Edições da Bíblia patrocinadas pela Companhia Holandesa das Índias Orientais (1681-1773)	36
2	Edições da Bíblia patrocinadas pela Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais em Tranquebar (1719-1760)	39
3	Edições da tradução de João Ferreira de Almeida patrocinadas pela BFBS (1809-1900)	40
4	Edições da tradução de João Ferreira de Almeida patrocinadas pela ABS (1839-1896)	42
5	Edições da tradução de João Ferreira de Almeida realizadas em Portugal (1840-1897)	43
6	Edições da tradução de Antonio Pereira de Figueiredo publicadas em Portugal (1778-1902)	45
7	Edições da tradução de Antônio Pereira de Figueiredo publicadas no Brasil (1864-1885)	50
8	Edições da tradução de Antonio Pereira de Figueiredo patrocinadas pela BFBS e ABS (1818-1866)	51
9	Edições da tradução de Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1777-1869)	53
10	Edições da Bíblia em português de tradutor não identificado (1817-1879)	55
11	Traduções parciais da Bíblia publicadas em Portugal (1774-1875)	56
12	Traduções parciais da Bíblia publicadas no Brasil (1815-1875)	57
13	Grau geral de instrução da população brasileira (1872)	68
14	População brasileira considerada em relação à sua religião (1872)	72
15	Locais anunciantes de venda de Bíblias no Rio de Janeiro (1820-1829)	77
16	Locais anunciantes de venda de Bíblias no Rio de Janeiro (1830-1840)	78
17	Demanda de Bíblias em anúncios no Rio de Janeiro (1822-1839)	83
18	Leilões de Bíblias no Rio de Janeiro (1837-1847)	84

19	Distribuidores das Sociedades Bíblicas atuantes no Brasil do século XIX	90
20	Bíblías em português produzidas pela BFBS (1809-1905)	102
21	Distribuição de Bíblías no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)	106
22	Subdivisões do Tomo I da Edição Garnier de 1864	164
23	Subdivisões do Tomo II da Edição Garnier de 1864	165
24	Notas de Delaunay na Edição Garnier de 1864 (Antigo Testamento)	176
25	Notas de Delaunay na Edição Garnier de 1864 (Novo Testamento)	179
26	Gravuras contidas no tomo 1 da Edição Garnier de 1864	186
27	Gravuras contidas no tomo 2 da Edição Garnier de 1864	187

Lista de Gráficos

1	Grau geral de instrução da população adulta brasileira (1872)	69
2	Grau de instrução da população escrava brasileira (1872)	70
3	Grau de instrução da população livre brasileira (1872)	71
4	População brasileira considerada em relação à sua religião (1872)	73
5	Total de peças bíblicas em português produzidas pela BFBS (1809-1905)	104
6	Peças bíblicas em português produzidas pela BFBS (1809-1905)	105
7	Total de peças bíblicas distribuídas no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)	107
8	Distribuição de peças bíblicas no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)	108

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1 – A Palavra Semeada: Edições da Bíblia no Brasil Oitocentista	31
1.1 Edições da Bíblia em língua portuguesa	32
1.1.1 Primeiras traduções	33
1.1.2 A tradução de João Ferreira de Almeida	35
1.1.3 A tradução de Antonio Pereira de Figueiredo	44
1.1.4 Outras traduções da Bíblia para o português	53
1.2 A Bíblia no Brasil, da Colônia à Corte	59
1.2.1 Presença da Bíblia no Brasil Colonial	59
1.2.2 Bíblias na Corte Imperial	65
1.2.3 Da alfabetização à prática religiosa	67
1.2.4 Comércio e circulação da Bíblia no Rio de Janeiro	76
CAPÍTULO 2 – A Palavra Mutilada: Disputas em Torno da Difusão da Bíblia	86
2.1 Ações missionárias protestantes no Brasil	86
2.1.1 As Sociedades Bíblicas Britânica e Americana	87
2.1.2 A distribuição de Bíblias no Rio de Janeiro	89
2.1.3 Dados para uma (in)definição	100
2.2 Reações católicas	109
2.2.1 Sob o signo do Ultramontanismo	109
2.2.2 A leitura da Bíblia como problema	114
2.2.3 As “Bíblias falsificadas”	120
CAPÍTULO 3 – A Palavra Sancionada: A Edição Garnier de 1864	134
3.1 O editor, entre a Europa e o Brasil	135
3.1.1 Garnier na França	136
3.1.2 Garnier no Brasil	139
3.1.3 Garnier e a Bíblia	146

3.2 A Bíblia de Garnier e seus paratextos: epitextos	151
3.2.1 Anúncios em periódicos	153
3.2.2 Catálogos da livraria	158
3.3 A Bíblia de Garnier e seus paratextos: peritextos	162
3.3.1 Folha de rosto	166
3.3.2 “Mandamento” [autorização]	168
3.3.3 Prefácios	170
3.3.4 Notas de rodapé	172
3.3.5 Notas de fim	173
3.3.6 Glossários	183
3.3.7 Índice	185
3.3.8 Gravuras	185
CONSIDERAÇÕES FINAIS	192
REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS	196
APÊNDICE I – Edições impressas da Bíblia em português (1681-1900)	214
APÊNDICE II – Anúncios de vendas de Bíblias no Rio de Janeiro (1808-1849)	238
APÊNDICE III – Anúncios de compras de Bíblias no Rio de Janeiro (1822-1839)	261
APÊNDICE IV – Anúncios de leilões de Bíblias no Rio de Janeiro (1837-1847)	264

INTRODUÇÃO

Não se põe termo em multiplicar livros.

Eclesiastes 12:12, trad. Antonio Pereira de Figueiredo

O correr de olhos por entre as prateleiras de uma livraria pode sem muito esforço conduzir o leitor a uma sessão de Bíblias. No mais moderno dos casos, também se encontram facilmente versões das Escrituras em meios digitais, numa Babel infindável de edições e traduções. Esse conjunto de textos tão antigos quanto difundidos – reunidos em volumes que por si só formam uma biblioteca¹ – ocupou e ainda ocupa um lugar de grande importância em nosso mundo, para além das estantes de livros e *e-books* portáteis.

Mesmo que discreta em algumas ocasiões, a Bíblia está nas mãos dos fiéis rumo a suas igrejas, na cabeceira de leitores mais ou menos assíduos, na oralidade dos povos, nas representações das artes, nas formas de pensamento e ciência, nas mais elevadas aspirações humanas. Mas ela está também na mira das mais legítimas críticas sociais e políticas: não podemos nos esquecer jamais dos inúmeros abusos, golpes e injustiças perpetrados com o respaldo de suas palavras, sancionados com a sua autoridade. Veremos ainda, como já há muito ocorre, o “livro dos livros” como escudo das mais indignas e obscuras ações mundanas.

Para o bem ou para o mal, no Brasil a Bíblia ocupa o primeiro lugar entre os livros marcantes mais citados pelos leitores, posto que manteve nas quatro edições da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, organizada pelo Instituto Pró-Livro desde 2007.² Diante desses dados, fica no ar a pergunta: como a Bíblia alcançou este lugar entre nós? E a partir desta questão, uma outra se impõe: quais caminhos a trouxeram até nós?

Uma possibilidade de tratamento dessas indagações se encontra numa perspectiva que busque considerar a Bíblia enquanto *livro*. Tal proposta, a nosso ver, não retira e nem diminui

¹ O termo grego *biblia* é o plural de *biblos*, que significa tão somente “livro”. Designa, na tradição cristã, o conjunto de textos contidos no Antigo e Novo Testamentos. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do Livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 93.

² *Retratos da Leitura no Brasil* (apresentação). 5ª ed. 11 set. 2020. [slide 90]. Todas as cinco edições da pesquisa (2001, 2007, 2011, 2015, 2019) estão disponíveis em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

a importância das Escrituras enquanto patrimônio cultural ou texto sagrado, mas contribui com novas reflexões acerca do objeto e de seus contextos.³

Para tanto, podemos de início inserir “o grande livro” – juntamente com os livros “comuns” – num sistema de comunicação que possui dinâmicas próprias, mas que está também atrelado à realidade que o circunda. Como afirma Robert Darnton:

De modo geral, os livros impressos passam aproximadamente pelo mesmo ciclo de vida. Este pode ser descrito como um circuito de comunicação que vai do autor ao editor (se não é o livreiro que assume esse papel), ao impressor, ao distribuidor, ao vendedor, e chega ao leitor. [...] A história do livro se interessa por cada fase desse processo e pelo processo como um todo, em todas as suas variações no tempo e no espaço, e em todas as suas relações com outros sistemas, econômico, político, social e cultural, no meio circundante.⁴

Tomar o livro como parte de uma cadeia produtiva é, portanto, reconhecer a própria natureza desse objeto, que é resultado de uma construção realizada por vários agentes e a eles também destinado. Nesse sentido, a própria reprodução e difusão do texto sagrado dependeu – e ainda depende – de seus suportes materiais, do trabalho envolvido em sua feitura e de uma série de mediações estabelecidas entre livro e leitor.

Como apontam Roger Chartier e Daniel Roche, o objeto-livro possui uma dimensão dupla, que caracteriza sua especificidade: é ao mesmo tempo um “signo cultural, suporte de um sentido transmitido pela imagem ou pelo texto”, e também uma “mercadoria produzida para o comércio e para o lucro.”⁵ Embora bastante concisa, a definição é muito reveladora da nossa própria relação com esse artefato, e à luz desses princípios podemos tratar também das Escrituras.

As palavras “a Bíblia” não são neutras. O título de nenhum outro livro é tão carregado de sentido, positivo ou negativo. Se uns a olham como um guia

³ Importantes contribuições vieram também da Literatura no sentido de indicar caminhos e leituras possíveis da Bíblia, como os trabalhos de ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004 e LEONEL, João. *História da Leitura e Protestantismo brasileiro*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paulinas, 2010. Veja-se também uma análise desse campo de estudos no Brasil em LIMA, Anderson de Oliveira. *A Bíblia como Literatura no Brasil: história e análise de novas práticas de leitura*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

⁴ DARNTON, Robert. “O que é a história dos livros?”. In: *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 125-126.

⁵ CHARTIER, Roger; ROCHE, Daniel. “O livro: uma mudança de perspectiva”. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 99.

divinamente inspirado ou um registro absoluto de credulidade, a Bíblia é universalmente reconhecida como sendo uma publicação com *status* extremamente incomum. Em termos de mercado, a Bíblia é uma mercadoria de valor comercial internacionalmente reconhecido.⁶

Não há dúvida de que a venda de Bíblias aquece o mercado editorial há séculos, assim como mobiliza uma série de trabalhadores do livro empenhados na tradução, revisão e ornamentação do texto sagrado. Em consonância com Lucien Febvre e Henri-Jean Martin, podemos ter em mente que:

Desde a origem, a imprensa apareceu como uma indústria regida pelas mesmas leis que as outras indústrias, e o livro, como uma mercadoria que os homens fabricavam antes de tudo para ganhar a vida [...]. Pois o mercado do livro sempre foi semelhante a todos os outros mercados.⁷

Por outro lado, a Bíblia é também o livro mais importante de algumas das maiores religiões do globo, mantendo seu lugar de autoridade em cada uma delas. Essa autoridade, no entanto, tem um caráter peculiar: “Nem o Cristianismo, nem o Islamismo, nem mesmo o Judaísmo devotam um culto aos seus livros, no sentido que se rende a às relíquias ou até mesmo aos ícones.”⁸ Do nosso lado ocidental:

O cristão não cultua nem o suporte, nem a escrita. Qualquer traço de sacralização material desapareceu. Manteve-se, evidentemente, o respeito pelo Livro. Ele é venerado, mas não adorado. [...] O que se passou? Uma ruptura que permitiu a transcrição do texto sobre um suporte qualquer, sem nenhum tipo de precaução ritual. Os cristãos inauguraram, dessa maneira, a dessacralização da Escritura Santa, a partir de sua forma material.⁹

Como afirma o mesmo Michel Melot, essa reconfiguração do suporte e da escrita do texto sagrado tem os seus começos no século II EC, com a passagem do rolo ao códice entre os manuscritos cristãos: “O Cristianismo, ao dessacralizar a materialidade do Livro, abriu a via de sua laicização e de sua instrumentalização humana, colocando a forma e, por meio dela, o poder do livro sagrado no domínio público, por assim dizer.”¹⁰

⁶ HAMEL, Christopher de. *The Book: a History of the Bible*. Londres: Phaidon Press, 2001, p. 246, tradução livre.

⁷ FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: EDUSP, 2017, p. 191.

⁸ MELOT, Michel. *Livro*. Cotia: Ateliê, 2012, p. 36.

⁹ *Ibidem*, p. 40.

¹⁰ *Ibidem*, p. 42. Por volta do século II EC, o códice de papiro se tornou o formato exclusivo dos escritos cristãos, enquanto que o rolo permaneceu aceito entre as comunidades judaicas. As razões da preferência pelo

Embora mantenham sua aura e sua autoridade, quando transmitidas para seus suportes, as Escrituras estão inevitavelmente assumindo uma condição material – o texto sagrado torna-se *livro*. A Bíblia impressa está, nesse sentido, sempre inserida em seu contexto de produção, e as leituras decorrentes dela sempre dependem de seus suportes de transmissão.

Podemos então, com certa liberdade, acrescentar uma terceira dimensão que unifica as duas sugeridas por Chartier e Roche: o livro é, além de signo cultural e mercadoria, um *objeto material*, cuja natureza corpórea e tangível também possui sua especificidade.¹¹ Assim, atentar para essa materialidade representa uma tarefa importante para se compreender a Bíblia, e traçar um esboço de seu desenvolvimento e de sua interpretação podem ser bons caminhos para se começar.

A divisão do texto bíblico em capítulos tal qual conhecemos hoje foi estabelecida pelo cardeal Stephen Langton (c. 1150-1228) e gradativamente aplicada em algumas Bíblias manuscritas. A separação em versículos, por sua vez, é recurso consolidado após a invenção da imprensa: foi a edição grega e latina da Bíblia publicada em Genebra em 1551 pelo livreiro Robert Estienne (1503-1559) que se tornou padrão, apesar de não ter sido a primeira tentativa de divisão.¹²

Como se sabe, o primeiro livro impresso por tipos móveis foi uma Bíblia em latim, produzida na cidade alemã de Mainz em meados do século XV, obra de Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg (c.1396-1468), com a colaboração de Peter Schöffer (1425-1503) e apoio financeiro de Johannes Fust (c.1410-1466). Acredita-se que 150 exemplares dessa Bíblia foram impressos em papel, e 35 em pergaminho. Estima-se também que para cada cópia em papel eram necessárias em média 340 folhas de quatro páginas; por outro lado, ao todo 6.000 animais podem ter sido abatidos para obter pele suficiente para os 35 volumes em

códice ainda são discutidas, mas aponta-se principalmente o seu custo mais acessível e sua configuração mais compacta. DIX, T. Keith. “Books and Bookmaking in Antiquity”. In: METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. (ed.). *The Oxford companion to the Bible*. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1993, p. 94.

¹¹ MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.

¹² SPECHT, Walter F. “Chapter and Verse Divisions”. In: METZGER, *Op. cit.*, p. 106-107. Vale ressaltar que essa fragmentação em capítulos e versículos nem sempre está de acordo com o sentido original do texto bíblico.

pergaminho.¹³ Atualmente, acredita-se que existam ainda 48 cópias da Bíblia de Gutenberg, onze das quais em velino.¹⁴

Com o auxílio do novo invento, as possibilidades de difusão do livro foram ampliadas, mesmo que a cultura anterior ainda perdurasse bastante arraigada na Europa da época: um bom livro impresso (ou incunábulo) era aquele que mais se assemelhava a um manuscrito.¹⁵ O processo de feitura destes era, no entanto, bastante demorado e custoso, o que desfavorecia a circulação livreira.

Do ponto de vista da interpretação das Escrituras, antes da invenção da imprensa:

O leitor medieval lia a Bíblia no seu sentido sempre atual e no presente absoluto da Palavra eterna. Isso distingue radicalmente a leitura medieval da Bíblia da leitura moderna, que, inclusive no caso da leitura teológica, se realiza sempre através da referência ao passado, situando o texto no seu contexto histórico.¹⁶

O espírito de retorno às origens, tão característico dos humanistas, manifestou-se numa atenção maior às línguas originais e na volta às fontes clássicas e bíblicas.¹⁷ Comprovar a autenticidade dos textos, editá-los e traduzi-los a partir dos originais foram tarefas importantes para os renascentistas. Ainda assim, “o Renascimento manteve uma relação harmônica entre a cultura cristã e a nova cultura, que tratava de retornar aos clássicos pagãos.”¹⁸ Movido pelos ideais de seu tempo, Erasmo de Roterdã (1466-1536), por exemplo, realizou uma versão grega do Novo Testamento em 1516, reeditada em 1518 e 1527.¹⁹

Como observou o estudioso Max Engammare, a Bíblia estava no centro dos conflitos do século XVI na Europa, e foi o livro mais editado do período, nas mais diversas línguas em

¹³ METZGER, Bruce M. “Gutenberg, Johannes Gensfleisch zum”. In: METZGER, *Op. cit.*, p. 263-264.

¹⁴ MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 161

¹⁵ Vejam-se as coletâneas de Bíblias manuscritas apresentadas por FINGERNAGEL, Andreas (ed.). *Das Buch der Bibeln: die schönsten illuminierten Bibeln des Mittelalters*. Colônia: Taschen, 2016, e também HAMEL, Christopher de. *Bibles: An Illustrated History from Papyrus to Print*. Oxford: Bodleian Library/ University of Oxford, 2011.

¹⁶ PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel; TREBOLLE BARRERA, Julio. *Historia de la Biblia*. Madrid: Editorial Trotta; Granada: Universidad de Granada, 2006, p. 303, tradução livre.

¹⁷ TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à História da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 673. Vale ressaltar também, no âmbito da crítica textual, a obra *De Falso Credita et Ementita Constantini Donatione Declamatio* (1439), de Lorenzo Valla (1407-1457), que atestou a falsidade da Doação de Constantino, documento do século IV EC que supostamente assegurava a posse de propriedades do Império Romano pela Igreja Católica.

¹⁸ *Ibidem*, p. 674.

¹⁹ MILLER & HUBER, *Op. cit.*, p. 159.

que se multiplicava. Segundo o autor, os anos entre 1522-1541 foram “gloriosos” para a edição das Escrituras, justamente pela quantidade de traduções que surgiram.²⁰

Algumas de suas estimativas são absolutamente interessantes e de grande importância: entre 1455 e 1555 na Europa, publicou-se um montante que oscila entre 3.800 e 4.300 edições diferentes, sejam elas emissões primárias ou reimpressões, Bíblias completas ou apenas Novos Testamentos; desse total, cerca de 40 eram em hebraico, 200 em grego, entre 1.500 e 2.000 em latim, e as demais em línguas vernáculas europeias (700 alemãs, 230 inglesas, 300 neerlandesas, 540 francesas, 80 italianas, e 200 em outros idiomas como dinamarquês, espanhol, finlandês, húngaro, polonês, russo, sueco, tcheco, etc.).

Os principais centros de impressão das Escrituras no século XVI se encontravam nas cidades alemãs luteranas e nos grandes centros culturais e intelectuais do período, como Antuérpia, Veneza e Basileia. Boa parte dos editores de Bíblias em língua vulgar produziam também Bíblias em latim, idioma ainda predominante nas publicações. Além disso, a estimativa de uma tiragem média de Bíblias nessa época podia variar entre 1.000 e 1.300 exemplares. Com isso, endossa Engammare, a quantidade total de Bíblias impressas no século XVI podia chegar a mais de 4 milhões de exemplares.²¹

Realizar traduções das Escrituras para o vernáculo não foi tarefa tão simples, seja pela própria complexidade do trabalho, seja pelo controle exercido pela Igreja Católica do período. Na Inglaterra, John Wycliffe (c. 1328-1384) empreendeu a primeira tradução da Bíblia para a língua de seu país a partir da Vulgata, cujas cópias circularam ainda manuscritas a partir de 1382. Considerado herético, mesmo 43 anos após sua morte, teve seus restos retirados da tumba, incinerados e jogados num rio.²² Destino mais trágico teve o também inglês William Tyndale (c. 1484-1536), que foi constantemente perseguido após traduzir o Novo Testamento, até finalmente ser preso, condenado à forca e também à fogueira em 1536.

23

O impacto da Reforma Protestante no plano das edições foi intenso, especialmente devido ao princípio do *sola scriptura*, em que a leitura da Bíblia era incentivada. Além disso,

²⁰ ENGAMMARE, Max. “Un siècle de publication de Bible en Europe: la langue des éditions des textes sacrés (1455-1555)”. *Histoire et Civilisation du Livre*. Genebra, Librairie Droz, vol. 4, p. 48, 2008. Mesmo um século depois, a Bíblia ainda exercia influência em conflitos na Europa, como demonstrou, por exemplo, HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

²¹ ENGAMMARE, *Op. cit.*, p. 50-51.

²² MILLER & HUBER, *Op. cit.*, p. 154. Veja-se também DOVE, Mary. *The first English Bible: the text and context of the wycliffite versions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

²³ MILLER & HUBER, *Op. cit.*, p. 170-171.

ela coincidiu com a invenção da imprensa e ambas se retroalimentaram ao longo do século XVI. Entretanto, convém não exagerar o impacto da cultura impressa sobre uma população massivamente analfabeta, ou quando muito ainda fortemente arraigada ao manuscrito.²⁴ Tampouco se deve associar o Protestantismo a uma leitura absolutamente livre da Bíblia, pois uma série de reformadores também se preocuparam em controlar suas doutrinas.

Martinho Lutero (1483-1546), por exemplo, não se furtou em redigir também dois catecismos, garantindo um direcionamento da interpretação bíblica.²⁵ Também para João Calvino (1509-1564), a Bíblia seria um “pão de casca grossa”, material denso demais para ser relegado ao povo indiscriminadamente: “que o pão nos seja cortado, que os pedaços nos sejam colocados na boca e que alguém os mastigue por nós.”²⁶ Anos antes, Ulrich Zwingli (1484-1531) procurou delegar a interpretação da Bíblia apenas a pessoas competentes, após a ameaça dos anabatistas.²⁷ Como era de se esperar, às instituições eclesiásticas e seus sacerdotes caberia a mediação entre o livro sagrado e seus fiéis.

Na Inglaterra, o rei Henrique VIII (1491-1547), ao autorizar em 1543 a impressão da Bíblia em seu idioma, impôs regras a três categorias de leitores das Escrituras: nobres e fidalgos podiam ler ou mandar ler em voz alta para suas famílias em suas casas; burgueses e mulheres nobres só podiam realizar leitura silenciosa; por fim, a leitura da Bíblia permanecia proibida a camadas consideradas inferiores, tais como mulheres, artesãos, aprendizes e ajudantes.²⁸

Houve, como podemos observar, uma preocupação por parte dos reformadores em controlar a leitura e interpretação dos textos santos e, por conseguinte, os assuntos teológicos. Os “desvios” interpretativos poderiam solapar os esforços de catequização e doutrinação reformadora, num contexto em que a Europa se via cada vez mais inflamada pelas guerras religiosas. Uma dinâmica de uniformização se fazia necessária:

A partir do momento em que a prática da leitura se generaliza, a relação com o texto evolui. O escrito torna-se meio de comunicação direta. Duas posições contraditórias confrontam-se desde então. De um lado, há a convicção de que

²⁴ GILMONT, Jean-François. “Reformas protestantes e leitura”. In: CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo (Org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 48.

²⁵ FÜSSEL, Stephen. *Das Buch der Bücher: die Lutherbibel von 1534*. Colônia: Taschen, 2016.

²⁶ CALVIN, J. *Opera quae extant omnia*. Brunswick, Berlin, 1863-1900, t. 55, col. 151, 150 *apud* GILMONT, *Op. cit.*, p. 57-58.

²⁷ GILMONT, *Op. cit.*, p. 55.

²⁸ *Ibidem*, p. 55.

o ensino de Cristo é simples e se dirige a todos. De outro, o temor da heresia instaura a preocupação de exercer um controle através da pregação.²⁹

Mesmo entre os países reformados, houve também nuances importantes no que tange à leitura dos textos sagrados: nos reinos luteranos germânicos do século XVI, as edições da Bíblia se direcionavam mais às paróquias e aos pastores, ao passo que nos Países Baixos, com a produção tipográfica mais desenvolvida e uma população mais alfabetizada, os calvinistas tiveram incentivo a uma leitura mais individualizada da Bíblia.³⁰

Preocupada com as dissidências geradas pela Reforma, a Igreja Católica procurou estabelecer diretrizes para o controle da posse e leitura da Bíblia, que foram definidas no Concílio de Trento (1545-1563).³¹ Uma das medidas foi a definição da Vulgata latina de Jerônimo (produzida entre os séculos IV e V EC) como a versão oficial de todo o Catolicismo; outra decisão importante foi a criação do *Index librorum prohibitorum*, a lista de livros proibidos da Igreja. Uma das regras da edição de 1564 do *Index* restringia a leitura das Escrituras aos padres, ato que só veio a ser flexibilizado em 1757, com um decreto que permitiu a tradução das Escrituras em vernáculo, desde que aprovadas pela Santa Sé.³²

Ao longo do século XVIII, o racionalismo característico do pensamento moderno deixou marcas profundas na leitura e interpretação bíblica. Vários pensadores passaram a atacar o dogmatismo das igrejas, particularmente a Católica. Isso não significou, no entanto, um abandono completo da ideia de Deus: o sustento da religiosidade, para alguns dos pensadores do período, se dava pela ética e moral envolvidas na fé, e não pelos dogmas estabelecidos.³³ Tal postura os identifica, *grosso modo*, como deístas, na medida em que reconheciam a eminência de uma entidade divina, ainda que nutrissem uma aversão pelas igrejas e instituições religiosas.³⁴

²⁹ *Ibidem*, p. 58.

³⁰ *Ibidem*, p. 62.

³¹ Consta nas referências do interrogatório de um moleiro condenado pela Inquisição em Friuli (Itália) que possuía, além de outros livros, uma Bíblia em língua vernácula “a maior parte em letras vermelhas”. GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 67.

³² *INDEX Librorum prohibitorum: a edição de 1564*. Trad. Tiago Gadotti. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2018, p. 106-107.

³³ Veja-se o estudo de EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.

³⁴ O filósofo francês Pierre Bayle (1647-1706), revestido de forte influência dos deístas ingleses, assumiu uma postura que bem ilustra a que foi seguida por muitos dos pensadores do período: “ruindo a autoridade das Santas Escrituras, ele arruinaria também os fundamentos das religiões dogmáticas e o poder do seu clero, que, segundo ele, são a origem das divisões da Cristandade. Ele se esforça em demonstrar que a Bíblia é um livro medíocre, cheio de fábulas, lendas, contradições, e objeto de discussões sem sentido”. GREUTE, Georges (Dir.). “Bible

A experiência das guerras religiosas europeias entre os séculos XVI e XVII sensibilizou alguns desses homens para a necessidade de uma liberdade religiosa assegurada, e com isso a tolerância adquiriu grande importância enquanto valor humano.³⁵

No plano filosófico, o movimento iluminista passou a olhar para a Bíblia com desconfiança, assim como para a própria ideia de Deus. Para René Descartes (1596-1650), por exemplo, “não havia necessidade de Escritura revelada, já que a razão fornecia ampla informação sobre Deus”; para Immanuel Kant (1724-1804) “uma Bíblia divinamente revelada violava a autonomia e a liberdade do ser humano”; e segundo David Hume (1711-1776), “não havia razão para acreditar que alguma coisa se situava além da experiência dos nossos sentidos”.³⁶

Entre alguns *philosophes* mais radicais e iconoclastas, a Bíblia foi desdenhada tanto quanto sua suposta divindade. Denis Diderot (1713-1784) “simplesmente não se importava com a existência ou não de Deus”, ao passo que o barão de Holbach (1723-1789), grande mentor dos ateus do período, preconizava que “a crença num Deus natural era um ato de covardia e de desespero.”³⁷

A filosofia iluminista lançou uma perspectiva moral sobre o texto bíblico, e “não chegou a desenvolver uma verdadeira visão histórica dos textos bíblicos. Estava orientada em demasia para dimensões e valores atemporais.”³⁸ Por outro lado, entre pensadores mais interessados no livro sagrado, empregavam-se cada vez mais métodos oriundos da filologia e da história para a compreensão das Escrituras, trazendo assim importantes progressos para a crítica textual bíblica.

(1a) au XVIIIe siècle”. In: *Dictionnaire des Lettres Françaises: le dix-huitième siècle*, vol. 1. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1960, p. 192, tradução livre.

³⁵ Escrita entre 1689 e 1692, a *Carta sobre a tolerância* de John Locke (1632-1704) trouxe a tolerância para a discussão filosófica, refletindo sobre os impactos das guerras religiosas do começo do século XVII. Voltaire (1694-1778) também se dedicou ao tema no seu *Tratado sobre a tolerância*, de 1763. A obra *Natan, o sábio* (1779) de Gotthold Ephraim Lessing (1729-1781) é também bastante representativa do espírito de tolerância iluminista. O drama procurou deixar em concórdia as três grandes religiões monoteístas (Cristianismo, Judaísmo e Islamismo) em prol de uma religião natural, e não positiva. Com isso, buscava-se uma religiosidade pautada na moral e na ética de seus praticantes, sob o pressuposto de que todas as religiões convergem para um Deus em comum. Veja-se a “parábola dos três anéis”, contida no III ato da obra, que bem ilustra tal concepção.

³⁶ ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 181-182. As ideias iluministas também atingiram o Judaísmo na forma da *Haskalá*, cujo principal expoente foi o filósofo judeu Moisés Mendelssohn (1729-1786). Esse movimento formou um verdadeiro “iluminismo judaico”, que “apresentava o judaísmo como uma fé racional apropriada à modernidade”. Assim, “antes de aceitar a autoridade da Bíblia, os judeus deviam se convencer racionalmente de suas pretensões”. *Ibidem*, p. 183-184.

³⁷ ARMSTRONG, *Op. cit.*, p. 182.

³⁸ TREBOLLE BARRERA, *Op. cit.*, p. 677.

Baruch Spinoza (1632-1677), em seu *Tractatus theologico-politicus* de 1670, descartou a autoria do Pentateuco tradicionalmente atribuída a Moisés, admitiu a possibilidade de erros de transcrição e cópia nos textos bíblicos, e propôs um estudo de estilo e retórica para recuperar a intenção de cada texto.³⁹ Para ele, as “contradições manifestas na Bíblia provavam que ela não podia ser de origem divina”, e com isso foi posteriormente considerado um pioneiro do método histórico-crítico.⁴⁰

Jean Astruc (1684-1766) realizou uma primeira tentativa de identificar diferentes redatores na composição original de alguns livros bíblicos em seu estudo *Conjectures sur les mémoires originaux dont il paraît que Moïse s'est servi pour composer le livre de la Genèse* (1753). Mais tarde, essas ideias foram assimiladas pelos filólogos envolvidos nos estudos bíblicos – notadamente Julius Wellhausen (1844-1918), um dos criadores da chamada “hipótese documental” –, que passaram a entender o Pentateuco como um verdadeiro mosaico de documentos e redatores de origem desconhecida.⁴¹

Diferentemente do século anterior, o XIX despontou com um renovado interesse pelas Escrituras fora do ambiente teológico. A essa altura, a Bíblia já havia sido vertida para 48 línguas europeias, além de ser submetida a diversas revisões de traduções anteriores e realizações de novas.⁴²

Desenvolvimentos técnicos favoreceram a difusão da Bíblia, dentre eles a invenção da máquina de estereotipo, em 1795, que através de suas pranchas de caracteres fixos permitia reduzir a necessidade de correções sucessivas e barateava os custos.⁴³ Além disso, a escolarização ampliada pelos Estados ao longo do século permitiu a formação de novos círculos de possíveis leitores e a figura do editor, como ator que faz as mediações entre autor, obra e público, surgiu em meio à expansão do comércio livreiro.⁴⁴

Por outro lado, descobertas no âmbito científico do século XIX colocaram em xeque uma série de visões tradicionais sobre a Bíblia, como a própria idade da Terra. James Ussher

³⁹ TREBOLLE BARRERA, *Op. cit.*, 674-675.

⁴⁰ ARMSTRONG, *Op. cit.*, p. 183.

⁴¹ GREUTE, *Op. cit.*, p. 194. Em fins do século XVIII, as universidades alemãs investiram nos estudos bíblicos dentro dos cursos de Teologia. Com essa estrutura em consolidação, ali se definiram alguns contornos da crítica bíblica moderna, através de autores como Johann Gottfried Eichhorn (1752-1827), Wilhelm Martin Leberecht de Wette (1780-1849), Johann Matthias Gesner (1691-1761), Johann August Ernesti (1707-1781), e Christian Gottlob Heyne (1729-1812).

⁴² MILLER & HUBER, *Op. cit.*, p. 190.

⁴³ ENCREVÉ, André. “Bible et sociétés bibliques dans le protestantisme français”. In: SAVART, Claude; ALETTI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 114.

⁴⁴ LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: SENAC, 2011, p. 133-134.

(1581-1656) já havia datado a Criação do Universo no ano de 4.004 AEC; no Oitocentos, segundo uma ideia corrente, esse evento havia acontecido no ano 4.156 AEC. Os estudos geológicos de cientistas como James Hutton (1726-1797) e Charles Lyell (1797-1875) vieram rebater essas concepções, determinando o surgimento da Terra em períodos exponencialmente mais remotos.

Em 1844, Constantin von Tischendorf (1815-1874) encontrou no Mosteiro de Santa Catarina, no Monte Sinai, o material que ficou conhecido como *Codex Sinaiticus*, datado do século IV EC, os mais antigos manuscritos da Bíblia conhecidos até então.⁴⁵ Anos depois, em 1872, o assiriólogo George Smith (1840-1876) identificou, entre achados arqueológicos mesopotâmicos, um relato do Dilúvio anterior ao do Gênesis bíblico, que “visivelmente o havia inspirado”: era parte da *Epopéia de Gilgamesh*, datada de fins do segundo milênio AEC. A Bíblia, assim, “perdeu para sempre sua prerrogativa imemorial de ser ‘o mais antigo livro conhecido’, ‘um livro diferente dos outros’, ‘escrito ou ditado pessoalmente por Deus’”.

⁴⁶

Todo um conjunto de estudos sobre a vida de Jesus de Nazaré estava sendo publicado desde fins do século XVIII, e constituem o movimento que ficou conhecido como a “primeira busca pelo Jesus Histórico”, que procurava analisar a vida dessa personagem de um ponto de vista crítico e contextualizado.⁴⁷ O francês Ernest Renan (1823-1892), por exemplo, obteve grande sucesso editorial com sua *Vie de Jésus* (1863), onde vulgarizou os trabalhos de exegese alemã e rejeitou a intervenção do sobrenatural na vida do Nazareno, valendo-se para tanto de um estilo carregado de emoção e poesia.⁴⁸

⁴⁵ Cerca de cem anos mais tarde, em 1947, foram encontrados em Qumran (na atual Cisjordânia) os chamados *Manuscritos do Mar Morto*, conjunto de textos e fragmentos bíblicos compilados e guardados pelos essênios desde pelo menos o século I EC. Esse conjunto de documentos permanece sendo o mais antigo material bíblico conhecido. A descoberta, sem dúvida uma das mais importantes das últimas décadas, foi narrada por WILSON, Edmund. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

⁴⁶ BOTTÉRO, Jean. *Nascimento de Deus: a Bíblia e o historiador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993, p. 23. Veja-se também a “Introdução” de N. K. Sandars para *A EPOPÉIA de Gilgamesh*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 7-88.

⁴⁷ CHEVITARESE, André Leonardo; FUNARI, Pedro Paulo A. *Jesus Histórico: uma brevíssima introdução*. Ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Kline Editora, 2016. Uma segunda busca pelo Jesus Histórico se deu entre 1953 e 1970, e a terceira foi iniciada em 1980. Para um primeiro balanço desses empreendimentos, veja-se a obra do Nobel da Paz SCHWEITZER, Albert. *The quest of the historical Jesus*. Trad. W. Montgomery. Nova York: Dover, 2016, originalmente publicada em alemão, em 1906. Além deste trabalho, podemos citar também os importantes ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013 e FLUSSER, David. *Jesus*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

⁴⁸ MOURRE, Michel. “Renan, Joseph Ernest”. In: BOMPIANI, Valentino; LAFFONT, Robert. *Dictionnaire biographique des auteurs de tous les temps et tous les pays*, vol. IV. Paris: Robert Laffont, 1988, p. 64, col. 2.

Por fim, a teoria da evolução por seleção natural proposta na obra *A origem das espécies* (1859) representou um marco na visão de mundo ocidental sobre a humanidade, sem o desejo, no entanto, de dialogar com a Bíblia, pois a proposta de Charles Darwin (1809-1882) não era, de forma alguma, atacar a religião.⁴⁹

Todos esses progressos técnicos e científicos se efetivaram ao longo do século XIX sem necessariamente reduzir o fervor religioso e o interesse pela Bíblia de muitos. Ela permaneceu sendo editada, comercializada e difundida à revelia de diversos questionamentos, como segue até hoje no mundo e em nosso país.

Tem-se que a Bíblia completa em português foi editada no Brasil pela primeira vez em 1864, trabalho executado pelo livreiro-editor francês Baptiste-Louis Garnier (1823-1893). Membro de uma das mais importantes casas editoriais francesas do século XIX – a *Garnier Frères* –, Baptiste-Louis começou a atuar no Rio de Janeiro em 1844, e consolidou sua loja como uma das principais editoras do Brasil oitocentista.

A Edição Garnier da Bíblia de 1864 representa um marco importante para uma história editorial da Bíblia no Brasil. Procuramos então, através deste estudo, compreender o lugar ocupado por essa obra em seu contexto, levando em consideração as edições e debates que a antecederam. Este trabalho foi dividido em três capítulos, que procuram lançar luz à difusão de Bíblias no Brasil oitocentista, até chegar no trabalho de Garnier.

No primeiro capítulo, procuramos realizar um mapeamento de edições da Bíblia em língua portuguesa até o século XIX, e apontar alguns aspectos de sua recepção no Brasil, principalmente no Rio de Janeiro das primeiras décadas da Independência.

No segundo capítulo, tratamos dos embates entre católicos e protestantes em torno da difusão da Bíblia no Brasil do século XIX. De um lado, procuramos compreender a atividade missionária e a atuação das Sociedades Bíblicas no período; de outro, pretendemos analisar a suposta reserva com que a Igreja Católica encarou a leitura das Escrituras, pautada em seus ataques às supostas “Bíblias falsificadas” trazidas pelos missionários e agentes protestantes.

⁴⁹ ARMSTRONG, *Op. cit.*, p. 192.

Por fim, no terceiro capítulo, fazemos a análise da Bíblia editada pelo francês Baptiste-Louis Garnier, em 1864, considerando o papel das mediações editoriais e elementos da construção do referido livro.

CAPÍTULO 1

A Palavra Semeada: Edições da Bíblia no Brasil Oitocentista

No princípio era o Verbo...

João 1:1, trad. Antonio Pereira de Figueiredo

... Num caso, o Verbo fez-se carne; noutro, fez-se livro.

Michel Melot

A Bíblia permanece um dos livros mais conhecidos e citados, mas ainda há muito a ser compreendido acerca dos caminhos que a trouxeram até nós. Por certo, as narrativas bíblicas em muito transcendem o impresso, porém, este foi o veículo que por muito tempo sustentou – e, em certo sentido, ainda sustenta – a sua circulação pelo mundo.

“A Bíblia é, incontestavelmente, o livro que mais edições teve no passado e continua a ser o livro que mais se imprime. É, no entanto, Deus que me perdoe, um livro comum.”⁵⁰ Buscar compreender as nuances da impressão das Escrituras ao longo do tempo implica em atentar para a sua materialidade e observar as modificações que sofreram até chegar nos dias de hoje. Diante disso, podemos nos perguntar acerca das edições da Bíblia em nossa língua corrente: afinal, como a Bíblia chegou ao Brasil?

Há estudos que buscaram tratar dessa importante questão. Em sua *História da Bíblia no Brasil*, Luiz Antonio GiralDI privilegiou a atuação missionária na difusão das Escrituras no país, desde a Colônia até tempos mais recentes.⁵¹ A obra reflete em muito o lugar de seu autor, que foi diretor executivo da Sociedade Bíblica do Brasil por mais de vinte anos. GiralDI traçou um panorama em que destaca a atuação dessa instituição e suas congêneres britânica e

⁵⁰ MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 3ª ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998, p. 65. Para uma visão panorâmica das muitas traduções da Bíblia em vários idiomas, veja-se RAUPP, Marcelo. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

⁵¹ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008. Uma segunda edição veio à luz pela mesma casa em 2013, com sucessivas reimpressões em 2015, 2016 e 2017. O autor ainda ampliou seu trabalho, dividindo-o em duas publicações: GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império*: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012; e GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil República*: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013. É notório nos apelativos subtítulos dessas obras o entusiasmo do autor com os trabalhos de divulgação histórica de Laurentino Gomes (precisamente o livro *1808*, publicado em 2007), que obtiveram grande sucesso de vendas.

norte-americana no país. Na mesma linha vai seu estudo biográfico sobre alguns vultos evangelizadores, muitos dos quais associados às mesmas Sociedades.⁵²

Para construir tal narrativa, GiralDI se baseou principalmente em fontes protestantes, atribuindo a difusão da Bíblia no Brasil à atuação missionária destes, como se verá. Tal perspectiva desconsidera o peso da tradição católica, consolidada no país desde o processo colonizador: ainda que o conceito de *sola scriptura* seja bastante particular ao Protestantismo, a manipulação das narrativas Bíblicas transcende as denominações religiosas, que são difundidas por diversas formas de mediação.

Cláudio Vianney Malzoni, por sua vez, empreendeu um levantamento das muitas edições da Bíblia em língua portuguesa, chegando aos dias atuais,⁵³ e uma das mais antigas tentativas de se construir uma “história da Bíblia no Brasil” que encontramos pode ser achada na obra do batista John Mein, de 1924.⁵⁴ Do outro lado do Atlântico, o português Guilherme Luís dos Santos Ferreira (1849-1931) apontou e comentou uma série de edições da Bíblia para sua língua, que podem também ter chegado ao Brasil.⁵⁵

Mesmo com esses trabalhos já consolidados, vários pontos da trajetória da Bíblia nos meios impressos permanecem esparsos. Revisitar, reunir e mapear algumas dessas informações, portanto, são caminhos de grande valia para começar a entender a difusão das Escrituras no Brasil.

1.1 Edições da Bíblia em língua portuguesa

Para um estudo que se preocupe com a recepção da Bíblia no Brasil, consideramos necessário olhar para quais edições estavam disponíveis aos leitores em determinadas épocas. Aqui, nos concentraremos exclusivamente nas traduções para a língua portuguesa, dada sua possível maior acessibilidade ao leitor brasileiro.

⁵² GIRALDI, Luiz Antonio. *Semeadores da Palavra: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.

⁵³ MALZONI, Cláudio Vianney. *As edições da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016.

⁵⁴ MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1924.

⁵⁵ FERREIRA, G. L. dos Santos. *A Bíblia em Portugal: apontamentos para uma monographia (1495-1850)*. Lisboa: Typ de Ferreira de Medeiros, 1906.

1.1.1 Primeiras traduções

Identificar as primeiras traduções da Bíblia para o português é tarefa que exige bastante cautela. Em primeiro lugar, pois trata-se de edições manuscritas por vezes únicas, de circulação restrita e nas muitas das vezes desaparecidas; segundo, pelas informações lacunares ou mesmo falsas sobre os livros, quando estes já se perderam.

É o caso da informação de que a primeira versão manuscrita em português de trechos bíblicos tenha sido composta a mando do rei D. Dinis (1261-1325) de Portugal. Dentre outros feitos, o monarca é conhecido como o “Rei Trovador” pelas mais de 130 cantigas⁵⁶ a ele atribuídas, e por ser o fundador da Universidade de Lisboa em 1291, transferida para Coimbra em 1308. Luiz Antonio GiralDI é partidário dessa perspectiva sobre os primeiros livros da Bíblia em português, apontando os 20 capítulos iniciais do Gênesis como os primeiros a serem vertidos a partir do latim da Vulgata.⁵⁷

Por outro lado, já no século XIX o frei cisterciense Fortunato de São Boaventura (1777-1844), questionava a existência desse livro então desaparecido, como segue até hoje. Através de análises críticas e bibliográficas disponíveis, ele chegou a vestígios de que a tradução teria sido realizada a partir de versão em árabe de um certo Gastão Fox, que chegou às mãos de D. Dinis. Contudo, tanto essas informações como o próprio aparecimento dessa Bíblia foram considerados falsos por Boaventura, vez que nenhum registro concreto atestava sua veracidade.⁵⁸

Em outro artigo, o mesmo frei editou um conjunto de manuscritos pertencentes ao Mosteiro de Alcobaça, entre os quais constavam uma *Traducção do livro dos Actos dos Apostolos* e uma *Historias d’abbreviado Testamento Velho, segundo o Mestre das Schoas*,

⁵⁶ Poesias em galego-português do Trovadorismo, movimento literário dominante em Portugal entre 1189 e 1385, período contemporâneo à dinastia de Borgonha, da qual pertence o rei Dom Dinis.

⁵⁷ GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 19-20. Doravante nos valeremos apenas desta edição para este estudo.

⁵⁸ BOAVENTURA, Fortunato de S. “Memória sobre o começo, progressos, e decadencia da litteratura Hebraica entre os Portuguezes Catholicos Romanos desde a fundação deste Reino até ao reinado d’El Rei D. José I”. *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, tomo IX. Lisboa: Na Typographia da mesma Academia, 1825, p. 29-62. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WLI0AQAAMAAJ&dq=mem%C3%B3rias%20da%20academia%20das%20ci%C3%Aancias%20de%20lisboa%20volume%209&hl=pt-BR&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2021.

sendo este último datado de começos do século XIV. Os originais de ambos registros se perderam, restando apenas as transcrições realizadas por Boaventura.

Há também outras notícias de traduções que merecem ser citadas: o cronista Fernão Lopes (1418-1459) afirmou em sua *Crónica d'El Rei D. João I* (1443), que o referido monarca – que viveu entre 1357 e 1433 – promoveu traduções ao português de textos bíblicos, como os Evangelhos, Atos e as Epístolas; sua neta, Dona Filipa de Lencastre (1360-1415) teria traduzido do francês uma obra com o título *Evangelhos e Homilias de todo anno*. Mais tarde, a rainha D. Leonor de Avis (1458-1525) teria financiado traduções da obra *De Vita Christi* (1374) de Ludolfo da Saxônia, uma harmonia dos Evangelhos baseada no texto de Mateus, com o título *Grande Vida de Jesus Christo*, impressa em 1495; também consta, entre os feitos de D. Leonor, o de mandar imprimir traduções dos livros de Atos dos Apóstolos, e epístolas de Tiago, Pedro, João e Judas.⁵⁹

Com exceção das traduções realizadas sob os auspícios da rainha D. Leonor, as demais foram todas produções manuscritas, iniciadas de forma esporádica e sempre com textos determinados e específicos, especialmente do Novo Testamento. Nenhum dos originais citados sobreviveu, restando apenas referências indiretas e informações igualmente nebulosas.

O livro bíblico impresso em português mais antigo disponível que encontramos em nossas buscas é um texto baseado nos Evangelhos que se encontra na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, que tem como título *Evangelhos e Epistolas com suas explicações em romance*.⁶⁰ Trata-se de uma Bíblia romanceada, traduzida da versão castelhana de Gonçalo Garcia de Santa Maria a partir do texto latino de *Postilla super epistolas et evangelia*, de Guillelmus Parisiensis (1437-1485). Impresso em 1497, é um incunábulo com texto em caracteres góticos, acrescido de diversas xilogravuras e um breve prefácio.

As chamadas “Bíblias romanceadas” se caracterizavam por não serem traduções diretas, mas sim narrativas essencialmente populares compostas a partir do material bíblico, textos adaptados e geralmente acrescidos de outras fontes teológicas cristãs. Muito comuns durante a Idade Média, essas obras

⁵⁹ PEREIRA, J. “Portugaises (versions) de la Bible”. In: VIGOUROUX, Fulcran. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Letouzey et Ané, 1891-1912. v. 5, col. 560-562.

⁶⁰ Exemplar disponível em <https://purl.pt/21816/3/#/0>. Acesso em: 30 ago. 2021. Também encontrado por MALZONI, *Op. cit.* p. 18.

atingiam um público muito amplo pelo fato de serem escritos na língua falada, naquela altura, uma língua românica – referimo-nos sempre à Europa Meridional –; e vulgarizavam a cultura cristã, porque seu texto, sempre acessível, era infiltrado de glosas, de comentários, de adaptações, que ainda assim não supriam, em termos de volume de texto, as reproduções, mas eram instrumentos usados com vivo senso de oportunidade por quem fazia sua "tradução" do latim.⁶¹

Em se tratando de Bíblias “romanceadas”, muitos dos aspectos originais do texto sagrado acabavam se perdendo. Em contraposição a essas obras estão as traduções “regulares” das Escrituras, que correspondem a trabalhos criteriosos de verter o material bíblico de acordo com sua forma e de modo sistemático. A primeira versão regular para a língua lusa foi realizada apenas em fins do século XVII, e distante do reino português.

1.1.2 A tradução de João Ferreira de Almeida

A primeira tradução regular das Escrituras para o nosso idioma foi empreendida pelo português João Ferreira Annes de Almeida (1628-1691), que passou a maior parte de sua vida trabalhando para a missão da Igreja Reformada Holandesa na Ásia. Os dados de sua vida são bastante imprecisos, mas acredita-se que tenha deixado seu país para seguir à cidade de Malaca (Malásia) ainda muito jovem, por volta de 1640. Foi por essa época que Almeida converteu-se ao Protestantismo, em 1644, e foi ordenado na Holanda em 1656. Essa decisão ocorreu após sua leitura da obra *Diferença da Christandade*, escrito castelhano que tecia diversas críticas à religião católica. O livro causou-lhe bastante impacto, a ponto de receber de Almeida uma tradução para o português, publicada em Batávia (Jacarta, atual Indonésia) no ano de 1668.

O estudo de Luiz Henrique Menezes Fernandes abordou a vida e o trabalho de Almeida com mais detalhes. O autor argumenta que devemos procurar inserir o tradutor num contexto de embates religiosos entre católicos e protestantes, considerando que, para além de sua tradução da Bíblia para o português, o reformado também se empenhou em escrever textos de controvérsia religiosa, e atuou como pregador associado à colonização holandesa na Ásia.⁶²

⁶¹ MEGALE, Heitor. "Introdução". In: *O Pentateuco da Bíblia medieval portuguesa*. São Paulo: Imago/ EDUC, 1992, p. 20.

⁶² FERNANDES, Luiz Henrique Menezes. *Diferença da Cristandade: a controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694)*. Tese.

Ao longo de toda a Guerra dos Oitenta Anos (1568-1648), as províncias do norte dos Países Baixos lutavam por sua emancipação da Coroa espanhola, o que atingiu também seus territórios coloniais. Desde a criação da Companhia Holandesa das Índias Orientais (1602), as Províncias Unidas procuraram exercer o controle marítimo na região asiática. Para tanto, passaram a atacar também territórios portugueses, já que estes encontravam-se atrelados à inimiga Espanha através da União Ibérica (1580-1640). É o caso da cidade de Jacarta, que, outrora sob domínio português, foi tomada em 1619 e teve seu nome mudado para Batávia.⁶³

Mesmo com o novo domínio, a já difundida língua portuguesa foi mantida em algumas regiões, o que influenciou no trabalho evangelizador neerlandês, de extrema importância para a empresa colonizadora.⁶⁴ Dessa forma, como parte de seu trabalho missionário, Almeida supostamente iniciou sua tradução do Novo Testamento grego em Malaca, por volta de 1644. O trabalho só veio a ser publicado anos depois, na metrópole neerlandesa.

Quadro 1: Edições da Bíblia patrocinadas pela Companhia Holandesa das Índias Orientais (1681-1773)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento [1ª edição]	Amsterdã	Viúva de J. V. Someren	1681	1 vol. in-4º
Novo Testamento [2ª edição]	Batávia (Jacarta)	João de Vites	1693	1 vol. in-4º
Novo Testamento [3ª edição]	Amsterdã	João Crelliuuz	1712	1 vol. in-8º
Pentateuco e Livros Históricos	Batávia (Jacarta)	Officina do Seminário, M. Mulder	1748	1 vol. in-8º
Livros Sapienciais e Profetas	Batávia (Jacarta)	Officina do Seminário, G. H. Heusler	1753	1 vol. in-8º

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2016. Além desta tese, o artigo do português Antonio Ribeiro dos Santos (1745-1818) permanece um importante manancial para se conhecer as primeiras edições da Bíblia de João Ferreira de Almeida: SANTOS, Antonio Ribeiro dos. “Memoria sobre algumas Traducções, e Edições Biblicas menos vulgares; em Lingua Portugueza, especialmente sobre as Obras de João Ferreira de Almeida”. *Memorias de Litteratura Portugueza*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, tomo VIII, p. 17-59, 1806.

⁶³ Cf. *Ibidem*, p. 46-49.

⁶⁴ Também à época, os Países Baixos passavam por um período de grande desenvolvimento da tipografia. Fala-se de um “milagre holandês” no campo editorial dessa região no século XVII. Cidades como Haia, Utrecht, Amsterdã e Leiden se transformaram em grandes centros intelectuais. LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*, p. 79.

Novo Testamento	Batávia (Jacarta)	Egbert Humen	1773	1 vol. in-8°
-----------------	-------------------	--------------	------	--------------

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

A primeira edição do Novo Testamento de Almeida foi publicada em Amsterdã no ano de 1681, composta num volume in-4^o⁶⁵ enriquecido com notas e comentários do próprio tradutor.⁶⁶ A obra, como vimos, fazia parte do projeto evangelizador nas regiões dominadas pelos holandeses, e foi financiada pela Companhia das Índias Orientais.

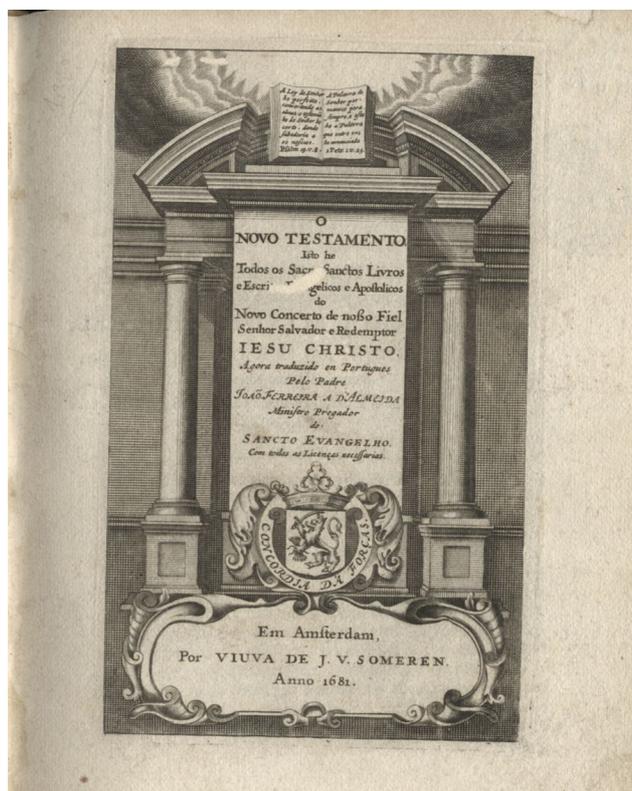


Imagem 1: Frontispício da 1ª edição do Novo Testamento de João Ferreira de Almeida (1681). (Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

⁶⁵ As designações dos formatos dos livros baseiam-se nas dobras de uma folha matriz retangular de tamanho grande, que diminui na forma de cadernos. As páginas resultantes são então encaminhadas para a impressão no prelo, depois dobradas e costuradas em códice, formando o livro. O maior dos tamanhos dobrados, o *in-folio*, corresponde a “um formato em que cada folha de impressão é apenas dobrada em duas.” A ele reduzem-se os tamanhos das folhas, de acordo com a quantia de dobras: in-4° (2 dobras, gerando 4 folhas de impressão), in-8° (16 folhas), in-12° (24 folhas), in-16° (32 folhas), in-18° (36 folhas), in-32° (64 folhas), etc. Cf. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 345-346.

⁶⁶ Há um exemplar digitalizado disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, corrigido à mão pelo próprio Almeida: <https://purl.pt/12730>. Acesso em: 30 ago. 2021.

A primeira edição de Almeida veio com muitos erros ortográficos e tipográficos, em parte decorrentes da própria inabilidade dos revisores holandeses com a língua portuguesa, como sugeriu Innocencio da Silva.⁶⁷ O próprio Almeida manifestou seu desagrado à Companhia das Índias Orientais, que decidiu por recolher e destruir todos os exemplares da edição, para que uma nova revisão fosse realizada em Batávia.⁶⁸

As correções começaram no ano de 1685, com a participação do próprio Almeida durante o processo. O tradutor, no entanto, faleceu em 1691, dois anos antes de finalizar o trabalho, que foi completado por seus colegas Theodorus Zas e Jacobus op den Akker, e finalmente publicado em 1693.⁶⁹

Essa segunda edição do Novo Testamento de Almeida foi novamente realizada “por mandado e ordem” da Companhia das Índias Orientais, e aprovada pelo Conselho Eclesiástico da Batávia. Contudo, mesmo com a participação de Almeida no processo de revisão, a linguagem empregada no texto – particularmente o encaixe dos verbos ao final de frases, inusual em língua portuguesa – não resolveu o problema da fluidez e rigor da versão.⁷⁰

Uma terceira edição, também realizada por ordem da Companhia das Índias Orientais, foi publicada em 1712 para o trabalho missionário na mesma região, porém, desta vez em Amsterdã. Apesar da obra apresentar essa data, há indícios de que tenha sido impressa um ano antes.⁷¹

Por ocasião de sua morte, Almeida já havia traduzido, para além do Novo Testamento, vários livros do Antigo, partindo do Gênesis e chegando até Ezequiel. As seções pendentes foram terminadas posteriormente por Johan Maurits Mohr e Lebrecht Augusto Behmer, além do já citado colega de Almeida, Jacobus op den Akker. Não há consenso em definir se o tradutor português fez sua parte diretamente dos originais hebraicos.⁷² Somente anos depois a Companhia das Índias Orientais patrocinou a edição da Bíblia completa do finado português, que resultou em três volumes publicados na mesma Batávia em 1748 (Pentateuco e Livros Históricos), 1753 (Livros Sapienciais e Profetas) e 1757 (Novo Testamento).⁷³

⁶⁷ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*, tomo 3. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859, p. 369.

⁶⁸ FERNANDES, *Op. cit.*, p. 90.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 92.

⁷⁰ *Ibidem*, p. 93, e também SILVA, *Op. cit.*, t. 3, 1859, p. 369-370.

⁷¹ FERREIRA, *A Bíblia em Portugal*, *Op. cit.*, 1906, p. 37.

⁷² FERNANDES, *Op. cit.*, p. 97.

⁷³ *Ibidem*, p. 106.

Quadro 2: Edições da Bíblia patrocinadas pela Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais em Tranquebar (1719-1760)

LIVROS	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Pentateuco [trad. Johann Ernst Gründler]	Estampa da Real Missão da Dinamarca	1719	1 vol. in-4º
Salmos [trad. Benjamin Schultze]	[Officina da Real Missão da Dinamarca]	1721	1 vol. in-12º
12 Profetas Menores [trad. Nicolaus Dal e Christoph Theodosius Walther]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1732	1 vol. in-4º
Livros Históricos [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1738	1 vol. in-4º
Salmos [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1740	1 vol. in-8º
Livros Dogmáticos/Sapienciais [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1744	1 vol. in-4º
4 Profetas Maiores [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1751	1 vol. in-4º
Pentateuco [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1757	1 vol. in-4º
Novo Testamento [trad. João Ferreira de Almeida]	Officina da Real Missão da Dinamarca	1760	2 vols. in-8º

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Além dos holandeses da Companhia das Índias Orientais, atuaram também na Ásia os membros da Companhia Dinamarquesa das Índias Orientais, que tinham apoio de missionários luteranos evangelizando na cidade indiana de Tranquebar (ou Tharangambadi). Estes se valeram da influência colonial portuguesa dos anos anteriores, e procuraram também empregar o idioma ibérico no seu trabalho de pregação. Diferente dos portugueses e neerlandeses, os missionários da Dinamarca possuíam tipografia oficial na própria cidade colonizada, que foi utilizada para imprimir os livros de doutrinação e as Bíblias.

Inicialmente, o grupo procurou realizar as próprias traduções dos textos bíblicos para publicar e utilizar na evangelização. Assim, apareceram *Os Cinco Livros de Moyses* em 1719, que estudiosos acreditam não se tratar da versão de Almeida, mas sim do missionário alemão Johann Ernst Gründler, elaborada entre 1713-1718. De modo similar vieram *O Livro dos*

Psalms de David (1721), traduzidos pelo também missionário Benjamin Schulze, e *Os Doze Profetas Menores* (1732), pelos luteranos Nicolaus Dal e Christoph Theodosius Walther.⁷⁴

Foi só algum tempo depois, aparentemente, que os dinamarqueses tomaram conhecimento da tradução de Almeida, e procuraram aproveitá-la em seu trabalho pregador. Não se sabe ao certo de que forma obtiveram o material do tradutor português, pois o Antigo Testamento permanecia ainda em manuscrito sob custódia da Companhia das Índias Orientais. Mas, de todo modo, a versão de Almeida passou a ser impressa pelos missionários em Tranquebar, dando seguimento ao material que já haviam publicado.

Assim saíram *Os Livros Historicos* (1738), *O Livro dos Psalmos de David* (1740), *Os Livros Dogmaticos* (1744), e *Os Quatro Profetas Mayores* (1751). Em 1757, os dinamarqueses novamente publicaram *Os Cinco Livros de Moyses*, porém desta vez com a versão adquirida dos holandeses, e, finalmente, alcançaram o Novo Testamento do mesmo tradutor com os dois volumes de 1760. Completava-se, assim, uma edição integral da Bíblia traduzida por João Ferreira de Almeida, novamente empreendida fora dos domínios portugueses.

Note-se que a Real Missão da Dinamarca atropelou a Companhia das Índias Orientais na publicação completa da Bíblia, pois esta só veio a retomar o projeto nos três volumes de 1748, 1753 e 1773, impressos em Batávia. É possível que essa falta de vontade em publicar a Bíblia de Almeida se devia ao desejo dos holandeses em abandonar o uso da língua portuguesa em seus domínios, ao que voltaram atrás com a retomada dessas publicações, numa possível reação ao avanço dinamarquês.⁷⁵

Quadro 3: Edições da tradução de João Ferreira de Almeida patrocinadas pela BFBS (1809-1900)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento	Londres	Heney e Haddon	1809	1 vol. in-12°
Novo Testamento	Shacklewell [Londres]	T. Rutt	1811	1 vol. in-12°
Novo Testamento	Monte do Alho [Garlick Hill,	Hamblin e Seyfang	1813	1 vol. in-12°

⁷⁴ FERNANDES, *Op. cit.*, p. 101-104.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 104-105.

	Londres]			
Bíblia	Londres	Officina de R. & A. Taylor	1819	1 vol. in-8°
Novo Testamento	Londres	[s.n.]	1841-1843	8 vols. in-32°
Bíblia [edição revista e corrigida]	Londres	[s.n.]	1898	1 vol.
Bíblia [edição revista e corrigida]	Londres	[s.n.]	1900	1 vol.

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Uma vez completada a tradução integral da Bíblia em 1760, não há registros de novos livros bíblicos em português circulando na cidade de Tranquebar; em Batávia, com exceção de uma nova edição do Novo Testamento de Almeida (1773), nenhum outro indício de publicação da Bíblia na Ásia foi encontrado; Portugal, por sua vez, só imprimiria traduções das Escrituras em fins do século XVIII.

A despeito dessa situação, a versão de João Ferreira de Almeida chamou a atenção da *British and Foreign Bible Society* (BFBS), instituição inglesa fundada em 1804 com o objetivo de divulgar a Bíblia em vários idiomas e por vários países. Com o intuito de obter uma versão portuguesa do texto sagrado para publicar e distribuir, o grupo imprimiu, no ano de 1809, o Novo Testamento do pastor reformado, revisado a partir da edição de Amsterdã de 1712. A edição veio, como de praxe na Sociedade, sem notas ou comentários de qualquer espécie.⁷⁶

Duas novas edições do Novo Testamento vieram na sequência, em 1811 e 1813, mas foi somente em 1819 que a casa inglesa publicou a tradução completa de Almeida: era a primeira vez que a obra ocupava um volume único, num formato in-8° de cerca de mil páginas. Informa-nos Luís Aguiar Santos que, ao longo das edições (não sabemos quais), a versão de Almeida passou por revisões de Robert Holden e também de João José da Graça Júnior; após o trabalho destes, veio o de Robert Stewart, todos sob os auspícios da BFBS.⁷⁷

⁷⁶ CAVACO, Timóteo. “Bíblia, cultura, sociedade no Portugal contemporâneo: o contributo discreto e persistente da Sociedade Bíblica”. *Didaskalia*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, vol. XLIV, n. 1, p. 169, 2014.

⁷⁷ SANTOS, Luís Aguiar. “Evolução da presença em Portugal da Sociedade Bíblica: de Agência Britânica a Instituição de Utilidade Pública”. *Revista Lusófona de História das Religiões*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ano IV, n.º 7/8, p. 54-55, nota 13, 2005.

Da mesma Sociedade, encontramos ainda a publicação de um Novo Testamento (1841-1843, 8 vols. in-32º) e duas Bíblias completas (1898 e 1900), estas com a indicação de serem “revistas e corrigidas”. Segundo Malzoni, a primeira edição da Bíblia Almeida Revista e Corrigida é resultado de um pedido de religiosos do Rio de Janeiro, encaminhado às Sociedades Bíblicas Britânica e Estrangeira e Americana. O trabalho de revisão foi realizado entre os anos de 1894 e 1898, e patrocinado pelas duas instituições.⁷⁸

Quadro 4: Edições da tradução de João Ferreira de Almeida patrocinadas pela ABS (1839-1896)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento	Nova York	American Bible Society	1839	1 vol. in-8º
Bíblia [edição revista e emendada]	Nova York	[s.n.]	1847	1 vol.
Bíblia	Nova York	Sociedade Americana da Biblia	1848	1 vol.
Novo Testamento	Nova York	Sociedade Americana da Biblia	1848	1 vol. in-8º
Bíblia	Nova York	[s.n.]	1850	1 vol. in-8º
Novo Testamento	Nova York	American Bible Society	1857	1 vol. in-12º
Bíblia	Nova York	Sociedade Americana da Biblia	1870	1 vol. in-8º
Bíblia	Nova York	[s.n.]	1882	1 vol.
Bíblia	Nova York	[s.n.]	1883	1 vol.
Bíblia	Nova York	Sociedade Americana da Biblia	1896	1 vol.

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Outra Sociedade Bíblica, desta vez a *American Bible Society* (ABS), fundada em Nova York no ano de 1816, também se apropriou da tradução de Almeida e dela publicou o Novo Testamento em 1839. Um volume integral da obra só foi impresso em 1847, com a indicação de ser “edição revista e emendada”. Novas versões completas vieram ao menos em 1848, 1850, 1870, 1882, 1883 e 1896, além dos Novos Testamentos de 1848 e 1857.

⁷⁸ MALZONI, *As edições da Bíblia no Brasil*, Op. cit., p. 35-36.

Quadro 5: Edições da tradução de João Ferreira de Almeida realizadas em Portugal (1840-1897)⁷⁹

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento	Porto	[s.n.]	1840	1 vol. in-16°
Novo Testamento [edição revista e emendada]	Porto	[s.n.]	1840	1 vol. in-32°
Novo Testamento	Lisboa	[s.n.]	1867	1 vol.
Salmos	Lisboa	[s.n.]	1868	1 vol.
Bíblia [edição revista e correta]	Lisboa	Sociedade Biblica Americana	1877	1 vol.
Novo Testamento [“Primeira edição brasileira”]	Rio de Janeiro	Sociedade de Litteratura Religiosa e Moral	1879	1 vol. in-8°
Bíblia	Lisboa	[s.n.]	1897	1 vol. in-4°

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Dentro de um país católico como Portugal, a tradução da Bíblia de um pastor reformado não despertou interesse, ou mesmo permaneceu desautorizada pelas regras da Igreja Romana. Como vimos, todas as primeiras edições da Bíblia de Almeida foram impressas fora do país: Amsterdã (Holanda), Batávia (Indonésia), Tranquebar (Índia), Londres (Inglaterra) e Nova York (Estados Unidos).

Contudo, o avanço do Protestantismo de caráter missionário fez com que surgissem algumas tentativas de publicação da Bíblia no país, inicialmente isoladas e depois com o apoio de uma agência da BFBS, fundada em Lisboa no ano de 1864. Até antes dessa data, a distribuição de Bíblias ali era feita através de capelães e comerciantes britânicos. O inglês George Borrow (1803-1881), por exemplo, esteve no país como agente da Sociedade de Londres por volta de 1830, e dele se recorda em seu relato de viagem *The Bible in Spain* (1842).⁸⁰

⁷⁹ A exceção geográfica está na versão de Almeida publicada no Rio de Janeiro em 1879.

⁸⁰ BORROW, George. *La Biblia en España: viajes, aventuras y prisiones de un inglés en su intento de propagar por la península las Sagradas Escrituras*. Trad. Manuel Azaña. Sevilla: Centro de Estudios Andaluces/ Editorial Renacimiento, 2011.

A agência de Lisboa foi a primeira do gênero em Portugal, e seu trabalho era realizado pelos poucos convertidos portugueses. Ao menos pelas primeiras cinco décadas que se seguiram à sua abertura, em 1864, “a venda e distribuição das Escrituras era vista como trabalho preparatório ou complementar da multiplicação de conversões e da disseminação de comunidades evangélicas locais.”⁸¹

Encontramos publicações da Bíblia de Almeida (integrais ou parciais) em Lisboa (1867, 1868, 1877 e 1879) e no Porto (1840), porém sem maiores informações. Fora desse contexto, entretanto, houve também uma edição do mesmo tradutor no Brasil, empreendida com o apoio da ABS e da Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro (1879, 1 vol. in-8°). Trata-se da primeira impressão do Novo Testamento de Almeida feita no Brasil, que por esse motivo recebeu o título de “Primeira edição brasileira” na própria folha de rosto. Ela resulta de um trabalho de revisão empreendido entre 1876 e 1879 por Alexander L. Blackford, missionário presbiteriano estadunidense, José Manuel Garcia, lente no Colégio D. Pedro II, e Modesto Perestrello de Barros Carvalhosa, pastor presbiteriano em Campos, no Rio de Janeiro.⁸²

1.1.3 A tradução de Antonio Pereira de Figueiredo

A conjuntura da segunda tradução regular da Bíblia para o português em muito se difere das condições de João Ferreira de Almeida. A promulgação do Decreto da Congregação do Index de 13 de junho de 1757, aprovado pelo papa Bento XIV (1675-1758), passou a permitir traduções autorizadas da Bíblia dentro do Catolicismo, e pode ter sido um incentivo ao padre oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo (1725-1797) a realizar sua versão.

⁸¹ SANTOS, Luís Aguiar. “Evolução da presença em Portugal da Sociedade Bíblica”, *Op. cit.*, p. 52. Apesar de uma oposição católica à distribuição de Bíblias, nem todos os clérigos eram contrários ao trabalho das Sociedades Bíblicas. Como observou Timóteo Cavaco, a sociedade portuguesa do século XIX “estava habituada a lidar com as escrituras num plano quase exclusivamente litúrgico e numa língua que majoritariamente desconhecia [...] o que estava em causa não era tanto a presença da Bíblia na cultura lato sensu, mas sim o acesso ao texto bíblico sem mediações”. CAVACO, “Bíblia, cultura, sociedade no Portugal contemporâneo”, *Op. cit.*, p. 170.

⁸² FERREIRA, Júlio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1959, p. 139 *apud* GIRALDI, *Op. cit.*, 2013, p. 204.

O sacerdote foi o “principal teólogo e canonista da política anti-romana do Marquês de Pombal”,⁸³ e havia sido ordenado padre na Congregação do Oratório, que foi a primeira instituição do gênero a combater a influência jesuíta em Portugal.⁸⁴ Figueiredo foi também um grande latinista e, para além de um importante compêndio para esse idioma – o *Novo methodo de grammatica latina* (1752) –, o oratoriano preparou uma tradução da Bíblia a partir da Vulgata, seu mais importante trabalho.

Ainda que gozasse de prestígio junto ao governo e encontrasse um regimento eclesiástico favorável ao trabalho de tradução, o processo de edição de sua obra magna foi longo e trabalhoso, ocupando todo o final de sua vida. Para obter licença de publicação, o texto traduzido foi submetido à Real Mesa Censória, instituição pombalina da qual o próprio Figueiredo era membro.⁸⁵

A versão original passou por sucessivas intervenções e revisões com seu autor ainda em vida, e foi a principal tradução católica ao longo de todo o século XIX. Esse sucesso, no entanto, não se impôs sem resistências: a obra sofreu oposição do homônimo Antonio Pereira (-1850) nas *Reflexões Theologicas ou Refutação das notas heterodoxas, que se encontram na tradução da Biblia do Padre Antonio Pereira de Figueiredo* (Braga, 1859). Ainda assim, edições sucessivas continuaram aparecendo em Portugal, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 6: Edições da tradução de Antônio Pereira de Figueiredo publicadas em Portugal (1778-1902)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Bíblia	Lisboa	Regia Officina Typografica	1778-1790	23 vols in-8º
Bíblia	Lisboa	Regia Officina Typografica / Simão Thaddeu Ferreira	1791-1805	23 vols in-8º
Bíblia	Lisboa	Simão Thadeu Ferreira	1794-1819	7 vols. in-4º

⁸³ CARVALHO, José Adriano de Freitas. “La Bible au Portugal”. In: BELAVAL, Yvon; BOUREL, Dominique (dir.). *Le Siècle des Lumières et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 260

⁸⁴ COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 47.

⁸⁵ Sobre a atuação de Figueiredo na Real Mesa Censória, veja-se o estudo de SANTOS-ALVES, José Augusto dos. “Da instituição censurante no final da Monarquia Absoluta: Antonio Pereira de Figueiredo, o erudito da ‘desconstrução’ censória”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê Editorial, n. 2, p. 47-68, ago. 2012.

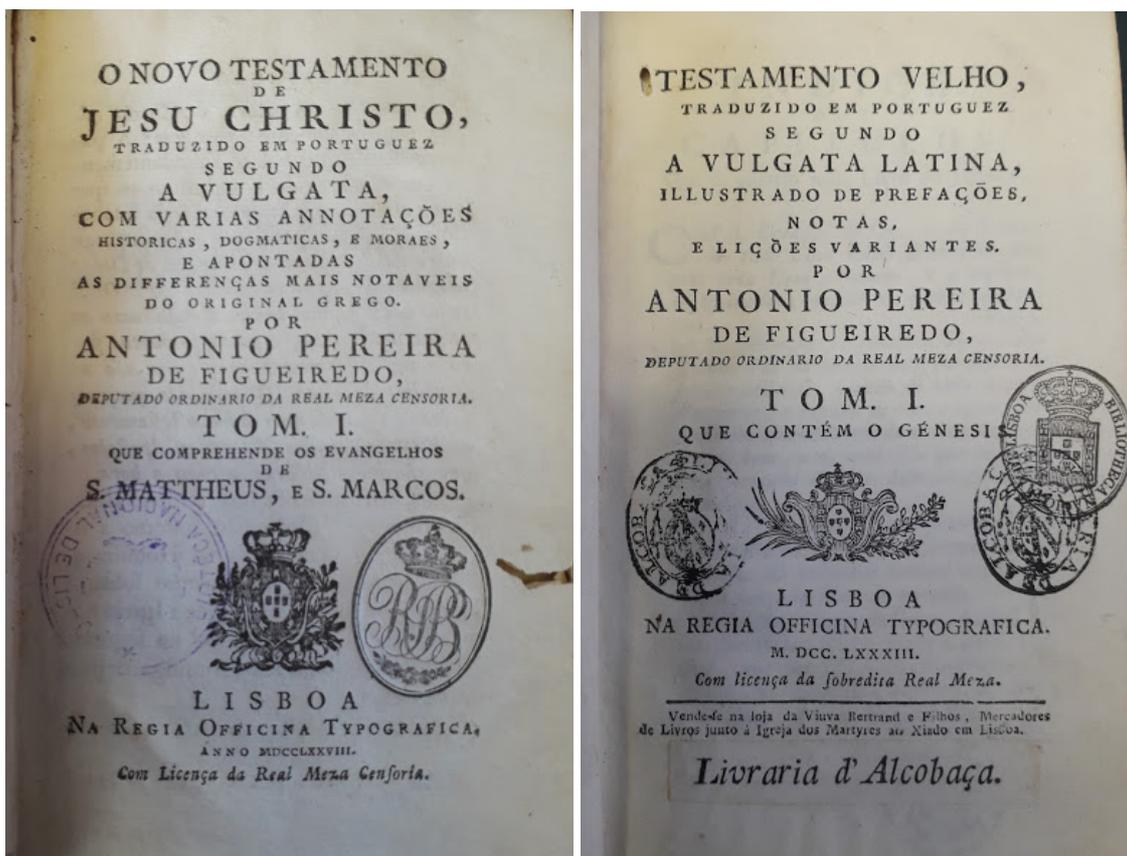
Bíblia	Lisboa	Typographia de José Carlos de Aguiar Vianna	1852-1853	2 vols in-folio
Bíblia	Lisboa	Silva & Sousa / Typographia de Joaquim Germano de Sousa Neves	1852-1857	3 vols. in-folio
Bíblia	Porto	Empresa Editora da Biblia Sagrada Illustrada	1896-1902	3 vols. in-folio

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Com exceção da Bíblia impressa pela Empresa Editora da Biblia Sagrada Illustrada (1896-1902), sabemos que as demais edições portuguesas da tradução de Figueiredo neste quadro são católicas e, como se pode notar, pouco numerosas. O tradutor empenhou-se por anos em sua tarefa, publicada aos poucos entre 1778 e 1790, e revisada por ele mesmo até sua morte (1797) durante a impressão da segunda edição.

O texto traduzido do Novo Testamento já estava pronto desde 1772, mas foi publicado apenas entre 1778 e 1781, em 6 volumes in-8º, pela Régia Oficina Tipográfica de Lisboa. Apareceram na sequência dois volumes dos Salmos pelo mesmo impressor, em 1782. A partir do ano seguinte, e até 1790, vieram os livros restantes, desde o Gênesis, em 15 volumes. Esses exemplares permaneceram no mesmo formato in-8º, mas tiveram a impressão dividida entre a mesma Régia Oficina Tipográfica, Antonio Gomes e Simão Tadeu Ferreira.⁸⁶

⁸⁶ *CATALOGO das obras impressas e manuscritas de Antonio Pereira de Figueiredo da Congregação do Oratorio*. Lisboa. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800, p. 59-60. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xLWyWzf4OzQC&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2021.



Imagens 2 e 3: Folhas de rosto dos primeiros tomos do Novo e Antigo Testamento da primeira edição de Figueiredo (1778-1790).
(Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

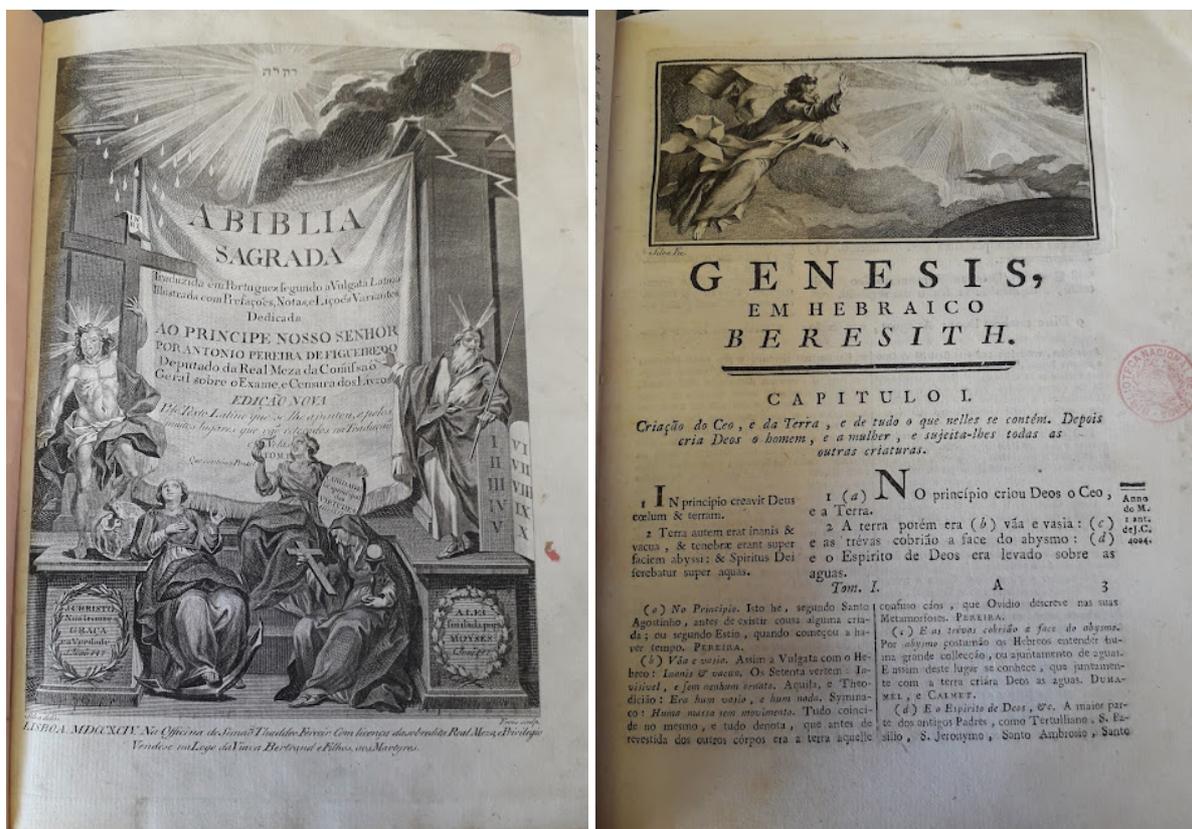
Somando um total de 23 volumes em formato pequeno (precisamente 10x16,5 cm), o texto já nasceu acompanhado de notas de rodapé e laterais, uma *Prefação aos leitores* relativamente grande,⁸⁷ prefácios menores a cada livro bíblico, e pequenos resumos de capítulos.

Enquanto seguia com a tradução e publicação dos livros do Antigo Testamento, Figueiredo empenhou-se também em revisar e corrigir o texto inicial dos demais livros, que vieram a ser publicados com suas intervenções. A segunda edição (1791-1805), chamada pelo tradutor de “mais correcta”, se manteve no mesmo formato e estrutura da primeira.

A terceira edição (1794-1819), dedicada ao príncipe D. João VI, veio com alterações substanciais em sua forma: trata-se de edição bilíngue com o texto latino da Vulgata acrescentado; gravuras foram incluídas e seu formato mudou para 7 volumes in-4º. Esta é, como afirmou Rubens Borba de Moraes, a edição mais apreciada entre as primeiras

⁸⁷ Innocencio da Silva aponta que esta *Prefação* foi também publicada separadamente, embora não apresente mais informações. SILVA, *Op. cit.*, t. 1, 1858, p. 229-230.

publicadas.⁸⁸ Figueiredo acompanhou a publicação de apenas alguns volumes, pois faleceu em 1797; a obra, no entanto, continuou saindo dos prelos até 1819.



Imagens 4 e 5: Frontispício e aspecto do primeiro tomo da terceira edição de Figueiredo (1794-1819).

(Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

Num rápido cálculo, doze anos foram necessários para a publicação integral da primeira edição, quatorze para a segunda e vinte e cinco para a terceira. Todas elas receberam algum acompanhamento do tradutor e sofreram modificações e revisões em sua tiragem. Vale ressaltar novamente que, para além de suas próprias intervenções, Figueiredo submeteu todo o seu trabalho à Real Mesa Censória, que exerceu importante papel no controle do texto a ser publicado.⁸⁹

⁸⁸ MORAES, *O bibliófilo aprendiz*, *Op. cit.*, p. 67-68.

⁸⁹ Ainda há muito a ser observado na atuação da Real Mesa Censória sobre a tradução da Bíblia de Figueiredo. José Augusto dos Santos-Alves nos dá uma amostra das discussões dos censores sobre a obra, registradas em pareceres: “Continuando o deputado Antônio Pereira de Figueiredo a tradução que faz das Sagrada Escritura [...], apresentou nesta Mesa o manuscrito [...]. A naturalidade das expressões, a propriedade das palavras [...], fará merecer essa tradução o mesmo apreço de que se têm feito dignas as mais do autor [...]. Porém, lembrando-me de que não é muito conforme as regras da prudência pretender que o vulgo leia com crítica os livros sagrados, porque sendo este falta de princípios poderá facilmente duvidar da autenticidade do sagrado

Uma lacuna de três décadas separa essas primeiras três edições de outras que aproveitaram o texto de Figueiredo. Em meados do século XIX, novas versões católicas apareceram em Portugal, porém, não sem passarem pelo crivo de autoridades eclesiásticas.

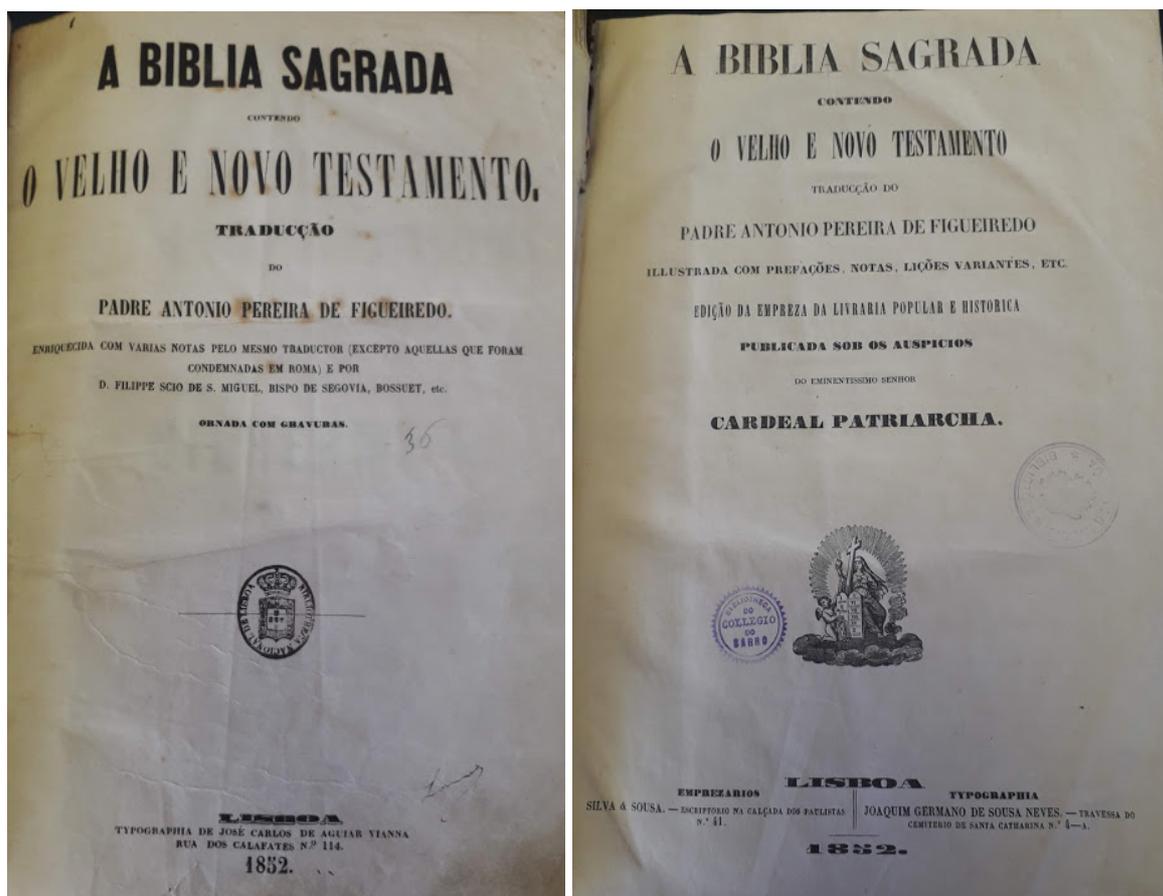
A publicação de José Carlos de Aguiar Vianna (1852-1853), em 2 tomos in-4º, consiste numa edição bilíngue em português e latim, com prefácios mantidos, e algumas gravuras em papel especial acrescentadas ao longo das páginas. Contudo, já na folha de rosto, a edição afirma conter as notas de Figueiredo, “exceto aquelas condenadas por Roma.” Segundo J. Pereira, a obra logo recebeu críticas pelos erros tipográficos, pela ausência de indicações cronológicas e pela insuficiência de notas nos prefácios.⁹⁰

A edição de Silva & Sousa (1852-1857, 3 vols. in-folio) foi autorizada pelo patriarca de Lisboa, na condição de que se reproduzisse o texto da edição de 1794. O padre Francisco Recreio, um dos censores, acrescentou mais dois prefácios de sua autoria, um ao Antigo, e outro ao Novo Testamento. Um suplemento aos três volumes foi publicado em 1858, sob o título *Vida de Nosso Senhor Jesus Christo*, de autoria do abade francês Brispot, traduzida por Luis Filipe Leite.⁹¹

texto, quando não tem fundamento algum para o fazer, sou de parecer que a prefação sobre o livro de Ester não se deve imprimir naquela parte em que trata da controvérsia sobre a canonicidade dos sete fragmentos do mesmo livro [...], conformando-se a Mesa com o meu parecer [...], 5 de março de 1781”. ANTT, *Real Mesa Censória: Censuras e Pareceres*, cx. 12, doc. n. 4 *apud* SANTOS-ALVES, *Op. cit.*, p. 61.

⁹⁰ PEREIRA, “Portugaises (versions) de la Bible”, *Op. cit.*, col. 565.

⁹¹ *Ibidem*, col. 566 e SILVA, *Op. cit.*, t. 1, 1858, p. 230.



Imagens 6 e 7: Folhas de rosto das edições de Aguiar Vianna e Silva & Sousa da versão de Figueiredo, ambas de 1852.
(Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

Quadro 7: Edições da tradução de Antônio Pereira de Figueiredo publicadas no Brasil (1864-1885)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Bíblia	Rio de Janeiro	B. L. Garnier Livreiro-Editor	1864	2 vols. in-4º
Bíblia [2ª edição]	Rio de Janeiro	B. L. Garnier Livreiro-Editor	1881	2 vols. in-4º
Evangelho de Marcos	Rio de Janeiro	Typ. Universal de Laemmert & C.	1885	1 vol. in-16º

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Se as edições integrais da Bíblia são escassas em Portugal no século XIX, no Brasil esse número se reduziu ainda mais: apenas a edição do livreiro francês Baptiste-Louis

Garnier figura entre as versões católicas publicadas no período. Ela se valeu da tradução de Figueiredo e segue relativamente os moldes das edições portuguesas de Aguiar Vianna e Silva & Sousa, porém veio acrescentada das notas do padre francês Henri Delaunay. Cerca de uma década separa as obras portuguesas da brasileira, e mais dezessete anos entre esta e sua segunda edição.

Encontramos uma publicação parcial da versão de Figueiredo no Brasil realizada pelos irmãos Henrique e Eduardo Laemmert, alemães protestantes instalados no Rio de Janeiro desde a década de 1830. *O Santo Evangelho segundo S. Marcos, traduzido por Antonio Pereira de Figueiredo* veio à luz em 1885, em formato bastante pequeno (in-16°). Tal edição parcial em muito se assemelha a tantas outras produzidas pelas Sociedades Bíblicas inglesa e norte-americana.⁹²

Quadro 8: Edições da tradução de Antonio Pereira de Figueiredo patrocinadas pela BFBS e ABS (1818-1866)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento	Bolt-Court [Londres]	Bensley e Filhos	1818	1 vol. in-12°
Bíblia	Londres	B. Bensley	1821	1 vol. in-8°
Bíblia	Londres	Typographia de Bagster & Thoms, Bartholomew Close	1828	1 vol. in-8°
Novo Testamento	Nova York	American Bible Society	1839	1 vol. in-8°
Novo Testamento	Londres	Officina de R. Clay	1847	1 vol. in-16°
Novo Testamento	Londres	[s.n.]	1847	1 vol. in-12°
Bíblia	Londres	[s.n.]	1850	1 vol. in-8°
Bíblia	Londres	[s.n.]	1865	1 vol. in-8°
Bíblia	Londres	Officina de Harrison e Filhos	1866	1 vol.

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

⁹² A atuação dos Laemmert em favor dos protestantes merece ser destacada, embora não seja objeto de nosso estudo. Sabemos, por exemplo, que o primeiro número da *Imprensa Evangelica*, principal veículo protestante do Oitocentos brasileiro, foi impresso nesta casa, como atesta a indicação “Typografia Universal de Laemmert, rua dos Invalidos, 61 B”, ao final da primeira edição. *Imprensa Evangelica*, 05/11/1864, n. 1, ano I, p. 8, col. 2.

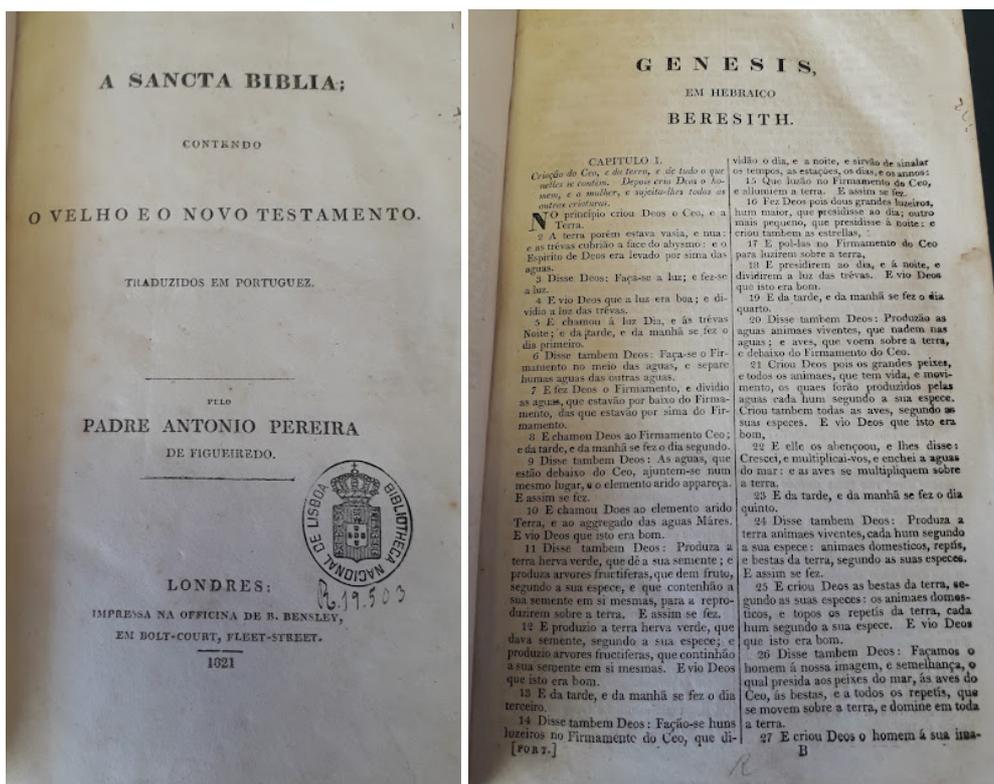
Embora se trate de uma versão católica, a tradução de Figueiredo também foi adotada pela BFBS, mas não sem algumas disputas internas. Parte da sua recusa advinha do fato de ser uma versão indireta, ou seja, baseada numa outra tradução dos originais gregos e hebraicos – a Vulgata latina de Jerônimo. Contudo, a obra do padre oratoriano era então a mais recente em circulação no mundo lusófono, argumento que foi reiterado para sua escolha.

93

A edição de B. Bensley (1821, in-8º) foi a primeira versão em volume único da tradução completa de Figueiredo, destituída de todas as notas e prefácios das primeiras edições católicas – como era de praxe entre as publicações das Sociedades Bíblicas. Segundo Timóteo Cavaco, cerca de 500 exemplares dessa edição foram impressos pela BFBS, todos eles ainda contendo os livros deuterocanônicos, como nas versões católicas até então. Para o autor, esse fato “demonstra que nesta época, apesar da BFBS ser dirigida por protestantes, esta [inclusão dos deuterocanônicos] não era uma questão fundamental no que concerne às edições bíblicas, pelo menos para aqueles que tomavam este tipo de decisões.” O quadro aparentemente mudou a partir das edições subsequentes, quando a instituição excluiu definitivamente esses livros de suas Bíblias.⁹⁴

⁹³ CAVACO, “Bíblia, cultura, sociedade no Portugal contemporâneo”, *Op. cit.*, p. 169, nota 27, 2014.

⁹⁴ CAVACO, Timóteo A. J. “O contexto específico das origens da Sociedade Bíblica e os seus ‘vários começos’ em Portugal”. *Revista Lusófona de História das Religiões*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ano IV, n.º 7/8, p. 40, 2005. O autor também observou que os livros deuterocanônicos voltaram a aparecer nas edições da BFBS em 1968, “quando foi assinado um acordo especial entre as Sociedades Bíblicas Unidas (United Bible Societies) e o Vaticano, através do que é hoje o Conselho Pontifício para a Promoção da Unidade dos Cristãos.”



Imagens 8 e 9: Folha de rosto e aspecto da edição de B. Bensley (1821), patrocinada pela BFBS, sem notas ou comentários.
(Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa)

1.1.4 Outras traduções da Bíblia para o português

Ao longo do século XIX, as traduções de Almeida e Figueiredo foram as principais versões integrais em língua portuguesa a serem editadas. Tradicionalmente, Almeida ficou associado aos protestantes, e Figueiredo, aos católicos, muito embora as Sociedades Bíblicas e os próprios missionários tenham feito uso da obra do padre oratoriano para seu ministério. Mesmo sendo as mais importantes do período, elas não foram as únicas, pois outros autores lusófonos também se empenharam em verter o texto sagrado entre os séculos XVIII e XIX.

Quadro 9: Edições da tradução de Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1777-1869)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Evangelhos	Lisboa	Regia Officina Typografica	1777-1778	8 vols. in-4º
Antigo Testamento	Lisboa	Regia Officina Typographica / Officina	1778-1785	44 vols. in-4º

		da Academia Real das Sciencias		
Antigo Testamento [2ª edição]	Porto	[s.n.]	1864-1867	27 vols. in-8º
Novo Testamento [2ª edição]	Porto	[s.n.]	1867-1869	11 vols. in-8º

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

O padre franciscano português Francisco de Jesus Maria Sarmiento (1713-1790) realizou uma tradução da Bíblia a partir da Vulgata latina, numa provável obediência às regras católicas. Os quatro Evangelhos foram publicados entre os anos de 1777 e 1778 sob o título de *Historia Evangelica*, em 8 volumes in-4º, e acompanhavam o texto latino original. A casa responsável pela impressão foi a Regia Officina Typografica de Lisboa, a mesma que editou a Bíblia de Figueiredo, e no mesmo ano de 1778.

Logo Sarmiento deu continuidade ao trabalho de verter os livros sagrados, que resultou em extensos 44 volumes in-4º, dessa vez sob o título de *História Biblica* (Lisboa, diversas oficinas, 1778-1785). A obra era seguida de um grande apêndice histórico e filológico, que ganhou edição separada com o título *Thesouro Biblico, ou Diccionario historico e etymologico dos nomes proprios, provincias e cidades, com suas respectivas interpretações* (Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1785, in-4º).

Fala-se numa reedição da Bíblia de Sarmiento quase um século depois, no Porto, com os mesmos títulos dados pelo tradutor: a *Historia Biblica*, compreendendo o Velho Testamento (1864-1867, 27 vols. in-8º) e a *Historia Evangelica*, contendo o Novo (1867-1869, 11 vols. in-8º).⁹⁵

Ainda que Sarmiento tenha realizado uma tradução integral da Bíblia, ela é substancialmente distinta de Almeida e Figueiredo porque não constitui uma versão regular, e sim “parafraseada”. Como observou Innocencio da Silva, nela “todos os livros são acompanhados de notas, comentários, e reflexões ilustrativas.”⁹⁶

⁹⁵ PEREIRA, “Portugaises (versions) de la Bible”, *Op. cit.*, col. 567-568. Este autor não informa o impressor da reedição de Sarmiento.

⁹⁶ SILVA, *Diccionario bibliographico portuquez*, *Op. cit.*, t. 2, p. 394-395. Com o termo “tradução parafraseada”, o bibliógrafo se refere a uma versão mais preocupada com o sentido do texto do que com a sua forma. Assim, a obra de Sarmiento em muito se difere daquela empreendida por seu contemporâneo Figueiredo, e não se enquadra numa tradução regular da Bíblia.

Quadro 10: Edições da Bíblia em português de tradutor não identificado (1817-1879)

LIVROS	LOCAL DE PUBLICAÇÃO	IMPRESSOR	ANO DE PUBLICAÇÃO	FORMATO
Novo Testamento	Londres	[s.n.]	1817	1 vol. in-12°
Evangelho de Lucas, Atos dos Apóstolos	Londres	[s.n.]	1823	1 vol. in-16°
Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Isaías	Londres	[s.n.]	1823	1 vol. in-32°
Salmos	Londres	[s.n.]	1842	1 vol. in-32°
Isaías	Londres	[s.n.]	1844	1 vol. in-32°
Bíblia	Nova York	American Bible Society	1847	1 vol. in-12°
Novo Testamento	Nova York	American Bible Society	1848	1 vol. in-12°
Novo Testamento	Londres	[s.n.]	1856	1 vol. in-32°
Novo Testamento	Nova York	American Bible Society	1857	1 vol. in-18°
Bíblia	Lisboa	Lallemant Frères	1879	1 vol.

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Nem todos os registros de Bíblias e porções nos catálogos possuem a indicação de seus respectivos tradutores. À exceção da Bíblia publicada pela Lallemant Frères (Lisboa, 1879), todas as demais edições foram realizadas pela ABS e BFBS – quanto à esta última, assim o deduzimos por seu local de edição, a despeito da ausência de informações sobre os impressores. É certo que se tratavam das traduções de Almeida e Figueiredo, já que tão logo foram adotadas pelas respectivas Sociedades Bíblicas.

Chama-nos a atenção nesses exemplares seu pequeno formato (in-12°, in-16°, in-18°, in-32°) e também o conteúdo conciso de sua maioria, compreendendo apenas o Novo Testamento ou porções bíblicas (Salmos, Provérbios, Eclesiastes, Isaías, Evangelho de Lucas, Atos). Apenas duas Bíblias completas figuram neste levantamento: uma publicada em Nova York (ABS, 1847) e a já citada de Lisboa (Lallemant Frères, 1879).

Quadro 11: Traduções parciais da Bíblia publicadas em Portugal (1774-1875)⁹⁷

LIVROS	TRADUTOR	LOCAL	IMPRESSOR	ANO	FORMATO
Provérbios em paráfrase	José Antonio da Silva Rego	Lisboa	Offic. da Viúva de Ignacio Nogueira	1774	1 vol. in-8º
Salmos	Antonio Pereira Sousa Caldas	Paris	Off. de P. N. Rougeron	1820	1 vol. in-8º
Salmos	D. Leonor d'Almeida	Lisboa	Imprensa Nacional	1844	1 vol.

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Como observou José Adriano de Freitas Carvalho, novas traduções parciais da Bíblia para o português começaram a aparecer na segunda metade do século XVIII, muitas vezes realizadas a partir de versões em outros idiomas correntes em forma de paráfrase, como é o caso das *Máximas de Salomão* (Lisboa, 1762), de autor francês anônimo. Ainda segundo Carvalho, “curiosamente, nessa época [as traduções para o português] se limitavam a fazer conhecer os Salmos e os Provérbios, o que representa uma escolha que parece prolongar os gostos e orientações dos tempos anteriores.” Assim, o interesse setecentista pela moral bíblica ainda se manifesta nas edições dos livros sapienciais no começo do século seguinte.⁹⁸

Pouco antes da publicação dos primeiros tomos das Bíblias de Figueiredo e Sarmento, apareciam em Lisboa os *Proverbios de Salomão em parafrase* (Offic. da Viúva de Ignacio Nogueira, 1774, 1 vol. in-8º), obra do português José Antonio da Silva Rego, de quem encontramos poucas informações. Novamente, trata-se de uma possível tradução parafraseada do francês, do mesmo livro bíblico sapiencial.

O padre Antônio Pereira de Sousa Caldas (1762-1814),⁹⁹ considerado um mestre pelos primeiros românticos brasileiros, se engajou na tradução dos textos sagrados com seus *Psalmos de David em metro portuguez* (Paris: Off. de P. N. Rougeron, 1820, in-8º), conjunto dos primeiros 75 poemas bíblicos vertidos diretamente da Vulgata latina.¹⁰⁰

⁹⁷ A exceção geográfica se faz aqui com os Salmos traduzidos por Sousa Caldas, que foram publicados em Paris.

⁹⁸ CARVALHO, “La Bible au Portugal”, *Op. cit.*, p. 257.

⁹⁹ SILVA, *Diccionario Bibliographico Portuguez*, *Op. cit.*, t. 1, p. 231-232.

¹⁰⁰ Sobre a importância dada ao texto hebraico, Antonio Candido destaca: “No tempo de Sousa Caldas já se conhecia o princípio fundamental da poesia hebraica, o paralelismo de imagens, conceitos e expressões, embora não o houvessem ainda aprofundado. Os tradutores sentiam-no provavelmente mais pela evidência de versões do que pelo conhecimento teórico, só mais tarde desenvolvido pela filologia. Daí ele substituir na tradução apenas quando não era necessário sacrificá-lo ao sentido geral que, este sim, era visado. Doutra parte, ignorou-se até os nossos dias a natureza do verso hebraico, só nos últimos anos revelada pela descoberta de

Outra tradução parcial da Bíblia veio da nobre portuguesa D. Leonor de Almeida Portugal Lorena e Lencastre (1750-1839). Suas *Obras poéticas* foram publicadas postumamente por iniciativa de suas filhas, e seu tomo VI continha a *Paraphrase dos cento e cincoenta psalmos que compõem o Psalterio, em varias especies de rythmo: seguida da paraphrase de varios canticos biblicos e hymnos da egreja*. (Lisboa: Imprensa Nacional, 1844). De acordo com Innocencio da Silva, a tradução foi baseada não na Vulgata, mas da versão italiana de Saverio Mattei (1742-1795). Ainda segundo esse autor, parte dos Salmos traduzidos por D. Leonor já havia sido publicada em Lisboa na Imprensa Regia (1833, 1 vol. in-4º).¹⁰¹

Quadro 12: Traduções parciais da Bíblia publicadas no Brasil (1815-1875)

LIVROS	TRADUTOR	LOCAL	IMPRESSOR	ANO	FORMATO
Provérbios	José Eloy Ottoni	Bahia	Typ. de Manuel Antonio da Silva Serva	1815	1 vol. in-8º
Provérbios [2ª edição]	José Eloy Ottoni	Rio de Janeiro	Typ. Austral	1841	1 vol. in-8º
Salmos	Francisco Ferreira Barreto	Pernambuco	Typ. Imp. de L. I. R. Roma	1844	1 vol. in-8º
Novo Testamento	Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth	Maranhão	Typographia de I. J. Ferreira	1845-1847	3 vols. in-folio
Jó	José Eloy Ottoni	Rio de Janeiro	Typographia Brasiliense de F. Manoel Ferreira	1852	1 vol. in-8º
Provérbios [3ª edição]	José Eloy Ottoni	Mariana	J. A. R. de Moraes	1872	1 vol. in-4º
Novo Testamento [2ª edição]	Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth	Lisboa	Imprensa Nacional	1875	1 vol. in-18º

Quadro elaborado a partir de levantamento apresentado no Apêndice I deste trabalho.

Tournay como um sistema rítmico de acentos tônicos, oxítonos e paroxítonos. No tempo de Sousa Caldas, sabia-se que não se contava por sílabas, nem por pés, e, desconhecendo-se outro tipo de versificação, pensava-se que não possuía métrica nem ritmo regular” (CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013, p. 234).

¹⁰¹ SILVA, *Op. cit.*, t. 5, p. 177-178.

No Brasil, outras traduções parciais da Bíblia vieram do árcade José Eloy Ottoni (1764-1851), autor contemporâneo ao movimento da Inconfidência Mineira e tio do também escritor Teófilo Ottoni (1807-1869).¹⁰² Seu empenho em traduzir partes da Bíblia foi motivado por uma crise pessoal: após anos vivendo na Europa, José Eloy retornou ao Brasil, na então corte de D. João VI, e frustrou-se em não ser bem recebido como esperava. Tal desapontamento o levou a recolher-se na poesia religiosa. Traduzido em quadrinhas rimadas, seus *Provérbios de Salomão*, vertidos a partir da Vulgata latina, demonstram seu interesse moral pelas Escrituras. Mais reveladora, no entanto, é sua escolha da tradução do *Livro de Jó*, cujo tema versa sobre os sofrimentos do justo. As obras, para desventura do tradutor, não obtiveram boa acolhida da crítica posterior, muito embora uma delas tenha recebido ao todo três edições no Brasil.¹⁰³

Sua *Paraphrase dos Provérbios de Salomão* foi publicado na Bahia por Silva Serva em 1815, tinha o texto latino acompanhado de sua tradução, e foi dedicada “ao serenissimo Príncipe da Beira”, o futuro Pedro I do Brasil e IV de Portugal; a segunda edição, impressa no Rio de Janeiro em 1841, omitiu o texto latino; por fim, uma nova publicação apareceu em Mariana, no ano de 1872. Seu *Livro de Job* apareceu em publicação póstuma de 1852, editada pelo cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro e dedicada ao então Bispo do Maranhão, D. Manoel Joaquim da Silveira. O conjunto paratextual do livro é bastante robusto: ele vem precedido por um “Discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brasil”, escrito pelo mesmo cônego Fernandes Pinheiro; uma “Notícia sobre a vida e poesias do traductor”, pelo sobrinho deste; e, finalmente, um prefácio da tradução francesa da Bíblia realizada por Genoude.

Francisco Ferreira Barreto (1790-1851) reuniu em suas *Inspirações de David* (1844, in-8º) um conjunto de traduções de alguns dos Salmos. Há poucas informações sobre a obra e seu autor, mas sabe-se que este foi sacerdote em Recife, examinador do Bispado de Pernambuco e pregador na Capela Imperial.¹⁰⁴

¹⁰² SILVA, *Op. cit.*, t. 4, p. 309-311.

¹⁰³ CANDIDO, *Op. cit.*, p. 231-232. O crítico literário Agripino Grieco assim se referiu a Ottoni: “o mineiro José Elói Otoni parafrazeou em verso os lamentos de Jó e os Provérbios de Salomão, mas, se conseguiu trazer ao Brasil a pobreza do primeiro, não conseguiu trazer a sabedoria do segundo.” GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. 3ª ed. rev. Rio de Janeiro: José Olympio, 1947, p. 210 *apud* PAES, José Paulo. *Tradução, a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990, p. 14.

¹⁰⁴ SILVA, *Op. cit.*, t. 2, p. 376.

Uma tradução do Novo Testamento foi realizada no Brasil por Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth (1775-1851). De trajetória um tanto errática, o frei franciscano português chegou a ser prelado ordinário em Moçambique e foi depois transferido para o Maranhão, onde virou Bispo em 1820. Apoiou a causa miguelista e, com a derrota desta, seguiu para Portugal; tempos depois, voltou ao Brasil, onde viveu até sua morte, em 1851.

Seu Novo Testamento, que “mereceu os louvores dos entendidos”, veio com o texto latino junto à tradução e foi publicado no Maranhão em três volumes in-folio por diferentes impressores (Tomo I: Typ. de I. J. Ferreira, 1845, 482 p.; Tomo II: *Idem*, 1846, 358 p.; Tomo III: S. A de Faria, p. 1-170 e J. A. G. de Magalhães, p. 1-175).¹⁰⁵ Há ainda uma segunda edição da tradução de Nazareth, de 1875, sem o texto da Vulgata e “em conformidade da Versão Franceza anotada por J.-B. Glaire”.¹⁰⁶

1.2 A Bíblia no Brasil, da Colônia à Corte

Uma vez apresentadas algumas das muitas edições da Bíblia em língua portuguesa desde os primórdios de sua tradução, apresenta-se o desafio de refletir acerca de sua chegada ao Brasil, desde os primeiros anos de sua fundação. Tal empreitada, no entanto, está muito além de nosso objetivo neste estudo. Limitemo-nos, pois, a apenas fazer alguns apontamentos sobre o acesso às Escrituras em alguns períodos.

1.2.1 Presença da Bíblia no Brasil Colonial

Por volta de 1500, não havia ainda, como vimos, uma tradução regular da Bíblia para o vernáculo português. Tampouco havia uma regra clara sobre a edição e manipulação dos textos sagrados pelos fiéis. A definição só veio com o Concílio de Trento (1545-1563), que elegeu a Vulgata latina de Jerônimo como a versão oficial de todo o Catolicismo, e passou a exigir autorizações eclesíásticas para o acesso às traduções vernáculas.

De início, podemos considerar que o conhecimento da Bíblia em todo o continente americano se deu por vias absolutamente indiretas, no bojo de um violento processo colonizador. Neste, a Igreja Católica auxiliou o reino português através de um programa de

¹⁰⁵ SILVA, *Op. cit.*, t. 4, p. 137.

¹⁰⁶ PEREIRA, “Portugaises (versions) de la Bible”, *Op. cit.*, col. 568.

evangelização dos nativos da chamada América e demais colônias, que encontrou sua forma mais acabada no trabalho dos jesuítas, com a criação da Companhia de Jesus (1534).

Olhemos com alguma atenção para o “inventário dos livros que [o rei] D. Manuel enviou ao Négus, em 1515, na embaixada de Duarte Galvão à Etiópia”: 1000 *Cartinhas*, 12 *Catecismos*, 20 *Flos Sanctorum*, 30 *Vida dos Mártires*, 1 Missal, 1 Batistério, 100 *Vida e Paixão dos Mártires*, 100 *Destruição de Jerusalém*, 100 *Horas de Nossa Senhora*, e novamente mais 30 *Catecismos*, 1000 *Cartinhas* e 100 *Confessionários de Resende*.¹⁰⁷ Não consta nos itens anteriores qualquer Bíblia ou parte das Escrituras: a orientação converge para obras de devoção católica – em especial as diversas *Vidas dos Santos* –, quando não de educação e doutrinação nos preceitos da Igreja – cujos *Catecismos* permanecem os maiores exemplos.

Nesse começo de século – ainda anterior ao Concílio de Trento, porém já com as navegações europeias em plena expansão –, a Igreja e todo seu conjunto de doutrinas serviram de aliadas aos reis como D. Manuel de Portugal, preocupado com uma unidade de pensamento que favorecesse seus domínios fora do Velho Continente.¹⁰⁸

Uma vez avançado o processo colonizador, as ordens jesuíticas formaram estabelecimentos para garantir a instrução local, reunindo também para isso suas bibliotecas. Atentar para quais livros foram salvaguardados nesses acervos é tarefa que não cabe em nosso estudo, mas podemos pontuar que, a essa altura, a versão latina da Bíblia estava se consolidando como a versão oficial da Igreja, e sua leitura permanecia sob o controle dos padres.

A aplicação das medidas do Concílio Tridentino no reino de Portugal pode ser encontrada numa compilação de decretos impressa em Lisboa no ano de 1564. Uma de suas primeiras regras incide diretamente na circulação da Bíblia, sob o título “Dos que usam mal das palavras da sagrada Scriptura”:

Desejando o sancto Concilio reprimir a ousadia daquelles, que convertem e torcem as palavras e sentenças da sagrada Scriptura a cousas pñanas [*sic*] e

¹⁰⁷ ANSELMO, Arthur. *Origens da Imprensa em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1981, p. 82 *apud* CERELLO, Adriana Gabriel. *O livro nos textos jesuíticos do século XVI: edição, produção e circulação de livros nas cartas dos jesuítas na América portuguesa (1549-1563)*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008, p. 128-129.

¹⁰⁸ Vale lembrar que a empresa portuguesa em sua colônia americana tinha todo o seu eixo voltado para o mercado externo. Sobre esse assunto, ver o importante trabalho de PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

seculares: como a graças, fabulas, palavras vãs, lisonjarias, murmurações, superstições, e danadas e diabolicas feiticarias, adivinhações, fortes, e libellos difamatorios: Manda para evitar esta irreverencia e desprezo, que nenhũa pessoa daqui em diante se atreva a usar de palavras da sagrada Escripura per maneira algũa, para estas cousas, e outras semelhantes. E que todos os que temerariamente corrompem, pervertem, e profanam as palavras de Deos, sejam castigados pelos Prelados com as penas de direito, e as mais que lhes parecer.¹⁰⁹

Não há aqui uma definição clara sobre a tradução e publicação da Bíblia, mas sim um controle eclesiástico manifesto sobre a manipulação do texto sagrado. De toda forma, a abertura de tipografias estava proibida em toda a América Portuguesa, e só veio a ser liberada em 1808, com a transferência da Corte ao Brasil.¹¹⁰

A Bíblia – oráculo do poder evangelizador – não se poderia vulgarizar na língua literária nacional, nem frequentar estantes letradas que pusessem em jogo a autoridade dos padres. Estes, sim, deveriam ter acesso ao formidável veículo de transformação espiritual. Os Livros Sagrados nunca deveriam chegar ao saber comum.¹¹¹

Se por um lado a regra proibia a leitura da Bíblia por leigos, por outro ela recomendava o uso da versão oficial da Vulgata latina pelos eclesiásticos. No caso português do século XVI, não havia sequer uma tradução regular disponível para seu vernáculo. Assim, seguindo as medidas do Concílio Tridentino, o Padre Antônio Vieira (1608-1697) se valia da obra de Jerônimo para as suas leituras, como atestam as citações latinas contidas em muitos dos seus *Sermões*.¹¹²

Com tudo isso, a chegada da Bíblia ao Brasil no período colonial teve importantes entraves: de um lado, o controle da circulação de livros exercido pela Coroa portuguesa em

¹⁰⁹ *DECRETOS e determinacoes do Sagrado Concilio Tridentino que devem ser notificadas ao povo, por serem de sua obrigação, e se hão de publicar nas Parrochias. Por mandado do serenissimo Cardeal Iffãte Dom Henrique Arcebispo de Lisboa, & Legado de latore.* Impresso em Lisboa por Francisco Correa, impressor do Cardeal Iffante nosso senhor. Aos dezoito de Setembro. Anno de 1564, s.p. Disponível em: <https://purl.pt/15158>. Acesso em: 30 ago. 2021.

¹¹⁰ RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil (1500-1822)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1988, p. 309. Para um estudo sobre a leitura no Brasil Colonial mais direcionado para a análise do discurso, veja-se o trabalho de NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.

¹¹¹ ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988, p. 49.

¹¹² AZEVEDO, João Lúcio de. *História de Antônio Vieira*. São Paulo: Alameda, 2008, v. 1, p. 47 *apud* BOSI, Alfredo (Org.). “Introdução”. In: *Essencial Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 18. O autor ainda comenta que “não se sabe ao certo se Vieira tinha familiaridade com o grego dos Setenta, ou se as suas citações são de segunda mão”.

sua colônia nos trópicos; e de outro, o controle da edição, tradução e leitura da Bíblia pela própria Igreja Católica. Isso não significa, no entanto, uma ausência completa de acesso ao conteúdo bíblico, pois este era mediado pela própria instituição religiosa, seja através do culto aos fiéis, como também pelo trabalho evangelizador com os nativos.

Ainda que essas considerações se apliquem ao império português católico, alguns autores apontam a chegada da Bíblia pelas mãos de outros invasores europeus, dessa vez protestantes. John Mein¹¹³ cita brevemente episódios das invasões francesas no atual Rio de Janeiro (1555-1560) e também holandesas no Nordeste brasileiro ao longo do século XVII, sugerindo a presença da Bíblia entre essas comunidades nos trópicos. Os franceses aqui chegados, como se sabe, eram de orientação calvinista (*huguenotes*), e os neerlandeses possuíam sua própria Igreja Reformada.

O autor evangélico João Gomes da Rocha seguiu o mesmo caminho ao atribuir a chegada da Bíblia no Brasil pelas mãos invasoras da chamada França Antártica.¹¹⁴ Luiz Antonio Giraldi, por sua vez, explorou essas duas possibilidades em sua *História da Bíblia no Brasil*:

*existem fortes indícios de que os calvinistas franceses trouxeram a Bíblia para o Brasil, provavelmente na edição francesa de 1478. Embora não haja prova documental da presença do Livro Sagrado no país desse período, apontam para tanto o hábito que cultivavam os calvinistas franceses de ler e divulgar a Bíblia, seu costume de usá-la durante os cultos e o fato de o pastor Pierre Richier haver usado o livro de Salmos como texto base para o seu sermão.*¹¹⁵

Com efeito, permanece no campo hipotético a chegada da Bíblia ao Brasil pelas mãos dos *huguenotes* na França Antártica. Ademais, as considerações do autor visam encontrar a presença mais remota da circulação das Escrituras no país, e a associam direta e indiscriminadamente à atividade protestante, mesmo que não haja informações concretas ou elementos suficientes para tanto.

Ao que pudemos averiguar por fontes indiretas, não encontramos registros explícitos da presença da Bíblia entre os protestantes franceses. O padre jesuíta Manuel da Nóbrega

¹¹³ MEIN, *Como a Bíblia chegou até nós*, *Op. cit.*, p. 60.

¹¹⁴ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado: ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil*, do qual resultou a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”, pelo Dr. Robert Raid Kalley. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941, p. 13.

¹¹⁵ GIRALDI, *Op. cit.*, p. 53, grifo nosso.

(1517-1570), que acompanhou parte das invasões, comunicou ao Cardeal D. Henrique que chamaram-lhe a atenção os franceses invasores “pelos livros que lhe acharão muytos”,¹¹⁶ da mesma forma que o também missionário José de Anchieta (1534-1597) observou com eles “grande muchedumbre de libros heréticos.”¹¹⁷ Em nenhum dos casos, no entanto, há uma referência explícita às Escrituras.

A presença holandesa no Nordeste brasileiro do século XVII, por sua vez, foi mais intensa que a instalação da França Antártica, a ponto de estabelecer um trabalho missionário protestante com os nativos, que também chamou a atenção de Giralaldi.¹¹⁸ Não nos foi possível averiguar essas atividades com detalhes, e um estudo sistemático da evangelização neerlandesa não caberia neste trabalho.

A tendência de se atribuir a chegada da Bíblia ao Brasil por mera associação à prática protestante de sua leitura acaba por simplificar as nuances da recepção do texto sagrado, que está sujeito a diversas formas de mediação e acesso que não apenas o livro impresso. Além disso, não se deve perder de vista que a presença protestante na colônia portuguesa foi pontual quando comparada à extensão do território brasileiro. Apesar das hipóteses pelas vias apresentadas, podemos levar em conta a ressalva de Boanerges Ribeiro:

Os indivíduos de religião protestante que por aqui passaram não deixaram traço no sistema religioso da sociedade. As tentativas, já distantes, de franceses e holandeses, apenas resultaram em identificação de *protestante* com *invasor*. O último huguenote foi enforcado no Rio de Janeiro, em 1567; quanto aos holandeses, seus pastores embarcaram de volta, sem deixarem no país uma igreja reformada, e os sinais de sua catequese indígena desapareceram.¹¹⁹

Se nos séculos iniciais o acesso à cultura escrita foi empreendida principalmente com o apoio das missões evangelizadoras católicas, o quadro mudou com a expulsão dos jesuítas de todo o império português no ano de 1759. Essa medida era resultado da política de

¹¹⁶ Carta 35, de Nóbrega ao Cardeal Infante D. Henrique, de São Vicente, 01/06/1560, em LEITE, Serafim (Org.). *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1954, v. 3, p. 244 *apud* CERELLO, *Op. cit.*, p. 136.

¹¹⁷ Carta 36, do irmão José de Anchieta para o Geral Diego Laynes, de São Vicente, 01/06/1560, em LEITE, Serafim (Org.). *Op. cit.*, p. 268 *apud* CERELLO, *Op. cit.*, p. 136.

¹¹⁸ GIRALDI, *Op. cit.*, p. 55-56.

¹¹⁹ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 15, grifo original.

Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), então Secretário de Estado do Reino de D. José I de Portugal (1750-1777).

Além da expulsão dos jesuítas, Pombal também proibiu a fundação de novos conventos na colônia portuguesa, cujas bibliotecas eram, até então, “os centros de cultura e formação intelectual dos jovens brasileiros que iam completar seus estudos em Portugal.”¹²⁰ Assim, outros dos possíveis guardiões de edições da Bíblia passam, então, a declinar.

Além dos livros pertencentes às ordens religiosas no período colonial, por certo havia também bibliotecas particulares. Na lista de livros do padre inconfidente Luis Vieira da Silva (1735-1809), ainda não constava nenhuma Bíblia vertida para o português. Os volumes foram confiscados de sua livraria na cidade mineira de Mariana, em 1789, e revelavam um dono “instruído e noticioso”.¹²¹ Segundo o escrutínio de Eduardo Frieiro, ali figurava uma preciosa *Bíblia de Vatable* (poliglota, de Robert Estienne), além de outras obras religiosas em latim, como os comentários bíblicos *Menochii Commentaria Sacrae Scripturae* (2 vols. in-folio), *Concordantia Sacrorum Bibliorum* (1 vol. in-folio), *Barradii Commentaria in Concordia et Historiam Evangelicam* (4 vols. in-folio), *Le Blanc Analisis in Psalmo* (6 vols. in-folio), além da obra francesa *Figures de la Bible* (4 vols. in-folio).

Em português, destacam-se as obras religiosas *Compendio das Épocas por Antonio Pereira* (1 vol. in-8º), *Instrução Liturgica pelo Padre Sarmento* (1 vol. in-8º) e um *Cathecismo de Montpellier* (5 vols. in-8º).¹²² Embora livros dos autores Antonio Pereira de Figueiredo e Francisco de Jesus Maria Sarmento se encontrem na lista – vale ressaltar que ambos ainda eram vivos –, suas respectivas traduções da Bíblia aparentemente não chegaram às estantes do religioso mineiro.

Na livraria do cônego, a *Bíblia de Vatable* é apenas uma obra entre tantas outras que lhe serviam de comentário. Há por certo ainda outras obras de religião e devoção, porém, um número muito maior de obras políticas e filosóficas registradas na listagem. Com efeito, essa constatação pode ser muito representativa dos interesses do dono da biblioteca: para um ilustrado como Luís Vieira, a Bíblia não exercia tanta importância quanto as obras seculares.

Ainda há muito para se avaliar sobre a presença da Bíblia nas bibliotecas particulares e das ordens religiosas nesse período, que foram importantes redutos da cultura impressa no

¹²⁰ MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979, p. 23.

¹²¹ FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. 2ª ed. rev. aum. São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1981, p. 55.

¹²² *Ibidem*, p. 57-62.

Brasil do período. A situação de controle à circulação de livros veio a sofrer mudanças apenas em começos do século XIX, com a transferência da Corte à sua colônia.

1.2.2 *Bíblias na Corte Imperial*

O avanço bélico napoleônico pela Europa é fenômeno importante do início do Oitocentos. As tropas de Bonaparte, que já haviam invadido a Espanha, começavam a adentrar o território português, levando a Coroa lusitana a tomar a decisão de atravessar o Atlântico em fuga para sua colônia, em 1808. O Brasil era, então, um país fechado e restrito à sua metrópole. Uma vez ali instalada, a família real tomou a decisão de abrir os portos aos países com boas relações diplomáticas e comerciais, alterando profundamente a condição colonial. A transmigração da Corte para o Rio de Janeiro marcou o fim da política econômica do exclusivo colonial, que garantia apenas a Portugal o direito de exploração e comércio com o Brasil, fechando assim sua colônia a países estrangeiros.¹²³

Dentre as muitas outras medidas tomadas pela Coroa portuguesa,¹²⁴ recém instalada no Rio de Janeiro, a criação da Imprensa Régia na cidade, em Carta de 13 de maio de 1808, marcou profundamente o plano da cultura e das ideias no país: era o fim de três séculos de proibição à produção de livros no Brasil. Mesmo começando a publicar exclusivamente obras diplomáticas e legislativas, logo edições de outros gêneros também passaram a ser produzidas. Tal evento é tido como o marco inicial efetivo da tipografia no Brasil, como assinala Rubens Borba de Moraes: “a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, em 1808, foi o começo de tudo.”¹²⁵

Embora a Imprensa Régia tenha dado impulso à publicação de livros – e logo outras tipografias começaram a surgir –, o Brasil joanino teve também de conviver com o controle

¹²³ Ainda que o exclusivo colonial tenha sido encerrado, outros elementos fundamentais da estrutura colonial se mantiveram, tais como a escravidão e o tráfico negreiro. Sobre o declínio do chamado Antigo Sistema Colonial em fins do século XVIII, ver NOVAIS, Fernando A. *Portugal e o Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011.

¹²⁴ Cumpre lembrar o esforço da Coroa em trazer o acervo da Real Biblioteca de Lisboa para o Brasil. O trabalho de Lilia Moritz Schwarcz acompanha todo esse processo, que culminou na formação da atual Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos reis*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008). Em 1895, foi realizado um estudo bibliográfico importante sobre os exemplares da Bíblia existentes na Biblioteca em fins do século XIX. *CATALOGO por Ordem chronologica das biblias, corpos de biblia, concordancias e comentarios existentes na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro*. Extrahido do v. XVII dos Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

¹²⁵ CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: EDUSP/Kosmos, 1993, p. XVII.

da Censura nesse momento inicial. Com o decreto de 27 de setembro de 1808, D. João VI delegava ao Desembargo do Paço a responsabilidade de censurar obras indesejadas. As atividades do órgão só foram suspensas em 1821, como consequência da Revolução do Porto, em Portugal.

Até meados do século XVIII, a censura em Portugal era exercida por um sistema tripartite, composto pelo Santo Ofício, o Ordinário (Censura Episcopal) e o Desembargo do Paço (Censura Régia). O Marquês de Pombal procurou unificar o sistema em torno da Mesa Real Censória, criada por ele em 1768, mas a medida foi revogada pelo regente D. João em 1794, seguindo dessa forma até a vinda da Corte para o Brasil.¹²⁶

Analisando a documentação emitida pela Mesa do Desembargo do Paço no Rio de Janeiro, Leila Mezan Algranti levantou um montante de 1.366 títulos de livros à espera de liberação na alfândega da cidade, durante a atuação da censura na Corte, entre 1808 e 1821.¹²⁷ Dessa quantia, as obras religiosas somam um total de 93 livros, ficando atrás dos gêneros romance e novela (180) e história (114), porém à frente de medicina (81), biografia (54) e ciências em geral (49). Com base nesses dados, a autora pondera algumas tendências:

No caso do Rio de Janeiro, ela [análise quantitativa] evidencia que, embora ainda fossem um segmento importante, os livros religiosos tinham perdido o papel preponderante assumido nos séculos anteriores entre os gêneros literários, já que ficaram em terceiro lugar na escala geral. [...] Analisando-se individualmente algumas listas submetidas à censura, nota-se de novo que os livros religiosos não são proporcionalmente os mais significativos, tanto nos grandes como nos pequenos carregamentos que chegavam e partiam do porto do Rio de Janeiro.¹²⁸

A autora divide o grupo de livros religiosos em sete subcategorias: livros de devoção (45), teologia e teologia moral (28), litúrgicos (7), história sagrada (6), escritura santa (4), cânones (1), padres da Igreja (1), e inconclusivo (1).¹²⁹ As quatro Bíblias contabilizadas possuem os seguintes títulos nas licenças: *Bible de Rayaumont*, *Bible*, de edição não citada, *Epístolas*, de Larin, e uma *Ste. Bible*, com “trad. de Desacy”.¹³⁰ É notável, já num primeiro

¹²⁶ Cf. ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2004, p. 133-137.

¹²⁷ *Ibidem*, p. 191.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 198.

¹²⁹ *Ibidem*, p. 193. Para a realização dessas subdivisões, a autora levou em consideração tanto as informações colhidas nas licenças, como também classificações estabelecidas por autores da História do Livro que trabalharam com o tema, especialmente sobre o Antigo Regime. Para tanto, ver p. 176-181.

¹³⁰ *Ibidem*, p. 203.

correr de olhos, a presença de traduções exclusivamente francesas, mas, por outro lado, é difícil definir as razões dessa proibição, que pode se associar tanto ao risco de se disponibilizar a Bíblia com comentários suspeitos, ou mesmo o receio do pensamento francês, que ameaçava as monarquias desde a Revolução Francesa.

Ainda que houvesse um controle da circulação de livros no período, não sabemos se houve um verdadeiro interesse pela Bíblia entre as obras que circulavam e que viriam a circular após a censura. Analisando inventários *post-mortem* da cidade de São Paulo no século XIX, Vivian Nani Ayres deparou-se com algumas Bíblias listadas em acervos privados. A autora agrupou as obras dentro de uma categoria genérica de “Teologia”, seção que representava apenas 6% de todas as obras inventariadas – a quantidade menos expressiva do levantamento. Olhando para as peças em conjunto e em relação ao todo, a pesquisadora observou que “a quantidade de Bíblias encontradas era baixa – apenas dez exemplares – sem que possamos afirmar se essa escassez se deve ao fato delas não terem sido inventariadas ou se, na realidade, elas eram pouco presentes nas residências.”¹³¹

Fato é que, após a abertura do país a estrangeiros, com o fim da censura e a liberação das tipografias, o caminho para uma maior difusão da Bíblia estava aberto no Brasil, ainda que esses não sejam elementos suficientes para garantir um acesso efetivo às Escrituras.

1.2.3 Da alfabetização à prática religiosa

Estabelecer um mapeamento das edições da Bíblia e pontuar a sua presença no Brasil dos primeiros séculos não nos resolve, de forma alguma, o problema da uma recepção do texto sagrado. Em se tratando de uma “religião do livro”, até que ponto os fiéis cristãos tinham condições de *ler* as Escrituras, o seu principal fundamento? Em busca de algumas respostas para esta questão, podemos traçar algumas generalidades acerca da alfabetização da população brasileira no século XIX, e, para tanto, nos valem do Censo Demográfico de 1872.

Embora pertença a uma data posterior ao nosso escopo de estudo, o Recenseamento foi o primeiro do gênero a ser aplicado no Brasil como um todo. Os dados apresentados por ele devem, no entanto, ser tomados com muita cautela, pois se aplicam muito mais às regiões

¹³¹ AYRES, Vivian Nani. *Da sala de leitura à tribuna: livros e cultura jurídica em São Paulo no século XIX*. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019, p. 108.

bem controladas pelo Estado brasileiro – como o Rio de Janeiro – e são demasiado limitados ao estabelecer critérios essencialmente quantitativos, com possibilidades de equívocos. Em suma, os números apresentados não devem ser aqui tomados como absolutos ou definitivos.

132

Quadro 13: Grau geral de instrução da população adulta brasileira (1872)

	Livres		Escravos	
	Sabem ler e escrever	Analfabetos	Sabem ler e escrever	Analfabetos
Homens	1.012.097	3.306.602	958	804.212
Mulheres	550.981	3.549.992	445	705.191
Totais	1.563.078	6.856.594	1.403	1.509.403

Quadro elaborado a partir do RECENSEAMENTO do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, s.d., v. 1, s.p.

O quadro acima reproduz os números do Recenseamento que indicam o nível de alfabetização da população adulta brasileira, divididos por categorias de gênero e situação social. O termo “saber ler e escrever” não deve ser entendido de forma taxativa, pois não há como saber qual o nível de efetiva leitura e compreensão de textos, e muito menos se a simples capacidade de assinar o próprio nome já era suficiente para a inclusão entre os alfabetizados. Em números absolutos, o letramento no Brasil fica representado desta forma:

¹³² *RECENSEAMENTO do Brasil em 1872*. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, s.d., v. 1, s.p. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021. Os 12 volumes do censo de 1872 podem ser encontrados em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: 30 ago. 2021.

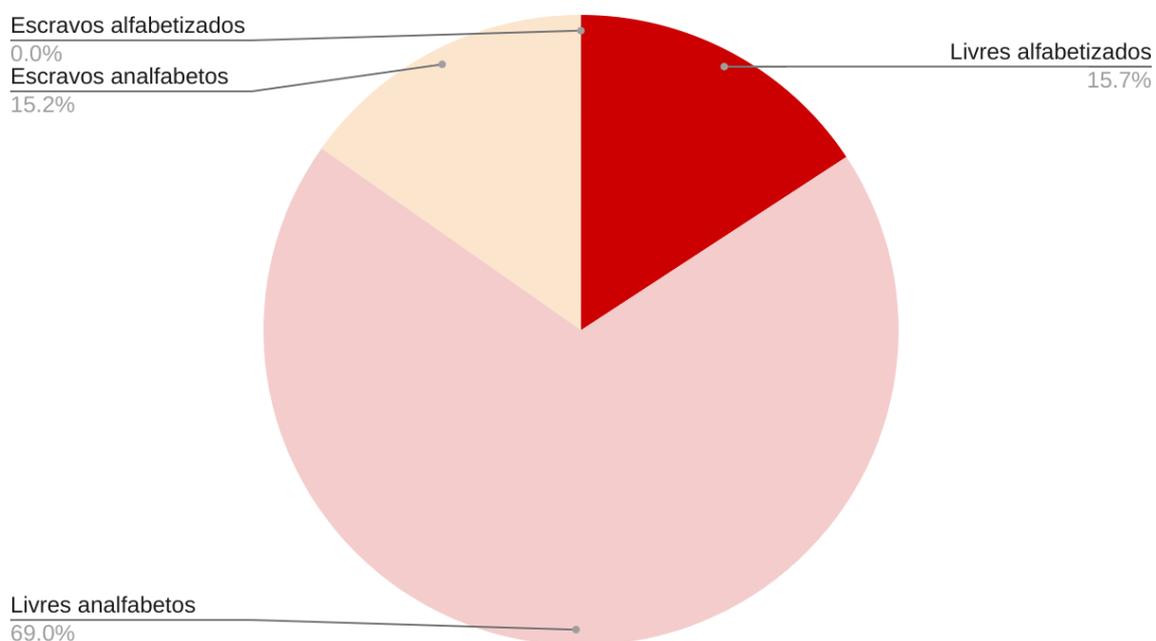
Gráfico 1: Grau geral de instrução da população adulta brasileira (1872)

Gráfico elaborado a partir de dados do Quadro 14.

Pelos números, apenas uma fatia de 15,7% da população brasileira adulta sabia ler e escrever, valor que contrasta fortemente com a grande maioria da população analfabeta, seja ela escrava ou livre. Subdivididos por situação social, temos as seguintes proporções para a população escrava:

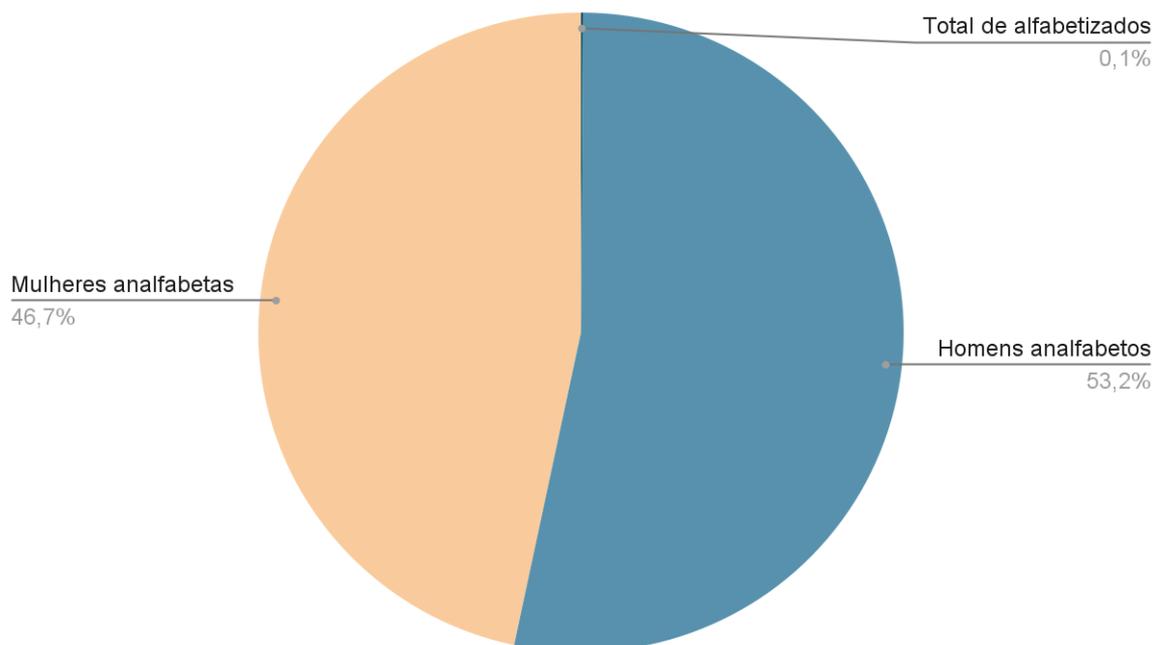
Gráfico 2: Grau de instrução da população escrava brasileira (1872)

Gráfico elaborado a partir de dados do Quadro 14.

O Brasil de 1872 permanecia estruturado na escravidão africana, muito embora o tráfico negreiro já fosse proibido pela Lei Eusébio de Queiroz (Lei nº 581 de 04/09/1850), e a Lei do Ventre Livre estivesse recentemente em vigor (Lei nº 2.040 de 28/09/1871). Muito dificilmente a população escrava teria acesso a qualquer forma de escolaridade, fato comprovado pelos 0,1% de alfabetizados do total desse grupo. Isso não significa, no entanto, que a população livre fosse plenamente instruída, como demonstra o quadro a seguir:

Gráfico 3: Grau de instrução da população livre brasileira (1872)

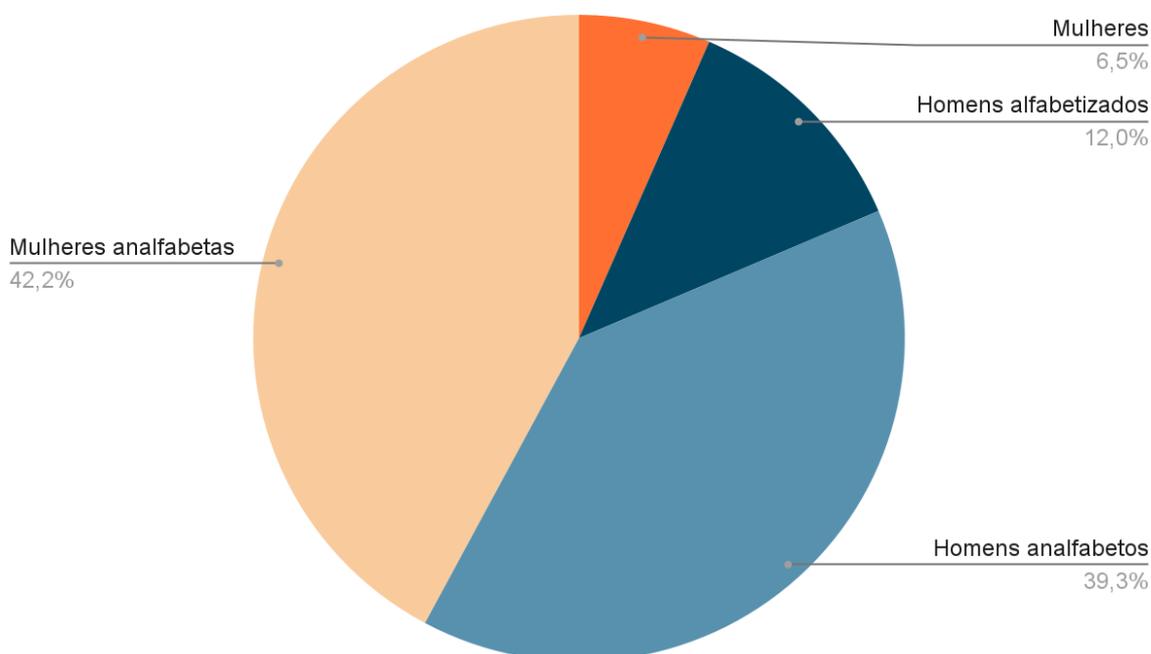


Gráfico elaborado a partir de dados do Quadro 14.

Somados homens e mulheres, temos um total de 18,5% de alfabetizados livres no Brasil, pela contagem do Recenseamento. Sob um recorte de gênero, vemos que a quantidade de homens que sabiam ler e escrever (12%) somam quase o dobro de mulheres nessa categoria (6,5%). Esses números tão irrisórios se tornam ainda mais alarmantes quando consideramos os possíveis equívocos nas contagens do Recenseamento, como já citamos.

Desde a Independência, as instruções primária e secundária foram delegadas às Assembleias Provinciais, ao passo que à União coube apenas o cuidado com a cidade do Rio de Janeiro e com o ensino superior, como faculdades de Medicina e Direito. Assim, como parte de uma política em favor do liberalismo e da descentralização, “o Estado efetivamente omitiu-se das questões educacionais, deixando ao encargo das Províncias que, empobrecidas, não tinham condições, nem interesse de resolver o problema.”¹³³

Se aplicarmos uma análise mais regionalizada do Recenseamento, veremos que a Província do Rio de Janeiro, mais urbanizada e controlada pelo Estado brasileiro à época,

¹³³ LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998, p. 136.

possui proporções similares de alfabetização: os livres alfabetizados somam 114.600 indivíduos adultos (13,8%), contrastando com 375.487 livres analfabetos (45,1%) e 342.530 escravos analfabetos (41,1%); a quantidade de escravos alfabetizados, por sua vez (107), não chega a 1% nessa proporção.¹³⁴

Além da alfabetização, o Recenseamento traz também informações sobre as religiões professadas no Brasil:

Quadro 14: População brasileira considerada em relação à sua religião (1872)

	Homens católicos	Homens não católicos	Mulheres católicas	Mulheres não católicas
Livres	4.302.886	16.313	4.089.520	11.453
Escravos	805.170	-	705.636	-
Total	5.108.056	16.313	4.795.156	11.453

Quadro elaborado a partir do RECENSEAMENTO do Brasil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, s.d., v. 1, s.p.

¹³⁴ RECENSEAMENTO do Brasil em 1872, *Op. cit.*, v. 1, s.p.

Gráfico 4: População brasileira considerada em relação à sua religião (1872)

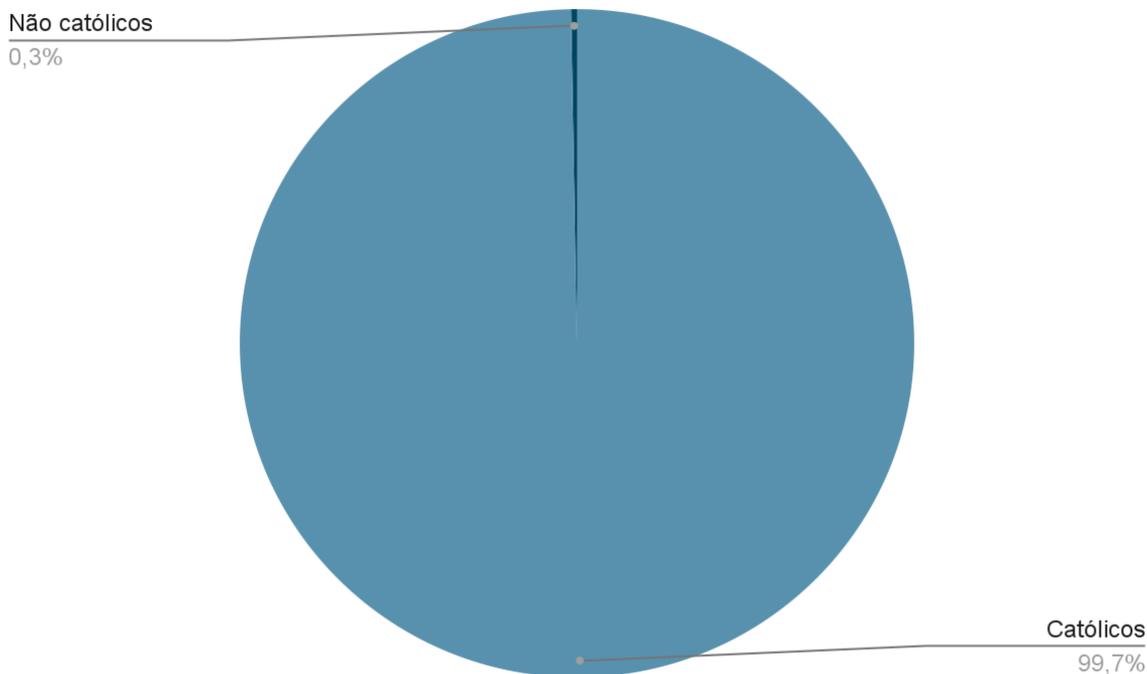


Gráfico elaborado a partir de dados do Quadro 13.

Considerando os dados em sua totalidade, uma quantidade proporcionalmente pequena de “acatólicos” somava 0,3%, de toda a população. O termo tão genérico não ajuda na compreensão de quais outras religiões estavam incluídas nessa categoria, e a ausência marcante das informações sobre os escravos já demonstram os limites dos critérios do Censo.

Fato é que o Catolicismo era a religião oficial do Brasil desde pelo menos a Carta Constitucional de 1824, e assim seguiu até a separação oficial entre Estado e Igreja, em 1889. O estudo de João Fagundes Hauck nos dá um panorama da situação religiosa no Brasil no início do século XIX.¹³⁵

No cotidiano das igrejas brasileiras do período, a missa era celebrada pelo padre em latim,¹³⁶ sempre de costas para o público. O sacerdote era apenas “um detalhe insignificante em altares que se prolongavam nos degraus e retábulos cheios de flores e imagens de santos”. A própria ordenação espacial das igrejas obedecia uma engessada hierarquia social:

¹³⁵ HAUCK, João Fagundes. "A Igreja na emancipação (1808-1840)" In: HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda época – século XIX. 2ª ed. Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1985, p. 7-140.

¹³⁶ A missa na língua dos fiéis é prática bastante recente no seio da Igreja Católica: somente nos anos 1960, com o Concílio Vaticano II, é que o latim foi oficialmente abandonado nas celebrações.

No meio, cercadas por uma grade de madeira, ficavam as senhoras brancas, acoradas sobre esteiras ou sobre ricos tapetes, como estavam acostumadas a ficar em casa; fora das grades, os homens brancos; em lugar de destaque, em cadeiras, as pessoas importantes; da porta para fora, os negros.¹³⁷

Além disso, como observa o autor, “nas missas não era costume ler, em vernáculo, os textos bíblicos da liturgia.”¹³⁸ Durante as pregações nas missas, os padres, muitas vezes formados para serem bons oradores, proferiam seus sermões com muitos recursos estilísticos, o que dificultava o entendimento dos fiéis.¹³⁹ O conteúdo da catequese católica, por sua vez, “resumia-se na memorização de orações e de pontos da doutrina”¹⁴⁰

Longe da cultura mais urbanizada das cidades, “nos engenhos e nas grandes fazendas era ainda bastante comum a figura do sacerdote doméstico”,¹⁴¹ e na ausência de uma prática religiosa centrada nas missas em igrejas, a liturgia familiar teve grande importância: “as casas tinham oratório diante do qual a família se reunia para a reza do terço e da oração da noite.”

142

Para o autor, o contato do povo com a narrativa bíblica se dava principalmente durante as celebrações e festas, como Natal, Semana Santa e Pentecostes, todas de caráter bastante popular.¹⁴³ “As imagens, relevos e pinturas das igrejas continuavam exercendo seu papel de Bíblia dos pobres, e os pormenores bíblicos que a arte religiosa transmitia ao povo indicam muito bom conhecimento da Bíblia por parte dos artistas”, mesmo que não saibamos com detalhes quais eram sua fontes para produzi-las.¹⁴⁴

Casos isolados e inusitados também podem surgir, como descreveu o viajante-naturalista Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) ao passar em 1819 pela aldeia de São Nicolau, no Rio Grande do Sul:

Há um cura em São Nicolau, o qual não vi porquanto se achava em sua chácara. Nessa mesma aldeia há também um mestre-escola, de raça guarani, e

¹³⁷ HAUCK, *Op. cit.*, p. 99, 100. Explica-nos também o autor que “a posse de escravos pelos religiosos considerava-se normal”, alinhada ao sistema escravista brasileiro vigente por séculos (p. 92).

¹³⁸ *Ibidem*, p. 107.

¹³⁹ *Ibidem*, p. 102.

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 105.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 85.

¹⁴² *Ibidem*, p. 101. Há de se considerar também a relevância das práticas religiosas populares, que não são objeto principal de nosso estudo.

¹⁴³ *Ibidem*, p. 106.

¹⁴⁴ *Ibidem*, p. 107.

que ensina a ler, escrever e contar a uma dúzia de crianças. Estive em sua casa durante uma aula. Cada criança tinha à mão um pedaço de papelão em que estavam escritos, em letras muito bem feitas, da autoria do mestre, alguns versículos da Escritura Sagrada, que serviam de exercício de leitura. Na falta de livros o mestre é obrigado a escrever o que os alunos devem ler, sendo essa prática comum em quase todo o Brasil.¹⁴⁵

Por certo, um índio guarani empenhando-se em alfabetizar crianças com a Bíblia não deve ser tomado como regra usual no Brasil oitocentista. Em outro relato bastante crítico ao Catolicismo brasileiro, o mesmo Saint-Hilaire queixava-se das práticas da cidade mineira de Mariana, que reproduzimos mais longamente:

Os deveres dos leigos se limitavam a ouvir missa aos domingos e dias santificados, e a se confessar por ocasião da Páscoa. Aparecer na igreja com um livro é expor-se ao ridículo, e se existem na Província das Minas vários exemplares da Escritura Sagrada, é certo, pelo menos, que em todo o decurso de minha viagem, apenas vi dois. Os párocos não tem obrigações muito mais amplas que as dos simples fiéis. Dizem apenas uma missa simples aos domingos. Não são obrigados, nem mesmo, a dizê-la sempre na igreja paroquial; podem escolher à vontade ora uma igreja, ora outra. Jamais se faz a leitura do Evangelho na missa paroquial; não se rezam as orações da prática; não se faz doutrinação, e não se sabe o que são vésperas e completas. Os curas só visitam os doentes para a administração dos sacramentos; nunca catequizam as crianças, e, o que parece ainda mais incrível, não se dão sequer ao trabalho de examiná-las para saber se estão suficientemente doutrinadas para fazer a primeira comunhão. A confissão é de todas as funções sacerdotais a que toma maior tempo aos padres e vi cinco negros despachados em um quarto de hora. Se os eclesiásticos lêem o breviário, deve ser muito secretamente, pois apenas me sucedeu uma vez surpreender um no cumprimento desse dever.¹⁴⁶

Com essa série de entraves à leitura e, mais precisamente, à leitura da Bíblia, podemos entender a complexidade com que as Escrituras se inserem na cultura brasileira, assim como em muitas outras. A circulação do conteúdo bíblico em muito transcende as vias escritas, atingindo os campos da oralidade, das artes e das tradições populares. Nos interessam aqui, no entanto, os caminhos que as Escrituras tomaram no seu formato mais tradicional: o livro impresso.

¹⁴⁵ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul*, 1820-1821. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974, p. 146

¹⁴⁶ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975, p. 85-86.

1.2.4 Comércio e circulação da Bíblia no Rio de Janeiro

Há uma forte associação da difusão de Bíblias no Brasil do século XIX ao Protestantismo que iniciava seu trabalho missionário no país. Essa atribuição considera principalmente o incentivo à leitura da Bíblia pelo princípio do *sola scriptura*, que remonta aos reformadores do século XVI, e ainda segue como elemento importante da cultura protestante.

John Mein apontou que as Sociedades Bíblicas Americana e Britânica despacharam exemplares da Bíblia para o Brasil já antes de 1836.¹⁴⁷ Mesmo Laurence Hallewell seguiu a pista dos primeiros missionários metodistas no país ao afirmar que “somente na década de 1850, quando Fletcher importou a versão de 1821 da Sociedade Bíblica de Londres, é que os brasileiros tiveram acesso às Escrituras em sua própria língua.”¹⁴⁸ GiralDI, por sua vez, asseverou com exagero que “quase todos os brasileiros do Brasil Império não sabiam que existia um livro sagrado, inspirado por Deus, que trazia uma mensagem divina para eles.”¹⁴⁹

As afirmações, como se vê, apontam para as rotas missionárias de promulgação da Bíblia no século XIX, sem datas muito precisas ou consensuais. Atribuir exclusivamente aos protestantes a difusão da Bíblia no Brasil pode ser uma conclusão muito precipitada, que desconsidera o peso das Escrituras na cultura do Catolicismo imposto ao Brasil desde o século XVI. Caberia então, nesse sentido, avaliar até que ponto houve uma restrição do acesso aos textos sagrados pelos fiéis brasileiros de começos do Oitocentos.

Para procurar responder a tais questões, nos valem da imprensa periódica brasileira, mais precisamente dos anúncios de vendas em livrarias, para encontrar indícios da circulação e comercialização da Bíblia no Brasil Oitocentista. Nos concentramos na cidade do Rio de Janeiro, por sua posição privilegiada enquanto capital do Império, por seu conseqüente maior contato com a Europa e também pela maior quantidade de fontes disponíveis para consulta. Nossa análise fica, portanto, circunscrita a uma localidade determinada, que pode não ser representativa do país como um todo, mas ao menos esclarecedora dos caminhos da Bíblia entre o Velho e Novo Mundo.

¹⁴⁷ MEIN, *A Bíblia e como chegou até nós*, *Op. cit.*, p. 62-63.

¹⁴⁸ HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 100-101.

¹⁴⁹ GIRALDI, *Op. cit.*, p. 127.

Um primeiro passo é conhecer os possíveis distribuidores do livro, de importância por vezes negligenciada em estudos que tratam da circulação editorial:

Quadro 15: Locais anunciantes de venda de Bíblias no Rio de Janeiro (1820-1829)

Loja da Gazeta
 Portaria de N. S. do Patrocínio às Marrecas
 Rua da Alfândega, 10
 Rua da Alfândega, 38 [J. J. Dodsworth, casa de leilão]
 Rua da Alfândega, 395 [loja de Francisco Saturnino Veiga]
 Rua da Candelária, 17
 Rua da Prainha, 132
 Rua da Quitanda, esq. Rua de S. Pedro [loja de livros de João Pedro da Veiga e Comp.]
 Rua da Quitanda, 238
 Rua da Quitanda, 249 [loja de livros de Francisco Carlos de Vasconcellos]
 Rua Direita, 14
 Rua Direita, 40
 Rua Direita, 106
 Rua Direita, 108
 Rua Direita, 130
 Rua Direita, 149
 Rua do Hospício, 218
 Rua do Ouvidor, esq. Rua Direita [loja de Vera Cruz e Comp. Moreira]
 Rua do Ouvidor, 53
 Rua do Ouvidor, 75
 Rua do Ouvidor, 138 [Albino Jordão]
 Rua do Rosário, 107
 Rua do Rosário, Beco das Cancelas, 6
 Rua do Sabão, 12 [loja de J. C. Guimarães]
 Rua do Sabão, 200
 Rua dos Ferradores, 229
 Rua dos Pescadores, 46

Quadro elaborado a partir de anúncios nos periódicos Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Diário Mercantil, Gazeta do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio. Ver Apêndice II deste trabalho.

O quadro acima referencia 27 endereços diferentes, todos eles de anunciantes de venda de Bíblias ao longo da década de 1820, em qualquer versão ou idioma. Poucos identificam o nome da casa, o que em muito dificulta nosso trabalho de mapeamento. Na década seguinte, o número se mantém similar (30 locais), sendo que 3 deles pertenceram ao livreiro Albino Jordão em momentos diferentes. Este pequeno detalhe nos serve de alerta para a possível mobilidade de alguns desses trabalhadores do livro, ainda que não explicitada nas fontes.

Quadro 16: Locais anunciantes de venda de Bíblias no Rio de Janeiro (1830-1840)

Casa de J. Villeneuve e Comp.
 Beco dos Cachorros, 36
 Largo da Carioca, 15
 Largo da Mãe do Bispo
 Praia de D. Manoel, 68
 Rua da Alfândega, 4
 Rua da Alfândega, 7
 Rua da Alfândega, 286
 Rua da Guarda Velha, debaixo da Secretaria do Império
 Rua da Quitanda, 77 [livraria de Eduardo e Henrique Laemmert]
 Rua das Mangueiras, 64
 Rua de Santa Thereza, 18
 Rua de São Lourenço, 12
 Rua de São Pedro, 156
 Rua Direita, 115
 Rua Direita, 155
 Rua do Cano, 88
 Rua do Cano, 151 [typographia, estamperia e livraria de educação]
 Rua do Hospício, 136
 Rua do Ouvidor, 85
 Rua do Ouvidor, 91
 Rua do Ouvidor, 121 [Albino Jordão, Casa do Livro Azul, a partir de 1837]
 Rua do Ouvidor, 138 [Albino Jordão]
 Rua do Ouvidor, 148
 Rua do Ouvidor, 157 [Albino Jordão, a partir de 1832]
 Rua do Sabão, 188
 Rua do Senhor dos Passos, 109
 Rua do Senhor dos Passos, 126
 Rua dos Ourives [loja de chapéus]
 Rua dos Pescadores, 125

Quadro elaborado a partir de anúncios nos periódicos Correio Mercantil, Diário do Rio de Janeiro, Jornal do Commercio e O Chronista. Ver Apêndice II deste trabalho.

Francisco Carlos de Vasconcellos, Francisco Saturnino Veiga, João Pedro da Veiga, J. C. Guimarães, Vera Cruz e Comp. Moreira, Eduardo e Henrique Laemmert, J. Villeneuve, Albino Jordão (Albin Jordin), são alguns dos poucos nomes de lojas identificadas. Este último foi particularmente ativo na comercialização da Bíblia, e se enquadra numa geração de livreiros franceses bastante atuantes no Rio de Janeiro da época.

Por volta de 1820, comerciantes franceses passaram a instalar novos estabelecimentos de vários ramos e produtos na capital, abrindo caminho entre ingleses e, principalmente,

portugueses, que dominavam o mercado livreiro local. Seu modo mais sofisticado de comercializar modernizou as lojas do Rio de Janeiro e desbancou gradativamente a supremacia lusa, e não apenas nas livrarias. Como observou Ubiratan Machado, “a vitrine – que os cariocas chamam de vidraça – começa a substituir os armarinhos.”¹⁵⁰ Muitos franceses vinham ao Brasil com o intuito de fazer fortuna e retornar a seu país natal, às vezes fugindo temporariamente da instabilidade política da Europa desde a queda de Napoleão (1814).

Seguindo os moldes do século anterior, as livrarias das primeiras décadas do Oitocentos também comercializavam artigos alheios ao livro para se sustentar: papelaria, novidades para presentes, porcelana, chá, cera, secos e molhados.¹⁵¹ Por outro lado, estabelecimentos comerciais de outros ramos, como boticas, lojas de ferragens e de fazendas, também comercializam livros em pequena quantidade, atividade que “nem ajuda e nem atrapalha a venda [...] pelas livrarias.”¹⁵² Não por acaso um livreiro anunciava, em 1825, uma Bíblia junto a outros produtos impensáveis aos olhos de hoje:

Na rua Direita N. 40, se continua a vender os verdadeiros vidros de Balsamo Gratia Porbatum excelente medicamento para retenções de orinas pedras &c. igualmente a Santa Biblia traduzida pelo Padre Antonio Pereira de Figueredo, o Novo Testamento, ha tambem um escravo proprio para pagem, o qual cosinha o ordinario de huma casa.¹⁵³

O mais antigo registro de venda das Escrituras que encontramos na cidade, entretanto, pertence ao ano de 1819 e está anunciado na *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro jornal impresso do Brasil. Trata-se da terceira edição bilíngue (latim e português) em 7 volumes da versão Figueiredo, vendida na própria Loja da Gazeta a 4\$800 por volume unitário, e 28\$000 pelos primeiros 6 tomos.¹⁵⁴ Vale recordar que a obra terminou de ser publicada em Lisboa no mesmo ano de 1819, e seu último volume já havia chegado no Rio de Janeiro um ano depois: “Na loja da Gazeta se acha o tomo 7º da Biblia do Padre Antonio Pereira, que completa a obra, por 6:400.”¹⁵⁵

Não apenas a Gazeta estava disponibilizando a versão mais recente, mas também outros estabelecimentos: “Na loja de J. C. Guimarães, rua do Sabão N.º. 12 [vende-se a]

¹⁵⁰ MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 38.

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 37.

¹⁵² *Ibidem*, p. 50.

¹⁵³ *Diário do Rio de Janeiro*, 09/03/1825, n. 8, p. 29, col. 2.

¹⁵⁴ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 16/01/1819, n. 5, p. 4.

¹⁵⁵ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 12/01/1820, n. 4, p. 4.

Bíblia do Padre Pereira, latim e portuguez, 34:000”¹⁵⁶; “na rua dos Pescadores N. 46 [vende-se] Huma Bíblia sagrada em Portuguez, do Padre Antonio Pereira, ultima edição com o texto ao lado, 4.º, 7 vol. com estampas, e nova pelo preço de Lisboa 25\$600.”¹⁵⁷

A versão da Bíblia de José Maria Sarmiento também chegou à cidade, porém de forma muito limitada, a julgar pelos dois únicos anúncios que encontramos: “Na portaria de N. Senhora do Patrocinio ás Marrecas se vendem os livros seguintes, Bíblia do Padre Sarmiento 32\$000, – dita abreviada 4\$160”¹⁵⁸ e também “Na loja de Francisco Luiz Saturnino Veiga, na rua da Alfandega N.º 395, ha de venda [...] Bíblia Sagrada traduzida em Portuguez, por Sarmiento 44 vol. de 4º.”¹⁵⁹

A grande maioria dos periódicos faz referência às versões de Figueiredo, sejam elas católicas ou mesmo das Sociedades Bíblicas. Para algumas destas, há anúncios de teor fortemente moral e religioso, que podemos associar a um trabalho missionário já em curso no Rio de Janeiro. Nesses casos, o caráter evangelizador em muito extrapola a função publicitária livreira:

A SANTA BIBLIA, Contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Impresso em Londres, de muito bom typo, e muito bem encadernados, se acha á venda na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4U rs. Esta grande e abençoada fonte de luz e de sabedoria, não deixa de ser muito recommendavel, para seria leitura de todo o povo brasileiro, porque é hoje o livro de mais aceitação, e de mais meditação em todas as nações civilizadas, e a nação que o tem mais abraçado e adoptado para baze de sua instrucção, é hoje a nação mais abençoada no mundo, e aquellas nações que estão seguindo o mesmo exemplo, também se estão aproximando para o mesmo gráo de sabedoria e moral; para recommendar este livro ao povo fluminense que felizmente goza a liberdade de poder examinar as escripturas sagradas, e julgar cada um para si, não é necessário aqui mostrar senão as proprias palavras do Psalmista David Salmo 1:8, verso 130, 131, e 132. – Os teos testemunhos são admiraveis, por isso a minha alma procurou ter d'elles um pleno conhecimento. A explicação de taes palavras allumia, e ella dá intelligencia aos pequeninos. Eu abri a minha boca, e atrahi o espirito porque eu dezejava os teos mandamentos; e tambem as palavras de S. Lucas, cap. 12, verso 2. – Porque nenhuma cousa há occulta, que não venha a descobrir-se, e nenhuma há escondida, que não venha a saber-se. N. B. tambem se achão à venda na livraria da rua da Quitanda n. 77.¹⁶⁰

¹⁵⁶ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 15/01/1820, n. 5, p. 4.

¹⁵⁷ *Gazeta do Rio de Janeiro*, 22/03/1822, n. 18, p. 68, col. 1.

¹⁵⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, 30/06/1821, n. 27, p. 193.

¹⁵⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 28/02/1822, n. 23, p. 92, col. 1.

¹⁶⁰ *Diário do Rio de Janeiro*, 26/09/1838, n. 215, ano XVII, [p. 2], col. 3.

A julgar pela data (1838), é possível que o texto seja de autoria dos missionários protestantes Daniel Parish Kidder ou Justus Spaulding, que atuaram no Rio de Janeiro do período e costumavam valer-se da imprensa local para seu trabalho. Entretanto, não encontramos elementos suficientes para confirmar tal hipótese; não conseguimos tampouco identificar o livreiro da Rua Direita n. 115, porém, sabemos que a loja da Rua da Quitanda n. 77 pertencia à livraria dos irmãos protestantes Henrique e Eduardo Laemmert.¹⁶¹

Não se limitando a indicar a venda, o anúncio se vale da própria Bíblia ao citar versículos para incentivar sua leitura. Um forte viés eurocêntrico pode ser percebido em sua definição da Bíblia como “o livro de mais aceitação, e de mais meditação em todas as nações civilizadas”, atribuindo o domínio político e econômico ao “gráo de sabedoria e moral”.

Com algumas variações, os dois referidos endereços reproduziram o mesmo tipo de anúncio nos anos finais da década de 1830. A referência aos países “abençoados” pela leitura da Bíblia permanecia, e às vezes com insinuações mais precisas: “N. B. Estes livros [Bíblia e Novo Testamento] usão-se muito nas escolas em Inglaterra.”¹⁶²

Podemos observar que o exemplar vendido no anúncio corresponde à versão de Antonio Pereira de Figueiredo, na edição patrocinada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. O preço de 4\$000 em muito contrasta com o das edições católicas, de muitos exemplares, cheias de aparatos ao texto e, conseqüentemente, preço elevado. O Novo Testamento da mesma obra e na mesma loja chegava a 1\$000.¹⁶³

Porções isoladas como o Novo Testamento também eram ofertadas por alguns livreiros, mas muito pouco frequentes nos anúncios; edições de livros bíblicos específicos, como Salmos e Provérbios, são ainda mais incomuns; também encontramos Bíblias em outros idiomas, porém apenas em latim, francês, inglês, espanhol e alemão.

¹⁶¹ O nome dos livreiros é citado em outro anúncio do mesmo período: “Acham-se em casa de Eduardo Laemmert na rua da Quitanda n. 77, [...] A SANTA BIBLIA, contendo o velho e o novo testamento. Traduzidos em portuguez segundo a vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Edição original de Londres, com bella encadernação ingleza, preço 4\$000 [...]”. *O Chronista*, 20/09/1838, n. 232, p. 928, col. 3. Sobre a trajetória dos Laemmert no Brasil, veja-se HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 249-274.

¹⁶² *Jornal do Commercio*, 22/05/1837, n. 112, ano XI, p. 4, col. 2.

¹⁶³ “Vende-se na rua Direita n. 115, a Santa Biblia (Escriptura Sagrada) por 4\$ rs.; e tambem o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, por 1\$ rs.: estes livros são tradusidos do vulgar, no idioma Portuguez, pelo Reverendo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que foi Capellão de D. João 5.º, e Professor da Cadeira da Universidade de Coimbra: este bom homem gastou quasi toda a sua vida em tradusir estes livros muito exactos, e hoje achão-se á venda por tão barato preço”. *Diário do Rio de Janeiro*, 15/11/1837, n. 12, [p. 1], col. 3.

O livreiro francês Albino Jordão (ou Albin Jordin), dono da Casa do Livro Azul, apostou numa variedade de Bíblias incomum para o que observamos em outras lojas do Rio, que via de regra anunciavam apenas um ou dois exemplares das Escrituras. Sua oferta tão diversificada é única diante de outros anunciantes:

Livros em portuguez. Biblia de Almeida, 2U560; Novo testamento de Jezus Christo, por A. Pereira, 800 [...] Psalmos de David pelo padre Caldas, 1U [...] Proverbios de Salomão em parafrase, 1U; Os livros dos Psalmos, proverbios &c., 1U; Livro dos Psalmos ou Salterio, por A. Pereira, 2 vol., 2U [...] Vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro azul.¹⁶⁴

Vemos que Jordão recorreu a edições parciais e de baixo custo, sem restringir-se apenas às traduções católicas consagradas: as versões de Figueiredo, Almeida, Sousa Caldas e Silva Rego estão presentes em seu fragmento de catálogo anunciado.

Sabemos que a tradução de João Ferreira de Almeida estava sendo impressa exclusivamente pelas Sociedades Bíblicas no século XIX. Poucas delas, no entanto, eram anunciadas pelos livreiros do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do Oitocentos; tampouco parecem ter sido muito utilizadas pelos missionários na cidade de então, pois os anúncios destes sempre referenciam a versão de Figueiredo. Em se tratando de um país católico, podemos supor que era mais sensato aos distribuidores de Bíblias recorrer a uma versão de cuja tradição seu leitor tivesse mais afinidade.

Os periódicos mostram não apenas as ofertas livreiras da cidade, mas também as demandas de alguns leitores. Em algumas seções aparecem anúncios de interesse de compra de pessoas não identificadas; elas registram a obra que lhes interessa e deixam seu endereço para tratar com eventuais ofertantes, ou então pedem para que estes lhes anunciem no próprio jornal.

¹⁶⁴ *Diario do Rio de Janeiro*, 03/03/1838, n. 50, ano XVII, [p. 2], col. 3.

Quadro 17: Demanda de Bíblias em anúncios no Rio de Janeiro (1822-1839)

EXEMPLAR	ENDEREÇO DO INTERESSADO	DATA DO ANÚNCIO
Bíblia de Saci, com o texto latino à margem	Rua das Violas, 54	10/07/1822
Bíblia de Saci, edição de Bruxelas de 1723, tomos 35, 36, 39, 40	Rua do Rosário, 67	17/04/1823
Bíblia Sagrada, obra de Montpellier	-	03/02/1824
Bíblia de Saci, edição de Bruxelas de 1723, tomos 35, 36, 39, 40	Rua dos Pescadores, 49	04/11/1824
Bíblia traduzida por Figueiredo, impressa em Londres	Praça do Rocio, 4	15/12/1824
Bíblia em volume único	-	05/09/1825
Bíblia traduzida por Figueiredo, edição em 7 vols., ou edição em 23 vols.	Rua da Quitanda, 202	15/07/1826
Santa Bíblia	-	30/08/1826
Bíblia traduzida por Sarmento	Rua do Conde, 26	27/01/1827
Bíblia em latim	Rua da Alfândega, 279	05/03/1827
Bíblia em latim, edição de Paris in-4°	Rua dos Ferradores, 279	20/03/1827
Bíblia em português	-	29/08/1827
Bíblia	-	17/07/1828
Bíblia em português ou francês	Rua Direita, 57	12/05/1835
Bíblia em pequeno formato, em latim ou em latim e português, francês ou inglês	-	05 e 19/10/1835
Bíblia traduzida por Figueiredo, edição em 7 vols.	Rua do Hospício, 330	02, 03 e 08/11/1836
Bíblia traduzida por Figueiredo, edição em 7 vols.	Rua Direita, 12	05/10/1838
Bíblia traduzida por Figueiredo, com notas	Rua da Alfândega, 310	26/10/1838
Bíblia em latim em pequeno formato; Salmos em latim	-	15/01/1839

Quadro elaborado a partir de anúncios nos periódicos Diário do Rio de Janeiro, Diário Mercantil e Jornal do Commercio. Ver Apêndice III deste trabalho.

Ao todo, são 19 anúncios de interesse de compra, que não sabemos se foram ou não atendidos. Não conseguimos também identificar os anunciantes e compreender suas possíveis expectativas com as aquisições. Com exceção de um pedido para a versão de Sarmento e

outros que não especificam tradutor, as Bíblias em português mais solicitadas são as de Figueiredo, sempre em edições católicas com notas. Outros idiomas vêm a se juntar à lista: latim, francês e inglês, sendo as duas primeiras mais recorrentes.

Para além das demandas dos cidadãos do Rio, há também nos periódicos referências a Bíblias para arremate com leiloeiros locais: Frederico Guilherme, J. J. Dodsworth, A. Lawrie, Feraudy e Augusto Deshays.

Quadro 18: Leilões de Bíblias no Rio de Janeiro (1837-1847)

OBRA	CASA DE LEILÃO/LOCAL	DATA DO LEILÃO
Bíblia em latim	Frederico Guilherme [Rua do Ouvidor, 88]	21/03/1837
Bíblia sacra, 1 vol.	J. J. Dodsworth [Rua da Alfândega, 28]	10/08/1838
Bíblia em 23 vols. [Figueiredo]	A. Lawrie [Rua Direita, 6]	11/09/1838
Bíblia Sagrada	Residência do Ministro da Rússia [Praia do Flamengo, 40]	28/06/1842
Bíblia em grego, hebraico e armênio [sic]	Frederico Guilherme [casa de Carlos Tanière, Rua do Ouvidor, 84]	01/08/1843
Bíblia sacra Vulgatae, 2 vols. in-folio com gravuras	Feraudy [Rua do Ouvidor, 106]	20/06/1845
Bíblia segundo da Vulgata, de Du Homet, 3 vols. in-4º	Feraudy [Rua do Ouvidor, 106]	11/07/1845
Bíblia do padre A. P. Figueiredo	Augusto Deshays [Rua de São Pedro, 90]	05/06/1846
Bíblia em francês, com 250 gravuras	J. J. Dodsworth [Rua da Alfândega, 28]	15/06/1846
Bíblia de Adam Clarke	Frederico Guilherme [casa de Carlos Tanière, Rua do Ouvidor, 84]	30/03/1847
Bíblia Sagrada segundo a Vulgata, 7 vols. [Figueiredo]	J. J. Dodsworth [Rua da Alfândega, 28]	05/11/1847

Quadro elaborado a partir de anúncios nos periódicos Diário do Rio de Janeiro e Jornal do Commercio. Ver Apêndice IV deste trabalho.

Os dados referem-se não a leilões exclusivos de Bíblias, mas sim a diversos itens, dentre os quais as Escrituras. Em que pese o recorte de classe – pois são obras de valor, muitas vezes oriundas de camadas mais abastadas da sociedade e a elas destinadas –, esses anúncios podem nos dar uma pequena amostra da posse da Bíblia por parte das classes mais altas. Se dividirmos os 11 itens por idioma, teremos 3 Bíblias na tradução de Figueiredo em edições católicas, 3 em latim, 2 em francês, 1 em inglês, 1 poliglota, e 1 sem identificação.

Os números dessa breve categorização por língua em muito se aproxima da demanda por Bíblias, anteriormente exposta: a preferência pela versão Figueiredo é atestada, assim como pelas versões em francês e latim. Em certo sentido, esse interesse reflete a cultura já consolidada no Rio de Janeiro, majoritariamente católica, ao mesmo tempo de marcada influência francesa, e com alguma aproximação inglesa.

Com todos esses elementos, podemos afirmar que a despeito do trabalho missionário protestante no Brasil do século XIX, já havia uma oferta de Bíblias consolidada pelos livreiros da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do Oitocentos. As lojas traziam principalmente edições católicas, sendo a tradução de Antonio Pereira de Figueiredo a mais anunciada. Ainda assim, é forçoso reconhecer que as edições das Sociedades Bíblicas tinham preço significativamente mais baixo, e com isso cumpriam sua função evangelizadora. Essa diversidade de mediações e suportes por parte dos missionários, como ainda veremos, não se deu sem conflitos e disputas.

CAPÍTULO 2

A Palavra Mutilada: Disputas em Torno da Difusão de Bíblias

*Sejam riscados do livro dos vivos;
e com os justos não sejam escritos.*

Salmo 69:29, trad. Antonio Pereira de Figueiredo

A maior parte das edições protestantes da Bíblia em português no século XIX – senão toda a sua produção – estava centralizada nas mãos das Sociedades Bíblicas Britânica e Americana. Duas características marcantes formavam esses exemplares: primeiro, a ausência de comentários ou notas junto ao texto sagrado; segundo, a exclusão dos livros chamados “deuterocanônicos” das Escrituras, que tradicionalmente distinguem as versões protestantes das católicas.¹⁶⁵

Ao longo de boa parte do século XIX, o Brasil se viu palco de polêmicas envolvendo a difusão dessas Bíblias por missionários protestantes estrangeiros e a reação de padres católicos à sua atividade. Essas questões, embora pequenas e pontuais, esbarram no tema da própria inserção e afirmação do Protestantismo de caráter missionário no país, como também na postura reativa gradativamente assumida por parte do Catolicismo do período.

As edições católicas da Bíblia em português não apenas eram escassas à época, como também passavam por um crivo mais rigoroso das autoridades religiosas através de elementos do próprio livro, como prefácios, notas e comentários, sempre devidamente aprovados. Colocadas em meio a essa disputa, os exemplares das Sociedades Bíblicas tanto auxiliaram os missionários protestantes como foram alvo de ataques de algumas autoridades católicas, que questionavam sua legitimidade e autenticidade.

2.1 Ações missionárias protestantes no Brasil

O Tratado de Comércio e Navegação, firmado entre a Corte portuguesa instalada no Rio de Janeiro e a Coroa britânica em 1810, “abriu a primeira brecha na muralha levantada

¹⁶⁵ Por “deuterocanônico” entende-se o conjunto de livros bíblicos “não aceito no cânon pelos judeus e protestantes, mas sim pelos católicos e pelos cristãos ortodoxos”. São eles: Tobias, Judite, I e II Macabeus, Sabedoria, Eclesiástico e Baruque. KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 244.

em torno de nosso sistema religioso, até então impenetrável ao Protestantismo.”¹⁶⁶ Com essa medida, o Brasil passou a gradativamente receber estrangeiros, dentre os quais alguns missionários protestantes interessados em difundir sua fé no país.

O trabalho evangelizador foi auxiliado pelas chamadas Sociedades Bíblicas, que promoviam edições das Escrituras em vários idiomas e as distribuíam mundo afora através de seus agentes. Dentre as instituições do gênero que floresceram em vários países no século XIX, as de origem inglesa e americana tiveram um papel de extrema importância na produção de Bíblias em português.

2.1.1 As Sociedades Bíblicas Britânica e Americana

A ideia de uma instituição empenhada exclusivamente na impressão e difusão de Bíblias tomou corpo em 1710 com a fundação do *Cansteinsche Bibelanstalt* (Instituto Bíblico Canstein), na cidade alemã de Halle. O projeto foi organizado pelos pietistas da Universidade local, e tinha por objetivo imprimir e vender Bíblias a baixo custo por toda a região da Alemanha.¹⁶⁷ Essa primeira iniciativa teve um alcance limitado, que só foi superado um século depois por seus vizinhos ingleses.

Desde fins do século XVIII, igrejas protestantes da Inglaterra passavam por um “avivamento” (*revival*), movimento caracterizado pelo retorno às doutrinas da Reforma e, principalmente, por um chamado à ação de anunciar o Evangelho na Europa e também no mundo.¹⁶⁸ Como parte dessa conjuntura, foi fundada em 7 de março de 1804 a *British and Foreign Bible Society* (Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, doravante BFBS).¹⁶⁹

O principal objetivo da Sociedade era difundir o texto das Escrituras nas mais diversas línguas e traduções, sem notas ou comentários. Além de enviar agentes encarregados de vender e distribuir Bíblias por vários países, a BFBS também organizava pequenos depósitos nas suas regiões de ação, e aceitava a colaboração de membros locais para seu

¹⁶⁶ RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil monárquico: aspectos culturais da aceitação do Protestantismo no Brasil (1822-1888)*. São Paulo: Pioneira, 1973, p. 16.

¹⁶⁷ ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p. 188-189.

¹⁶⁸ ENCREVÉ, André. “Bible et sociétés bibliques dans le protestantisme français”. In: SAVART, Claude; ALETTI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 118.

¹⁶⁹ MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006, p. 202.

trabalho. Dessa forma, o grupo estabeleceu uma verdadeira rede de distribuição internacional das Escrituras, de proporções então nunca vistas.

Não há dúvida de que a BFBS em muito se beneficiou da expansão do Império Britânico e dos desenvolvimentos tecnológicos no período: ela conseguiu atingir um sem número de países do globo, com Bíblias traduzidas para os mais diversos idiomas e publicadas nos mais variados formatos, constituindo assim – juntamente com as outras Sociedades Bíblicas que surgiram – uma verdadeira indústria editorial.¹⁷⁰

Desde seus primórdios, a Sociedade se assentou numa base interdenominacional, o que se deve tanto à variedade religiosa de seus membros, como também à proposta de simplesmente expandir e intensificar a publicação de Bíblias, não se restringindo a qualquer profissão de fé específica. A BFBS “reage desde bem cedo a uma tentação evangelizadora ou catequética *tout court*, concentrando-se no objetivo de produzir e distribuir a Bíblia e, sempre que necessário, iniciar novas traduções ou rever as existentes.”¹⁷¹

Mesmo partindo de uma proposta bastante clara e definida, a promulgação das Escrituras acabou associando o grupo à uma cultura protestante de caráter principalmente missionário: “tanto do lado católico a Sociedade Bíblica era conotada com a missão protestante, como as comunidades e agências missionárias protestantes a percebiam como parte da dinâmica de implantação nacional.”¹⁷²

Cumprir observar, portanto, que “contrariamente ao que creem alguns, eles [os membros das Sociedades Bíblicas] não têm por missão tentar obter conversões”, embora seu trabalho possuísse um caráter ministerial e o próprio engajamento missionário mobilizasse alguns deles.¹⁷³ A própria materialidade dos volumes publicados pela BFBS – sem comentários, prefácios ou notas – já demonstra em parte seu intento de servir às mais variadas denominações, deixando a responsabilidade pastoral e teológica a cada igreja ou pastor. Ocorre que, em muitos casos, os próprios agentes atuavam também como missionários, prática recorrente que de modo algum incomodava as Sociedades.¹⁷⁴

¹⁷⁰ GREENSLADE, S. L. (ed.). *The Cambridge History of the Bible: the West from the Reformation to the present day*, vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 383-407.

¹⁷¹ CAVACO, Timóteo. “Bíblia, cultura, sociedade no Portugal contemporâneo: o contributo discreto e persistente da Sociedade Bíblica”. *Didaskalia*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, v. XLIV, fasc. 1, p. 160, 2014.

¹⁷² *Ibidem*, p. 163, nota 14.

¹⁷³ ENCREVÉ, *Op. cit.*, p. 127, tradução nossa.

¹⁷⁴ O trabalho missionário usualmente foi centralizado na Bíblia, e essa relação pode ser entendida em três sentidos: o missionarismo tem como fonte de inspiração as próprias Escrituras; ele é também a base do trabalho da Igreja; por fim, o missionarismo é um significado do evangelismo *per se*. GREENSLADE, *Op. cit.*, p. 383.

Outra Sociedade Bíblica importante, a *American Bible Society* (Sociedade Americana da Bíblia, doravante ABS), foi fundada nos Estados Unidos em 8 de maio de 1816, com sede em Nova York.¹⁷⁵ A organização possuía estatuto e organograma próprios, mas tinha os mesmos projetos de sua congênere britânica: em sua Constituição figura como primeira cláusula o “único objetivo” de “encorajar a circulação mais ampla das Sagradas Escrituras, sem notas ou comentários.” A vocação internacional e colaborativa da instituição já estava dada desde o início: “todas as Sociedades Bíblicas podem comprar, a preço de custo desta Sociedade, Bíblias para distribuição em seus próprios distritos.”¹⁷⁶

Juntas, as duas Sociedades Bíblicas foram responsáveis pelo maior número de edições da Bíblia em língua portuguesa já publicado, e também pela mais importante rede de distribuição das Escrituras no Brasil. O trabalho das duas instituições no país se deu particularmente através do trabalho evangelizador de estrangeiros que, para além de suas funções religiosas, empenhavam-se em também distribuir Bíblias.

2.1.2 A distribuição de Bíblias no Rio de Janeiro

Como vimos, a história da difusão da Bíblia no Brasil confunde-se com a do próprio Protestantismo no país, já que essas atividades criavam uma espécie de interdependência. Vários membros vinculados à BFBS e ABS passaram por diversas regiões do Império, mas poucos deixaram registros completos e precisos sobre sua atuação; quando muito, tais informações permanecem de difícil acesso.¹⁷⁷

Os missionários, via de regra, valiam-se de três métodos para realizar seu trabalho: primeiro, a distribuição de Bíblias (principalmente Evangelhos) realizada por eles próprios; o emprego de agentes e representantes das Sociedades Bíblicas (“colportagem”); finalmente, o

¹⁷⁵ “Formation of the American Bible Society”. In: *ANNUAL Reports of the American Bible Society*, vol. I. Nova York: Daniel Fanshaw, 1838, p. 5, tradução nossa.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 10, tradução nossa.

¹⁷⁷ Ellen de Souza Bonfim, por exemplo, se valeu de um conjunto inédito de correspondências entre 14 membros da BFBS que atuaram no Brasil entre 1818 e 1839, em sua maioria no Rio de Janeiro. A autora nos revela, através de suas fontes, alguns nomes que escaparam à memória Protestante brasileira, sem que saibamos se foram apenas distribuidores ou também missionários: John Rudge, G. J. Standfast, Edmund Pink, Fowles, Stewart Kerr, John Jackson, Wilhelm Von Theremin, James Thornton, George Harvey e Arthur Maister no Rio de Janeiro; G. A. Carruthers e Edward Rivers Fletcher, em Pernambuco; S. R. Macky no Rio de Janeiro e em Pernambuco; e Edward George Parker, na Bahia. BONFIM, Ellen de Souza. *A Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira e a difusão de Bíblias no Brasil (1818-1839)*. Aracaju, 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Diretoria de Pesquisa e Extensão, Universidade Tiradentes, p. 31.

incentivo à “colportagem voluntária”, realizada geralmente por nativos dos países visitados pelos missionários.¹⁷⁸

A princípio, os livros não deveriam ser apenas distribuídos gratuitamente, no entanto, pela política da instituição, nenhum indivíduo deveria ser impedido de obter as Escrituras por falta de dinheiro. Dessa forma, a alternativa encontrada pelas Sociedades Bíblicas foi a de fixar preços de acordo com uma média do quanto os cidadãos nativos poderiam pagar, calculada pelos próprios agentes e representantes em serviço. Descontos poderiam também ser concedidos pelos agentes, além destes por vezes trazerem consigo exemplares da Bíblia para distribuição gratuita.

Quadro 19: Distribuidores das Sociedades Bíblicas atuantes no Brasil do século XIX

DISTRIBUIDOR	LOCAL DE ATUAÇÃO	PATROCINADOR
Ashbel Green Simonton	RJ	ABS
Daniel Parish Kidder	RJ	ABS
E. R. Fletcher	PE	BFBS
E. W. Searle	RJ	BFBS
Hugh Terence Tucker	RJ	ABS
James Cooley Fletcher	RJ	ABS
James Thornton	RJ	BFBS
João M. G. dos Santos	RJ	BFBS
José de Carvalho	RJ	BFBS
Karl Leopold Voges	RS	BFBS
Obadiah M. Johnson	RJ	ABS
P. Edgar	RS	BFBS
Richard Corfield	RJ	BFBS
Richard Holden	BA, PA, RJ	ABS, BFBS
Robert Landel	RS	BFBS
Robert Nesbit	PA	ABS

¹⁷⁸ GREENSLADE, *Op. cit.*, p. 399.

S. R. Mackay	RJ	BFBS
William Campbell Brown	RJ	ABS
William Torrey	SC	ABS

Quadro elaborado a partir de levantamento de GIRALDI, Luz Antonio. A Bíblia no Brasil Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 332.

Entre os primeiros agentes envolvidos na difusão de Bíblias no Brasil pelas Sociedades americana e britânica, os estadunidenses Daniel Parish Kidder, James Cooley Fletcher e Ashbel Green Simonton foram os únicos a deixar relatos de viagem e memórias de sua atividade evangelizadora, até onde pudemos averiguar. Para além deles, o pastor escocês Robert Reid Kalley também recebeu uma biografia detalhando o papel dos distribuidores.¹⁷⁹

Como sugere Émile Léonard, as Sociedades Bíblicas inicialmente encaminhavam exemplares das Escrituras a comerciantes de seus países, e por vezes deixavam caixas nas Alfândegas para serem retirados. No Brasil, esse quadro mudou com a vinda dos metodistas norte-americanos ao Rio de Janeiro, na década de 1830.¹⁸⁰

Fountain Elliot Pitts foi pioneiro de uma série de missionários que rumaram ao Brasil. Sua vinda é resultado de discussões da Conferência Geral da Sociedade Missionária da Igreja Metodista Episcopal dos Estados Unidos, realizada no ano de 1832, a qual autorizou o envio de membros para estudar a viabilidade de trabalhos missionários na América do Sul. Pitts, como membro da Conferência Anual do Estado do Tennessee, aceitou a proposta e desembarcou no Rio de Janeiro em 1835. Inicialmente, seu trabalho consistiu em fazer pregações em casas particulares, tendo conseguido formar um pequeno grupo metodista, antes de seguir viagem para o Uruguai.¹⁸¹

Em carta enviada ao secretário da Sociedade Missionária, datada de 2 de setembro de 1835, Pitts avaliava positivamente trabalhos missionários futuros no país, considerando que “os privilégios religiosos permitidos pelo governo do Brasil são muito mais tolerantes do que

¹⁷⁹ Citemos ainda o relato originalmente publicado em 1923 de GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. São Paulo: Igreja Cristã Evangélica, 2018.

¹⁸⁰ LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3ª ed. rev. São Paulo: ASTE, 2002, p. 40.

¹⁸¹ GIRALDI, Luiz Antonio. *Semeadores da Palavra: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015, p. 29.

eu esperava encontrar em um país católico”, e que “há uma grande procura de Bíblias em português neste país.”¹⁸²

Como corolário às considerações de Pitts, a Conferência Anual de 1836 enviou ao Rio de Janeiro, no mesmo ano, o reverendo Justus Parish Spaulding como seu primeiro missionário. Além do trabalho pioneiro de distribuição de Bíblias e folhetos na Corte brasileira, Spaulding, alojado na Rua do Catete, ensinava crianças, mantinha uma escola dominical, e presidia cultos como capelão.

Daniel Parish Kidder (1815-1891), pastor metodista norte-americano, veio ao Brasil em 1837, como primeiro representante da Sociedade Bíblica Americana no país.¹⁸³ Trabalhou em conjunto com Spaulding e, embora tenha se instalado no Rio de Janeiro, realizou viagens também às províncias de São Paulo, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, nas quais trabalhou ativamente na distribuição de Bíblias. Com a morte da esposa, em 1840, Kidder retornou aos Estados Unidos, onde permaneceu como pastor na Igreja Metodista, secretário das Escolas Dominicais e, posteriormente, professor de teologia.¹⁸⁴

A ABS avaliou muito positivamente a atuação de seu representante no Rio de Janeiro, principalmente pelo bom acolhimento da população às Escrituras distribuídas:

Várias comunicações interessantes foram recebidas dos missionários episcopais metodistas do Brasil. O grande suprimento de Escrituras em português que lhes foi enviado foi, em grande parte, colocado em circulação. O Rev. Sr. Kidder, em uma longa viagem à parte norte do império, pôde dispor Testamentos ocasionalmente nas livrarias e sem oposição. Vários dos eclesiásticos foram favoráveis à sua distribuição e um deles deu-lhe vinte dólares para torná-lo membro da American Bible Society. Da parte do sacerdócio papal [*papal priesthood*], entretanto, eles encontram oposição. Os leigos, como é o caso em todos os países, não fazem oposição até que sejam liderados por seus guias espirituais.¹⁸⁵

Com a volta de Kidder aos Estados Unidos, a ABS procurou enviar um novo representante para ocupar seu posto, trabalho que foi assumido por James Cooley Fletcher (1823-1901) entre 1854 e 1856. Os dois missionários se conheceram em seu próprio país, e a influência de Kidder foi de extrema importância para a decisão de seu colega em partir para o

¹⁸² REILY, Duncan A. *História Documental do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1984, p. 81 *apud* GIRALDI, *Op. cit.*, p. 29-30.

¹⁸³ GIRALDI, *Op. cit.*, p. 33.

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 39.

¹⁸⁵ *ANNUAL Reports of the American Bible Society, Op. cit.*, p. 48, tradução nossa.

Brasil. Fletcher já havia desembarcado no Rio de Janeiro em 1851 como agente da União Cristã Americana e Estrangeira e da Sociedade Americana dos Amigos Marinheiros, mas foi apenas em 1854 que aceitou o convite da Sociedade Bíblica.¹⁸⁶

Desde a década de 1830, entidades como a *American Seamen's Friend Society* já atuavam isoladamente no Rio de Janeiro com a distribuição de Bíblias. Em 1836, o jovem ministro recém-ordenado Obadiah M. Johnson foi nomeado o primeiro capelão dos marinheiros americanos na cidade, ali permanecendo até 1838, quando uma crise financeira da Sociedade o obrigou a retornar a seu país, como também alguns outros membros. Entre este ano e 1842, o trabalho de capelania foi assumido voluntariamente pelos missionários Kidder e Spaulding. Com a saída de ambos do Brasil, em 1840 e 1842, respectivamente, tentativas frustradas de organização foram realizadas pelos dez anos seguintes, até que Fletcher assumisse efetivamente as funções, em 1851.

As tarefas de Fletcher como capelão se destinavam especialmente aos marinheiros americanos, ingleses e alemães que passavam pelos portos do Rio.¹⁸⁷ No entanto, como aponta David Gueiros Vieira, o reverendo logo constatou que “seu dever e sua responsabilidade não eram apenas ser pastor dos marinheiros e dos americanos residentes no Rio”, pois “fora nomeado também como missionário para o Brasil e, como tal, sentia-se especialmente ‘responsável’ pela evangelização dos brasileiros”, trabalho que se definia em “converter o Brasil ao protestantismo e ao ‘progresso’”. Além disso, afirma Gueiros: “para ele, o Protestantismo equalizava-se ao desenvolvimento econômico, científico e tecnológico”.

188

De forma análoga, entre os protestantes como um todo nas primeiras décadas do século XIX, “a vitória das nações protestantes, Inglaterra e Prússia, em 1815, dava, em todo mundo branco, uma nuance de filo-protestantismo: com a constituição à inglesa, era a religião inglesa que parecia, então, a mais própria dos ‘evoluídos’”.¹⁸⁹

O argumento persiste ainda na segunda metade do século, como mostra um artigo da *Imprensa Evangelica*, principal veículo protestante no Brasil da época:

¹⁸⁶ GIRALDI, *Op. cit.*, p. 39.

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 42-43.

¹⁸⁸ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980, p. 63.

¹⁸⁹ LÉONARD, *Op. cit.*, p. 40.

Como a família europèa, christã, exerce uma influencia superior sobre as demais raças, a sua obra devia ser magnifica. Seu grande codigo, seu livro de ouro, é o livro por excellencia, a Biblia Sagrada, na qual ainda mesmo os mais incredulos se acham obrigados a reconhecer alguma coisa de divino.¹⁹⁰

Além de terem sido dois dos primeiros missionários a atuarem no Brasil como representantes da ABS, Kidder e Fletcher deixaram relatos de viagem de grande valor documental sobre sua passagem pelo país. As *Reminiscências de Viagem ao Brasil* são obra escrita unicamente por Kidder e publicada em 1845;¹⁹¹ já *O Brasil e os brasileiros* (1857) é resultado de uma parceria entre os dois autores, que muito se valeu do primeiro relato.¹⁹² Embora ambos tratem de descrever vários aspectos e costumes dos lugares visitados – seguindo os moldes dos relatos de viagem da época –, nesses textos encontram-se alguns comentários sobre seu trabalho como distribuidores da Bíblia no Brasil.

Kidder, por exemplo, apontou tentativas de distribuição de Bíblias no país antes mesmo de seu trabalho missionário:

Até então jamais se haviam feito esforços sistemáticos para uma larga divulgação da Bíblia nesse vasto e interessante país. Em épocas anteriores, diversas centenas de exemplares da Bíblia e do Novo Testamento, impressos pelas sociedades bíblicas inglesa e norte-americana, haviam sido introduzidos no Brasil por intermédio de viajantes comerciais e, em alguns casos, grande foi o interesse manifestado pela sua divulgação, conquanto, num sentido geral, pouco esforço se tenha despendido nesse sentido. Apesar de tudo, pode-se com segurança concluir que o número de exemplares do Livro Sagrado posto nas mãos do povo foi maior então do que em qualquer ocasião. De fato, conquanto a Bíblia não tenha sido proibida no Brasil, uma vez dentro das recomendações da Igreja Romana, mesmo assim era completamente desconhecida em vernáculo, por não se haver o clero esforçado em divulgá-la. Quantos exemplares da *Vulgata* latina existiriam nas bibliotecas dos mosteiros e sacerdotes não o podemos saber, mas, sem dúvida, seriam em maior número que os de uso constante.¹⁹³

A percepção de uma ausência de Bíblias na língua vernácula entusiasmou seu trabalho, que foi descrito como bem-sucedido: “nas casas das missões, muitos exemplares são

¹⁹⁰ *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, 06/03/1869, vol. V, n. 5, p. 37, col. 2.

¹⁹¹ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil*: Rio de Janeiro e província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias. Brasília: Senado Federal, 2001.

¹⁹² KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os brasileiros*: esboço histórico e descritivo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.

¹⁹³ KIDDER, *Op. cit.*, p. 122.

gratuitamente distribuídos; e em várias ocasiões, há o que se pode chamar de uma verdadeira invasão de pedintes, do volume sagrado”. Havia, segundo o autor, interessados de diversas idades e classes, “desde o homem de cabelo grisalho até a buliçosa criança, desde o cavalheiro da alta sociedade, até o pobre escravo.”¹⁹⁴

Há, no entanto, de se colocar questionamentos a suas afirmações, em primeiro lugar, levando-se em consideração o nível de letramento da população brasileira, e, em segundo, o próprio lugar do missionário enquanto porta-voz do Brasil para as Sociedades Bíblicas, devendo justificar a importância de sua atuação e torná-la atraente a seus superiores.

Ainda no Rio de Janeiro, Kidder descreveu a ocasião de um evento escolar na cidade, em estabelecimento não identificado, para o qual fora convidado juntamente com Spaulding. Segundo ele, estavam presentes diversos membros da Assembleia Nacional, e o Arcebispo da Bahia, primaz do Brasil, então Dom Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860). Ali, dentre uma série de protocolos e homenagens, tiveram a oportunidade de presenciar uma leitura bíblica, realizada pelo diretor da escola, de “cinco versículos do Evangelho de São Mateus”, seguida de uma récita proferida pelo seu assistente, do trecho de 1 Reis 8:23-54, durante as orações. A cabo dessas atividades, os missionários distribuíram suas publicações religiosas entre os convidados e alunos, mas “terminaram as cerimônias desse festival literário sem que tivéssemos oportunidade de saber se o Arcebispo ficou ou não satisfeito em ouvir a leitura da Bíblia e presenciar a distribuição dos folhetos.”¹⁹⁵

Anos mais tarde, em passagem pelo Colégio Pedro II, Fletcher observou:

Um ponto de grande interesse relacionado com essa instituição é a circunstância de que os seus estatutos prevêm expressamente a leitura e o estudo dos sagrados Evangelhos em lingua vernácula. Algum tempo antes da fundação do Colégio, a Bíblia era adotada em outras escolas e seminários da cidade, onde não ficaram menos consideradas depois de um exemplo tão digno de imitação da parte do colégio do Imperador. O reverendíssimo Sr. Spaulding (que foi companheiro do Dr. Kidder, no Rio de Janeiro), aplicou-se em fornecer bíblias a um professor e a uma classe inteira de estudantes, tendo isso feito com grande satisfação por meio de uma oferta das Sociedades Bíblicas e Missionárias.¹⁹⁶

¹⁹⁴ KIDDER; FLETCHER, *Op. cit.*, p. 294.

¹⁹⁵ O missionário não informa o nome do colégio referido. A narração do evento encontra-se nas suas *Reminiscências*, *Op. cit.*, p. 152-153.

¹⁹⁶ KIDDER; FLETCHER, *Op. cit.*, p. 199.

Uma das estratégias para intensificar a distribuição de Bíblias, na visão desses missionários, poderia ser justamente incluir a sua leitura como atividade curricular nas escolas. Os missionários observaram um interesse estudantil pelas Escrituras:

Entre os cavalheiros, que compareciam em pessoa, viam-se vários diretores de colégios, e muitos estudantes de diferentes graus. Traduções em francês, em inglês, assim como em português, eram muitas vezes procuradas pelos amadores dos estudos linguísticos¹⁹⁷

Em passagem por São Paulo, Kidder teve a oportunidade de conversar com membros da Assembleia Legislativa Provincial, que resultou numa proposta de distribuição de Bíblias nas escolas primárias:

A distribuição de duas dúzias de Testamentos pelas diversas escolas da cidade sugeriu-nos a ideia de sua introdução como livro de leitura nas escolas de toda a província. O plano parecia ainda mais interessante devido ao fato, geralmente constatado, de haver grande falta de livros escolares. O Catecismo de Montpellier seria mais apropriado para esse fim que qualquer outro livro, mas, era de pouca eficiência na fixação de princípios religiosos com base suficiente para resistir aos processos incidiosos da infidelidade.¹⁹⁸

Conseguir estabelecer o fornecimento de Bíblias para as escolas da província certamente teria sido grande feito para o missionário. No entanto, a ideia não saiu do papel, como lamentou Kidder: “provavelmente, nunca foi mais ela [a Proposta] objeto de deliberação. Também, para o bom nome da Província, jamais foi abertamente rejeitada.”¹⁹⁹

Ainda em São Paulo, Kidder cita um “sacerdote católico romano” que o recebeu em sua casa. O padre, na ocasião acompanhado do então ex-regente Diogo Antônio Feijó (1784-1843), apresentou ao missionário sua biblioteca “bastante numerosa” e comentou sua predileção pela Bíblia francesa de Calmet, em 26 volumes: não possuía nenhum exemplar das Escrituras em português.

Informamos-lhe de que projetavam publicar no Rio de Janeiro uma edição anotada e comentada, sob o patrocínio e com a sanção da Arquidiocese. Isso seria feito com a ideia de contrapor a circulação das edições feitas pelas

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 294-295.

¹⁹⁸ KIDDER, *Op. cit.*, p. 267. Uma transcrição da proposta à Assembleia Legislativa de São Paulo encontra-se na mesma obra, p. 269-270.

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 271.

Sociedades Bíblicas, entretanto, o projeto jamais fora levado a termo. O padre nada sabia a respeito.²⁰⁰

À parte a informação dada por Kidder, não encontramos qualquer outra referência a esse projeto de uma edição comentada já nesse momento, assim como a própria origem dessa informação é obscura. O padre, no entanto, sabia do trabalho de distribuição de Bíblias mundo afora e – para o entusiasmo do missionário –, também no Rio de Janeiro.

Da conversa amigável sobre Bíblias com o mesmo sacerdote, Kidder afirmou que “teremos a grata certeza de que estávamos fazendo aquilo que a maior parte do clero brasileiro aprova”, ao que o padre respondeu: “o senhor está fazendo aquilo que competiria a nós fazer.”²⁰¹

A Kidder e Fletcher seguiu-se o pastor presbiteriano Ashbel Green Simonton (1833-1867), como terceiro representante da ABS no Brasil. Diferente da produção de seus antecessores, o missionário não deixou um relato de viagem, mas sim um diário íntimo escrito entre 1852 e 1866.

Nesse registro, Simonton preocupou-se mais em descrever seu trabalho evangelizador, em detrimento da prática distribuidora da Sociedade Bíblica. No entanto, através dele podemos extrair informações sobre as próprias leituras realizadas durante as missões. Em 28 de abril de 1860, Simonton escreveu: “No último domingo, dia 22, realizei uma Escola Dominical em minha própria casa. Foi meu primeiro trabalho em português. [...] A Bíblia, o catecismo de história sagrada e o *Progresso do Peregrino* de Bunyan, foram nossos textos.”²⁰²

Com efeito, a prática missionária não se restringia à leitura da Bíblia, mas fazia também uso de um conjunto de outros textos como forma de apoio, direcionando assim a evangelização dos fiéis. O trabalho dos missionários, portanto, vai mais além do que a simples leitura integral e indiscriminada da Bíblia. Se as Sociedades Bíblicas forneciam o texto das Escrituras sem notas ou comentários, estes seriam na verdade preenchidos pelos próprios evangelizadores e seus textos adicionais, de acordo com suas doutrinas.

João Leonel, a partir de análise de uma seção do jornal *Imprensa Evangélica* intitulada “Instrução e culto doméstico” publicada ao longo do ano de 1864, elencou um conjunto de quatro estratégias principais de formação de leitores protestantes, que podem

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 262-263.

²⁰¹ *Ibidem*, p. 264-265.

²⁰² MATOS, Alderi de Souza (org.). *O Diário de Simonton* (1852-1866). 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 140.

ilustrar o trabalho de evangelização: primeiro, a “reunião familiar conduzida pelo pai de família, ou por um responsável leigo, ou pastor”. O autor observa que “em um Brasil profundamente patriarcal de meados do século XIX, a autoridade paterna seria transposta para o exercício bíblico”.

Segundo, o formato catequético pergunta-resposta, que configurava “um leitor dentro de uma tradição doutrinária protestante”, no qual “o ensinamento conceitual de doutrinas era mais importante do que a diversidade de conteúdos presentes nos diversos gêneros literários da Bíblia”. Terceiro, o uso de Bíblias tanto protestantes como também católicas, visando, por um lado, afirmar a “tradição da qual pertenciam os missionários” e, por outro, atrair os católicos. Por fim, a “ausência de transcrição integral dos textos bíblicos na seção”, que poderia “estimular ouvintes a possuírem a Bíblia”, algo muito valorizado pelos missionários.

203

Dos missionários protestantes que deixaram registros de sua estadia no Brasil do século XIX, conhecemos a vida do médico e pastor escocês Robert Reid Kalley (1809-1888) através da biografia escrita por seu filho adotivo João Gomes da Rocha, publicada somente em 1941.²⁰⁴ Antes de atuar no Brasil, Kalley já havia sofrido forte perseguição no Funchal (Ilha da Madeira) por seu trabalho evangelizador entre 1846 e 1847, de onde teve de fugir às escondidas para os Estados Unidos.

Em 1855, o escocês aportou no Rio de Janeiro com sua esposa Sarah e instalou-se em Petrópolis, onde passou a realizar pequenas reuniões religiosas nas casas da cidade. Três anos mais tarde, foi o responsável por celebrar o primeiro batismo de um brasileiro numa igreja protestante, ato que consagrou a fundação da Igreja Evangélica, posteriormente Igreja Fluminense, a primeira protestante do país. Mesmo atuando principalmente na evangelização, a venda e distribuição de livros e folhetos era uma de suas atribuições enquanto missionário.

205

No intuito de consolidar uma literatura protestante de apoio aos novos fiéis, Kalley passou a publicar no *Correio Mercantil*, a partir de 1856, sua tradução de um texto que chamou “A viagem do cristão”, que na verdade corresponde ao já citado *O Progresso do*

²⁰³ LEONEL, João. “O jornal Imprensa Evangélica e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX”. *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 35, p. 65-81, set./dez. 2014.

²⁰⁴ ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941.

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 7-8.

peregrino de John Bunyan.²⁰⁶ Sua esposa, Sarah Poulton Kalley, por sua vez, elaborou o livro de cânticos *Salmos e Hinos* para utilização nos cultos, que teve grande e longeva aceitação do público evangélico.²⁰⁷

Conhece-se como *colportagem*²⁰⁸ a venda ambulante de livros de qualquer espécie, e autores como Giraldi se valeram do termo para descrever a atuação dos membros das Sociedades Bíblicas no Brasil. Contudo, as fontes brasileiras oitocentistas – principalmente os periódicos – não se referiam a estes como *colportores*, mas simplesmente “missionários” ou “vendedores de Bíblias”. Mais do que uma simples escolha lexical, essa ausência é reveladora de uma prática aparentemente inusual no Rio de Janeiro do período.

Manoel Fernandes, um dos distribuidores de Bíblias associados a Robert Kalley, foi denunciado e preso em 29 de agosto de 1856 sob acusação de não ter licença para vender livros. Fernandes, ao argumentar com o subdelegado que nada sabia sobre a regra, teve de passar uma noite na cadeia, sendo liberado no dia seguinte após pagamento de fiança. João Gomes da Rocha queixou-se em suas memórias: “Parece que julgavam um fenômeno extraordinário ver homens procurar a ganhar a subsistência, pela venda de livros e folhetos e *nada mais* e por isso não era fácil tirar a licença; mas sem ela, corria-se o perigo do gravame fiscal.”²⁰⁹

Tomando cuidado para não criar mais problemas com as autoridades oficiais da cidade, os distribuidores procuraram obter licença para realizar vendas ambulantes, como já se fazia com outros produtos na Corte. A iniciativa, no entanto, não obteve bons resultados, como explicou o distribuidor Francisco da Gama em carta a seu associado Kalley, datada de 13 de maio de 1857:

Requeri que me dessem licença de vender livros e folhetos, mas disseram-me que não há licença só para isso; é preciso que sejam miudezas e quinquilharias. Respondi que para isso não tirava licença, mas só para livros. Disseram-me que fosse vender livros por onde pudesse!²¹⁰

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 47.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 8. A primeira versão do livro veio a lume em Londres no ano de 1855; a edição brasileira saiu pela casa Laemmert em 1861.

²⁰⁸ *Colportage e colporteur* são termos de origem francesa tornados universais associados à prática do “comércio ambulante de livros a baixo custo”. FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 179.

²⁰⁹ ROCHA, *Op. cit.*, p. 44, grifo original.

²¹⁰ *Ibidem*, p. 55.

Tempos depois, o imbróglio ainda não havia sido resolvido: “até este anno [1860], não havia lei estabelecida, de licença para vender livros.”²¹¹ Mais segura e rentável do que a distribuição ambulante, no entanto, era a abertura de agências das próprias Sociedades Bíblicas, que só vieram a aparecer no Rio de Janeiro a partir dessa década.

A primeira livraria especializada em obras protestantes foi fundada no Rio de Janeiro em 1866 por iniciativa da própria BFBS: o Depósito das Escrituras Sagradas, situado inicialmente à Rua 7 de Setembro, 52B. O estabelecimento mudou-se ainda para o número 69 e depois 71 da mesma rua, além de também por duas vezes alterar seu nome: Agência das Escrituras Sagradas (1884) e simplesmente *British and Foreign Bible Society* (1891).

Uma segunda livraria foi aberta na Travessa do Barreiro, 15, igualmente sob iniciativa da BFBS, em 1877: a Livraria Evangélica, que em 1880 mudou-se para a Rua do Clube Ginástico, 15. Como observou Ubiratan Machado, tanto esta como a primeira livraria passaram, em 1890, a anunciar no mesmo endereço da Rua 7 de Setembro, 71. Ainda segundo o autor, a Livraria Fluminense Religiosa e Clássica (Rua Gonçalves Dias, 72) apareceu no cenário carioca com venda quase exclusiva de artigos e livros católicos, numa possível reação às lojas protestantes.²¹²

2.1.3 Dados para uma (in)definição

Há grande dificuldade em se recuperar dados quantitativos sobre a atuação missionária e distribuição de Bíblias com precisão. A própria ação por vezes voluntária e informal dos “colportores” dificulta atribuir números confiáveis, sendo que podem variar de um a outro.

Francisco da Gama, colportor associado a Kalley, a este apresentou uma relação de sua atuação durante sete meses, entre dezembro de 1856 e junho de 1857: ao todo, foram vendidas 262 Bíblias completas, 168 Novos Testamentos e 183 folhetos; foram dados gratuitamente 4 Novos Testamentos e 1.076 folhetos, tendo visitado 454 lares e conversado com 744 pessoas.²¹³

²¹¹ *Ibidem*, p. 111.

²¹² MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 95.

²¹³ ROCHA, *Op. cit.*, p. 54-55.

No cálculo temerário de João Gomes da Rocha, sem citar fontes, a ABS distribuiu no Brasil, entre 1842 e 1853, cerca de 1.500 exemplares das Escrituras em português, sendo 600 Bíblias completas e 900 Novos Testamentos.²¹⁴ Já a BFBS, no seu entender, “pouco fez no Brasil nos primeiros cinquenta anos”, ainda que tenha conseguido distribuir no Brasil, até 1854, nada mais que 2.500 exemplares da Bíblia. Ao todo, portanto, Rocha conclui a cifra de 4.000 Bíblias introduzidas no Brasil entre 1804 e 1854.²¹⁵

As informações contidas nos Relatórios Anuais da ABS são bastante fragmentadas nas primeiras décadas de atuação no Brasil. Para 1839, por exemplo, o relatório nos informa a arrecadação de 179,37 dólares através da “*Methodist Episcopal Missionary Society, for dist. in Brazil*”, de 50 Bíblias e 150 Testamentos em português; mas adiante, a mesma entidade é apontada como responsável por mais 1.000 Testamentos em português, somando 327,62 dólares;²¹⁶ por fim, um montante de 1825 Bíblias e Novos Testamentos, em português, alemão e francês, foram enviados a Kidder e Spaulding, desta vez citados.²¹⁷

Sem muitos detalhes, o relatório de 1835 da ABS cita um certo “*Capt. Thos. Sullivan, for sale or gratuitous distribution at Rio Grande, Brazil, &c.*”, que pôs em circulação 25 Bíblias em inglês, 5 em francês, 20 Novos Testamentos em francês, 50 em alemão e 25 em português, que juntos arrecadaram um valor de 60,00 dólares.²¹⁸ Já o relatório do ano seguinte indica que a *American Seamen’s Friend Society* distribuiu no Rio Janeiro, através do Rev. O. M. Johnson, Bíblias em inglês (50), espanhol (12), francês (12), alemão (12) e português (6), além de Testamentos nos mesmos idiomas: inglês (100), espanhol (50), francês (24), alemão (24) e português (24). Com isso, acumulou 156,70 dólares.²¹⁹ Em 1838, o “*Rev. Wm. Torrey, of St. Catharine’s, Brazil*” trouxe 50 Bíblias e 100 Novos Testamentos em alemão para o sul do país, recebendo 63,05 dólares pela distribuição.²²⁰

Ao que consta, os Relatórios da BFBS conseguiram reunir e sistematizar informações de forma mais organizada – o que não significa que sejam mais verdadeiras. Não conseguimos obter acesso a essas fontes, e por isso nos limitamos a um conjunto de

²¹⁴ *Ibidem*, p. 20-21. Esse montante era supostamente oriundo de uma produção total de 11.000 exemplares em português impressa em Nova York pela Sociedade (4.200 Bíblias completas, 6.800 Novos Testamentos).

²¹⁵ *Ibidem*, p. 21.

²¹⁶ “23. Report, 1839”. In: *ANNUAL Reports of the American Bible Society*, vol. I. Nova York: Daniel Fanshaw, 1838, p. 25.

²¹⁷ “23. Report, 1839”. In: *Ibidem*, p. 43.

²¹⁸ “19. Report, 1835”. In: *Ibidem*, p. 778.

²¹⁹ “20. Report, 1836”. In: *Ibidem*, p. 845.

²²⁰ “22. Report, 1838”. In: *Ibidem*, p. 945.

referências indiretas. Guilherme Luis Santos Ferreira,²²¹ ao que consta, foi bem-sucedido em sua busca nesses registros e organizou os dados encontrados da seguinte forma:

Quadro 20: Bíblias em português produzidas pela BFBS (1809-1905)

ANO	BÍBLIAS COMPLETAS	NOVOS TESTAMENTOS	PORÇÕES BÍBLICAS	TOTAL
1809	0	5000	0	5000
1810-1815	0	15000	0	15000
1819	5000	0	0	5000
1821	5000	10000	0	15000
1822	0	5000	0	5000
1824	0	15000	0	15000
1829	5032	0	6000	11032
1848	0	5040	0	5040
1851	3010	0	0	3010
1856	3050	5040	0	8090
1857	0	5050	0	5050
1859	0	5050	0	5050
1860	5068	0	0	5068
1861	5050	0	0	5050
1863	0	5050	20000	25050
1864	0	0	1024	1024
1865	5050	10050	3026	18126
1866	10050	15000	1020	26070
1867	12050	25152	0	37202
1868	3040	20000	0	23040
1869	6000	10000	59500	75500
1870	0	0	506	506
1874	0	20099	5000	25099
1876	3000	10000	10100	23100
1877	4000	0	5050	9050
1878	1042	9090	10100	20232
1879	0	20000	5050	25050
1880	10000	3030	19968	32998
1881	0	0	15150	15150

²²¹ FERREIRA, G. L. Santos. *A Bíblia em Portugal*. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 122-123.

1882	0	0	42400	42400
1883	0	0	10284	10284
1885	5050	5072	12141	22263
1886	4000	5049	0	9049
1887	0	7063	328	7391
1888	0	3030	75577	78607
1890	0	5000	500	5500
1891	0	3070	81000	84070
1892	0	15070	1500	16570
1893	8020	0	102000	110020
1894	3047	2000	3000	8047
1895	6030	10000	9233	25263
1896	0	17038	20200	37238
1897	8042	5070	1000	14112
1898	5000	17947	136016	158963
1899	11095	22280	500	33875
1900	9439	3534	18000	30973
1901	11819	41251	119151	172221
1902	0	10717	13260	23977
1903	27232	63340	40414	130986
1904	37130	38238	25656	101024
1905	0	0	56621	56621

Quadro elaborado a partir de levantamento de FERREIRA, G. L. Santos. A Bíblia em Portugal. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 122-123.

Embora a data de fundação da BFBS seja 1804, os registros de produção de Bíblias em português só começaram a aparecer a partir de 1809. Neste ano, 5.000 exemplares de Novos Testamentos em português foram impressos, segundo o que apurou Santos Ferreira. Como a Sociedade Britânica inicialmente não possuía gráfica própria, não sabemos se esses números correspondem às tiragens de uma única edição.

Feita essa ressalva, é possível que parte dos exemplares dessa primeira leva correspondam à edição de Heney e Haddon da tradução de Almeida (Londres, 1809, 1 vol. in-12°), de acordo com nosso levantamento de edições do capítulo anterior. Dez anos depois, realizou-se uma nova tiragem, também de 5.000 exemplares, da Bíblia completa, que pode corresponder à versão integral de Almeida por R. & A. Taylor (Londres, 1819, 1 vol. in-8°).

Com exceção desses dois exemplos hipotéticos, o cotejo entre as edições e o número de tiragens se torna bastante difícil, a começar pela discrepância entre as datas. Não há como saber também, por esses dados, quais traduções para o português estavam sendo impressas (Almeida ou Figueiredo).

Até 1860, podemos observar uma preferência pela produção de Novos Testamentos em português, que oscilam entre 5.000 e 15.000 exemplares por tiragem; os montantes de Bíblias completas se mantêm em tiragens menores, de 3.000 a 5.000; as porções bíblicas, por sua vez, não receberam nenhuma atenção da BFBS até a década de 1860, com exceção de uma pequena tiragem de 6.000, em 1829.

Gráfico 5: Total de peças bíblicas em português produzidas pela BFBS (1809-1905)

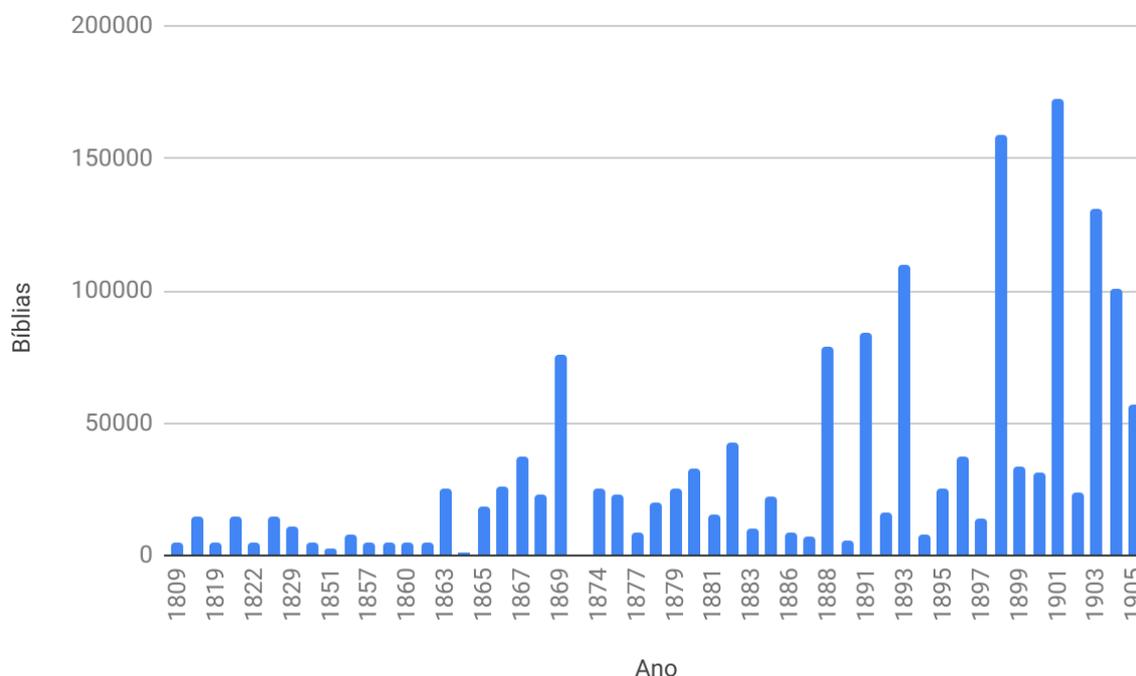


Gráfico elaborado a partir de levantamento de FERREIRA, G. L. Santos. A Bíblia em Portugal. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 122-123.

Via de regra, a produção total de peças bíblicas em português – Bíblias completas, Novos Testamentos e porções – apresenta uma intensificação na segunda metade do século. Os próprios registros passaram a ser mais frequentes a partir de 1860, com lacunas apenas nos anos de 1862, 1871-73, 1875, 1884 e 1889. Não sabemos se esses anos representam uma pausa nas tiragens ou se estas simplesmente não foram contabilizadas. Há, no entanto,

algumas grandes oscilações na produção de alguns anos, que podem ser melhor analisadas quando especificadas:

Gráfico 6: Peças bíblicas em português produzidas pela BFBS (1809-1905)

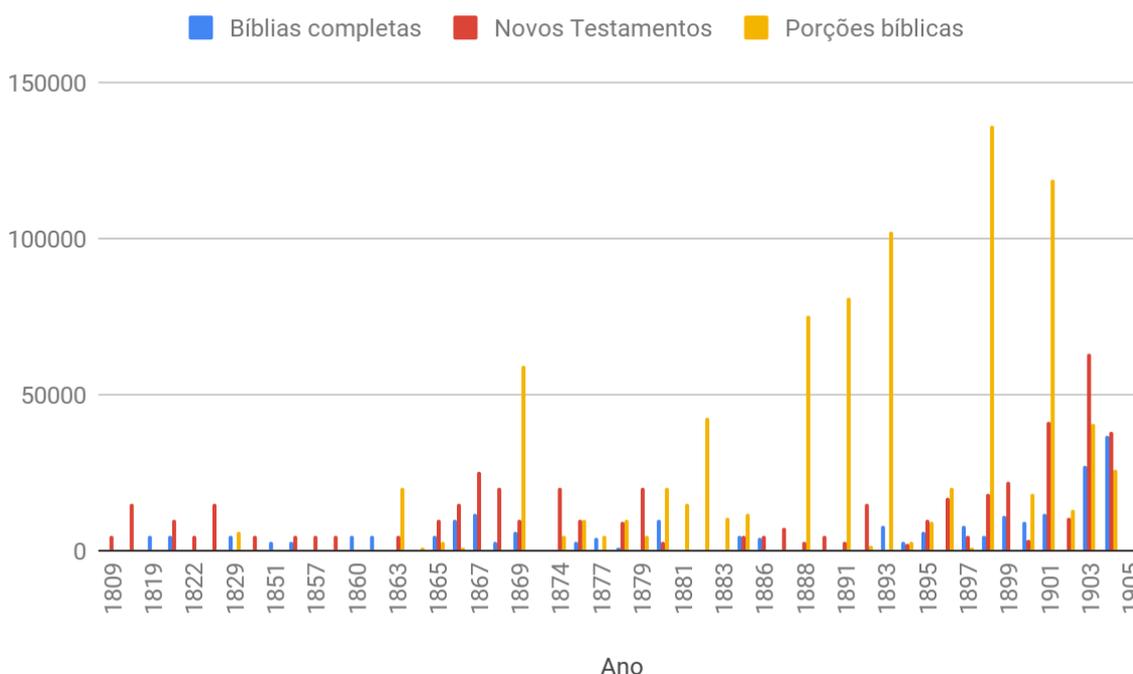


Gráfico elaborado a partir de levantamento de FERREIRA, G. L. Santos. A Bíblia em Portugal. Lisboa: Typ. de Ferreira de Medeiros, 1906, p. 122-123.

Destrinchadas dessa forma, podemos notar que as porções bíblicas em português começam a se destacar na produção total da BFBS a partir de 1860: é o grupo que atinge as maiores tiragens isoladas, elevando exponencialmente os números totais. Como são compostas apenas de determinados livros bíblicos, essas unidades possuem um custo muito mais baixo do que os outros grupos, podendo assim ser bastante atrativos à Sociedade. Não há como saber, no entanto, quais eram os livros selecionados para compor essas porções.

Entre as Bíblias completas e os Novos Testamentos, por outro lado, há uma preferência pelas tiragens destes últimos, ficando as versões integrais das Escrituras como minoritárias na escala de produção. Assim, a maior fatia de obras publicadas pela BFBS era na realidade composta de partes fragmentadas da Bíblia.

Até aqui, tratamos da produção geral de Bíblias pela Sociedade Britânica, mas outras questões ainda importantes seriam as formas pelas quais essas obras chegaram ao Brasil. Luiz

Antonio Giraldi²²² encontrou, nos mesmo relatórios, informações sobre os números de distribuição no país:

Quadro 21: Distribuição de Bíblias no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)

ANO	BÍBLIAS COMPLETAS	NOVOS TESTAMENTOS	PORÇÕES BÍBLICAS	TOTAL
1865	607	1534	539	2680
1866	413	1049	261	1723
1876	426	2143	2888	5457
1880	148	686	1423	2257
1881	334	1385	5116	6835
1882	504	1727	10149	12380
1883	321	1089	3823	5233
1884	788	1542	4300	6630
1885	818	2017	2222	5057
1886	840	2464	1958	5262
1887	895	1780	2394	5069
1888	662	1601	3121	5384
1889	517	1147	3074	4738
1890	429	851	3217	4497
1891	300	823	1842	2965
1892	681	1521	6368	8570
1893	532	1062	3995	5589
1894	440	1007	2092	3539
1895	362	649	887	1898
1896	869	1633	2357	4859
1897	1286	2226	3364	6876

Quadro elaborado a partir de levantamento de GIRALDI, Luiz Antonio. A Bíblia no Brasil Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 336-345.

Os dados que aqui apresentamos correspondem a uma soma dos números encontrados por Giraldi nos Relatórios da BFBS, que são originalmente discriminados de acordo com cada “colportor”, seja ele brasileiro ou estrangeiro. Há por certo variações regionais que não serão abordadas em nosso estudo, mas os totais podem ser observados logo a seguir:

²²² GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 336-345.

Gráfico 7: Total de peças bíblicas distribuídas no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)

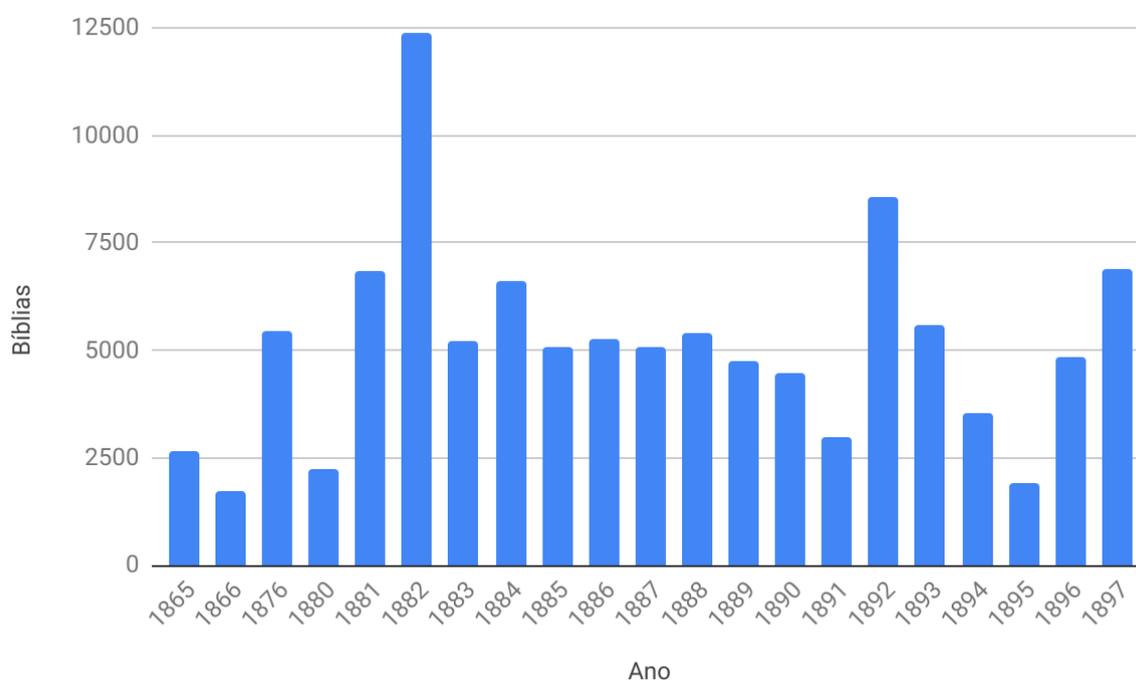


Gráfico elaborado a partir de levantamento de GIRALDI, Luiz Antonio. A Bíblia no Brasil Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 336-345.

Com algumas variações e oscilações, há uma distribuição média de 5.000 exemplares por ano no Brasil realizados pelos membros distribuidores da BFBS. Separadas por seu conteúdo, o quadro ficaria assim:

Gráfico 8: Distribuição de peças bíblicas no Brasil pelos membros da BFBS (1865-1889)

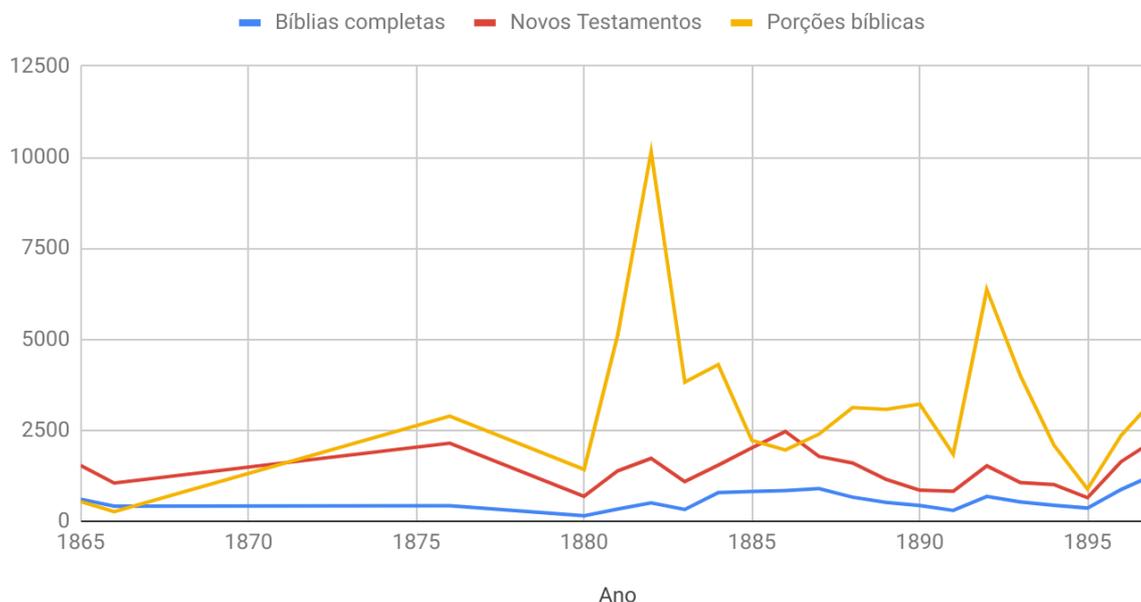


Gráfico elaborado a partir de levantamento de GIRALDI, Luiz Antonio. A Bíblia no Brasil Império. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012, p. 336-345.

Acompanhando o já citado crescimento das tiragens de porções bíblicas pela BFBS, a distribuição dessa modalidade de impressos começa a decolar na década de 1860 no Brasil; ela logo ultrapassa as Bíblias completas, supera os Novos Testamentos por volta de 1870 e finalmente permanece como a mais distribuída, encontrando seu ápice em 1882, com 10.149 exemplares distribuídos.

A despeito de um conjunto de oscilações que não cabem em nosso estudo, cumpre observar a tendência crescente de distribuição de partes bíblicas, em detrimento de versões integrais das Escrituras. Não é fácil definir as razões para esse movimento, que não se restringe à distribuição no Brasil, mas à própria produção de Bíblias dentro da BFBS. É possível que o custo desses materiais tenha sido mais atrativo, pois seu formato reduzido permitiria tiragens mais numerosas.

As principais implicações dessa política se encontram numa fragmentação do conteúdo da Bíblia, que não é disponibilizado em sua integridade. Mais do que isso, tal postura resulta numa escolha dos livros – feita dentro do próprio livro – a serem publicados. Por certo, volumes mais reduzidos e de custo mais baixo permitem uma intensificação da difusão; porém, feitas a partir dessa circulação, as leituras da Bíblia se fazem de modo

fragmentado e seletivo, que muitas vezes dependia da própria intervenção evangelizadora de pastores.

O empenho doutrinário dos missionários e os exemplares da Bíblia sem notas ou comentários – por vezes de conjuntos parciais das Escrituras – foram alvo de crítica por parte do clero católico no Brasil. A já citada boa acolhida de Kidder pelo padre Feijó representa apenas uma face do Catolicismo brasileiro à época, e contrasta com alguns episódios de ataques e reações ao longo do século XIX.

2.2 Reações católicas

O receio do proselitismo missionário e do possível abandono da fé e tradições católicas mobilizaram alguns clérigos brasileiros no sentido de desqualificar o avanço protestante. Para esses religiosos, mesmo as edições das Escrituras produzidas pelas Sociedades Bíblicas foram colocadas em suspeição. Ao que observamos, a mais ferrenha crítica aos protestantes e suas Bíblias veio da parte do clero “ultramontano”, que começava a se manifestar na primeira metade do Oitocentos até ganhar força principalmente na segunda. Trata-se de um movimento que não foi exclusivo do Brasil, mas sim um fenômeno observado em todo o Catolicismo do período.

2.2.1 Sob o signo do Ultramontanismo

O *Ultramontanismo* consiste num “termo usado desde o século IX para descrever cristãos que buscavam a liderança de Roma (‘do outro lado da montanha’), ou que defendiam o ponto de vista dos papas, ou davam apoio às políticas dos mesmos.”²²³ Embora a palavra tenha origem na linguagem eclesiástica medieval, no século XIX ela designou um conjunto de atitudes assumido pela Igreja Católica, caracterizado pela “reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos Estados católicos, às novas tendências políticas surgidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna.”²²⁴

²²³ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, Op. cit., 1980, p. 32.

²²⁴ SANTIROCCHI, Ítalo. “Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma”. *Temporalidades*: Revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, vol. 2, n. 2, p. 24, ago./dez. 2010.

O pensamento iluminista marcou o século XVIII no sentido de um desprezo pelas religiões enquanto instituições dogmáticas, em especial na França. O clero foi, juntamente com a realeza, a principal vítima do movimento revolucionário no país, tendo seus bens confiscados num radical processo de secularização. A entrada ao século seguinte trouxe à Igreja o desafio de tentar impedir ou mitigar essas transformações, assumindo por vezes um papel anti-racionalista, anti-liberal e anti-intelectual.²²⁵

A Igreja Católica, no começo do Oitocentos, “sentia-se expelida do mundo que rejeitava em bloco sua mundividência. Era uma instituição na defensiva.”²²⁶ Esse enfraquecimento marcou profundamente a sua postura ao longo das décadas seguintes, que se caracterizaram pela vontade de “impedir a secularização da vida social e intelectual”. Tal movimento levou, por exemplo, ao renascimento das ordens religiosas (em crise desde o século anterior), à restauração da Companhia de Jesus em 1814 (oficialmente suprimida em 1773) e à criação do dogma da Imaculada Conceição de Maria, em 1854.²²⁷

O Ultramontanismo ganhou força aos poucos no período, pois “apresentou-se como o defensor da liberdade da Igreja” num momento em que esta encontrava-se acuada por um conjunto de movimentos liberais e laicistas. Mesmo as desgraças do Papado acabaram por sensibilizar alguns fiéis e clérigos, e serviram como força motriz para a defesa de sua liberdade e autonomia.²²⁸

Um dos documentos mais importantes que refletem a situação católica nessa conjuntura é a encíclica *Quanta Cura*, emitida em 8 de dezembro de 1864 pelo papa Pio IX (1792-1878). A mesma possui um anexo contendo a refutação de 80 teses, ou “erros” do século, considerados perniciosos pela Igreja. Conhecido como *Syllabus*, o conjunto de postulados incluía tanto condenações a linhas de pensamento e instituições do período, como também afirmações de direitos da Igreja perante os Estados. A exemplo de algumas dessas teses, podemos citar: “1º, sobre panteísmo, naturalismo e racionalismo absoluto; 2º, sobre o racionalismo moderado”, ou mesmo o “4º, que condena ‘socialismo, comunismo, sociedade secretas, sociedades bíblicas, sociedades clérico-liberais.’”²²⁹

²²⁵ DUROSELLE, Jean-Baptiste; MAYEUR, Jean-Marie. *História do Catolicismo*. Lisboa: Livros do Brasil, 1988, p. 131, 133.

²²⁶ CRIPPA, Adolpho (coord.). *As idéias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Editora Convívio, 1978, p. 186.

²²⁷ DUROSELLE; MAYEUR, *Op. cit.*, p. 143-144.

²²⁸ *Ibidem*, p. 147-148.

²²⁹ FRÖHLICH, Roland. *Curso básico de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1987, p. 148.

Todo esse movimento ganhou força particularmente no Concílio Vaticano I (1869-1870), cuja questão central foi justamente a *infallibilidade papal*, ou seja, o reconhecimento da autoridade máxima do Papa na tomada de decisões e caminhos da Igreja diante dos questionamentos do século.²³⁰ Sobre este assunto, mesmo no seio da Igreja, as posições divergiam entre adeptos do Ultramontanismo crescente e clérigos de tendência liberal.²³¹

Diferente dos Concílios ecumênicos anteriores da Igreja Católica, o Vaticano I teve uma ampla divulgação midiática, e até mesmo certa comoção pública com relação a alguns de seus tópicos.²³² O tema da autoridade papal reuniu cerca de ⅔ de membros conciliares favoráveis, ainda que nem todos eles estivessem alinhados com os ultramontanos mais radicais.²³³ O resultado veio na Constituição *Pastor aeternus* (18 de julho de 1870) que finalmente consolidou a vitória da Infallibilidade no seio do Catolicismo do período, e teve suas ressonâncias também no Brasil.

De modo similar ao que acontecia na Europa, o século XIX brasileiro se caracterizou por um “drama religioso” composto de tensionamentos entre as mesmas posições antagônicas: o Liberalismo e o Ultramontanismo, de acordo com João Camilo de Oliveira Torres.²³⁴ Esse conflito não se restringiu ao âmbito da consciência religiosa, mas representou também um impasse político, na forma de uma crise entre Igreja e Estado.

A gradativa adesão do clero brasileiro ao Ultramontanismo não constitui, no entanto, uma simples importação de modelos e querelas estrangeiras. Como bem observou Ítalo Santirocchi, esse crescente movimento se alinhou a uma demanda interna do próprio Catolicismo brasileiro, que buscava aplicar um conjunto de reorganizações na estrutura eclesiástica. Nesse sentido, é possível falar-se num movimento de reforma da Igreja no Brasil do período.²³⁵

²³⁰ BELLITTO, Christopher M. *História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2016, p. 159-170.

²³¹ Via de regra e para além do âmbito religioso, termo *liberalismo* poderia significar “uma crença difusa no valor do indivíduo, e na convicção de que a base de todo o progresso era a liberdade individual”, aglutinando grupos “defensores do livre-arbítrio em todas as esferas, unidos ao redor de um conceito – um conceito de ‘progresso’ e da emancipação do homem – a maior parte, emancipação da classe média.” (VIEIRA, *Op. cit.*, p. 39).

²³² BELLITTO, *Op. cit.*, p. 161.

²³³ *Ibidem*, 165; ABADÍAS, David. *Breve história dos Concílios Ecumênicos*. Petrópolis: Vozes, 2019, p. 127.

²³⁴ TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil: a Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1968, p. 105.

²³⁵ SANTIROCCHI, Ítalo. “Dai a César o que é de César e ao Papa o que é do Papa: a reforma ultramontana no Segundo Reinado”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, n. 1. Vitória: Sociedade

De acordo com o mesmo autor, os dois pilares fundamentais da relação entre Estado e Igreja no Brasil Oitocentista foram o regime do padroado e a prática regalista. O primeiro, que foi importado ao Brasil desde os domínios do Império Português, consistia num acordo em que a Coroa tinha o direito de nomeação dos bispos e ficava incumbida do pagamento dos clérigos. Quanto ao segundo, corresponde não a um pacto, mas sim a um conjunto de medidas tomadas pelo poder real com vistas a se fortalecer: de um lado o uso do *Beneplácito Imperial* (ou *placet*), onde cabia ao poder real acatar ou não as decisões papais expressas nas encíclicas e bulas; de outro, o Recurso à Coroa, que era usado “quando os beneficiados se sentiam usurpados nos seus direitos ou devido ao cancelamento dos seus cargos pelas autoridades religiosas.”²³⁶

Após a expulsão dos jesuítas da América Portuguesa, em 1759 – medida pombalina de franco caráter regalista –, a Igreja Católica no Brasil passou por uma crise que se alongou até por volta de meados do século XIX.²³⁷ Isso se manifestou na formação deficiente dos clérigos, na frouxidão das doutrinas e, conseqüentemente, na concessão de liberdade às práticas populares. O padroado havia enfraquecido o poder e a autonomia da Igreja, e o Regalismo foi marcante mesmo entre os eclesiásticos dos primeiros anos do Império, tais como o já citado padre Diogo Antônio Feijó.²³⁸

Esse sistema, altamente favorável ao poder do rei, subordinava a Igreja brasileira a este, como uma entidade estatal. O naturalista Auguste de Saint-Hilaire, em viagem pelo país, notou essa característica entre os próprios sacerdotes:

Ser padre é uma espécie de meio de vida, e os próprios clérigos acham natural considerar assim o sacerdócio de que estão investidos. Agradei, certa vez, a um vigário que assistira, em seus últimos momentos, um homem por quem me interessava. – “O senhor não tem de me agradecer, respondeu-me ele, sou pago para isso.”²³⁹

Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2014, p. 1-22. A reforma católica nesse período recebeu o nome de “romanização” em alguns estudos historiográficos. O termo induz a uma compreensão demasiado externalista do Ultramontanismo no Brasil, subentendido como uma influência exclusivamente estrangeira. Tal ideia não dá conta de explicar a própria dinâmica interna do Catolicismo brasileiro e de suas demandas. Para uma revisão desse conceito, veja-se o já citado autor SANTIROCCHI, Ítalo. “Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma”, *Op. cit.*

²³⁶ SANTIROCCHI, Ítalo. “Dai a César o que é de César e ao Papa o que é do Papa”, *Op. cit.* p. 8-10.

²³⁷ AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 13-17.

²³⁸ COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p. 108-109.

²³⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975, p. 86.

Alguns padres brasileiros que receberam formação eclesiástica na Europa retornaram ao país influenciados pelas ideias reformadoras e, aos poucos, adeptos dessa posição foram assumindo postos altos na hierarquia da Igreja nacional. Bispos como Dom Viçoso, na cidade mineira de Mariana (em exercício entre 1844-1875), Dom Antônio Joaquim de Melo em São Paulo (atuante entre 1852-1861) e Dom Feliciano em Porto Alegre (1853-1857) são expoentes de uma “primeira geração de bispos francamente reformadores no Brasil.”²⁴⁰

A influência ultramontana se faria sentir mais forte apenas na segunda metade do século XIX, quando “quase que totalmente conquistou o poder sobre a Igreja” brasileira, a ponto de todos os bispos nacionais e também latinoamericanos adquirirem uma orientação contrária aos domínios do Estado e se colocarem a favor da Infallibilidade Papal durante o Concílio Vaticano I.²⁴¹

Ao nível da política imperial, a Constituição brasileira da época (vigente desde 1824) dava à Igreja Católica o estatuto de religião oficial sem proibir abertamente outras denominações, o que favoreceu a instalação de grupos protestantes. Como observou Émile Léonard, “o proselitismo religioso desses missionários, não muito interessante aos olhos do Imperador, não representava, no entanto, para os direitos do Estado o mesmo perigo que o catolicismo, fervoroso mas ultramontano, dos padres vindos da Europa.”²⁴²

O ponto alto dessa discussão veio na chamada “Questão Religiosa”, que agitou os anos 1870 no Brasil. A recusa de alguns clérigos em aceitar a presença de maçons no seio do Catolicismo do país foi o estopim de uma discussão acalorada entre a Igreja e o governo de D. Pedro II. A Maçonaria era uma das doutrinas rechaçadas pelos ultramontanos, concepção que mobilizou alguns eclesiásticos a incentivarem o seu abandono. Não encontrando respaldo estatal, passaram a excomungar os maçons à revelia das decisões imperiais, o que gerou instabilidade no modelo regalista vigente. Dom Antônio Macedo Costa (1830-1891), bispo do Pará, e Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1844-1878), bispo de Olinda, chegaram a ser condenados à prisão e a trabalhos forçados por sua desobediência às decisões da Coroa.

²⁴⁰ VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida: Editora Santuário, 2007, p. 120.

²⁴¹ VIEIRA, David Gueiros, *Op. cit.*, p. 38.

²⁴² LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3ª ed. rev. São Paulo: ASTE, 2002, p. 54.

Um suposto acordo entre Estado e Igreja foi firmado e os padres foram libertados, porém a relação entre esses poderes saiu bastante comprometida.

Para além de uma querela entre os bispos e a Maçonaria, a Questão Religiosa foi “a expressão brasileira da grande luta entre a Igreja de então e o mundo liberal”, nas palavras de Hugo Fragoso. Para o mesmo autor, ela representou, por um lado, tanto a “afirmação do Estado em vista de manter suas prerrogativas em face da Igreja”, como também “um grito de independência da Igreja em face do Estado”.²⁴³

Para além de se engajarem em questões de autonomia política, os ultramontanos se manifestaram contrários às atuações protestantes no Brasil. É possível também identificar, no bojo desse discurso, algumas vozes de reação mais direta à difusão de Bíblias no Brasil do século XIX, que se associam fortemente a uma ideia de proibição da leitura das Escrituras exercida pela Igreja Católica ao longo de séculos.

2.2.2 A leitura da Bíblia como problema

Longe de ser uma simples e indiscriminada proibição, a cautela da Igreja Católica com relação à leitura da Bíblia no século XIX possuía, como afirmou Dominique Julia, “um embasamento teológico e eclesiológico com forte argumentação.”²⁴⁴ Por outro lado, como observou também Claude Savart,

os autores católicos não explicitam voluntariamente, no século passado [XIX], a posição da Igreja em matéria de leitura da Bíblia pelos fiéis. Ocorre que essa posição não é isenta de uma certa ambiguidade, e que suas preferências conduzem, ao final, numa espécie de *status quo*.²⁴⁵

O paradoxo de possuir argumentos e ao mesmo tempo não resolvê-los de forma clara e direta encontra seu ponto de partida no Concílio de Trento (1545-1563), quando foram colocadas em pauta questões relativas ao lugar das Escrituras no seio do Catolicismo.

²⁴³ FRAGOSO, Hugo. “A Igreja na formação do Estado liberal (1840-1875)”. In: HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda época - século XIX. 2ª ed. Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1985, p. 186, 189, 190.

²⁴⁴ JULIA, Dominique. “Leituras e contra-reforma”. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 79.

²⁴⁵ SAVART, Claude. “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”. In: SAVART, Claude; ALETTI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1985, p. 21, tradução livre.

O Decreto Tridentino de 7 de abril 1546 colocou as Escrituras e a “tradição” em paridade, o que significava dizer que a Bíblia e os ensinamentos dos Padres da Igreja se equiparavam em força de autoridade para os fiéis. Tal definição acabou por sustentar o papel condutor da instituição junto ao texto sagrado, sedimentando a sua vinculação e fundamentando o seu controle. Na sessão IV, parágrafos 16 e 17 do Concílio, a Vulgata latina de Jerônimo foi estabelecida como a versão oficial do Catolicismo, e os livros canônicos da Bíblia foram definidos.

Também em Trento, a Igreja reafirmou o poder dos bispos e definiu os sete sacramentos (batismo, eucaristia, crisma, penitência, extrema-unção, ordenação e matrimônio); preocupada com a formação de seus sacerdotes, determinou também a fundação de seminários; quanto às indulgências, tão criticadas pelos protestantes nas décadas anteriores, foram mantidas, porém com a ressalva de que “os cristãos deveriam usá-las apenas para expressar sua devoção, e não para auferir benefícios privados”; dogmas já consolidados em torno da comunhão e intercessão dos santos, veneração de suas imagens e relíquias, bem como a crença no purgatório, foram todos mantidos.²⁴⁶

Para Christopher Bellitto, esse conclave “finalmente esclareceu uma série de questões ao sintetizar e sistematizar uma série de abordagens teológicas medievais sobre os tópicos que se encontravam em discussão”, e foi muito bem-sucedido “em declarar exatamente quais eram os ensinamentos da Igreja Romana sobre questões essenciais da fé cristã e da prática católica de um modo conclusivo, sistemático e preciso como nunca havia sido feito antes.”²⁴⁷

Por essa época, a Igreja também instituiu o *Index Librorum Prohibitorum*, o Índice de livros proibidos, que teve a primeira versão promulgada em 1559 pelo então papa Paulo IV (1476-1559). O documento consiste numa listagem de obras e autores considerados heréticos, e recebia regularmente novas edições atualizadas, de acordo com as determinações eclesiásticas. A edição de 1564, sob o papa Pio IV (1499-1565), foi particularmente importante por definir um conjunto de regras para a censura a livros, dentre os quais a Bíblia. Em sua quarta regra, o *Index* estabelecia:

Como a experiência tem mostrado que a distribuição desordenada da Bíblia em língua vernácula produz mais dano que vantagem, devido à temeridade dos homens, convém seguir nesse assunto a determinação do bispo ou do

²⁴⁶ Cf. BELLITTO, *Op. cit.*, p. 144-149

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 152-153.

inquisidor; com o assentimento do Pároco ou do Confessor, pode-se conceder a leitura das Bíblias traduzidas em língua vernácula por autores católicos àqueles que julgarem tirarão dessa leitura não dano, mas aumento de fé e da piedade. Que essa faculdade seja concedida por escrito. Aquele que ousar lê-las, ou possuí-las, sem essa faculdade, se não devolver essas Bíblias ao ordinário, não poderá receber a absolvição dos pecados. Os livreiros que não possuem tal faculdade, e que vendem Bíblias no idioma vernáculo, ou que as distribuem de qualquer outro modo, percam o valor correspondente aos livros, o qual deverá ser empregado pelos bispos em obras piedosas; padeçam também outras penas proporcionais à natureza do delito, segundo o arbítrio do bispo. Os regulares só poderão lê-las ou comprá-las se seus superiores lhe concederem faculdade para tal.²⁴⁸

Assim colocada, a quarta regra permitia a leitura da Bíblia a quem tivesse a devida autorização e uma suposta capacidade para tanto.²⁴⁹ A definição é importante, pois, como observou Savart, mesmo no século XIX “a maior parte dos autores católicos se referem de início à ‘quarta regra’ do Index” para tratar de questões relativas ao acesso às Escrituras pelos fiéis.²⁵⁰

Em 1593, no entanto, algumas observações às regras do *Index* foram incluídas pelo papa Clemente VIII (1536-1605), e dentre elas uma que retirava o poder de licença conferido aos bispos e ordinários. Dessa forma, sem uma instância capaz de conceder as devidas autorizações, a nova medida configurou uma efetiva proibição da leitura da Bíblia dentro do Catolicismo.²⁵¹

A situação só veio a mudar em 13 de junho de 1757, data de publicação de um Decreto emitido pela Congregação do Index e aprovado pelo papa Bento XIV (1675-1758). Este flexibilizava a legislação vigente desde Trento, autorizando a realização de traduções da Bíblia em vernáculo, desde que aprovadas pelas autoridades eclesiásticas e com notas explicativas baseadas nos padres da Igreja.²⁵²

Esse ato representou um marco institucional dentro do Catolicismo para as traduções da Bíblia, pois permitiu que novas tentativas de verter o texto fossem acolhidas no seio da

²⁴⁸ *INDEX Librorum prohibitorum*: a edição de 1564. Trad. Tiago Gadotti. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2018, p. 106-107.

²⁴⁹ JULIA, *Op. cit.*, p. 84.

²⁵⁰ SAVART, *Op. cit.*, p. 22, tradução nossa.

²⁵¹ JULIA, *Op. cit.*, p. 84.

²⁵² Ainda que a Santa Sé tenha flexibilizado as possibilidades de verter as Escrituras em vernáculo, a aplicação dessas medidas dependia também das autorizações locais: na Espanha, por exemplo, somente com o Decreto da Santa Inquisição de 7 de janeiro de 1783 – que autorizava a leitura da Bíblia pelos fiéis de acordo com as regras da Congregação do Índice – é que efetivamente traduções foram incentivadas. SÁNCHEZ CARO, José Manuel. “Historia de la Biblia en España”. In: PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel; TREBOLLE BARRERA, Julio. *Historia de la Biblia*. Madrid: Editorial Trotta/Universidad de Granada, 2006, p. 325.

Igreja, mesmo que com alguns critérios e restrições. Contudo, a nova medida não encerrou a discussão, nem tampouco resolveu o problema do acesso às Escrituras.

Permitir a leitura da Bíblia pelos fiéis foi uma questão que trazia aos clérigos “muito mais desconfiança do que entusiasmo”, ao que sempre reagiam de modo reticente. No limite, preferir-se-ia uma difusão mais “controlada” da mensagem bíblica do que uma permissão integral da leitura.²⁵³ Via de regra, “a leitura da Bíblia não era considerada como essencial à vida cristã dos fiéis”,²⁵⁴ sendo que muitas das vezes era mais interessante à Igreja deixar nas mãos do povo o que Savart chamou de “vias de acesso indiretas” ao texto sagrado, ou seja, principalmente histórias santas e catecismos, de leitura supostamente mais fácil, e destinadas a um leitor menos preparado.²⁵⁵

Com efeito, ainda em fins do século XIX, através da Constituição Apostólica *Officiorum ac munerum* de 25 de janeiro de 1897, o papa Leão XIII (1810-1903) retomou elementos da velha quarta regra do *Index*, estabelecendo a proibição de todas as versões na língua vernácula, se não fossem devidamente aprovadas e com anotações dos padres. Em seu Capítulo 3, que trata das “Versões vernáculas da Sagrada Escritura” o documento ordenava:

7. Visto que é evidente pela experiência que, se a Bíblia Sagrada em língua vernácula é permitida sem discriminação, então mais dano, ao invés de vantagem, surge da temeridade dos homens; Todas as traduções na língua vernácula, mesmo aquelas escritas por homens católicos, são totalmente proibidas, a menos que tenham sido aprovadas pela Sé Apostólica ou publicadas sob o olhar atento dos bispos com notas tiradas dos Santos Padres da Igreja e de eruditos escritores católicos.

8. É proibido que todas as versões da Bíblia Sagrada sejam publicadas em qualquer língua vernácula por quaisquer não católicos, e especialmente aquelas que são publicadas através das sociedades bíblicas, nem uma vez condenadas pelos Romanos Pontífices; Essas versões são, no entanto, permitidas para quem se dedica aos estudos teológicos ou bíblicos, de acordo com os requisitos estabelecidos acima [...].²⁵⁶

Para além de decretos e constituições, o problema do acesso à Bíblia também aparece em outros corpos jurídicos da Igreja. No *Código de Direito Canônico* de 1917 – uma

²⁵³ SAVART, *Op. cit.*, p. 23, tradução nossa.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 30.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 31.

²⁵⁶ LEÃO XIII. *Constitutio apostolica Officiorum ac munerum*. Roma, 25 de janeiro de 1897, tradução nossa.

Disponível em:

https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/apost_constitutions/documents/hf_l-xiii_apc_18970125_officiorum-ac-munerum.html. Acesso em: 30 ago. 2021.

compilação de regras esparsas da Igreja, primeiramente reunida neste ano – encontramos três itens com referências à tradução, edição e leitura da Bíblia.

No cânone 1391:

Não se podem imprimir as versões das Sagradas Escrituras em língua vernácula, a não ser que a tenham sido aprovadas pela Sé Apostólica, ou que sejam publicadas sob a vigilância dos bispos e com notas tomadas, principalmente, dos santos padres e de escritores doutos e católicos.²⁵⁷

O cânone 1399, parágrafo 1, por sua vez, indica que estão proibidas:

As edições do texto original ou de antigas versões católicas da Sagrada Escritura, incluindo as da Igreja Oriental, publicadas por não católicos, e, igualmente, suas traduções em qualquer língua, feitas ou editadas por não católicos.²⁵⁸

Por fim, o cânone 1400:

O uso dos livros que alude o cânon 1399, n. 1, e daqueles que foram publicados contrariamente ao disposto no cânon 1391, somente se permite àqueles que se dedicam, de algum modo, aos estudos teológicos ou bíblicos, sempre que esses livros estejam fiel e integralmente editados, e em seus prolegômenos ou em suas anotações nada contenham contra os dogmas da fé católica.²⁵⁹

A necessidade de aprovação de autoridades, a proibição de edições não autorizadas, bem como a insistência nos comentários aceitos, representam, no todo, uma manutenção de aspectos da “tradição” em paridade com o texto sagrado católico. É certo que os cânones acima referidos correspondem a regras paralelas que chegaram a 1917 com resquícios de uma legislação já consolidada, porém, vale ressaltar a longevidade dessas determinações.

Uma suposta flexibilização veio posteriormente através da Constituição Dogmática *Dei verbum* (18 de Novembro de 1965), fruto do Concílio Vaticano II (1962-1965) e promulgada pelo papa Paulo VI (1897-1978). A nova regra trouxe a novidade de incentivar abertamente a leitura da Bíblia:

²⁵⁷ Tradução ao português realizada por MALZONI, Cláudio Vianney. *As edições da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 123. A versão original em latim pode ser encontrada em: <https://www.iuscangreg.it/cic1917.php?lang=PT>. Acesso em: 30 ago. 2021.

²⁵⁸ MALZONI, *Op. cit.*, p. 124.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 124.

O sagrado Concílio exorta com ardor e insistência todos os fiéis, mormente os religiosos, a que aprendam ‘a sublime ciência de Jesus Cristo’ (Fil. 3,8) com a leitura frequente das divinas Escrituras, porque ‘a ignorância das Escrituras é ignorância de Cristo’. Debruçem-se, pois, gostosamente sobre o texto sagrado, quer através da sagrada Liturgia, rica de palavras divinas, quer pela leitura espiritual, quer por outros meios que se vão espalhando tão louvavelmente por toda a parte, com a aprovação e estímulo dos pastores da Igreja.²⁶⁰

Mais adiante, no mesmo parágrafo da Constituição, um conjunto de ressalvas são feitos, seja no sentido de que “a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que seja possível o diálogo entre Deus e o homem”, mas também que “compete aos sagrados pastores depositários da doutrina apostólica, ensinar oportunamente os fiéis que lhes foram confiados no uso recto dos livros divinos”. A ação evangelizadora deveria ser sempre realizada através de “traduções dos textos sagrados, que devem ser acompanhadas das explicações necessárias e verdadeiramente suficientes”. Com tudo isso, a difusão das Escrituras deveria ser feita “com zelo e prudência”.

Embora as medidas do Concílio Vaticano II tenham representado um grande movimento de abertura da Santa Sé para seus fiéis, alguns aspectos bastante arraigados ao Concílio de Trento foram mantidos. O respeito à tradição da Igreja e de seus sacerdotes permanece como pilar fundamental, lado a lado com a autoridade das Escrituras. A recomendação de traduções com devidas explicações, bem como a exortação a uma oração ou meditação precedendo a leitura, também nos remetem a protocolos que se fazem comedidos, seja nas formas assumidas pelo texto, seja na sua interpretação.

Assim, ainda que a leitura da Bíblia fosse doravante permitida e incentivada, sua prática deveria se enquadrar em alguns critérios para ser considerada legítima. Há de se ler, sim, as Escrituras, porém, com alguma margem de controle.

Com efeito, o *Código de Direito Canônico* de 1983 – promulgado pelo papa João Paulo II (1920-2005) e ainda vigente –, em seu cânone 825, § 1 e 2, ainda sustenta a necessidade do apoio de notas explicativas nas edições bíblicas e da aprovação da Sé Apostólica ou da Conferência dos Bispos para sua realização:

²⁶⁰ PAULO VI. *Constituição Dogmática Dei verbum*. Roma, 18 de Novembro de 1965, Cap. VI, § 22. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 30 ago. 2021.

Cân. 825 – § 1. Os livros das sagradas Escrituras não podem ser editados sem aprovação da Sé Apostólica ou da Conferência episcopal; do mesmo modo, para serem editadas as versões dos mesmos nas línguas vernáculas, requer-se a aprovação da mesma autoridade, e devem ainda ser anotados com explicações necessárias e suficientes.

§ 2. Com licença da Conferência episcopal, os fiéis católicos podem preparar e editar, em colaboração com os irmãos separados, versões das sagradas Escrituras, anotadas com as explicações convenientes.²⁶¹

Assim, mesmo que o peso de uma “proibição” tenha sido abandonado, a necessidade de aprovação permanece como uma forma de controle da Igreja sobre a edição dos textos bíblicos. O argumento de uma “tradição” católica equiparada à Escrituras, como vimos, remonta às discussões de Trento no século XVI e ainda vigora, mesmo que de forma não explícita. O problema da leitura da Bíblia ainda se encontra, portanto, pautado nesses princípios, e assim o foi durante o século XIX diante da difusão de Bíblias protestantes.

2.2.3 As “Bíblis falsificadas”

Certo debate com relação à leitura da Bíblia veio à tona durante a chegada de missionários protestantes no século XIX: o tema das chamadas “Bíblis falsificadas” é bastante longo no Oitocentos brasileiro. Um conjunto de argumentos correram entre periódicos e livros sobre o assunto, com muitos artigos de pena anônima ou pseudônima, de difícil identificação de autoria. O termo foi usado para se referir a edições das Sociedades Bíblicas, que, como vimos, foram condenadas pelo *Syllabus* de 1864. Entretanto, é possível encontrar manifestações católicas contrárias a elas antes e mesmo muito depois da emissão desse documento.

Ainda em 1882, o presbiteriano Antônio Pedro de Cerqueira Leite (1845-1883) remontava o primeiro uso do termo ao arcebispo Dom Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860) que, ao prefaciar a edição de 1851 da *História Sagrada* do padre J. Roquette, se referiu às versões protestantes das Escrituras como “Bíblis falsificadas”.²⁶²

²⁶¹ MALZONI, *Op. cit.*, p. 132-133.

²⁶² LEITE, A. Pedro de Cerqueira. *As Bíblis falsificadas*: resposta a uma velha Pastoral. São Paulo: Typographia a vapor de J. Seckler & C., 1882, p. 1.

Surpreende o fato de que mesmo em fins do século XIX o assunto ainda mobilizasse discussões, como é o caso de Cerqueira Leite. Contudo, podemos encontrar reações contrárias à difusão de Bíblias protestantes muito anteriores à manifestação do arcebispo, que começaram a surgir tão logo que agentes das Sociedades Bíblicas e missionários passaram a atuar no Brasil.²⁶³

Algumas das primeiras manifestações contra a ação missionária protestante – o que incluía a distribuição de suas edições das Escrituras – vieram do padre Luís Gonçalves dos Santos (1767-1844), apelidado à época de “Padre Perereca”. A ele se juntou também William Paul Tilbury (1784-1863), padre católico inglês que veio ao Brasil e aportuguesou seu nome para Guilherme Paulo. Os dois autores são identificados como pioneiros do pensamento reformista da Igreja Católica no país, principalmente Perereca, “talvez o mais vocífero dos primeiros ultramontanos no Brasil.”²⁶⁴

Contra as ideias que defendiam o fim do celibato do clero católico, o Padre chegou a atacar o também sacerdote Diogo Antônio Feijó (1784-1843) – com vimos, um dos principais expoentes do Catolicismo de cunho liberal no Brasil – com suas obras *O celibato clerical e religioso defendido dos golpes da impiedade e da libertinagem dos correspondentes da Austrália, com um apêndice em separado do Sr. Padre Feijó* (Rio de Janeiro, 1827), e *A voz da verdade da Santa Igreja Católica, confundido a voz da mentira do amante da humanidade para sedativo da efervescência casamenteira dos modernos celibatários* (Rio de Janeiro, 1829).

Contra os primeiros missionários protestantes que aportavam no Rio de Janeiro – notadamente Justus Spaulding e Daniel Parish Kidder –, o mesmo Perereca escreveu *Desagravos do clero e do Povo Católico Fluminense, ou refutação das mentiras e calúnias do impostor que se intitula missionário do Rio de Janeiro, e enviado pela Sociedade Metodista Episcopal de New York para civilizar e converter ao Cristianismo os fluminenses* (Rio de Janeiro, 1837), e *O Católico e o Metodista, ou refutação das doutrinas heréticas que*

²⁶³ A questão da falsidade das Bíblias chegou a nível do humor periódico, como na anedota de 1860: “O subdelegado de S. José prendeu em uma casa da rua de Sta. Luzia nove indivíduos que se ocupavam na leitura da Bíblia, por parecer que a S. S. que a edição de que se serviam não era orthodoxa. Que zelo da policia pela salvação das almas!...”. *A Actualidade*, Rio de Janeiro, 07/11/1860, ano 2, n. 105, p. 2, col. 4, seção “Noticias Diversas”.

²⁶⁴ VIEIRA, David Gueiros, *Op. cit.*, p. 34. Veja-se também SILVA, Ana Rosa Clocllet da; CARVALHO, Thaís da Rocha. “Ultramontanismo e protestantismo no período regencial: uma análise da crítica panfletária dos padres Perereca e Tilbury à missão metodista no Brasil”. *Almanack Guarulhos*, n. 15, p. 143-182, jan./abr. 2017.

os intitulados missionários do Rio de Janeiro, metodistas de New York tem vulgarizado nesta Corte (Rio de Janeiro, 1838).

Em parceria com seu colega Tilbury, saiu em 1838 o *Antídoto Catholico contra o Veneno Methodista*, obra em que se encontra uma delimitação mais clara de suas posições com relação aos protestantes e suas Bíblias.²⁶⁵

Como já apontado, o Ultramontanismo do século XIX assumiu uma posição contrária também ao Liberalismo, fato que pode ser observado no escrito ferino de Perereca e Tilbury ao afirmarem que “este systema de Missões estrangeiras he puramente huma *especulação* ardilosa para ganhar dinheiro.”²⁶⁶ Em sua crítica direta às Sociedades Bíblicas, afirmaram os autores:

Quatro centos contos de réis, ou hum milhão de crusados, pelo menos, tira annualmente a sociedade da Biblia de Londres ao Povo Inglez principalmente debaixo do falso pretexto de ser a Biblia um livro prohibido aos Catholicos, e huma mentira, que rende tanto dinheiro, que não lhe faltará tão cedo quem a sustente.²⁶⁷

De um lado, há a acusação de que as Sociedades Bíblicas se beneficiavam da venda massiva das Escrituras, e por outro, há a contestação de que o Catolicismo proibia a leitura das Escrituras: “Não he e Biblia, que a Igreja prohibe, he a má interpretação, he o abuso da palavra de Deos, que ela piedosamente procura evitar.”²⁶⁸

Os Protestantes tem summo empenho de espalhar pelo mundo inteiro as suas Bíblias sem Notas vertidas pela maior parte por Hereges e por Escriutores suspeitos de heterodoxia, não só por amor do ganho, mas principalmente por que vêem que he um dos meios mais efficazes para seduzir os ignorantes, e pervertê-los.²⁶⁹

Sob essa ótica, a Igreja assumiria um papel de guia de seus fiéis, impedindo a dissensão dentro da comunidade e preservando as autoridades e hierarquias. Implicitamente

²⁶⁵ SANTOS, Luiz Gonsalves dos. *Antidoto Catholico contra o veneno methodista ou refutação do segundo relatorio do intitulado missionario do Rio de Janeiro. Composto pelo R. P. G. Tilbury. Com huma analyse do annuncio do vendedor de Biblias*. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1838.

²⁶⁶ *Ibidem*, p. 4, grifo original.

²⁶⁷ *Ibidem*, p. 14.

²⁶⁸ *Ibidem*, p. 12

²⁶⁹ *Ibidem*, p. 14.

está colocada a paridade das Escrituras com a chamada “tradição” dos santos Padres, que pode ser melhor observada no trecho a seguir:

Grande felicidade he certamente o ser Catholico! Pois que para sabermos o que devemos crer, não he preciso andar ás palpadelas folheando a Biblia; e toda a nossa difficuldade consiste em conformar as nossas vidas com a fé que a Santa Igreja nossa piedosa Mãi nos ensina.²⁷⁰

Um conjunto de artigos publicados no *Diário do Rio de Janeiro* durante a atuação dos mesmos metodistas Kidder e Spaulding na cidade segue o caminho traçado pelos ultramontanos. Trata-se de textos de autoria ora anônima, ora pseudônima, que podem na verdade pertencer aos mesmos Perereca e Tilbury, embora essa seja apenas uma hipótese.

Os escritos assinados por um certo “Catholico Velho” se ocuparam em definir argumentos contra a leitura dos exemplares da Bíblia e panfletos difundidos, além de defender a posição católica nesses assuntos. Numa crítica ao uso do texto sagrado na instrução escolar da Inglaterra, argumentou:

A sagrada biblia é o volume mais misterioso, e mais difficil de entender, que ha no mundo; e de mais, n’ella ha scenas historicas e profeticas, descritas em uma linguagem tão particular, que a leitura de alguns livros d’ella foi vedada aos mesmo judeos, antes se terem chegado á idade de trinta annos; e estes fanaticos querem que a nossa mocidade os lêia! [...] Bem que taes passagens forão inspiradas por Deus vivo, e muito proprias ao tempo, e para as pessoas, á quem foram dirigidas, e mesmo necessariamente conservadas para o conhecimento e uso da igreja de Deus, comtudo, nem são proprias, nem necessarias ao povo em geral.²⁷¹

A crítica do “Catholico Velho” continuou em seu artigo “Ainda biblias e mais biblias”, onde discutia a proibição à leitura das Escrituras, seja pela ausência das notas, seja pela exclusão de alguns livros bíblicos na versão Figueiredo apresentada pelos missionários: “é verdade que os catholicos não dão a biblia inteira a rapazes e raparigas para lêrem: a Santa Biblia é livro, que deve ser lido com gravidade por homens intelligentes, e não ela mocidade levianna.”²⁷² Assim, de acordo com as concepções do autor, a leitura da Bíblia

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 48

²⁷¹ *Diário do Rio de Janeiro*, 07/08/1838, n. 174, ano XVII, p. [1], col. 3. Seção Comunicado. Título: “Biblias! Biblias! Biblias!”, assinada por “Um catholico velho”, grifo nosso.

²⁷² *Diário do Rio de Janeiro*, 07/08/1838, n. 184, ano XVII, p. [2], col. 2. Seção Rio de Janeiro.

deveria se restringir aos padres, o que não significaria nenhum desfalque na formação cristã dos leigos.

Para além da recusa católica em aceitar as edições das Sociedades Bíblicas pelas razões já colocadas, havia também o argumento da incapacidade do leitor comum em apreender o sentido considerado correto das Escrituras, abrindo espaço para a dissidência e para a heterodoxia. É o que sugeriu outro texto do *Catholico Velho*: “Agora, perguntamos nós: se estes padres homens instruídos, não podem *entender* a biblia, entendendo-a cada um a seu modo, que proveito poderá o povo ignorante tirar da leitura d’ella?”²⁷³

O título bastante sugestivo desse artigo postulava uma espécie de tese: “A inutilidade da biblia só, como unica regra de fé, ou guia para o povo em materia de religião, povoada pelos mesmos padres protestantes aqui residentes.” Seguindo os preceitos do Concílio de Trento, o autor recorria à importância da tradição como autoridade equiparada às Escrituras e como mantenedora da unidade cristã. Considerando as incompatibilidades entre as doutrinas protestantes e os sacramentos católicos, atribuía apenas a esta última a legitimidade de interpretação da Bíblia:

Não são ellas [as incompatibilidades] pelo contrario uma *prova* evidente de que a biblia só, sem a tradição e interpretação da igreja catholica, apostolica romana *nunca* foi o meio designado por Deus para conduzir os homens ao conhecimento de sua santa lei?!²⁷⁴

Em outro texto publicado, de autoria anônima, o argumento é o mesmo, com o acréscimo de uma sutil diferença entre “proibir” e “autorizar”:

Si os methodistas entendem que é necessario para a salvação a leitura da biblia (o que negamos), porque não propõe as que temos de *Pereira, Sarmiento, e Royaumont?* Dirijão-se estes Srs. aos Srs. livreiros do Rio; e d’elles saberão, que sempre vendêrão e vendem os livros sagrados, não só em portuguez como em outras linguas, à quem os quer comprar, e que jamais *lhes constou, que a sua leitura fosse prohibida*, mas antes autorizada pela igreja catholica. Uma de duas, Srs. methodistas, ou vós quereis vender as vossas biblias, meramente por especulação lucrativa, ou para espalhar o veneno, que n’ellas introduzistes.²⁷⁵

²⁷³ *Diário do Rio de Janeiro*, 18/04/1840, n. 88, ano XIX, p. 2, col. 1, seção “Communicado”, pelo *Catholico Velho*, grifo original.

²⁷⁴ *Diário do Rio de Janeiro*, 18/04/1840, p. 2, col. 2, grifos originais.

²⁷⁵ *Diário do Rio de Janeiro*, 13/11/1838, n. 256, ano XVII, p. [2], col. 1. Seção Rio de Janeiro. Título: “Os methodistas, os protestantes, e suas biblias”, grifo original.

Em 1850, cerca de dez anos após as manifestações de Perereca e Tilbury, bem como dos autores anônimos, um longo texto foi publicado ao menos em dois periódicos cariocas, desta vez criticando a atuação do missionário Robert Kalley na Ilha da Madeira. Diferentemente do trabalho livre dos dois padres ultramontanos, a nova matéria era dotada de maior oficialidade: era a transcrição de uma Carta Pastoral emitida pelos bispos de Funchal, datada de 26 de setembro de 1843.²⁷⁶ A distribuição de Bíblias empreendida pelo escocês durante sua estadia na cidade levou o bispado local a nomear uma Comissão de eclesiásticos para avaliar os exemplares das Escrituras, através de uma portaria emitida em 20 de maio de 1841. A conclusão foi a seguinte:

A Comissão acaba de nos dar conta dos seus trabalhos, e afirma que todos os sobreditos exemplares da Biblia, e os que se acham espalhados pelas mãos de muitas pessoas d'esta Provincia são todos da edição ingleza; e, ainda que no rosto de cada volume tenham o nome do theologo portuguez, o Padre Antonio Pereira de Figueiredo, como seu traductor, comtudo não são cópias fieis da sua traducção, a qual, por approvada na Igreja Luzitana, he a unica cuja leitura pode e deve ser consentida no publico.²⁷⁷

Os clérigos determinaram, a partir de sua análise, que as Bíblias distribuídas por Kalley – editadas pelas BFBS – deveriam ser proibidas por duas razões: primeiro, por nelas estarem ausentes notas com comentários explicativos de autores considerados “qualificados” pela Igreja Católica; segundo, pela supressão de alguns livros bíblicos, algo comum nas versões protestantes. Aos olhos da Comissão, tais modificações seriam suficientes para adulterar o sentido e a integridade das Escrituras e, por isso, atestavam sua “falsificação”:

As Biblias da edição ingleza não só supprimiram as ditas notas em sua traducção, mas ainda rejeitaram os livros canonicos de Tobias, Judith, Sabedoria, Eclesiastico, Prophecia de Baruch, e Macchabeus. Achando-se igualmente transposições de palavras, e differença de termos, que, apesar de parecerem ser do mesmo sentido, comtudo não sendo iguaes aos da versão e da edição portugueza, mudam essencialmente o seu sentido, e não podem gozar de credito algum.²⁷⁸

²⁷⁶ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, n. 779, p. 1-2, e também no *Correio Mercantil*, 03/09/1850, n. 221, ano VII, p. 1, cols. 4-5, p. 2, col. 1, seção Exterior (Portugal). Nos valemos do texto do *Correio da Tarde* por estar mais legível. A Pastoral vem assinada por “D. Januário Vicente Camacho, Bispo Eleito de Castello-Branco, do Conselho de Sua Magestade a Rainha, Deão da Sé do Funchal, Commendador da Ordem de Christo. Governador Temporal e Vigario Capitular do Bispado do Funchal, Ilha da Madeira, Porto Santo e Arguim, &c.”

²⁷⁷ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, p. 1, col. 4.

²⁷⁸ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, p. 1, col. 4 - p. 2, col.1.

O Conselho determinou o envio dos exemplares à Câmara Eclesiástica a fim de que fossem “inutilizados”, e também ordenou às freguesias o comparecimento obrigatório dos párocos às suas respectivas igrejas: “concedemos mais oito dias para se desobrigarem os Fieis que ainda faltarem por obrigação da última Quaresma”. Uma vez não comparecendo, uma lista com seus nomes deveria ser publicada, “para que se apresentem no prazo de mais oito dias”. Se permanecessem ausentes, os padres deveriam então enviar ao Paço Episcopal “uma relação com declaração dos nomes, estados, idades, e de quantos annos não se desobrigam, para darmos as providencias que julgarmos convenientes”.

Por fim, os exemplares da BFBS foram expressamente condenados, sob pena de excomunhão:

Reprovamos, condemnamos e anathematisamos a todos os exemplares da Biblia da edição ingleza, por estar adulterada, errada, e maliciosamente alterada, para que se não possa ler nem ensinar por ella n’este Bispado: e mandamos, com pena de excomunhão *ipso facto*, a todos os professores publicos que não ensinem por ella, e a todos os Fieis em geral, debaixo da mesma pena, que não ouçam a sua leitura.

Empenhados em afastar leitores dos ditos exemplares falsificados, os membros da Comissão também listaram uma série de recomendações a seus fiéis. A rigor, toda leitura da Bíblia deveria ser feita com a mediação de alguma autoridade:

Exhortamos, pois, em nome do Nosso Senhor Jesus Christo a todas as pessoas que, levadas por effeito de uma piedade mal entendida, têm concorrido a ouvir a leitura e explicação da errada tradução da Sagrada Biblia, para que se abstenham de assistir a taes praticas, não só por este poderoso motivo; mas porque, ainda que fosse exacta, devia ser lida e explicada por sacerdote catholico, unica pessoa competente para fazer taes praticas, ou pelos professores que estão bem firmes na Fé, da qual é o unico author e consumidor Jesus Christo²⁷⁹

Na ausência de uma figura eclesiástica para conduzir a leitura, a Pastoral se dirigiu também aos “pais de família”, recomendando-lhes o comparecimento frequente às missas, pois “os filhos mal educados pelos pais e mestres são a peste da Sociedade [...] Que exemplo

²⁷⁹ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, p. 2, col.1.

pode dar um pai a seus filhos, quando se passam mezes e annos que não entre na Igreja?”²⁸⁰ A formação religiosa, nesse sentido, estaria muito mais voltada à incorporação dos sacramentos da Igreja e, com isso, o peso da tradição romana ainda persistia, sendo a própria leitura da Bíblia algo dispensável aos fiéis:

A Sagrada Escripura, a tradição Apostolica, o commum sentimento dos Santos Padres e Doutores, devem ser a base sobre que fundeis os vossos discursos aos vossos freguezes [...] Instruí-os nos rudimentos da Fé e nas obrigações da vida christã, explicando-lhes em todos os domingos, principalmente o symbolo dos Apostolos, os Sacramentos, o decalogo e a oração dominical: porque explicados estes quatro capitulos ou pontos, quasi nada mais se pode desejar para a intelligencia d’aquellas cousas que o homem christão deve aprender²⁸¹

Sabe-se que a perseguição a Kalley na Ilha da Madeira foi bastante intensa, e não deixa de ser notável a iniciativa dos periódicos brasileiros em retomar uma Carta Pastoral que havia sido emitida sete anos antes. Ademais, o escocês só viria a aportar no Brasil em 1855, cinco anos depois. As razões para essa disparidade ainda nos é obscura, porém igualmente reveladora de uma preocupação local com a distribuição de Bíblias e com o trabalho missionário realizado.

A manifestação oficial mais contundente, no entanto, veio apenas na década seguinte, pelas mãos do Arcebispo da Bahia e primaz do Brasil Dom Manoel Joaquim da Silveira (1807-1875), dono de uma “orientação reformista” comum entre os sucessores de Dom Romualdo Antonio de Seixas (1787-1860), clérigo que gradualmente se alinhou ao Ultramontanismo.²⁸²

Em 1862, numa possível reação ao trabalho missionário do escocês Richard Holden (1828-1886) na Bahia, Silveira escreveu um opúsculo alertando os fiéis católicos contra os supostos “erros” nas Bíblias e nas doutrinas protestantes.²⁸³ Além desse documento, publicou

²⁸⁰ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, p. 2, col. 2

²⁸¹ *Correio da Tarde*, 11/09/1850, p. 2, col. 2

²⁸² AZZI, Riolando. *A Sé primacial de Salvador: a Igreja Católica na Bahia (1551-2001)*, vol. II. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 145 *apud* JESUS, Leonardo Ferreira de. *Ventos venenosos: o catolicismo diante da inserção do protestantismo e do espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manoel Joaquim da Silveira (1862-1874)*. Dissertação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014, p. 27.

²⁸³ SILVEIRA, Manuel Joaquim da. *Carta Pastoral do Exellentissimo e Reverendissimo Arcebispo da Bahia Dom Manuel Joaquim da Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil, premunindo os seus Diocesanos contra as mutilações e adulterações da Biblia traduzida em Português pelo Padres João Ferreira A. de Almeida; contra os Folhetos e Livrinhos contra a Religião, que com a mesma Biblia se tem espalhado nesta Cidade; e contra alguns erros, que se tem publicado no Paiz*. Bahia. Typ. de Camillo de Lellis Masson & C. 1862. Disponível

também uma *Carta Pastoral premunindo os seus diocesanos contra os erros perniciosos do Spiritismo* (Bahia, 1867).

Antes de tornar-se Arcebispo, Silveira foi monsenhor da Capela Imperial e reitor do Seminário Episcopal do Rio de Janeiro, além de membro do Conselho do Imperador e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foi ordenado bispo no Maranhão em 1852, e depois Arcebispo da Bahia, metropolitano e primaz do Brasil, em 1861. Sua Carta Pastoral contra as Bíblias veio, portanto, um ano após ocupar seu novo cargo em Salvador.²⁸⁴

“Chegou aos nossos ouvidos, que nesta Cidade se andavão vendendo Biblias falsas, e livrinhos contra a religião, os quaes pela belleza da impressão, pelo pequeno formato e modico preço eram vendidos com muita facilidade por um homem”: assim se referiu Dom Manoel à atuação de um missionário não identificado em Salvador.²⁸⁵ Ao longo de seu texto, termos como “mutiladas”, “adulteradas”, “pervertidas”, “truncadas”, “manipuladas” e “heterodoxas” foram utilizados para se referirem às Bíblias “cheias de erros”, distribuídas por missionários cujas “falsas doutrinas” e “doutrinas heréticas” visavam “instilar no ânimo a dúvida”.²⁸⁶

Ao que o próprio título da Carta indica, sua preocupação inicial com as Bíblias se encontrava no fato de corresponderem à versão de João Ferreira de Almeida da Bíblia, não autorizada pela Igreja Católica. Os exemplares impressos em Nova York estavam, nas palavras do Arcebispo, com o Antigo Testamento “truncado”, isto é, faltando, os livros deuterocanônicos da Bíblia católica: Tobias; Judith; capítulos 11 a 16 de Ester; Sabedoria; Eclesiástico; Baruc; versículos 24-90 e 98-100 do capítulo 3 de Daniel; capítulos 13 e 14 do mesmo; e os dois livros de Macabeus.²⁸⁷ Silveira também cita a variação de nomes de alguns livros do Antigo Testamento na referida Bíblia, embora “esta mudança seja de pouca importancia”.

em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital0487/bndigital0487.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021. O próprio Silveira cita uma Carta Pastoral expedida por seu antecessor Dom Romualdo Antonio de Seixas, datada de 20 de dezembro de 1839, a que não encontramos (p. 5-6). O então Arcebispo se referiu aos exemplares das Sociedades Bíblicas como “Biblias truncadas, e manipuladas nas officinas dessas famosas sociedades.” Esta pode se tratar da primeira manifestação oficial contra a ação missionária de difusão de Bíblias no Brasil.

²⁸⁴ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*, tomo 6. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862, p. 23.

²⁸⁵ SILVEIRA, *Op. cit.*, p. 3.

²⁸⁶ *Ibidem*, *passim*.

²⁸⁷ *Ibidem*, p. 7.

Quanto ao conjunto do Novo Testamento, estaria “inteiro”, porém com os livros “viciados”, onde “os erros pullulão por toda a parte”. Nas páginas subsequentes da Carta Pastoral, o Arcebispo se pôs a analisar vários termos da tradução de Almeida contidos na Bíblia criticada, sempre recorrendo a comparações com o texto da Vulgata latina, e a explicações gramaticais e de cunho dogmático para refutar o texto em português.²⁸⁸

São as passagens: Lucas 1:26-28 (o termo traduzido da Vulgata por Silveira como “cheia de graça” aparece na edição de Nova York como “graça aceita”, uma desqualificação da Virgem Maria, no entender do clérigo); Atos 6:22 (na versão protestante, o acréscimo indevido das palavras “por comum consentimento” à eleição de anciãos nas igrejas, um “erro gravíssimo” contra a hierarquia eclesiástica, pois sugere “que os Sacerdotes recebem sua missão do povo, e não de Deus”); Coríntios 9:27 (“subjugar” no lugar de “castigar” na tradução de Almeida, termo que suavizaria demais o sentido da frase); Efésios 5:32 (“mysterio” no lugar de “Sacramento”, modificação feita para “desviar a ideia de Sacramento”, tão cara ao catolicismo).

Além dessas, restavam trechos do capítulo 5 da Primeira Epístola de João, “talvez o mais falsificado que se acha”, com nada menos que oito versículos “alterados”: versículo 6 (“Christo é a verdade” trocado por “o Espirito é a verdade” na Bíblia “herética”); 10 (“tem em si o testemunho de Deus” por “testemunho tem em si mesmo”); 13 (acrécimo indevido da frase “para que saibais, que tendes a vida eterna, e para que creais em nome do Filho de Deus”); 15 (“receber” por “alcançar”); 17 (“ha pecado que é para a morte” por “pecado ha que nao é para morte”); 18 (“Deos o guarda” por “a si mesmo se conserva”); 19 (trecho que “não é uma traducção rigorosa mas uma paraphrase”, embora “não seja este o maior erro”); e 20 (sem explicação direta de Silveira).

Os apontamentos de Silveira convergem para as diretrizes tridentinas, em voga desde o século XVI. Sua crítica às Bíblias protestantes vai principalmente no sentido de manter a paridade entre as Escrituras e a tradição:

A Igreja Catholica não reprova as versões da Biblia em lingua vulgar, mas quer, que essas versões sejam conformes a antiga Vulgata Latina, que o Sancto Concílio Tridentino declarou em Sessão 4 ser authentica e canonica em todas as suas partes, convindo que as mesmas versões sejam acompanhadas de algumas annotações explicativas do verdadeiro sentido, que a Igreja tem fixado como único Interprete infallivel, e à qual

²⁸⁸ *Ibidem*, p. 8-14.

exclusivamente compete propôr e explica [sic] a palavra de Deos escrita e não escrita, isto é, a *Esriptura e a Tradição*, em as quaes se contem as regras da Fé, e dos costumes.²⁸⁹

Como resposta às afirmações de que o clero católico condenaria a leitura da Bíblia, Silveira pontuou algumas diretrizes a essas práticas, dirigindo-se especialmente às mães cristãs do Império:

Logo que for possivel exercitar a memoria do menino, se deve dirigir para o conhecimento da lei christã as primeiras luzes de sua intelligência. E em quanto se os faz ler alguns livros da lei christã escolhidos entre os historicos do *antigo*, e *do novo testamento*, sementes fecundas, cujos fructos são reservados para o futuro, ensinar-lhes *alguns versiculos da Esriptura*, para que os recitem de memoria, que serão como sua tarefa de cada dia, e como um ramalhete composto de flores escolhidas nas *Santas Esripturas*, que elles ofereceraõ em cada manhã á sua mãi.²⁹⁰

A presença de uma figura de autoridade – no caso, a mãe – mantém o intuito de controle sobre a leitura da Bíblia entre as crianças, quando da ausência de um eclesiástico. Ademais, ainda segundo o Arcebispo, “nenhuma prophesia da Esriptura se faz por *interpretação propria*”, sendo ela sempre realizada pelos “homens santos de Deos”, “inspirados pelo Espirito Santo”. Dessa forma, a leitura dos textos sagrados não deveria ser feita “como se qualquer individuo pelo simples facto de saber ler esteja habilitado para penetrar o sentido dos Livros Santos.”²⁹¹

Parte do texto da Carta Pastoral de Dom Manoel foi reproduzido *ipsis litteris* no trabalho de Joaquim Pinto de Campos (1819-1887), clérigo que também reagiu às investidas missionárias e suas Bíblias.²⁹² O autor avança na crítica ao sugerir o confronto dos exemplares protestantes com a edição autorizada pelo Arcebispo e então recentemente publicada por Baptiste-Louis Garnier:

Tenho em meu poder 14 Biblias traduzidas pelo Padre Almeida, e 11 das do Padre Antonio Pereira, contendo as mesmas falsificações! E como ousa contesta-lo a imprensa protestante da côrte? Acceitam ou não acceitam essas Biblias falsificadas? Se as não acceitam, não professam o protestantismo; se as acceitam, porque as não defendem, e antes procuram substitui-las pela

²⁸⁹ *Ibidem*, p. 15-16, grifo nosso.

²⁹⁰ *Ibidem*, p. 14, grifo original.

²⁹¹ *Ibidem*, p. 15, grifo original.

²⁹² CAMPOS, Joaquim Pinto de. *As Biblias Falsificadas*. Recife: Typographia Universal, 1865, p. 16-25.

Bíblia da edição Garnier, aprovada pelo Sr. Arcebispo da Bahia? Quem não vê nesses rodeios não vê o empenho com que a serpente busca esconder a cabeça nos anéis da cauda?²⁹³

Do lado protestante, as versões católicas eram criticadas por seu preço e acessibilidade: “A versão de Pereira tem sido publicada em Lisboa, em Londres, e ultimamente nesta côrte pela casa Garnier. Um exemplar da edição de Lisboa custa de 30\$ até 60\$; um da edição Garnier 30\$ e um da edição de Londres, se póde comprar or 1\$500.”²⁹⁴

Outra defesa ao trabalho dos missionários protestantes no Brasil veio do general José Inácio de Abreu e Lima (1794-1869), que publicou uma série de artigos no *Jornal de Recife* por volta de 1866, contestando as acusações de Campos contra os exemplares das Sociedades Bíblicas distribuídas no país. O autor, sob o pseudônimo de “Christão Velho”, reuniu seus textos e os publicou em 1867, sob o título de *As Bíblias falsificadas, ou duas respostas ao Cônego Pinto de Campos*.²⁹⁵ A obra de Abreu e Lima não agradou as autoridades católicas, que logo a incluíram no *Index Librorum Prohibitorum*.²⁹⁶

Embora tenha se colocado em defesa da circulação de edições da Bíblia, o general estava na verdade convicto de que “o Cristianismo era algo que transcendia todas as igrejas organizadas, as quais ele, depreciativamente, chamava de ‘seitas’”, como observou David Gueiros Vieira. Para o mesmo autor, Abreu e Lima “acreditava que todas as ‘seitas’ estavam erradas, especialmente por causa de seus dogmatismos e por causa do ódio que demonstravam umas às outras.”²⁹⁷

O texto compõe-se de uma discussão muito pormenorizada sobre os fundamentos das religiões cristãs e sobre as edições da Bíblia. Ao comentar a notícia de que uma edição do Novo Testamento das Sociedades Bíblicas foi queimado no Brasil por um vigário, o “Christão Velho” argumentava:

E, porém, mandar aprehender, condemnar, á pena de fogo, e fazer executar essa sentença, tudo de propria autoridade, sem a menor forma de processo!

²⁹³ *Ibidem*, p. 25, grifo nosso.

²⁹⁴ *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, 21/04/1866, vol. II, n. 8, p. 1, col. 1.

²⁹⁵ ABREU E LIMA, José Inácio de (pseud. Chistão Velho). *As Bíblias falsificadas ou duas respostas ao Sr. Conego Joaquim Pinto de Campos pelo Christão Velho*. Recife: Typ. Comercial de G. H. de Mira, 1867.

²⁹⁶ BOJUNDA, J. M. (Dir.). *Index librorum prohibitorum (1600-1966)*. Montréal: Université de Sherbrooke; Genebra: Librairie Droz, 2002, p. 48.

²⁹⁷ VIEIRA, David Gueiros, *Op. cit.*, p. 221. O próprio Abreu e Lima afirmou que “nada temos que dizer sobre as suas prelecções contra o protestantismo, porque não somos protestantes, e por consequência não nos cabe a defesa de seus dogmas e princípios”. ABREU E LIMA, *Op. cit.*, p. 41.

mandar queimar livros! e que livros! contendo toda a verdade fundamental da nossa religião; contendo enfim os quatro Evangelhos de Nosso Senhor Jesus Christo, é não só um attentado contra as leis do nosso paiz, contra a autoridade civil, contra a liberdade de consciencia, como igualmente um inaudito sacrilegio, um insulto a religiosidade do nosso povo, o escandalo dos escandalos.²⁹⁸

Com efeito, Abreu e Lima partia do ponto de vista da liberdade de consciência e da sociedade civil, deixando as instituições religiosas em segundo plano na discussão sobre as Bíblias. Para ele, a liberdade de difusão das Bíblias estava mais atrelada a uma defesa liberal da profissão de fé, que agradou aos missionários que o leram.

A relação do general com os protestantes, no entanto, não foi duradoura: na terceira parte de sua obra, intitulada “O Deus dos judeus e o Deus dos cristãos”, o autor sustentou que a divindade do Antigo Testamento era diferente da que se encontrava no Novo. Ao receber ressalvas do já citado Robert Kalley – com quem até então mantinha correspondência amigável –, “o general sentiu-se insultado e humilhado. Descobriu repentinamente, pela carta de Dr. Kalley, que os missionários protestantes no Brasil não eram da escola liberal européia, mas que eram membros dogmáticos das ‘seitas’ que tanto desprezava.”²⁹⁹ Liberais, protestantes e católicos mantiveram, como se pode observar, posicionamentos bastante distintos com relação à difusão e interpretação da Bíblia.

Para Émile Léonard, o “sucesso da propaganda protestante” contrasta com o “fracasso da defensiva católica” no século XIX brasileiro.³⁰⁰ O debate em torno da leitura da Bíblia aparece tangenciado na reação do clero ao avanço missionário que rompia com o monopólio religioso vigente desde o período colonial.

O Protestantismo representou apenas um de uma série de entraves ao Catolicismo da época, e nesse contexto o Ultramontanismo surgiu como tendência libertadora da Igreja Romana. “O desejo da instituição era a manutenção do seu papel de co-condutora da

²⁹⁸ ABREU E LIMA, *Op. cit.*, p. 11, grifo nosso.

²⁹⁹ VIEIRA, *Op. cit.*, p. 222-223.

³⁰⁰ LÉONARD, *Op. cit.*, p. 135.

sociedade”, em procurar “dar uma nova ordem à cristandade” através da “proteção dos valores e da tradição”, “reordenar e manter os católicos como católicos.”³⁰¹

Longe de se configurar uma proibição efetiva à leitura das Escrituras no Brasil Oitocentista, as orientações eclesiásticas se encaminharam no sentido de manter um conjunto de autoridades já estabelecidas. Avaliar, portanto, a dimensão de uma Bíblia “autorizada” pode também elucidar aspectos importantes dessa conjuntura.

³⁰¹ KLAUCK, Samuel. "A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX". *Mneme Revista de Humanidades*, v. 11 n. 29, p. 132-148, jan./jul. 2011, p. 135

CAPÍTULO 3

A Palavra Sancionada: A Edição Garnier de 1864

*Toma o livro, e come-o;
ele te causará amargor no ventre,
mas na tua boca será doce como mel.*

Apocalipse 10:9, trad. Antonio Pereira de Figueiredo

Uma das peculiaridades da Bíblia é o peso das mediações religiosas na sua leitura e interpretação. Por se tratar de um texto sagrado, o cuidado e atenção que as igrejas empenham sobre ela transcende a preocupação com muitos outros livros. Essa interposição entre igreja e fiel, entre instituição e leitor, atua principalmente no sentido de atualizar ou mesmo presentificar a narrativa bíblica, estabelecendo para isso diretrizes teológicas que se manifestam nas mais variadas denominações religiosas.

Se tomarmos o texto sagrado também como *livro*, veremos que as instituições religiosas não são as únicas entidades que estabelecem mediações entre a chamada Palavra de Deus e a leitura dos homens. Assim, a despeito de qualquer intermediação de padres e pastores na leitura e interpretação da Bíblia, em muitos casos o próprio texto impresso traz consigo elementos que direcionam a leitura, seja na forma de esclarecimento, seja na forma de indução ou coerção. Refletir sobre esses elementos, portanto, implica em tratar a Bíblia não apenas em seu valor simbólico e espiritual, mas também material e secular.

Podemos considerar, como propôs Umberto Eco, que todo texto é “incompleto”, ou seja, necessita sempre de um empenho do leitor em atualizar seu sentido e assim efetivar a transmissão da mensagem, num processo que depende tanto da interpretação como do repertório de quem lê. Ao chamar esse pressuposto de “leitor-modelo”, Eco também atenta para o fato de o leitor ser construído a partir do texto.³⁰²

Se procurarmos olhar não apenas para o texto, mas também para os seus suportes, para sua materialidade, poderemos reconhecer, como defende Roger Chartier, a leitura e o leitor “implícitos” no impresso e definir alguns “protocolos de leitura”, ou seja, “sinalizar como os objetos tipográficos encontram inscritos em suas estruturas a representação

³⁰² Cf. ECO, Umberto. “O leitor-modelo”. In: *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 35-49.

espontânea, feita por seu editor, das competências de leitura do público ao qual ele os destina.”³⁰³

Para além disso, os agentes do livro – principalmente o editor – devem dar sentido aos textos, pois estes estão vinculados inevitavelmente a seus suportes materiais. Por conseguinte, as formas da leitura a partir desses objetos são importantes na construção dos significados dos próprios textos.³⁰⁴

Cada Bíblia, enquanto *livro*, carrega consigo uma série de elementos que guiam a leitura e configuram sentido ao próprio texto. A Edição Garnier de 1864 não escapa a essa regra: ela é produto de escolhas editoriais que levaram em consideração vários aspectos de sua época e de sua conjuntura. Olhar, portanto, para a obra impressa e seu editor implica em buscar compreender também o seu lugar no tempo.

3. 1 O editor, entre a Europa e o Brasil

Uma chave importante para buscar compreender o trabalho editorial de Baptiste-Louis Garnier são as “transferências culturais”, que vêm trazendo importantes contribuições aos estudos que ultrapassam as fronteiras nacionais. Como nos explica Michel Espagne:

Por transferência cultural entende-se uma orientação metodológica da pesquisa em história com vistas a pôr em evidência as imbricações e as mestiçagens entre os espaços nacionais ou, de modo mais geral, entre os espaços culturais, numa tentativa de compreender por quais mecanismos as formas identitárias podem alimentar-se de importações.³⁰⁵

A Bíblia de Garnier publicada em 1864 transita entre três esferas nacionais: por um lado, as origens francesas do editor; de outro, a tradução portuguesa de que se utilizou para compor a obra; e por fim, o público brasileiro a que se destina. Ela se valeu de elementos das três fontes, e constitui interessante objeto para demonstrar essas intersecções.

³⁰³ CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura”. In: CHARTIER, Roger (org.). *Práticas da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 98.

³⁰⁴ CHARTIER, Roger. “A mediação editorial”. In: *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 61-62.

³⁰⁵ ESPAGNE, Michel. “Transferências Culturais e História do Livro”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 2, p. 21, ago. 2012. Sobre o mesmo tema, veja-se também o artigo de SILVEIRA, Mariana de Moraes. “Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 4, p. 371-377, nov. 2014.

Ao trazer consigo essas marcas distintas, a obra torna-se não uma simples cópia ou desvio de suas referências, mas algo que possui suas peculiaridades, pois, como afirmou Espagne, “a transposição dos objetos culturais não significa uma perda”. Assim, devemos entender esses objetos fronteiriços “não como uma perda, mas como uma construção nova.”

306

Cumpra-nos, portanto, compreender esses contextos diversos e verificar de que forma eles formam um objeto autêntico, sem perder de vista as redes de influências e as trocas estabelecidas entre as partes.

3.1.1 Garnier na França

A livraria *Garnier Frères* foi um empreendimento familiar iniciado na França por quatro irmãos: Pierre-Auguste (1807-1899), Auguste (1812-1887), Hippolyte (1815-1911) e Baptiste-Louis (1823-1893). Mesmo que Auguste e Hippolyte sejam os mais conhecidos proprietários da casa, os quatro estavam, na verdade, envolvidos nos negócios da empresa. Oriundos de uma parentela de agricultores da Mancha, região da Normandia, foi na capital francesa que desenvolveram seu ofício no mercado de livros.

Embora não se saiba ao certo quando se instalaram em Paris, Auguste, o segundo mais velho, começou a trabalhar como balconista no ramo livreiro em 1828, seguido por Hippolyte e Pierre alguns anos depois. Em pouco tempo, já haviam aberto seu próprio estabelecimento no Palais-Royal, região central da cidade, em 1833. O caçula dos quatro, por sua vez, veio a instalar-se no Brasil e ali desenvolveu o trabalho ligado ao empreendimento dos irmãos. Com seu crescimento, filiais da empresa foram abertas no Rio de Janeiro, Buenos Aires e Cidade do México.³⁰⁷

Inicialmente, a linha editorial da casa Garnier abarcava edições de literatura leve, reimpressões baratas, obras de circunstância e, posteriormente, aglutinou também dicionários e clássicos da literatura francesa. O espectro de atuação desses livreiros foi muito amplo, chegando a ter em seu catálogo a obra *De la justice dans la Révolution et dans l'Église*

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 23.

³⁰⁷ MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: EDUSP, 2010, p. 323-324. A livraria do Rio de Janeiro foi inaugurada em 1844 no Rio de Janeiro; a Librería Garnier Hermanos foi criada nos anos 1849-1850 na Cidade do México; finalmente, veio a filial em Buenos Aires, em data não encontrada.

(1858), de Proudhon, trabalho que rendeu a Auguste e Hippolyte uma breve prisão sob o regime de Napoleão III.³⁰⁸

Era praxe do grupo a aquisição de fundos de outras editoras para ampliar seu catálogo: os irmãos obtiveram o acervo de Henri-Louis Delloye em 1846, o de Jacques-Julien Dubochet dois anos depois, e a Librería Española y Clásica de Vicente Salva-Pérez, em 1849.³⁰⁹ Com isso, ampliavam seu espectro comercial, aproveitando muito bem acervos de qualidade que lhes apareciam a custo mais baixo. Essa postura de compra de fundos empreendida pelos irmãos Garnier revela, segundo Jean-Yves Mollier, uma habilidade de negociação, mas também uma “falta de interesse pela pesquisa de autores, atividade que faz a verdadeira grandeza do editor. É nesse sentido que os irmãos editores se diferenciavam de seus colegas ilustres.”³¹⁰

A despeito da variedade de seus catálogos, um dos filões mais rentáveis aos irmãos Garnier foi o da literatura erótica, que desde o século anterior obtinha seus sucessos.³¹¹ Entre 1851 e 1853, além dos eixos já destacados, a casa também imprimia livros e gravuras obscenas. O comércio desses itens, no entanto, era proibido pela censura francesa do período, permanecendo na clandestinidade até o momento de sua descoberta.

Mollier nos indica a rota internacional das obras pornográficas, que incluía a sede e suas filiais americanas: “Garnier Frères imprimia livros eróticos em espanhol e de Paris os expedia para o Rio de Janeiro, onde se situara o irmão Baptiste-Louis Garnier. Do Rio, estes livros ganhavam novos destinos na América Latina: Chile, México e Argentina”. Além dos destinos atlânticos, a casa também se ocupou em abastecer as estantes obscenas de seu país e de sua vizinha Inglaterra.³¹²

O esquema foi descoberto por volta de 1851 e virou caso de investigação policial, o que resultou num processo conservado nos *Archives Nationales de France*, ao qual Jean-Yves Mollier se debruçou. A lista do material apreendido, como observou o historiador, incluía títulos como *Rideau levé ou l'Éducation de Laure*, *Chansons grivoises*, *Caroline de*

³⁰⁸ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2012, p. 222.

³⁰⁹ MOLLIER, Jean-Yves. “Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères”. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018, p. 43.

³¹⁰ *Ibidem*, p. 46.

³¹¹ Sobre a literatura obscena do setecentista na França, veja-se GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.

³¹² MOLLIER, *O dinheiro e as letras*, *Op. cit.*, p. 324-325.

*Saint-Hilaire, Sainte-Nitouche, Amours et Galantries des actrices, Mémoires de Suzon, Le Libertin de qualité, La Belle Cauchoise, Messaline française, Veillées d'une maison de prostitution, Mylord Arsouille, Juliette, Justine ou les malheurs de la vertu e The Life and Adventures of Silas Schorewell.*³¹³

Os irmãos Garnier chegaram a possuir, em 1848, ao menos dois depósitos de livros proibidos, mas tinham o cuidado de imprimir tais obras em separado de seu catálogo de prestígio. Em 1852, a fortuna advinda desses meios escusos foi avaliada em mais de um milhão de francos. Ao cabo de uma investigação que envolveu os livreiros e um impressor colaborador, a este foi aplicada uma severa multa de três mil francos, enquanto que os irmãos receberam uma mais leve, de dois mil.³¹⁴

Em meio a esse processo, o irmão mais velho, Pierre, foi preso ao ser flagrado portando um conjunto de gravuras obscenas. Em sua casa, foram encontradas ainda mais obras licenciosas. Com isso, ele recebeu sozinho pena de prisão de três meses e mais uma multa de trezentos francos. Chama a atenção, no entanto, o tratamento dado a esse membro do clã Garnier na documentação das investigações: um “imbecil [sic] da livraria”, “irmão e não associado dos irmãos Garnier”, “de inteligência fraca”, termos que levaram Mollier a observar que “Pierre foi condenado e preso, mas não teria ele pago pelos outros?”³¹⁵

Os irmãos Auguste e Hippolyte tomaram a iniciativa de entregar voluntariamente uma quantia considerável do material ilícito (doze mil volumes e vinte matrizes de gravuras obscenas), e com isso obtiveram clemência de um dos delegados encarregados do caso, visto que tal gesto resignado poderia servir de exemplo a outros possíveis envolvidos nessas práticas.³¹⁶ O poder e a influência exercidos pelos dois livreiros também não podem ser descartados ao se considerar as consequências de sua atitude. A imagem e a reputação da *Garnier Frères* – a despeito do desafortunado Pierre – foram preservadas, garantindo à casa o prestígio e a solidez necessários para seu crescimento.

Para além da “acumulação primitiva de capital” resultante desse comércio ilícito, os irmãos Garnier também se engajaram em conceder empréstimos monetários com juros e, posteriormente, se lançaram no mercado de ações. Além disso, buscaram ampliar seu público leitor, diversificá-lo, e melhorar seus catálogos. Aos olhos de Mollier, foi particularmente o

³¹³ *Ibidem*, p. 325.

³¹⁴ *Ibidem*, p. 326.

³¹⁵ *Ibidem*, p. 328.

³¹⁶ *Ibidem*, p. 327.

irmão Hyppolite o “editor mais rico da França no século XIX”, homem de seu tempo que “soube utilizar a outra parte dos capitais disponíveis para fazer dela a fonte de uma nova acumulação de lucros”: um exímio negociante, dono de um grande patrimônio imobiliário, e que tinha na edição apenas uma parte de sua fortuna.³¹⁷

A *Garnier Frères* continuou em atividade até 1966, quando os sucessores dos irmãos a venderam para as *Presses de la Cité*. Em síntese, salienta Mollier:

Foi vendendo obras eróticas e obscenas, na França e no estrangeiro, e praticando o empréstimo a juros, sobre o qual a polícia não fornece nenhuma informação precisa, que os irmãos Garnier construíram seu império do material impresso. A demonstração chocará aqueles que fazem uma ideia muito idealizada da literatura, privilegiando o caráter cultural do objeto livro. Ela surpreenderá menos os que se dispõem a admitir que a gênese do capital segue vias particulares e diversas, mas balizadas pela necessidade de aumentar o lucro e de renovar em caráter permanente o capital investido.³¹⁸

3.1.2 Garnier no Brasil

A Garnier funcionou no Brasil entre os anos de 1844 e 1934, sendo boa parte deles sob o comando do mais jovem dos irmãos franceses, Baptiste-Louis, que a dirigiu até sua morte, em 1893.³¹⁹ O caçula nasceu em 1823 em Tourville, nos arredores de Coutances, na Normandia francesa³²⁰ e contava 21 anos quando desembarcou no Rio de Janeiro para gerenciar a nova filial da empresa da família.³²¹ Esse movimento dos Garnier se devia especialmente, como observou Laurence Hallewell, a seu maior capital acumulado, aliado a

³¹⁷ *Ibidem*, p. 335.

³¹⁸ *Ibidem*, p. 330.

³¹⁹ Após a morte de Baptiste-Louis, seu irmão mais velho Hippolyte assumiu a direção da livraria, que voltou a ser filial. Depois disso, a direção da empresa passou às mãos de seu sobrinho-neto, Auguste Pierre, em 1911. Posteriormente, Ferdinand Briguiet, antigo funcionário da livraria brasileira, a comprou e renomeou para Briguiet-Garnier. Em 1951, parte de seu acervo passou ao controle da Difusão Européia do Livro, até que seus arquivos e ativos foram vendidos à editora Itatiaia, de Belo Horizonte, nos anos 1970. HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 248. Ver também PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998, p. 20.

³²⁰ SILVA, Innocencio Francisco da. “Batista Luis Garnier”. In: *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo 1: Letras A-B. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 361.

³²¹ A bordo do vapor *Le Stanilas* em direção ao Brasil, estava com Baptiste-Louis Garnier o também francês Camille Cléau (1818-1870), que, entrando para a vida religiosa no país, adotou o nome de Frei Camillo de Monteserrate e foi de 1853 até sua morte diretor da Biblioteca Imperial e Pública da Corte, a futura Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. GRANJA, Lúcia. “*Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e livros)*”. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018, p. 55.

melhorias técnicas e a flexibilização do controle oficial na França, que geraram um aumento da produção e favoreceram a busca de novos mercados.³²²

Naquele momento, o Brasil era atraente ao mercado estrangeiro por se encontrar suficientemente estável e próspero após a Independência, além de apresentar uma grande receptividade à cultura francesa, o que em muito facilitava a atuação dos livreiros normandos.³²³ O primeiro endereço fixo da loja foi na Rua do Ouvidor, nº 69 (posteriormente alterado para 65), e depois para o nº 71 na mesma rua, defronte a Livraria Universal de E. & H. Laemmert, sua principal concorrente.

Ao que consta, o livreiro francês conseguiu se aclimatar muito bem em sua nova pátria. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro conferiu-lhe o título de Livreiro do Instituto em 26 de julho de 1866;³²⁴ um ano depois, recebeu o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa do imperador D. Pedro II,³²⁵ e também, em fevereiro de 1868, da Ordem de Cristo do governo português.³²⁶

Quanto à sua personalidade, foi bastante difundida a imagem de homem discreto, solitário e avarento. Machado de Assis (1839-1908), que conviveu, contribuiu e teve obras editadas por Garnier, consagrou essa representação numa crônica escrita em homenagem à sua morte:

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os vinte anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n. 69, abaixo da rua Nova. Não pude conhecê-lo da Quitanda, onde se estabeleceu o primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, com o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala, ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles. Depois vinham duas cadeiras...³²⁷

³²² HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 220.

³²³ *Ibidem*, p. 221.

³²⁴ SILVA, *Op. cit.*, p. 361.

³²⁵ O título oficial da Ordem Imperial da Rosa não foi simplesmente concedido, mas solicitado pelo próprio editor, através de requerimento encaminhado ao Gabinete do Ministério do Império. HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 219.

³²⁶ SILVA, Innocencio Francisco da. "Garnier, B. L.". In: *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo 9: Letras C-G. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, p. 412.

³²⁷ Texto publicado originalmente no periódico *Gazeta de Notícias*, seção "A Semana", sem título, 08/10/1893, ano XIX, n. 280, p. 1, col. 1-2. Incluído posteriormente no livro *Páginas recolhidas*, e recentemente transcrito por GIORDANO, Cláudio. "Machado e Garnier". *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 7/8, p. 280-282, out. 2019.

Numa flagrante alusão ao Eclesiastes bíblico, descreve Machado a relação do editor com seu longo ofício:

Pessoalmente, que proveito deram a esse homem as suas labutações? O gosto do trabalho, um gosto que se transformou em pena, porque no dia em que devera libertar-se dele, não pôde mais; o instrumento da riqueza era também o do castigo. Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: *laboremus*.³²⁸

A despeito desse imaginário sobre o livreiro-editor, Lúcia Granja tem trazido à luz outros aspectos da vida de Baptiste-Louis e seu trabalho como livreiro de uma importante casa editorial européia. A partir de documentos primários encontrados nos *Archives Nationales de Paris*, a autora traçou o perfil de um homem que – longe do solitário apresentado por Machado – mantinha contatos regulares com seus parentes da Mancha, além de chegar a recebê-los no Rio de Janeiro. As relações familiares permaneceram mesmo no Além-Mar, em virtude também da própria postura comercial da casa desde seus começos.³²⁹

³²⁸ GIORDANO, *Op. cit.*, p. 282.

³²⁹ GRANJA, Lúcia. “Entre homens e livros: contribuições para a história da Livraria Garnier no Brasil”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 3, p. 41-50, nov. 2013.



*Imagem 10: Baptiste-Louis Garnier (s.d.)
(Coleção José Mindlin, São Paulo)*

Baptiste-Louis não foi o único livreiro francês a se instalar no Rio de Janeiro, porém, ali manteve uma atuação das mais longevas e prestigiosas.³³⁰ A hegemonia francesa na cidade tampouco era nova nos anos de sua chegada, e tinha endereço fixo: já a partir da década de 1830, “os franceses começam a fazer da Rua do Ouvidor uma espécie de feudo da França e estabelecer uma hierarquia no comércio de livros.” Entre as lojas requintadas da rua se encontrava a do editor normando, nos tempos em que ela formava “o paraíso dos livreiros franceses.”³³¹ Mesmo com essa posição confortável, a presença francesa começou a declinar na década de 1850 e, cerca de uma década mais tarde, Garnier tinha como concorrentes patricios na Rua do Ouvidor apenas a Livraria da Casa Imperial de Firmin Didot.³³²

Inicialmente, Baptiste-Louis trabalhou com artigos estranhos ao livro, como era comum em muitas livrarias das décadas anteriores na cidade para se manterem. A partir da

³³⁰ Antes de Garnier, podemos listar outros livreiros franceses que se instalaram na cidade: Jean Baptiste Bompard, em 1818, Pierre Seignot Planchet e Justin Victor Cremière (1824); Louis Albert Gouph Cogez (1825); Albino Jordão, ou Albin Jordin, com sua Casa do Livro Azul (1828); Louis Mongie (1836); os belgas Desiré Dujardin (1843) e Jean-Baptiste Lombaerts (1848); e ainda nos anos seguintes o francês Firmin Didot. MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: EDUSP, 2012, *passim*.

³³¹ *Ibidem*, p. 55, 65.

³³² *Ibidem*, p. 75, 87.

década de 1850, já suficientemente estabilizado, passou a dedicar-se exclusivamente aos livros e artigos de papelaria.³³³ Algumas coisas, por outro lado, não mudaram desde sua instalação, principalmente a “filosofia comercial” que lhe rendeu fama: “exagerar o preço das mercadorias, auferindo os maiores lucros possíveis, e jamais conceder desconto. Não é à toa que a malícia carioca o apelida de ‘Bom Ladrão [B. L.] Garnier.’”³³⁴ A livraria foi, já em começos de 1860, “o principal ponto da vida literária da cidade”, e em fins de 1878 era considerada “a mais importante” do Rio de Janeiro.³³⁵



*Imagem 11: Interior da Livraria Garnier, na Rua do Ouvidor (s.d.)
(Coleção José Mindlin, São Paulo)*

Os funcionários da loja eram exclusivamente franceses, para o agrado de uma Rio de Janeiro bastante francófila; a livraria foi também uma das primeiras da cidade a expor livros em vitrine; bancos eram colocados próximos à entrada para a leitura de quem a visitava; Garnier era também um grande comprador de livros de outras editoras, e emitia duas vezes por mês um catálogo com suas novas aquisições; o livreiro igualmente buscava ampliar seu

³³³ Informa-nos Hallewell que a livraria em seus primeiros anos vendia também importados como guarda-chuvas, bengalas, pílulas, unguentos e charutos. HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 223.

³³⁴ MACHADO, *Op. cit.*, p. 67.

³³⁵ *Ibidem*, p. 67, 92.

comércio oferecendo sorteios mensais, feitos a partir de bilhetes acumulados pelos fregueses durante as compras na livraria.³³⁶

Ao cabo dos primeiros vinte anos de atuação no Rio de Janeiro, o estabelecimento de Garnier e seu catálogo cresceram muito. O próprio Machado de Assis atestou que “a livraria era um ponto de conversação e de encontro”, além de ser “tão copiosa e tão variada, em que havia tudo, desde a teologia até a novela, o livro clássico, a composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica.”³³⁷

Como editor, manteve um corpo remunerado de tradutores³³⁸ e costumava conceder 10% de direitos ao autor que publicava.³³⁹ Trouxe também duas inovações: a introdução dos preços de capa fixos³⁴⁰ e do formato francês (in-8º de 16,5x10,5cm, e in-12º de 17,5x11 cm).³⁴¹ Atento ao público feminino e nesse nicho de mercado, criou a *Revista Popular* em 1859, que mudou de nome para *Jornal das Famílias* em 1863.

Começou a publicar obras de ficção a partir de 1860, e teve uma preferência em editar coleções reunindo as obras de um autor específico. Ainda assim, não era costume de Baptiste se arriscar a publicar o primeiro livro de qualquer um. Isso não o impediu de se destacar nesse âmbito: “ninguém editou, nesse período, mais livros brasileiros de ficção do que B. L. Garnier, e praticamente não houve um romancista brasileiro de importância que não acabasse tendo a maioria de suas obras publicadas por ele.”³⁴²

Entre autores estrangeiros de literatura, publicou nomes como Honoré de Balzac, Walter Scott, Charles Dickens, Alexandre Dumas e Oscar Wilde. Já entre os brasileiros estiveram José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Graça Aranha, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Joaquim Nabuco, Silvio Romero, Olavo Bilac, José Veríssimo, Arthur de Azevedo, Bernardo Guimarães e João do Rio (Paulo Barreto).

³³⁶ *Ibidem*, p. 90, 91.

³³⁷ GIORDANO, *Op. cit.*, p. 281-282.

³³⁸ “Na sede da corte, B. L. Garnier desenvolveu, de 1860 a 1890, um amplo programa de traduções impressas na França, em que obviamente predominam os autores mais populares daquele país: Alexandre Dumas, Victor Hugo, Xavier de Montepin, Octave Feuillet, Arsène Houssaye, Émile Gaboriau, Júlio Verne, Alfred de Musset, Théophile Gautier, o naturalista Edmond Perrier, o astrônomo Camille Flammarion, e o químico Henri Debray.” WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p. 87.

³³⁹ HALLEWELL, *Op. cit.*, p. 233, 241.

³⁴⁰ *Ibidem*, p. 246

³⁴¹ *Ibidem*, p. 245.

³⁴² *Ibidem*, p. 238.

Laurence Hallewell observou uma mudança nos créditos da firma por volta de 1852, quando as folhas de rosto dos livros impressos pela casa passaram a registrar a firma “B. L. Garnier” juntamente ao nome “Garnier Irmãos”. Gradativamente, até por volta de 1864, os produtos finalmente deixaram de se referir à matriz parisiense.³⁴³ No entendimento do autor, essas modificações sutis poderiam assinalar uma possível independência adquirida por Baptiste de seus irmãos.

O ponto destacado é importante, pois coloca em pauta tanto as perspectivas do editor e de sua casa, como também os fundamentos de sua atividade no estrangeiro. Jean-Yves Mollier, igualmente preocupado com a questão, argumentou que a vinda de Baptiste-Louis Garnier ao Brasil foi uma “decisão familiar bastante refletida, não foi um ato isolado”, e a mudança do nome de *Garnier Frères* para *B. L. Garnier* “não significava um ato de independência em relação à casa-mãe [...], mas uma simples mudança de razão social.”³⁴⁴ Assim, sob essa perspectiva, não houve uma verdadeira ruptura entre os irmãos, e para tanto, o autor argumentou que eles “manifestavam claramente a intenção de dominar o comércio de livros em todo o âmbito da América Latina.”³⁴⁵

Mesmo com isso, as razões da mudança de nome permanecem obscuras. Em fins de 1861, tropas francesas do imperador Napoleão III realizaram uma intervenção militar no México, com apoio da Inglaterra e da Espanha. A França conseguiu depor o então presidente mexicano, Benito Juárez, e colocar em seu lugar o arquiduque austríaco Maximiliano de Habsburgo. No entender de Jean-Yves Mollier, essa atuação no continente americano levantou críticas muito negativas por parte da imprensa brasileira ao governo francês. O autor apresenta a hipótese de que a separação (de nomes) da livraria de B. L. Garnier com a matriz francesa tenha se dado devido às preocupações com as possíveis repercussões desse fato no Brasil e na América. Ainda assim, não há nenhuma evidência concreta de que tais eventos estejam diretamente relacionados, embora sejam concomitantes.³⁴⁶

Fato é que o grupo Garnier foi um dos mais importantes empreendimentos editoriais franceses do século XIX, e mesmo no Brasil, o mais jovem dos irmãos “operava com uma lógica editorial bastante próxima à europeia.”³⁴⁷ A sua contribuição ao desenvolvimento

³⁴³ *Ibidem*, p. 223.

³⁴⁴ MOLLIER, “Uma livraria internacional no século XIX”, *Op. cit.*, p. 33.

³⁴⁵ *Ibidem*, p. 35.

³⁴⁶ *Ibidem*, p. 49.

³⁴⁷ GRANJA, “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e livros)”, *Op. cit.*, p. 73.

editorial do país é inegável, seja no campo literário como também noutros tantos, dentre os quais o filão religioso.³⁴⁸

3.1.3 Garnier e a Bíblia

A Bíblia de B. L. Garnier corresponde à primeira publicação integral do texto traduzido por Antonio Pereira de Figueiredo a ser editado no Brasil. Mas ela é também a única versão do padre oratoriano a ser promulgada por uma casa de origem francesa. Considerando as dinâmicas de transferências culturais entre o público leitor brasileiro e o editor francês, cumpre-nos avaliar também a expertise acumulada por este em seu país natal.

Ao longo da primeira metade do século XIX, houve na França católica uma única tradução verdadeiramente nova das Escrituras: a de Antoine Eugène Genoud, ou Genoude (1792-1849). Publicado integralmente entre 1820 e 1824, o texto foi um sucesso mais “pela elegância do estilo do que pela exatidão da tradução.”³⁴⁹ Trata-se de uma versão fortemente ligada à estética romântica e influenciada pelas ideias de Chateaubriand (1768-1848), onde a beleza das palavras e do sentido implícito das Escrituras se sobressaem à exatidão filológica.

³⁴⁸ Podemos ainda citar mais seis estudos pontuais sobre Baptiste-Louis Garnier e sua livraria no Rio de Janeiro: DUTRA, Eliana Regina de Freitas. “O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler”. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 477-504; LEÃO, Andréa Borges. “A Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858-1920)”. *Revista História da Educação*, Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, vol. 11, núm. 21, jan./abr. 2007, p. 159-183. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627125008>. Acesso em: 30 ago. 2021; MACHADO, Lígia Cristina. “A Revista Popular (1859-1862) e a nacionalidade de seus colaboradores”. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 125-148; MOMESSO, Beatriz Piva. “Os livros, a Livraria B.L. Garnier e os modos de leitura de um político do Império”. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 177-204; PINHEIRO, Alexandra Santos. “Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário”. SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1, 2004, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://200-142-86-53.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alexandrasantospinheiro.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021; REIS, Rutzkaya Queiroz dos. “Machado de Assis e Garnier: O escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial”. SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1, 2004, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/rutzkayaqueiroz.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.

³⁴⁹ SAVART, Claude. “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”. In: SAVART, Claude & ALLETI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1985, p. 28, tradução nossa.

As demais traduções desse período foram, em grande parte, apenas revisões da antiga *Bible de Port-Royal*, a versão do jansenista Louis-Isaac Lemaistre, ou Saci (1613-1684).³⁵⁰ Assim, boa parte das Bíblias oitocentistas católicas francesas consistiam em atualizações do texto de Saci, enriquecidas com comentários de seus revisores nas notas (sejam elas de rodapé ou de fim), e outros paratextos como gravuras, dicionários, glossários, etc. As versões de Jean-Nicolas Jager (1838-1844), Henri Delaunay (1860), Desiré Jaquet (1867) e Louis-Claude Fillion (1898) são algumas das que se basearam no texto de Saci.

Edições da Bíblia em grande formato, com muitas ilustrações e preço elevado caíram no gosto da clientela abastada do século XIX. Na França, edições de luxo como essas apareceram sobretudo entre os anos de 1840 e 1875 nas mãos de leitores interessados não exclusivamente no texto sagrado em si, mas também em todo seu aporte material.³⁵¹

Também na França, a segunda metade do século XIX é marcada por um renovado interesse nos Evangelhos. Esse movimento tem seus começos a partir de 1860 e pôs em evidência a perda de influência das versões de Genoude e Saci, ofuscadas por novas tentativas de oferecer ao público traduções efetivamente novas, como as de Jean-Baptiste Glaire (1861), Jean-Joseph Gaume (1864), Augustin Crampon (1864), Jean-Jacques Bourassé (1865) e Antoine Arnaud (1881).³⁵²

Já entre os protestantes franceses do Oitocentos, a tradução de Jean-Frédéric Ostervald (1663-1747) era a mais utilizada. Ainda assim, como aponta André Encrevé, “o ensino da doutrina e a leitura da Bíblia são frágeis entre os huguenotes no começo do século XIX; a Bíblia não está presente em todos os lares protestantes.” Considere-se, ainda, que muitos “não sabiam ler e não possuíam meios de adquirir uma Bíblia, que permanecia um livro de preço elevado.”³⁵³

Em se tratando de matéria religiosa, a *Garnier Frères* empreendeu edições católicas e, no caso de Bíblias, sempre com o cuidado de manter notas, prefácios e outros paratextos, além de obter autorizações eclesiásticas. Em 1857, a casa promoveu a tradução do já citado Genoude, que saiu dos prelos em 3 volumes in-folio. A obra desse tradutor – “fruto conjunto

³⁵⁰ BOGAERT, Pierre-Maurice (dir.). *Les Bibles en français: histoire illustrée du Moyen Âge à nos jours*. Turnhout: Brepols, 1991, p. 196. Há várias grafias da época para o nome do tradutor, como Sacy, Dessacy, De Saci, mas convém ressaltar que tal apelido consiste num anagrama do prenome Isaac (portanto, Saci).

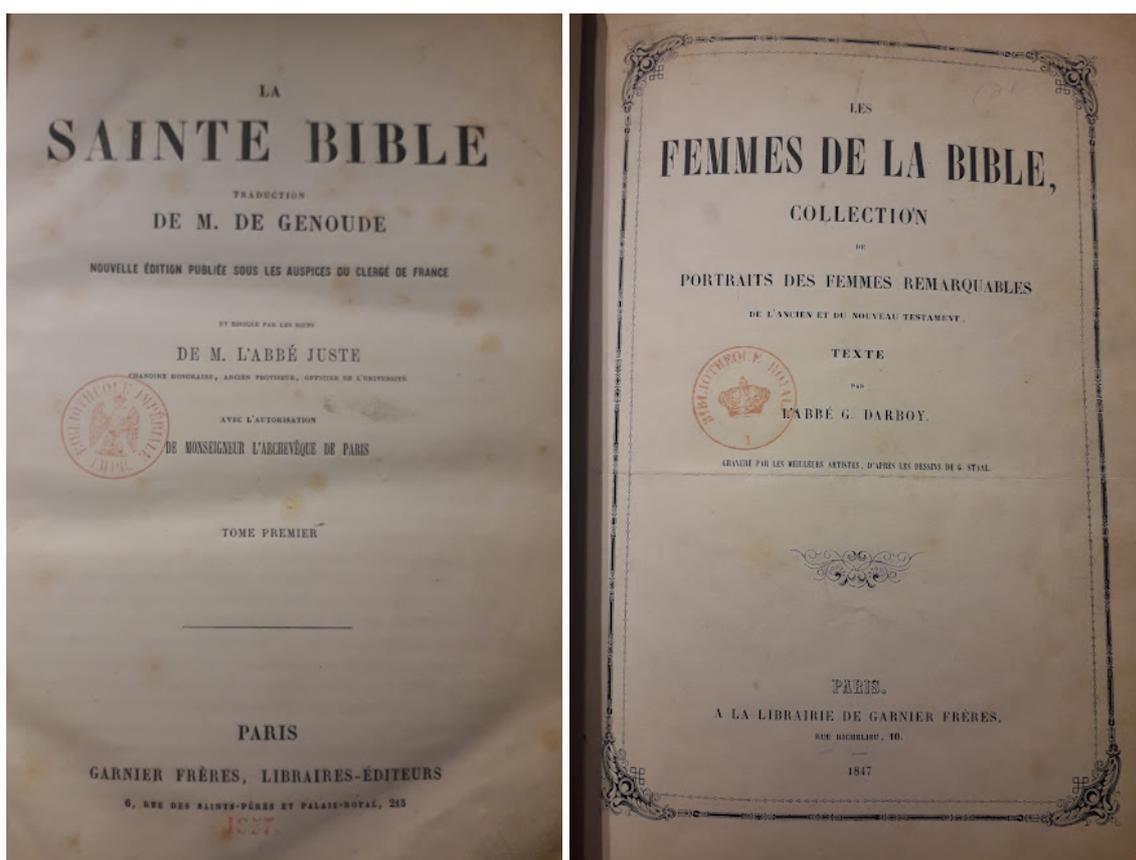
³⁵¹ SAVART, *Op. cit.*, p. 27.

³⁵² *Ibidem*, p. 28.

³⁵³ ENCREVÉ, André. “Bible et sociétés bibliques dans le protestantisme français”. In: SAVART, Claude; ALETTI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 112, 113, tradução nossa.

de uma real conversão à espiritualidade bíblica e de uma ambição poética marcada pelo romantismo ambiente” – corresponde à primeira tentativa oitocentista francesa de se esquivar da versão de Saci.³⁵⁴

Mais do que as Escrituras, no entanto, a edição religiosa dos Garnier que obteve grande sucesso foram as *Femmes de la Bible*, com ao menos três edições (1847, 1858, 1867). Trata-se de um livro composto de textos de apresentação de algumas mulheres das narrativas bíblicas, seguidos de gravuras em papel especial retratando-as. A obra, como destaca Claude Savart, é dona de “um charme muito mais exótico do que religioso.”³⁵⁵



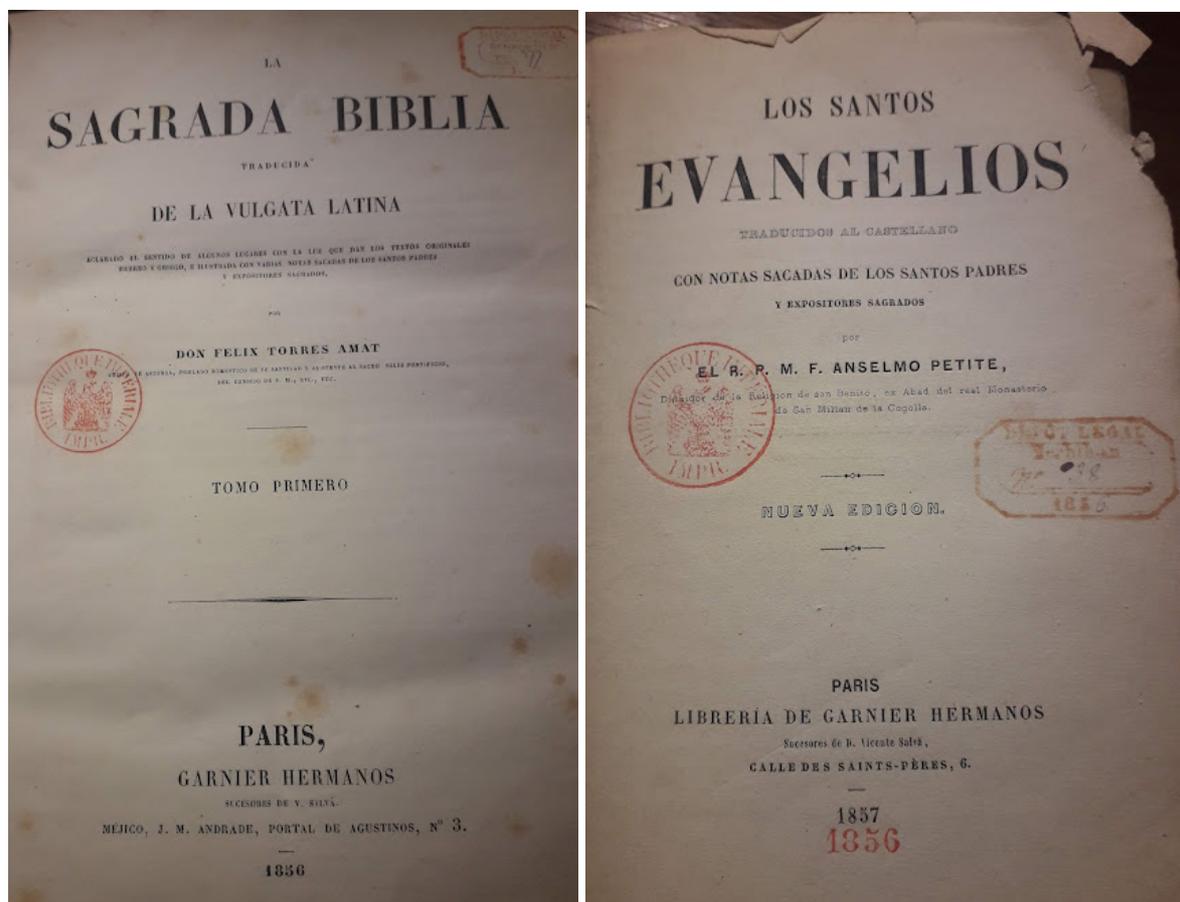
Imagens 12 e 13: Edição da Bíblia de Genoude (1857) e da *Femmes de la Bible* (1847), pela Garnier Frères. (Bibliothèque nationale de France, Paris).

A *Bibliothèque nationale de France* possui algumas edições da Bíblia publicadas pela *Garnier Frères*: além da versão de Genoude (1857) encontramos duas em espanhol e mais

³⁵⁴ BOGAERT, *Op. cit.*, p. 197, tradução nossa. O trabalho da Garnier Frères não era a primeira edição de Genoude: encontramos referência a uma publicação de 1822, por Méquignon Fils Ainé (Paris) e Périssette Frères (Lyon).

³⁵⁵ SAVART, *Op. cit.*, p. 27, tradução nossa.

uma em latim. Consta na folha de rosto do exemplar de *La Sagrada Biblia traducida de la Vulgata Latina* (2ª edição de 1856, 2 vols. in-4º) a seguinte informação: “Paris, Garnier Hermanos, sucesores de V. Salva, México, J. M. Andrade, Portal de Augustinos n. 3.” A edição de *Los Santos Evangelios* (1857, 1 vol. in-8º) contém algo similar: “Paris, Libreria de Garnier Hermanos, sucesores de D. Vicente Salva, Calle des Saints-Pères, 6.” Como se vê, a referência explícita ao acervo comprado de Salva ainda permanece, em publicações que já apontam para o mercado na América Latina, como é o caso da edição em 2 volumes. Além disso, as edições são muito diversas quanto a seu formato: enquanto a primeira constitui uma edição em dois tomos grandes em capa dura, os *Evangelios* se restringem a um volume em brochura de tamanho menor, em papel de alta acidez – e conseqüente menor qualidade e custo.



Imagens 14 e 15: Edições em espanhol da Bíblia da Garnier Hermanos, de 1856 e 1857. (Bibliothèque nationale de France, Paris).

Além de seus irmãos, sabemos que não era a primeira vez que Baptiste-Louis estabelecia algum contato com as Escrituras em seu trabalho no Brasil, como mostram alguns extratos dos catálogos de sua livraria publicados no *Diário do Rio de Janeiro*. Neles constam a “Bíblia Sagrada, traduzida em portuguez por Antonio Pereira de Figueiredo, 7 vol.”,³⁵⁶ “Libros poeticos de la biblia, 1 v.” em espanhol,³⁵⁷ e uma “Bíblia sacra vulgatae editionis Sixti V, pontificis maximi jussu recognita, et Clementis VII, auctoritate edita, 1 v. in 8”.³⁵⁸ Como se pode observar, a Livraria de B. L. Garnier não se limitou a produzir sua própria Bíblia, acolhendo também edições de outros impressores.

Levando-se em consideração as demais filiais da *Garnier Frères* na Cidade do México e em Buenos Aires, cumpre-nos destacar também um anúncio em espanhol, feito no mesmo *Diário do Rio de Janeiro*, do impresso *El Nuevo Eco de Ambos Mundos: revista politica, philosophica, scientifica, litteraria, artistica e industrial, etc.*³⁵⁹ Trata-se de uma publicação quinzenal, sob direção de D. José Zorilla e propriedade dos irmãos Garnier. Ao que o anúncio indica, ela era vendida na livraria de Baptiste-Louis (rua do Ouvidor, n. 69). Além da revista, uma parte ilustrada era disponibilizada a cada mês, contendo “64 paginas en 4º a dos columnas.” Parte do anúncio informa, sempre em espanhol, que a subscrição anual da revista (a 30\$000 na livraria de Garnier) daria direito à escolha de uma obra dentre as seguintes: “Novissimo Diccionario de lengua castellana, 1 tomo en 4º”, ou “La Sagrada Biblia traduzida e ilustrada con notas por el Ilmo. Snr. D. Felix Torres Amat, o bispo de Astorga, bella edicion en 2 tomos en 4º a dos columnas de mas de 800 paginas cada uno, muy bien encuadernados”. A encadernação dos livros escolhidos teriam um custo de 4\$000 para os dois tomos da Bíblia, e de 2\$ para o Diccionario, e ainda o acréscimo de mais “40 magnificas laminas sobre auro” para a Bíblia, por mais 4\$.

O confronto do anúncio com os exemplares pertencentes à *Bibliothèque nationale de France* nos revela que ambos possivelmente se tratem da mesma edição – a já citada *Sagrada Biblia traducida de la Vulgata Latina*, em 2 vols in-4º, editada pelos próprios irmãos Garnier

³⁵⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 08/12/1854, n. 334, ano XXXIII, p. 3, col. 6.

³⁵⁷ *Diário do Rio de Janeiro*, 18/12/1854, n. 344, p. 3, col. 5.

³⁵⁸ *Diário do Rio de Janeiro*, 19/03/1855, n. 78, ano XXXIV, p. 3, col. 5.

³⁵⁹ *Diário do Rio de Janeiro*, 10/12/1854, n. 336, ano XXXIII, p. 4, col. 2; 11/12/1854, n. 337, p. 4, col. 1; 12/12/1854, n. 338, p. 4, col. 2; 13/12/1854, n. 339, p. 4, col. 2; 14/12/1854, n. 340, p. 4, col. 4; 16/12/1854, n. 342, p. 3, col. 4; 19/12/1854, n. 345, p. 4, col. 2; 21/12/1854, n. 347, p. 4, col. 2; 24/12/1854, n. 350, p. 3, col. 4; 25/12/1854, n. 351, p. 4, col. 1; 26/12/1854, n. 352, p. 4, col. 2; 28/12/1854, n. 353, p. 4, col. 3; 29/12/1854, n. 354, p. 4, col. 1; 30/12/1854, n. 355, p. 3, col. 1; 31/12/1854, n. 356, p. 4, col. 1; 01/01/1855, n. 1, ano XXXIV, p. 4, col. 1; 02/01/1855, n. 2, p. 4, col. 2.

em Paris e também no México. Os países da América Latina eram, assim, um caminho de possibilidades comerciais aberto ao grupo no ramo de Bíblias. Ademais, segundo o anúncio citado, os exemplares da obra eram compostos de 2 tomos luxuosos com gravuras à parte, algo semilar ao que já se praticava no mercado editorial francês, e também ao que Baptiste-Louis faria com sua versão em português.

Ao se lançar na publicação de uma Bíblia em português para seu público brasileiro, o editor francês já possuía boa experiência no trato comercial das Escrituras, seja por intermédio da empresa europeia de seus irmãos, seja pela atuação da mesma na América Latina. Em se tratando de uma obra de luxo e alto custo de produção, Baptiste não descuidou de assegurar um escoamento dessa mercadoria, investindo para tanto em sua publicidade na imprensa carioca do período.

3.2 Bíblia de Garnier e seus paratextos: epitextos

Por “paratexto editorial” entende Gérard Genette um conjunto de aparatos, verbais ou não, que acompanham o texto de uma obra com o objetivo de “apresentá-lo”, “torná-lo presente”, ou seja, “garantir sua presença no mundo, sua ‘recepção’ e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro.”³⁶⁰ Todo o conjunto de títulos, prefácios, nomes de autores e ilustrações, por exemplo, podem ser enquadrados nessa categoria, e podem mudar de acordo com a época, cultura, gênero, autores, obras e edições.

O autor preconiza que “pode-se sem dúvida adiantar que não existe, e que jamais existiu, um texto sem paratexto. Paradoxalmente, há, em contrapartida, talvez por acidente, paratextos sem texto.”³⁶¹ Ao tomar a Bíblia como objeto de análise segundo esses princípios, temos em mente a importância que os paratextos adquirem na leitura do texto sagrado, principalmente ao se considerar o peso da supervisão católica sobre as edições destes no século XIX. Em se tratando de uma versão autorizada, cumpre-nos avaliar as manifestações desse controle.

Para tanto, nos valem da distinção, feita pelo mesmo Genette, entre *epitexto* e *peritexto*, duas categorias que, juntas, formam o que o autor entende por paratexto editorial. O *epitexto* seria “todo elemento paratextual que não se encontra anexado materialmente ao

³⁶⁰ GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê, 2009, p. 9.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 11.

texto no mesmo volume, mas que circula de algum modo ao ar livre, num espaço físico e social virtualmente limitado.”³⁶² Ele forma, assim, todo um conjunto de referências externas à própria obra editada e publicada, como cartazes, anúncios, resenhas e comunicados (todos eles materiais de caráter público), ou também correspondências e diários íntimos (materiais de caráter privado).

Como *peritexto*, enfim, o autor compreende todos elementos inscritos na própria materialidade do livro editado, como prefácios, notas, introduções, intertítulos, etc. Em outras palavras:

toda a zona do peritexto que se encontra sob a responsabilidade direta e principal (mas não exclusiva) do editor, ou talvez de maneira mais abstrata porém com maior exatidão, da *edição*, isto é, do fato de um livro ser editado, e eventualmente reeditado, e proposto ao público sob uma ou várias apresentações mais ou menos diferentes.³⁶³

Seguindo, então, essa distinção, começamos por uma análise dos epitextos da Bíblia publicada em 1864 por B. L. Garnier, obra que ocupou um lugar importante dentro de sua produção editorial. Já em 1867, o bibliógrafo Innocencio da Silva destacava as edições realizadas por ele, “merecendo entre todas mui particular menção as da *Bíblia Sagrada* do P. Antonio Pereira de Figueiredo”, além de outras obras como a *Livraria Classica portuguesa*, *Historia do Brasil* de R. Southey, *Fundação do Imperio Brasileiro* de J. M. Pereira da Silva.

³⁶⁴

Em crônica intitulada “A herança esperada e inesperada”, assinada por um pseudônimo “A. F.” no *Jornal das Familias* (publicação do próprio Garnier), pergunta uma das personagens: “E o que dizes d'aquella rica edição da Biblia em dous volumes, com finissimas estampas, que o Garnier tem alli á venda? *É leitura propria de quem está proxima a ir ver a Deos.*”³⁶⁵ Esta representa, certamente, uma generosa publicidade ao trabalho editorial de Baptiste-Louis, feita na revista da qual era proprietário.

A Bíblia também recebeu atenção da imprensa periódica no Rio de Janeiro da época, principalmente na forma de anúncios de venda. Esse material representa, juntamente com os

³⁶² *Ibidem*, p. 303.

³⁶³ *Ibidem*, p. 21.

³⁶⁴ SILVA, Innocencio Francisco da. “Batista Luis Garnier”. In: *Diccionario Bibliographico Portuguez*, Tomo 1: Letras A-B. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867, p. 361.

³⁶⁵ *Jornal das Familias*, 1869, n. 7, p. 200, grifo nosso.

catálogos da própria livraria, o principal manancial de referências à Bíblia publicada pela casa.

3.2.1 Anúncios em periódicos

A Bíblia de B. L. Garnier veio a lume por volta de abril de 1864. Quando da publicação de seu primeiro tomo no Rio de Janeiro, alguns jornais locais logo emitiram notas anunciando sua comercialização. São anúncios muitas vezes longos e aduladores, que constituem a principal via de publicidade da obra. É o caso do *Jornal do Commercio*, um dos mais adiantados que encontramos:

O Sr. B. L. Garnier, que tantos serviços tem prestado a nossa nascente litteratura, não deixando quasi um mez em que não appareça o seu nome a frente de alguma boa obra como editor, acaba de emprender uma rica edição da Sagrada Biblia, traduzida em portuguez segundo a vulgata latina por Antonio Pereira de Figueiredo. Esta traducção, approvada por mandamento do Sr. arcebispo da Bahia, cremos que não pode deixar duvida quanto à sua ortodoxia. É a Biblia um livro que deve existir em todas as casas, e sendo mui pequeno o numero dos que podem lêr no texto hebraico ou grego, ou mesmo na vulgata latina, é inestimável uma traducção correcta desta obra admirável, de que ninguém que saiba ler é dado a deixar de ter ao menos algumas noções. A edição do Sr. Garnier além disto recommenda-se por todos os titulos. Bom papel, bella impressão e sobretudo grande numero de excellentes e primorosas estampas, gravadas em aço por E. Willmann. Por ora acha-se apenas publicado o primeiro volume, que chega até o Ecclesiastico, enriquecido com notas do conego Delaunay e precedido d'uma prefacção geral do traductor; brevemente, porém, deve apparecer o segundo, que completará a obra.³⁶⁶

Ainda que o anúncio considere a Bíblia como o livro que “deve existir em todas as casas”, tal desejo não se faz sem certa dose de controle. A preocupação com a fidelidade aos originais bíblicos é sanada através de uma “tradução correta”, e aprovada pela autoridade eclesiástica católica. Aspectos materiais e paratextuais, como tipo de papel, impressão, gravuras, notas e prefácios também são destacados, como no *Diário do Rio de Janeiro*, que noticiou, no mesmo dia, a chegada da Bíblia:

A casa Garnier acaba de fazer uma magnifica edição da Biblia, da qual já chegou de Pariz o 1º volume, contendo todo o velho testamento. Conta o

³⁶⁶ *Jornal do Commercio*, 14/04/1864, nº 104, p. 1, col. 1, seção “Gazetilha”.

volume 812 paginas de papel finissimo, nitidamente impresso e ricamente encadernado. Acompanham o texto muitas gravuras abertas por Ed. Willmann, segundo Raphael, Leonardo de Vina [sic], Ticiano, Toussin [sic], N. Vernet, Murillo, etc. Acompanham ainda diversas notas do conego Delaunay, um dictionario de nomes hebraicos, caldaicos, syraicos e gregos, e outro geographico e historico. A Casa Garnier torna-se cada vez mais merecedora de concurrencia [sic] publica. Recommendamos esta edição da obra a todos apreciadores.³⁶⁷

O *Correio Mercantil*, por sua vez, destacou os mesmos elementos:

Fomos obsequiados com o primeiro tomo da Biblia Sagrada, traduzida em portuguez, e illustrada com prefacões pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. A obra, anotada pelo conego Delaunay, é seguida de um dictionario explicando os nomes hebraicos, chaldaicos, syriaicos e gregos, e de um dictionario geographico e historico. É um belo livro de oitocentas e tantas paginas (em 4º francez), nitidamente impresso e bem encadernado. A edição, da casa Garnier & Irmão, vem illustrada com magnificas gravuras representando os principaes factos da historia sagrada.³⁶⁸

Na mesma linha, manifestou-se também *O Constitucional*:

O Sr. Garnier, a quem as letras brazileiras já tanto devem, pois nenhum outro livreiro entre nós tem procurado mais do que ele enriquece-las, quer como editor consciencioso de obras dos nossos mais affamados litteratos, quer tratando de imprimir livros raros e preciosos de autores de nota, acaba de publicar o 1º volume da Biblia Sagrada, traducção de Antonio Pereira de Figueiredo, com prefacões a cada livro pelo mesmo, e annotações do conego Delaunay. Sendo a Biblia o livro por excellencia da familia, e offerecendo o Sr. Garnier este ensejo para acquisição de uma verdadeira, e por preço relativamente modico, quando no nosso mercado abundão tantas falsas, temos esperanza serão os seus sacrificios sobejamente compensados com a procura de uma obra indispensavel à biblioteca de todo o catholico. A edição foi feita com luxo e nitidez; as gravuras são tiradas de paineis dos melhores mestres; de sorte que, além do valor real do livro, o merito do trabalho material não contribue menos para que todos desejam possui-lo. O Sr. Garnier é um dos estrangeiros que honra dignamente o paiz que o hospeda.³⁶⁹

Ao se referir à Edição Garnier como obra “verdadeira” por oposição a “tantas falsas”, o anúncio revela parte de um longo debate entre parte dos católicos e protestantes no Brasil Oitocentista. Sob essa perspectiva, o destinatário da obra de Garnier se define muito bem

³⁶⁷ *Diário do Rio de Janeiro*, 14/04/1864, nº 102, p. 1, col. 2, seção “Noticiario”.

³⁶⁸ *Correio Mercantil*, 14/04/1864, nº 103, p. 3, col. 1.

³⁶⁹ *O Constitucional*, 16/04/1864, nº 44, p. 4, col. 4, seção “Noticias Diversas”.

como leitor católico, zeloso da tradição romana em aceitar apenas edições autorizadas das Escrituras.

Em todos os casos, reiteramos a importância da materialidade e dos suportes para a construção do livro, bem como de seus paratextos. Todos esses elementos, unidos, dão unidade e identidade a uma obra e direcionam a formação do próprio leitor, como observou Roger Chartier: “contra a abstração dos textos, é preciso lembrar que as formas que permitem sua leitura, sua audição ou visão participam profundamente da construção de seus significados.”³⁷⁰

A estratégia de divulgação foi mais intensiva no *Jornal do Commercio*:

Sahio á luz na livraria do editor B. L. Garnier, rua do Ouvidor n. 69, o 1º volume da Biblia Sagrada traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, illustrada com prefacções pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, seguida de notas pelo conego Delaunay, e de um dictionario explicativo dos nomes proprios, e de um dictionario geographico e historico, e approvada por mandamento de S. Ex. Revma. o Sr. Arcebispo da Bahia. 2 bellos volumes in-folio, ricamente encadernados e dourados, impressos em optimo papel e ornados de 30 primorosas gravuras sobre aço. Preço de cada volume 15\$000. É por certo a Biblia, ou o *livro por excellencia*, o mais importante de todos. Ornamento de todas as bibliothecas, nenhuma familia pode delle prescindir. Infelizmente não existia ainda uma edição que, sendo orthodoxa e verdadeira, fosse também elegante. A que ora publicamos nada deixa a desejar sob todos os pontos de vista. As illustradas redacções do *Jornal do Commercio* e da *Actualidade* assim se exprimem a respeito da mesma: “É a Biblia um livro que deve existir em todas as casas, e sendo mui pequeno o numero dos que podem ler no texto hebraico ou grego, ou mesmo na vulgata latina, é inestimavel uma traducção correcta desta obra inestimavel, de que a ninguem que saiba ler é dado deixar ter ao menos algumas noções. A edição além disto recommenda-se por todos os titulos. Bom papel, bella impressão e sobretudo grande numero de excellentes e primorosas estampas gravadas em aço”. “Além de outros merecimentos, diz a *Actualidade*, tem a Biblia de ser publicada pelo Sr. Garnier o de ser de orthodoxia incontestavel, tendo sido approvada por mandamento de S. Ex. Revma. o Sr. arcebispo da Bahia, o que a deve recommendar a todos os bons catholicos, cuja boa fé tem sido por vezes explorada pela inundaçãõ de falsas Biblias que as sociedades propagadoras da Inglaterra e dos Estados Unidos têm mandado espalhar por todo o orbe [sic].³⁷¹

³⁷⁰ CHARTIER, “A mediação editorial”, *Op. cit.*, p. 62.

³⁷¹ *Jornal do Commercio*, 26/04/1864, nº 116, p. 3, col. 7, seção “Annuncios”, grifos originaes. O mesmo anúncio se repete em mais cinco edições, por mais dez dias, nos seguintes números do mesmo periódico: 28/04/1864, nº 118, p. 2, col. 6; 30/04/1864, nº 120, p. 3, col. 6; 02/05/1864, nº 122, p. 4, col. 1; 04/05/1864, nº 124, p. 3, col. 4; 06/05/1864, nº 126, p. 2, col. 6.

O texto reproduz de início o título e informações que constam na própria folha de rosto do volume, como se verá. Mas, para além disso, direciona sua mercadoria a determinada função e público: sua Bíblia pode servir como “ornamento de todas as bibliotecas” e como livro “das famílias”, isto é, destina-se ao erudito laico interessado na obra, ao mesmo tempo em que serve a uma possível leitura coletiva no ambiente doméstico, controlada tanto pela autoridade da casa como pela própria versão “ortodoxa” e “verdadeira”.

Os mesmos elementos podem ser encontrados nas notas que anunciam o segundo tomo, no mesmo *Jornal do Commercio*:

Ha tempos demos noticia do 1º tomo de uma bella e rica edição das sagradas escripturas, feita pela casa do Sr. B. L. Garnier. Hoje acrescentaremos que acaba de apparecer o 2º e último tomo, que em luxo typographico, primor de gravuras e bom gosto da encadernação nada cede ao 1º. Como já dissemos, a traducção que servio para a edição do Sr. Garnier é a que passa por mais correcta. Como também dissemos, e ainda repetiremos, a Biblia é um livro que deve encontrar-se em toda casa christã. É o livro por excellencia, e, se a edição de que tratamos não está ao alcance de todos, está ao de muitos que talvez só pela belleza exterior se deixarão seduzir a ler o que por ninguém deve deixar de ser lido. Vulgarisando assim a Biblia o Sr. Garnier prestou um serviço à religião, e portanto, à sociedade, que nella tem a mais segura base.

³⁷²

O “serviço prestado” à “religião e à sociedade” de que se refere o texto acima encontrou alguns limites no anúncio do *Cruzeiro do Brasil*:

A casa do Sr. B. L. Garnier, estabelecida nesta corte, acaba de publicar o segundo volume da Biblia Sagrada, traduzida em linguagem portugueza por Pereira de Figueiredo e anotada pelo Conego Delaunay. A impressão, o papel, as finissimas gravuras e a rica encadernação tornão esta obra já por si utilissima, ainda mais recomendavel. Comquanto entendamos, não ser a Biblia um dos livros mais proprios para a leitura das familias, por motivo do perigo que corre na interpretação de algumas passagens obscuras, todavia julgamos que o Sr. Garnier prestou á sociedade brasileira um importantissimo serviço divulgando pelo povo esse livro por excellencia; maiormente hoje que os missionarios da mentira têm enviado todos os meios para descatholisarem os nossos compatriotas dando e espalhando Biblias em portuguez içadas de erros, e de falsidades, sem uma nota explicativa, sem uma reflexão de pessoa authorisada.³⁷³

³⁷² *Jornal do Commercio*, 25/03/1865, nº 84, p. 1, col. 3, seção “Gazetilha”.

³⁷³ *Cruzeiro do Brasil*, 02/04/1865, nº 27, p. 4, col. 1.

Diante do receio da livre interpretação das Escrituras e de uma possível dissidência no seio da religião (uma “descatolização”), os paratextos – em especial as notas – cumprem a importante função de conduzir e retificar a leitura dos fiéis, assumindo uma forma de controle institucional sobre os textos sagrados.

Não encontramos publicidade para a edição da Bíblia dentro do *Jornal das Famílias*, revista feminina publicada pela própria livraria de B. L. Garnier, com exceção da já citada crônica assinada por “A. F.” Tal ausência, a nosso ver, não deixa de ser relevante: a obra não se destina ao público de mulheres leitoras. Um anúncio muito mais sucinto (a transcrição da folha de rosto do volume) foi colocado no magazine seis anos depois do lançamento da obra:

A BIBLIA SAGRADA

Traduzida em portuguez segundo a vulgata latina, illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo, official que foi das cartas latinas de secretaria d'estado e deputado da real mesa da comissão geral sobre o exame e censura dos livros, seguida de notas pelo Rev. conego Delaunay, cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, de um dictionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um dictionario geographico e historico, e approvada por mandamento de S. Ex. Rev.^a. o Arcebispo da Bahia. – Edição Illustrada com gravuras sobre aço, abertas por Ed. Wilmann, segundo Raphael, Leonardo de Vinci, O Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc. – 2 bellos volumes ricamente encadernados em Paris.³⁷⁴

Há poucas menções à Bíblia de Garnier entre os protestantes no Brasil, como se pode observar na *Imprensa Evangelica*, principal veículo dessa comunidade na segunda metade do século XIX. No entanto, ainda que escassas, essas citações apontam certa relevância à obra enquanto produto católico e, como tal, alvo da crítica de suas contradições. A edição foi incorporada às polêmicas protestantes contra a Igreja Católica, como é o caso de algumas respostas às acusações de “Bíblias falsificadas” trazidas pelas Sociedades Bíblicas. Em defesa destas, argumenta um artigo que “na edição de Londres não há um só texto que não se ache em outras tantas palavras, letras e syllabas na Biblia Garnier approvada pelo Arcebispo da Bahia.”³⁷⁵

Não se limitando a equiparar as edições protestantes à Garnier, o jornal também questionava a acessibilidade da obra católica, expressa em sua própria materialidade. A seu ver, a Igreja Romana estaria afastando os fiéis das Escrituras, ao elevar-lhe o preço e o

³⁷⁴ *Jornal das Famílias: publicação illustrada recreativa, artistica, etc.* B. L. Garnier, editor-proprietário, fevereiro de 1870, ano VIII, n. 2, p. 69.

³⁷⁵ *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, 21/04/1866, vol. II, n. 8, p. 1, col. 2.

formato. Assim, ainda em 1885, quando a segunda edição da Bíblia de Baptiste-Louis já estava em circulação, o mesmo periódico se queixava:

Existe em portuguez uma edição da Biblia inteira em dois grandes volumes, publicada pela casa Garnier, no Rio de Janeiro, e que foi approvada pelo fallecido arcebispo da Bahia, rica e luxuosamente encadernada, que na corte custa 40\$000. Ora, assim acontece sempre. Sua igreja só approva edições muito caras que o povo em geral não pode possuir, e as pessoas que querem espalhar-as não podem carregar por serem muito grandes e pesadas.³⁷⁶

De outro lado, há também poucas referências à edição Garnier na imprensa católica da segunda metade do Oitocentos. No ultramontano *O Apostolo*, figura apenas um anúncio tardio em 1876, similar aos correntes em outros periódicos em anos anteriores. Nele, junto a outros livros de religião editados por Garnier, o texto completo da folha de rosto da Bíblia foi reproduzido, com a indicação do preço de 30\$000.³⁷⁷

Não havia, como vimos, um verdadeiro interesse por parte dos católicos – particularmente ultramontanos – em promover a leitura da Bíblia, embora não houvesse tampouco uma proibição explícita. Mais adequado a essa tendência seria, como vimos no capítulo anterior, delegar aos próprios padres a leitura direta do texto sagrado, e a comunicação de sua interpretação aos fiéis.

3.2.2 Catálogos da livraria

Além da repercussão na imprensa, a Bíblia de Garnier também aparece nos catálogos da própria livraria. Estes formam um meio privilegiado de acesso às estratégias de divulgação dos livros, na medida em que manifestam os interesses do editor e suas expectativas, além de se constituírem, unitariamente, como um “instrumento topográfico, o qual define e estabelece lugares, ou seja, disposições espaciais, e ordens, ainda que por vezes imaginários, para

³⁷⁶ *Imprensa Evangelica*, São Paulo, 02/05/1885, vol. XXI, n. 9, p. 71, col. 2-3.

³⁷⁷ *O Apostolo*, Rio de Janeiro, 02/08/1876, ano XI, n. 84, p. 4, col. 4. Mesmo que não tenha dado publicidade à Bíblia de Garnier, o jornal ultramontano parece ter mantido boas relações com o editor. Por ocasião da publicação do livro *Directorio do jovem sacerdote*, o periódico assim se refere a ele: “ao Sr. B. L. Garnier, editor da obra, louvamos pelo seu incansável zelo na publicação de obras religiosas e piedosas, de que tanto carecemos”. *O Apostolo*, Rio de Janeiro, 25/08/1872, ano IV, n. 34, p. 4, col. 5.

leitores e leituras”, como define Eliana de Freitas Dutra.³⁷⁸ Esse instrumento cria uma ordem de classificação e atribui certa hierarquia às obras ali dispostas, sendo importante, nesse sentido, “reter como as informações e sua disposição no catálogo estabelecem uma relação com o mundo exterior e o fixam.”³⁷⁹

A autora, ao se debruçar sobre um conjunto de catálogos da livraria de B. L. Garnier, destaca mudanças incorporadas a partir da brochura de 1863. A primeira delas é o idioma da listagem e de suas obras, dessa vez em português. Além disso, a maior oferta de obras traduzidas revelam “um catálogo agora montado exclusivamente para o público brasileiro e bem de acordo com as características da sociedade do país.”³⁸⁰

Em certo sentido, a disponibilização das Escrituras em português também acompanhou esse movimento. Os catálogos de Garnier revelam sua intenção de atingir diversos nichos de mercado, e passam a ter cada vez mais livros em português, como observou Lúcia Granja: “a partir dos anos 1860, o livreiro começou a investir pesadamente no mercado editorial brasileiro e, enquanto editor, dava a imprimir os livros, em Paris, às tipografias habituadas a trabalhar em língua portuguesa.”³⁸¹

A Bíblia está referenciada nos catálogos de número 2 e 23 da Livraria Garnier, ambos sem data. O primeiro deles é surpreendentemente uma listagem exclusiva de literatura – e não de religião, como se poderia supor –, na seção inicial “Suplemento”. Em ordem alfabética, junto à letra “B”, ela se encontra entre autores como Visconde de Benalcanfor (*Fantasia e escriptores contemporaneos*), padre Manoel Bernardes (*Excerptos*, obra literária, com estudo crítico de Antonio Feliciano de Castilho) e Bocage (*Excerptos*, também com comentários de Castilho). No catálogo, o item é composto tão somente do longo título da folha de rosto, acrescido da informação de “2 bellos v. ricamente enc. em Pariz 30\$000”.³⁸²

Colocar a Bíblia junto a obras de literatura pode ser um indício dos públicos aos quais a obra se destinava: não aos padres ou interessados em obras religiosas, mas sim ao leitor já

³⁷⁸ DUTRA, Eliana de Freitas. “Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. In: ABREU, Márcia & BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, p. 68.

³⁷⁹ *Ibidem*, p. 69.

³⁸⁰ *Ibidem*, p. 80.

³⁸¹ “GRANJA, “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e livros)”, *Op. cit.*, p. 61, nota 19.

³⁸² *CATALOGO da livraria de B. L. Garnier*, n. 2, Literatura: novelas, romances, narrativas, crítica literária, poesias, peças de teatro, etc. S.l.: B. L. Garnier, s.d., p. 2. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

secularizado e leigo. Tal público consistia numa parcela mais ampla da sociedade carioca, o que permitiria uma maior possibilidade de comercialização do produto.

No Catálogo nº 23, o tratamento é outro: a Bíblia se situa logo de início, junto às “Obras principaes” em destaque: *Jornal das Familias*, *História do Brazil* (Robert Southey), *Livro de lembranças*. O anúncio ocupa o espaço de quase uma página inteira, dividindo lugar apenas com a obra de Southey, também em destaque. Embora seja novamente uma mera reprodução da folha de rosto, não deixa de ser relevante o destaque conferido à obra, e, mais do que isso, todo o conjunto de informações sobre ela.³⁸³

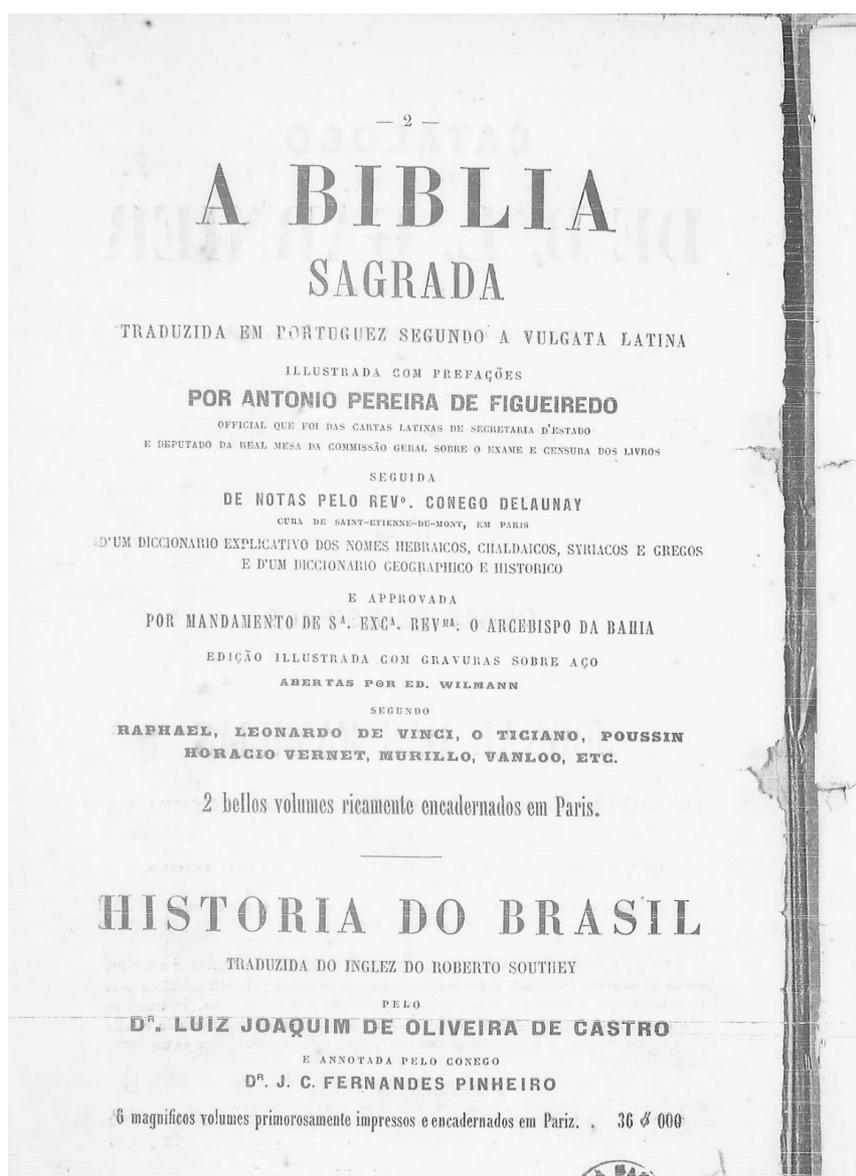


Imagem 16: Bíblia de Garnier anunciada em seu Catálogo n. 23.

³⁸³ CATALOGO da livraria de B. L. Garnier, n. 23. S.l.: B. L. Garnier, s.d., p. 2. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

(Website “Circulação Transatlântica dos Impressos – a globalização da cultura no século XIX”)

Ao todo, neste último catálogo, são apresentados 311 itens, separados em seções, na ordem como segue: *Religião* (8); *Livros de educação, classicos de instrucção, etc.* (51); *Historia, geographia, etc.* (39); *Direito, economia politica, finanças, comercio, etc.* (52); *Medicina, homeopathia, magnetismo* (10); *Poesias, litteratura* (27); *Romances, novellas, etc.* (54); *Peças de theatro* (30); e *Obras diversas* (40).

A quantidade de livros religiosos é muito pequena quando comparada a outros segmentos como Romances, Direito, Educação e História (os quatro mais numerosos, respectivamente). Na verdade, Religião concentra a menor quantia de livros do catálogo (8 itens, 2,57% do total). Ainda assim, está colocada no início da brochura: podemos supor que o editor reconhecia as possibilidades de compra desse filão, mesmo que não fosse sua oferta mais usual.

Atualizada quanto aos movimentos que agitavam a Igreja Católica na segunda metade do século XIX, constam nessa mesma seção os itens *Lições sobre a infallibilidade e o poder temporal dos papas*, de Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, e a *Tentativa de pontifício*, relato no qual se descreve um levante republicano em 1848 na Itália, em que o papa Pio IX quase foi atingido por uma bala perdida em seu gabinete. Esse evento exerceu forte comoção entre os fiéis católicos e serviu de argumento em defesa das posições anti-liberais da Igreja.³⁸⁴ Com isso, Garnier foi cuidadoso com as aflições do clero ultramontano brasileiro, ao trazer obras que discutiam temas importantes para esse grupo.

Atento também aos leitores religiosos leigos, o editor manteve a *Historia Sagrada Illustrada*, de J. C. Fernandes Pinheiro, na seção de “Historia, geographia, etc.”, num possível direcionamento ao leitor mais secularizado.³⁸⁵ O mesmo catálogo anuncia a obra no prelo *Recopilação dos principaes sucessos da Historia Sagrada*, com poemas de Domingos Caldas Barbosa, editado pelo mesmo J. C. Fernandes Pinheiro.³⁸⁶

O preço anunciado dos dois tomos da Bíblia é de 30\$000. Considerado unitariamente, o valor de um volume apenas (15\$000) não difere muito de outras edições de preço mais elevado dos catálogos. Juntos, no entanto, os dois volumes constituem obra das mais caras. No Catálogo nº 2, por exemplo, ela só fica atrás do *Universo Pittoresco* (54\$000, 3 vols.),

³⁸⁴ CATALOGO da livraria de B. L. Garnier, n. 23, Op. cit, p. 3.

³⁸⁵ *Ibidem*, p. 13.

³⁸⁶ *Ibidem*, p. 32.

Obras de Filinto Elísio (50\$000, 11 vols.), *Memórias de Literatura Portuguesa* (40\$000, 8 vols.) e da *Biblioteca Familiar* (35\$000, 7 vols.).³⁸⁷ No Catálogo nº 23, ela sucede apenas a *Historia do Brasil*, de Southey (36\$000, 6 vols.).³⁸⁸

3.3 A Bíblia de Garnier e seus paratextos: peritextos

Para uma análise dos peritextos da Bíblia de Garnier, nos valem principalmente do exemplar em dois volumes da primeira edição pertencente ao Museu da Bíblia, em Barueri. Há também os tomos da segunda edição da obra, de 1881, na coleção de Juárez Bezerra de Meneses, sob custódia do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP). O Fundo Graciliano Ramos, também salvaguardado nesta instituição, contém a Bíblia anotada pelo escritor alagoano, da mesma casa Garnier.³⁸⁹ Os dois volumes deste acervo, no entanto, não são da mesma edição: o tomo 1 pertence à segunda (1881), e o tomo 2, à primeira (1864).

As duas edições são idênticas no formato: compõem-se de 2 volumes in-4º (mais precisamente, 17cm x 26cm), encadernados e com um total de 30 gravuras em metal sobre papel especial, espalhadas de modo relativamente aleatório nos dois tomos. Esses elementos nos permitem identificar a Bíblia de Garnier como uma obra de luxo. Assim também foram a terceira edição da tradução de Figueiredo de 1794-1819 (bilíngue, in-folio, 7 vols.), a edição de Aguiar Vianna de 1852-1853 (2 vols. in-folio com gravuras) e a de Silva & Sousa de 1853-1857 (3 vols. in-folio). Como afirma Chartier: “Desde a época de Rembrandt, colocava-se a questão se a Bíblia podia ser publicada em pequeno formato. A sacralização do texto, dizia-se, não podia resistir à indignidade do pequeno formato.”³⁹⁰ Ao que pudemos observar, portanto, as edições católicas procuraram conservar a obra em suportes mais dispendiosos, orientação que Garnier também seguiu.

O texto escolhido para compor o livro é a tradução de Antonio Pereira de Figueiredo, feita a partir da Vulgata latina. Essa era a única tradução integral da Bíblia para o português aceita pela Igreja Católica, seguindo as regras de oficialidade por ela estabelecidas. Sabemos que essa versão passou por revisões do próprio tradutor na segunda e terceira edições

³⁸⁷ CATALOGO da livreria de B. L. Garnier, n. 2, *Op. cit.*, p. 99, 40, 67, 13, respectivamente.

³⁸⁸ CATALOGO, nº 23, *Op. cit.*, p. 2.

³⁸⁹ A marginalia de Graciliano nesses exemplares foi estudada em artigo por SALLA, Thiago Mio. “A Bíblia Sagrada de Graciliano Ramos”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 4, p. 95-121, nov. 2014.

³⁹⁰ CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 88.

(1791-1803 e 1794-1819); depois, nas edições subsequentes (Aguar Vianna de 1852-1853, Silva & Sousa de 1853-1857), não encontramos informações explícitas sobre novas revisões do texto original, tampouco de qual das edições anteriores o material foi extraído.

Da mesma forma, não temos certeza de qual versão da tradução de Figueiredo se valeu Garnier. Na impossibilidade de cotejar todas as edições, nos limitamos a simplesmente enumerá-las acima. É possível que o texto-base escolhido tenha sido o das edições mais recentes dos anos 1850, em especial por serem edições já autorizadas por clérigos portugueses do período.

Baptiste-Louis Garnier compôs o texto de sua edição em duas colunas, e manteve todos os livros bíblicos do cânone católico, o qual inclui todos os deuterocanônicos. Naturalmente, esse era pré-requisito para a aprovação eclesiástica de sua Bíblia. As indicações de capítulos serviram de intertítulos, seguidos de pequenos resumos de conteúdo. Esses pequenos textos já se encontravam na primeira edição da Bíblia de Figueiredo, e permaneceram nas impressões posteriores como um apoio a consultas, favorecendo uma leitura recortada e também potencialmente seletiva.

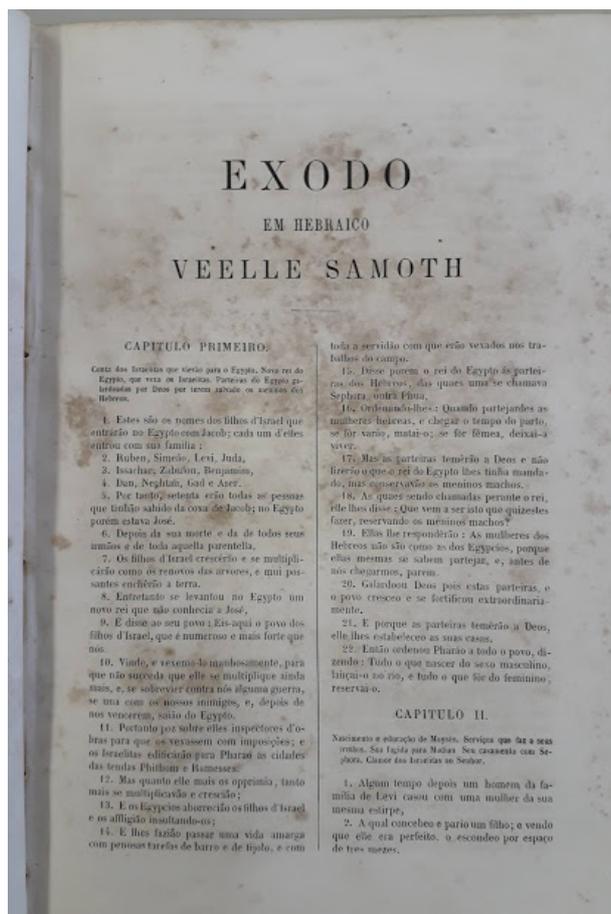


Imagem 17: Aspecto do livro do Êxodo da edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

Todo um conjunto de paratextos antecede e sucede o texto bíblico, que também é entrecortado por notas de rodapé e interfolhado pelas gravuras; além disso, naturalmente, permanecem aqueles elementos tradicionais que acompanham todas as Bíblias modernas: as subdivisões em capítulos e versículos. Quanto à estrutura dos volumes, podemos observá-las nos quadros seguintes:

Quadro 22: Subdivisões do Tomo I da Edição Garnier de 1864

SEÇÃO	PÁGINA(S)
Página de título	[fl.1]
Informações sobre o impressor	[fl. 1, verso]
Gravura [em papel especial]	[fl.2, verso]
Folha de rosto	[fl.3]

<i>Mandamento</i> [autorização do Arcebispo da Bahia]	[fl. 4]
<i>Prefação geral</i> , de Antonio Pereira de Figueiredo	p. 1-59
Livros Gênesis a Eclesiástico	p. 61-772

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

O segundo tomo segue a mesma estrutura do primeiro, com as devidas alterações na numeração de páginas, dando sequência à contagem do volume anterior. Encerrado o livro do Apocalipse, outros paratextos vêm a se somar: as notas de Henri Delaunay, um glossário filológico, outro histórico-geográfico e, finalmente, um índice dos dois tomos.

Quadro 23: Subdivisões do Tomo II da Edição Garnier de 1864

SEÇÃO	PÁGINA(S)
Página de título	[fl.1]
Informações sobre o impressor	[fl. 1, verso]
Gravura [em papel especial]	[fl.2, verso]
Folha de rosto	[fl.3]
Livros Isaías a Apocalipse	p. 773-1423
<i>Notas do Rev^o. Conego Delaunay</i>	p. 1425-1462
<i>Diccionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos da Biblia</i>	p. 1463-1472
<i>Diccionario geographico e historico da Biblia</i>	p. 1473-1503
Índice	p. 1505-1559

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

Em ambos os tomos, as páginas de título trazem apenas o termo *Biblia Sagrada*; no verso desta, consta o nome da “Typographia de Edouard Blot” e seu endereço na “Rua São Luiz, 46” em Paris, de quem não encontramos informações suficientes. Garnier entendia a edição e a impressão como atividades distintas, e isso é revelado em sua Bíblia: a edição pertence à livraria do Rio de Janeiro, mas impressão foi realizada em por outra oficina na França. Como afirmou Hallewell:

A preferência de Baptiste pela impressão em Paris devia-se, em parte, à origem da firma, mesmo que, a partir de 1864, tenha utilizado, frequentemente, tipografias não ligadas ao estabelecimento dos irmãos. O apelo esnobe por tudo o que era francês foi outro fator importante, especialmente no caso dos livros mais caros, aos quais se somava o atrativo adicional de uma encadernação francesa.³⁹¹

Tão logo na sequência encontra-se uma gravura, semelhante às demais espalhadas pelos exemplares, em papel especial. A imagem se localiza no verso da folha, servindo assim de chamativo em conjunto à página seguinte: a folha de rosto.

3.3.1 *Folha de rosto*

Em contraste com o conciso título “Bíblia Sagrada” impresso na página de título anterior, a folha de rosto amplia as informações sobre a obra:

A BIBLIA SAGRADA/ TRADUZIDA EM PORTUGUEZ SEGUNDO A VULGATA LATINA/ ILLUSTRADA COM PREFEÇÕES/ POR ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO/ OFFICIAL QUE FOI DAS CARTAS LATINAS DE SECRETARIA D’ESTADO/ E DEPUTADO DA REAL MESA DA COMMISSÃO GERAL SOBRE O EXAME E CENSURA DOS LIVROS/ SEGUIDA/ DE NOTAS PELO REVº CONEGO DELAUNAY/ CURA DE SAINT-ÉTIENNE-DU-MONT/D’UM DICCIONARIO EXPLICATIVO DOS NOMES HEBRAICOS, CHALDAICOS, SYRIACOS E GREGOS/ E D’UM DICCIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO/ E APPROVADA/ POR MANDAMENTO DE S^a. EXC^a. REVM^a. O ARCEBISPO DA BAHIA³⁹²

O tratamento dado à folha de rosto pelo editor é uma demonstração de seu cuidado com as autoridades envolvidas na construção do livro, mas também de publicidade – vale recordar que o texto dessa folha foi também reproduzido em anúncios de venda do livro, como vimos. Os trechos que grifamos na transcrição acima correspondem, no exemplar original, a destaques estabelecidos na composição, através do tamanho dos tipos empregados.

³⁹¹ HALLEWELL, *O livro no Brasil, Op. cit.*, p. 224.

³⁹² Mantivemos o texto em caixa alta, conforme a tipografia original, e indicamos a quebra de linha com o sinal de barra [/]. Os grifos são nossos.

Esses tamanhos se sobressaem ao conteúdo de todo o texto, realçando determinadas informações. Se colocarmos em sequência, teremos o seguinte:

A BIBLIA SAGRADA
 TRADUZIDA EM PORTUGUEZ SEGUNDO A VULGATA LATINA
 POR ANTONIO PEREIRA DE FIGUEIREDO
 DE NOTAS PELO REV^o CONEGO DELAUNAY
 POR MANDAMENTO DE S^a. EXC^a. REVM^a. O ARCEBISPO DA BAHIA

A rigor, todas as autoridades associadas à edição estão dadas nessas poucas informações. Há um decréscimo gradativo para cada frase destacada na folha de rosto original, estabelecendo, para além da homogeneidade de informações, uma hierarquia que vem do topo e se encerra mais abaixo: o Livro (Bíblia), o tradutor e sua fonte (Figueiredo, a Vulgata), o comentador (Delaunay) e, finalmente, o respaldo do representante nacional (o Arcebispo da Bahia). Todas as autoridades estão invocadas já de início, assegurando ao leitor a fiabilidade da edição que tem em mãos.

Como acréscimo e atrativo ornamental à obra, os nomes de artistas consagrados das gravuras são referenciados mais adiante no título. Em caracteres menores, segue-se o texto: EDIÇÃO ILLUSTRADA COM GRAVURAS SOBRE AÇO/ ABERTAS POR ED. WILLMANN/ SEGUNDO/ RAPHAEL, LEONARDO DA VINCI, O TICIANO, POUSSIN, HORACIO VERNET/ MURILLO, VANLOO, ETC.

Também em caracteres menores, estão anunciados o DICCIONARIO EXPLICATIVO DOS NOMES HEBRAICOS, CHALDAICOS, SYRIACOS E GREGOS, e o DICCIONARIO GEOGRAPHICO E HISTORICO. Juntos, estes dois glossários e as gravuras formam três acréscimos paratextuais anunciados publicitariamente já na folha de rosto. Nesta, no entanto, eles são ofuscados pelos outros elementos da página: estão impressos em caracteres miúdos, entre as autoridades mais importantes que já citamos.

Por fim, as informações de local e data, ao pé da página, são reveladoras da autonomia pretendida (ao menos de fachada, como vimos) por Baptiste com relação a seus irmãos franceses: RIO DE JANEIRO/ B. -L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR/ 69, RUA DO OUVIDOR, 69/ 1864. Sabemos que a edição foi impressa em Paris (recordemos a “Typographia de Edouard Blot”, discreta no verso da folha de título), mas o que aqui se

sobressai é a cidade do Rio de Janeiro e o endereço da loja no Brasil onde a obra foi lançada, atestando a distinção clara entre as funções de edição e impressão do livreiro.

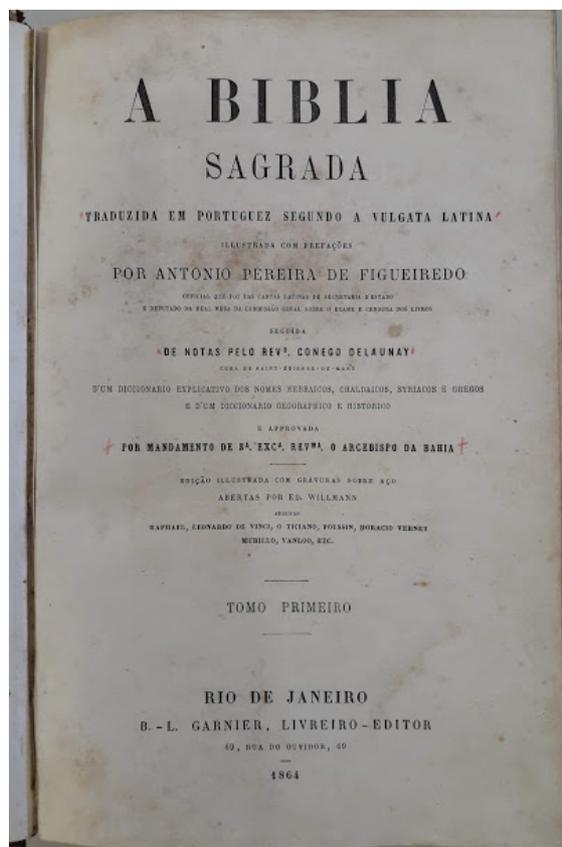


Imagem 18: Folha de rosto do Tomo I da Edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

3.3.2 “Mandamento” [autorização]

Virando-se a folha de rosto encontramos, à guisa de autorização, uma nota sob o título de *Mandamento*, assinada por Dom Manoel Joaquim da Silveira, então Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil. O texto é assinado em Salvador, a 6 de junho de 1863:

Fazemos saber que, desejando o Sr. B.-L. Garnier reimprimir a versão da Santa Biblia feita sobre o latim da Vulgata pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, com as notas explicativas que á versão de Sacy fez o Abbade Delaunay, approvadas por Monsenhor de Sibour, Arcebispo de Paris, com o louvável fim de proporcionar aos Catholicos d’este Imperio a lição das Sagradas Escripturas, livre dos erros e subtracções das Biblias falsificadas e truncadas que em tanta quantidade correm pelo paiz: Havemos por bem approvar a dita versão, por se conformar ao texto latino, e as notas explicativas do Abbade Delaunay, a fim de que se possam dar ao prélo não só

a versão referida, como também as citadas notas traduzidas em vulgar, e ser lidas por todos os Fieis Catholicos sem temor e suspeita de erro.³⁹³

Considerando a afirmação do arcebispo “*desejando o Sr. B.-L. Garnier reimprimir a versão da Santa Biblia [...] com o louvável fim de proporcionar aos Catholicos d’este Imperio a lição das Sagradas Escripturas*”, podemos supor que a iniciativa de publicação da Bíblia partiu do editor; a devida autorização desse gesto vem na frase “*havemos por bem approvar a dita versão*”, e na assinatura do Arcebispo ao final da página.

Contudo, o título dessa autorização canônica não deixa de ser curioso: o termo “Mandamento” parece diluir a ação do editor em favor de uma suposta resolução do próprio Arcebispo, isto é, tomar a feitura da obra como ordem direta da própria autoridade eclesiástica, e não uma proposta editorial leiga. Essa ambiguidade favorece a pretendida “ortodoxia” da obra, já que ela supostamente vinha fazer oposição aos “erros e subtracções das Biblias falsificadas e truncadas que em tanta quantidade correm pelo paiz”, atendendo às preocupações de membros da Igreja Católica com o avanço do Protestantismo e das Sociedades Bíblicas no Brasil.

³⁹³ “Mandamento”. In: *A BIBLIA SAGRADA traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier Livreiro-Editor, 1864, [fl. 4], grifo nosso.

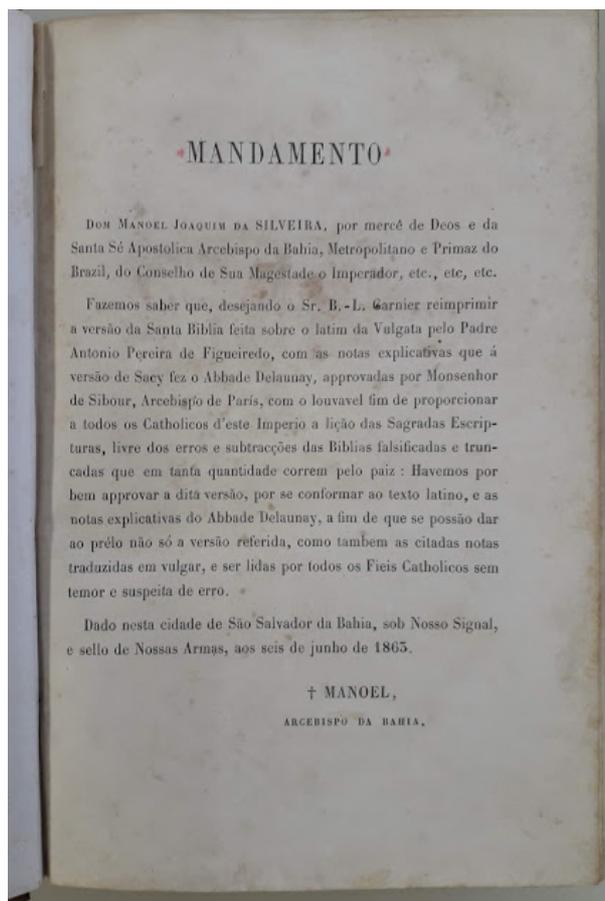


Imagem 19: “Mandamento” [autorização] da edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

3.3.3 Prefácios

A Bíblia e Garnier manteve todo o conjunto de prefácios de autoria de Antonio Pereira de Figueiredo, que acompanhavam o texto do tradutor desde as primeiras edições em Portugal. Tratam-se de apresentações curtas a cada um dos livros bíblicos, tratando especialmente de questões históricas e filológicas dos mesmos, além de um texto introdutório relativamente longo intitulado *Prefação geral a toda a Sagrada Biblia*, que antecede todos os demais.³⁹⁴

Esse grande prefácio elaborado por Figueiredo se vale de uma série de referências eruditas do latinista, que buscava com isso demonstrar a fiabilidade de seu trabalho. Ao tratar

³⁹⁴ Há uma sutil diferença entre o uso de uma introdução e de um prefácio. Jacques Derrida explica: “[a introdução] é única, trata de problemas arquitetônicos, gerais e essenciais, apresenta o conceito geral na sua diversidade e sua autodiferenciação. Os prefácios, ao contrário, multiplicam-se de edição para edição e levam em conta uma historicidade mais empírica; respondem a uma necessidade de circunstância.” DERRIDA, Jacques. *La Dissémination*. Paris: Éd. du Seuil, 1972, p. 23 *apud* GENETTE, *Op. cit.*, p. 145.

da “divina autoridade dos livros canonicos” numa das seções de seu argumento, o autor recai sobre a legitimidade dos livros deuterocanônicos da Bíblia, cuja aceitação marca as versões católicas das Escrituras desde o Concílio de Trento. Figueiredo sai em defesa de sua canonicidade:

[...] não vejo como, sem incorrer na nota de heresia, possa hoje alguém ou negar a canonicidade d’aquelles livros, ou estabelecer entre uns e outro a decantada differença e desigualdade [...] que, assim pelo teor do decreto como pela historia do sagrado concílio e pelo testemunho dos theologos que a elle assistirão, fica demonstrado que de nenhum modo pode subsistir nem tolerar-se.³⁹⁵

Aliados a isso, na mesma *Prefação*, seus argumentos em prol da “infallibilidade dos autores canonicos” e da “autoridade e authenticidade da Vulgata latina” o colocam em consonância com as medidas tridentinas e com os interesses da Igreja Católica em manter o controle sobre o texto sagrado. Apesar disso, Figueiredo foi também conhecido por seu apoio às medidas do Marquês de Pombal, de cunho fortemente regalista, jansenista e anti-romano. Em suas notas e prefácios originais,

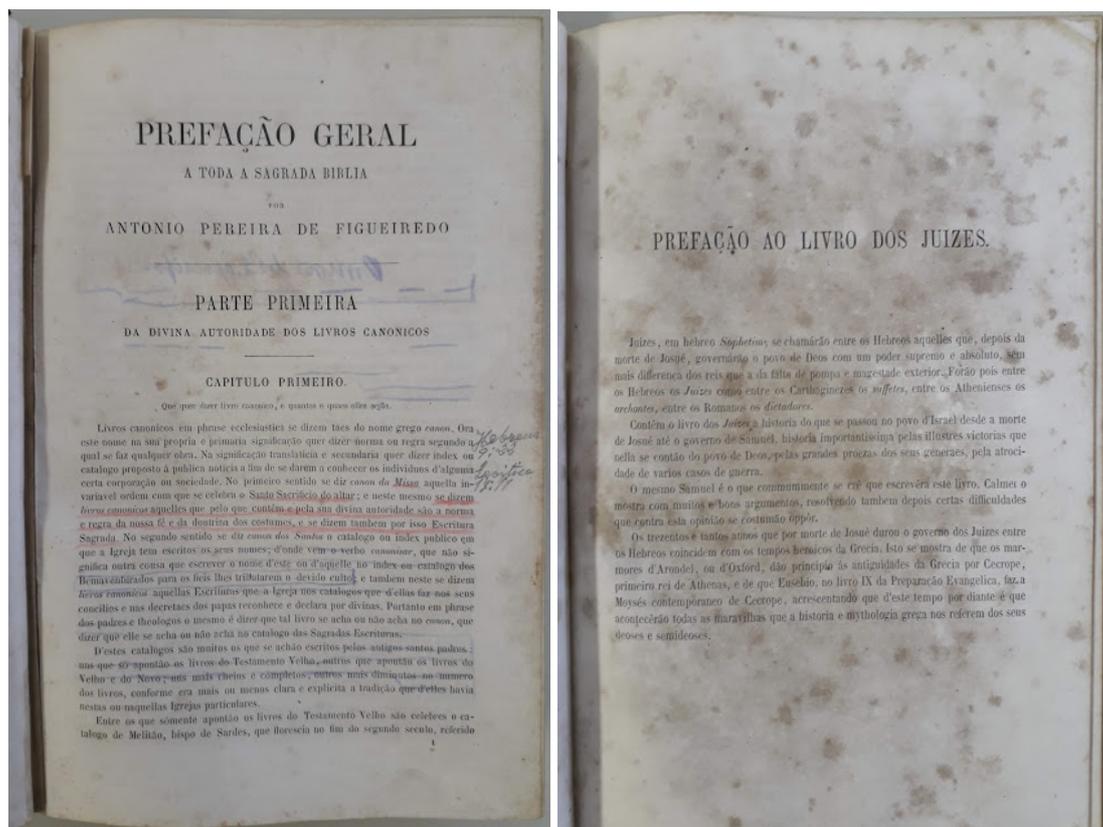
o Padre Figueiredo aproveitou todas as oportunidades, não apenas para ajudar o seu leitor a melhor identificar as lições mais importantes do texto sagrado, mas também para tentar comunicar-lhe o desejo de meditar sobre elas, o que representa a retomada e o desenvolvimento de uma espiritualidade que cada vez mais queria se concentrar numa leitura pessoal da Bíblia.³⁹⁶

É de extrema relevância que os prefácios do oratoriano foram mantidos nas edições católicas da Bíblia de sua tradução, mas, por outro lado, o mesmo não ocorreu com suas notas, como ainda veremos. Se admitirmos, como sugere Gérard Genette, que a função principal do prefácio autoral é “garantir ao texto uma boa leitura”,³⁹⁷ a reprodução sucessiva desse material só foi possível porque seu teor atendia às necessidades da Igreja, que concedia autorização para publicá-lo.

³⁹⁵ “Prefação geral a toda a sagrada Biblia”. In: *A BIBLIA SAGRADA, Op. cit.*, p. 21.

³⁹⁶ CARVALHO, José Adriano de Freitas. “La Bible au Portugal”. In: BOUREL, Dominique; BELAVAL, Yvon (dir.). *Le siècle des Lumières et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 262, tradução nossa.

³⁹⁷ GENETTE, *Op. cit.*, p. 176.



Imagens 20 e 21: Aspecto da “Prefação geral” e do prefácio ao livro de Juízes da edição Garnier de 1864.
(Museu da Bíblia, Barueri).

3.3.4 Notas de rodapé

A presença de comentários sobre o texto sagrado se faz muitas vezes através das notas presentes nas Bíblias impressas, e tem tradição longa na história dos livros. A prática da “glosa” remete a pelo menos a Idade Média, com a preocupação de dar esclarecimentos ao texto principal.³⁹⁸ Em se tratando de matérias consideradas sagradas – como é o caso das Escrituras –, esses paratextos assumem grande importância ao guiar os fiéis no curso de determinada interpretação teológica.

Duas formas de notas se encontram na Edição Garnier: as de rodapé e as de fim. O conteúdo delas é bem distinto entre si: enquanto as notas ao final correspondem a uma tradução dos comentários de Delaunay na versão francesa, os rodapés mantiveram as ponderações do tradutor Antonio Pereira de Figueiredo, que remontam a pelo menos sua

³⁹⁸ GENETTE, *Op. cit.*, p. 282. Veja-se também GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papirus, 1998.

primeira edição de 1778. O teor destas, na Bíblia de Garnier, é mais filológico do que necessariamente teológico ou moral, e são numericamente inferiores à quantidade de notas de fim.³⁹⁹

As notas de Figueiredo não se restringem à sua autoria, pois muitos comentários são alusões a autores que o próprio oratoriano referenciou: Felipe Scio (1738-1796), Antoine Agustin Calmet (1672-1757), Tomaso Malvenda (1566-1628), Jerônimo (c. 420), entre outros. Essa estrutura se encontra já nas primeiras edições de sua Bíblia, porém, um cotejo entre todas elas ainda se faz necessário, pois podem ter sido cortadas ao longo das publicações.⁴⁰⁰

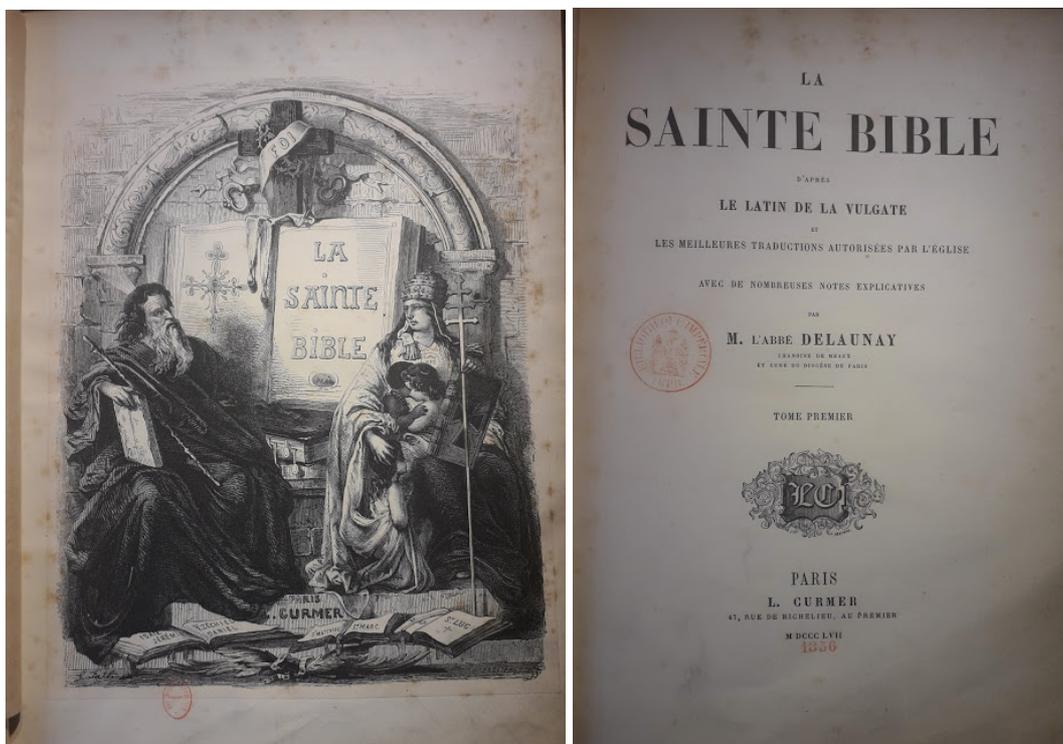
3.3.5 Notas de fim

Dentre todas as peculiaridades da Edição Garnier, com relação às Bíblias em português, a mais importante é o conjunto de notas de autoria de Henri Delaunay, pois embora a versão de Figueiredo tenha sido reproduzida em várias edições, apenas a de Baptiste-Louis inclui os comentários do abade francês. Estes não são, no entanto, exclusividade brasileira, mas sim a tradução das notas de uma obra que já circulava na França desde pelo menos 1856.

A Bíblia que originalmente contém as notas de Delaunay é composta de 6 volumes in-4º (21x28cm), sendo os cinco primeiros correspondentes ao texto sagrado, e o último apenas de gravuras. Via de regra, os volumes apresentam frontispício com gravura já de início e na sequência folha de rosto; há breves prefácios no início de cada livro bíblico, seguidos do texto em coluna única, com pequenos resumos em itálico logo abaixo dos intertítulos de capítulos. Embora a estrutura seja similar à de Garnier no Brasil, as notas de Delaunay são todas de rodapé na versão francesa.

³⁹⁹ Em virtude da pandemia de Covid-19 e do conseqüente fechamento de arquivos e bibliotecas, não conseguimos realizar o levantamento e cotejo das notas de rodapé das edições Garnier de 1864 e 1881. Contabilizamos *en coup d'oeil* um total de 48 notas para o primeiro tomo da primeira edição, número muito inferior ao das notas de fim de Delaunay, como se verá.

⁴⁰⁰ Na folha de rosto da edição de Aguiar Vianna (1852) consta a informação de que a obra foi “enriquecida com varias notas pelo mesmo traductor (excepto aquellas que foram codemnadas em Roma) e por D. Felipe Scio de S. Miguel, Bispo de Segovia, Bossuet, etc.”. É possível que o regalismo de Figueiredo tenha ido de encontro com a autoridade da Igreja, fazendo com que suas notas fossem censuradas em sucessivas edições. As modificações e cortes desses elementos ainda merecem estudo mais aprofundado.



Imagens 22 e 23: Frontispício e folha de rosto da Bíblia editada por Léon Curmer (1856) com notas de Delaunay.
(Bibliothèque nationale de France, Paris)

Étienne-Henri Delaunay (1804-1881) foi vigário em Nemour, depois professor de retórica no seminário menor de Avon. Em 1862, tornou-se cura em Saint-Étienne-du-Mont, em Paris. Consta que possuía biblioteca valiosa e renomada, que incluía uma preciosa coleção de edições da *Imitação de Cristo*, obra atribuída a Tomás de Kempis (1380-1471). Essas peças foram reunidas pelo clérigo ao longo de sua vida por interesses tanto espirituais como bibliófilos. Com a sua morte, em 1881, o espólio de 1.055 volumes de suas *Imitatio* foi doado em testamento para a Biblioteca de Sainte Geneviève em Paris. Não encontramos informações mais precisas sobre a biografia desse padre colecionador, mas sabe-se que estabeleceu boas relações com o editor Léon Curmer, o “príncipe do livro romântico”, que foi o responsável pela publicação de sua Bíblia e também se interessava pela obra de Kempis.⁴⁰¹

⁴⁰¹ Cf. SORDET, Yann. “La donation Delaunay: pourquoi à la bibliothèque Sainte-Geneviève?”. In: DELAVEAU, Martine; SORDET, Yann (dir.). *Édition et diffusion de l'Imitation de Jésus-Christ (1470-1800)*. Études et catalogue collectif des fonds conservés. Paris: Bibliothèque nationale de France/ Bibliothèque Mazarine/ Bibliothèque de Sainte-Geneviève, 2012, p. 109-116.

Na França, a versão original de Delaunay pertence ao conjunto de revisões consideradas “menos importantes”,⁴⁰² uma entre as “tímidas adaptações da versão de Saci.”⁴⁰³ Aparentemente, ela obteve uma segunda edição em 1860, pelo mesmo Curmer (Paris, 5 vols. in-4º). A edição se enquadra também, como vimos, nos moldes das típicas obras de luxo, em grande formato e ilustradas, do século XIX francês.⁴⁰⁴ Garnier replicou a mesma estrutura ao manter a então já consagrada tradução de Figueiredo, e acrescentar os comentários do abade francês numa publicação esmerada e ilustrada.

As notas de Delaunay, que apareciam nos rodapés da edição original francesa, foram transformadas em notas de fim na Bíblia de Garnier de 1864, aqui colocadas ao final do segundo tomo, em duas colunas.⁴⁰⁵ Essa diferença espacial é importante, na medida em que os comentários ao final demandam um interesse real do leitor em parar a leitura e sanar sua dúvida correndo as páginas finais; por outro lado, reunir as notas ao final do volume em parte também facilitaria o trabalho de tradução e edição da obra.

⁴⁰² BOGAERT, *Les Bibles en français*, *Op. cit.*, p. 196. Delaunay não foi sequer citado entre as edições da Bíblia apresentadas por LORTSCH, Daniel. *Histoire de la Bible en France*. Paris: Agence de la Société Biblique Britannique et Étrangère, 1910.

⁴⁰³ SAVART, “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”, *Op. cit.*, p. 28. A tradução de Saci, como observa o mesmo autor, era a preferida pelas editoras pela vantagem de servir a todas as clientelas: era aceita tanto por católicos como também por protestantes, além de agradar uma certa burguesia anticlerical, devido a suas origens jansenistas.

⁴⁰⁴ *Ibidem*, p. 27.

⁴⁰⁵ Não conseguimos realizar um cotejo entre as notas das duas edições para descobrir se houve cortes ou exclusões. Ainda assim, a leitura das notas da edição Garnier em conjunto – sejam elas integrais ou selecionadas – conferem a especificidade da edição brasileira.

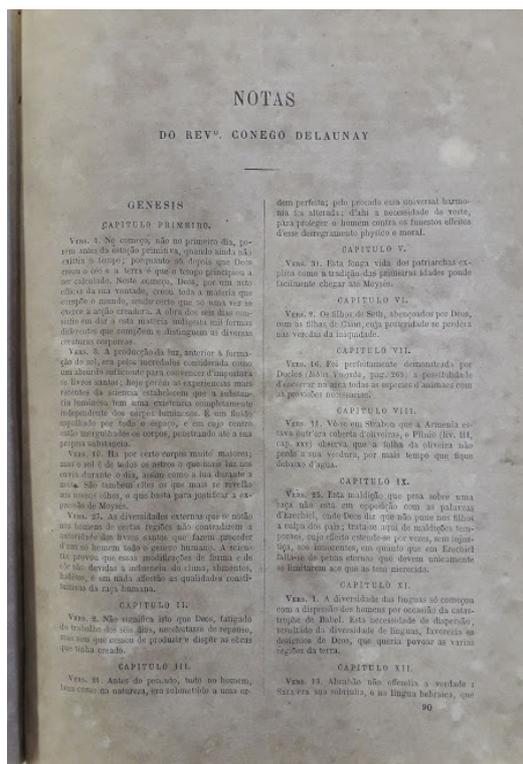


Imagem 24: Aspecto das notas de fim da edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

Diferente das escassas e pontuais notas de rodapé de autoria de Figueiredo, os comentários de Delaunay ao final da edição Garnier são relativamente mais longos e substancialmente mais numerosos. Numa contagem rápida, a edição brasileira contém ao todo 516 notas de autoria do abade francês, sendo 350 para o Antigo e 166 para o Novo Testamento.

Quadro 24: Notas de Delaunay na Edição Garnier de 1864 (Antigo Testamento)

LIVRO	CAPÍTULO, VERSÍCULO	TOTAL DE NOTAS
Gênesis	1:1, 1:3, 1:16, 1:27, 2:2, 3:21, 5:31, 6:2, 7:16, 8:11, 9:25, 11:1, 12:13, 13:11, 14:14, 16:3, 17:10, 19:8, 19:24, 19:32, 21:14, 22:6, 23:16, 27:27, 28:18, 29:28, 30:39, 31:7, 31:19, 32:24, 35:10, 37:5, 38:8, 39:23, 41:45, 43:26, 44:34, 47:19, 49:10.	39
Êxodo	1:20, 3:13, 4:30, 6:12, 7:11, 9:16, 12:4, 12:36, 12:46, 14:24, 16:24, 17:7, 20:17, 21:1, 24:2, 25:1, 30:13, 32:14, 34:13, 38:8.	20
Levítico	1:4, 2:11, 3:9, 8:31, 10:2, 11:[0], 12:2, 13:59, 17:11, 18:6, 20:6, 20:21, 22:20, 25:21, 26:14.	15

Números	1:2, 5:29, 6:6, 8:18, 13:17, 15:36, 18:19, 19:2, 21:8, 22:28, 24:24, 31:7, 33:52, 36:8.	14
Deuteronômio	4:23, 6:3, 7:10, 8:4, 9:14, 12:14, 15:1, 17:8, 21:9, 22:5, 28:46, 29:4, 30:3, 34:5.	14
Josué	3:15, 5:2, 6:20, 6:26, 10:12, 11:21, 12:24, 15:63, 19:50, 22:16, 24:15, 24:29.	12
Juízes	2:12, 3:21, 4:21, 6:37, 9:8, 9:54, 11:31, 14:8, 15:19, 16:16, 19:30, 21:10.	12
Ruth	3:19, 4:13.	2
I Reis [I Samuel]	2:25, 5:9, 6:19, 8:7, 9:21, 13:14, 14:19, 15:33, 19:20, 19:24, 20:26, 24:5, 25:25, 25:43, 27:8, 28:[0], 31:4.	17
II Reis [II Samuel]	1:13, 6:7, 6:14, 7:19, 11:15, 12:14, 13:13, 15:3, 16:10, 18:24.	10
III Reis	Sem notas.	0
IV Reis	Sem notas.	0
I Paralipômenos [I Crônicas]	Sem notas.	0
II Paralipômenos [II Crônicas]	Sem notas.	0
Esdras	Sem notas.	0
Neemias	Sem notas.	0
Tobias	Sem notas.	0
Judite	Sem notas.	0
Ester	Sem notas.	0
Jó	Sem notas.	0
Salmos	18:7, 21:1, 50:6, 65:5, 67:15, 68:26, 135:1, 136:12.	8
Provérbios	Sem notas.	0
Eclesiastes	Sem notas.	0
Cântico dos Cânticos	1:1, 1:7, 1:11, 2:1, 2:8, 3:1, 3:6, 4:1, 5:1, 5:7, 6:1, 6:9, 7:1, 7:10, 8:1, 8:8, 8:13.	17
Sabedoria	5:18, 11:17, 13:19, 16:21, 19:20.	5

Eclesiástico	1:17, 2:14, 6:16, 7:40, 11:30, 13:30, 15:11, 21:9, 24:12, 29:1, 31:31, 32:1, 33:11, 37:12, 40:29, 41:18, 44:17, 47:2, 49:18, 50:27.	20
Isaías	1:21, 2:2, 3:12, 5:1, 6:9, 7:18, 9:6, 11:1, 13:1, 14:23, 19:1, 20:2, 23:1, 26:6, 27:1, 30:10, 32:14, 34:10, 35:10, 38:8, 40:4, 41:12, 42:1, 45:1, 50:4, 53:2, 58:4, 60:20, 63:1, 65:20.	30
Jeremias	2:10, 2:27, 3:11, 4:10, 6:29, 8:22, 9:25, 13:1, 15:10, 16:15, 17:1, 18:6, 20:3, 21:12, 22:19, 23:6, 25:11, 28:3, 30:3, 31:30, 33:25, 34:18, 41:10, 44:17, 46:3, 48:10, 49:27, 50:1.	28
Lamentações	1:3, 2:20, 3:47, 4:17.	4
Baruc	1:4, 1:14, 2:11, 3:4, 3:11, 3:38, 4:37, 6:1.	8
Ezequiel	1:4, 3:1, 4:2, 4:15, 5:2, 9:4, 12:4, 13:10, 16:17, 18:6, 19:2, 21:30, 23:46, 24:27, 26:3, 28:25, 31:15, 34:23, 35:2, 37:3, 37:16, 40:3, 44:19, 45:10, 48:35.	25
Daniel	2:40, 2:44, 4:25, 7:2, 8:3, 9:24, 10:13, 11:45, 13:1.	9
Oseias	1:2, 3:3, 8:14, 11:1, 12:8, 13:1, 13:14.	7
Joel	1:4.	1
Amós	3:3, 5:18, 7:8, 9:11.	4
Abdias	[1]:16.	1
Jonas	1:3, 2:1.	2
Miqueias	5:2, 6:16.	2
Naum	2:1.	1
Habacuc	2:5, 3:3.	2
Sofonias	1:12.	1
Ageu	2:8.	1
Zacarias	3:8, 8:4, 9:9, 11:6, 11:13.	5
Malaquias	1:11, 3:1.	2
I Macabeus	2:4, 7:49, 8:2, 13:30, 15:23.	5
II Macabeus	5:4, 6:5, 6:26, 7:1, 9:13, 12:46, 14:46.	7

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

A quantidade de notas para o Antigo Testamento é quase três vezes maior que as dedicadas ao Novo, com destaque para os livros do Gênesis (39 notas), Êxodo (20),

Eclesiástico (20), Isaías (30), Jeremias (28) e Ezequiel (25). Em contrapartida, há também livros sem quaisquer comentários: III e IV Reis, I e II Paralipômenos [I e II Crônicas], Esdras, Neemias, Tobias, Judite, Ester, Jó, Provérbios e Eclesiastes.

Quadro 25: Notas de Delaunay na Edição Garnier de 1864 (Novo Testamento)

LIVRO	CAPÍTULO, VERSÍCULO	TOTAL DE NOTAS
Mateus	1:1, 1:16, 2:11, 2:16, 3:7, 3:17, 4:2, 4:3, 4:5, 5:3, 5:30, 5:41, 6:9, 7:21, 8:32, 9:15, 10:2, 10:16, 10:34, 11:5, 12:32, 12:47, 12:10, 15:11, 15:37, 16:18, 17:3, 17:22, 19:6, 19:9, 22:21, 24:4, 25:24, 25:46, 27:24, 27:45, 28:19.	37
Marcos	1:10, 2:11, 2:28, 3:15, 4:11, 7:15, 8:39, 9:48, 9:25, 15:25, 16:14.	11
Lucas	1:25, 2:2, 2:7, 2:22, 3:23, 5:20, 6:20, 7:47, 8:44, 9:53, 10:1, 10:30, 12:10, 12:48, 14:9, 14:26, 16:8, 16:9, 17:10, 19:27, 20:16, 22:19, 24:21.	23
João	1:1, 1:21, 2:11, 2:19, 4:15, 5:39, 6:56, 8:11, 9:20, 10:30, 12:32, 13:33, 14:6, 16:22, 18:28, 18:31, 19:34, 20:17, 20:22, 21:17, 21:25.	21
Atos dos Apóstolos	1:1, 2:5, 2:18, 2:44, 3:1, 3:6, 5:4, 8:18, 9:41, 11:26, 12:2, 13:39, 14:16, 15:6, 16:16, 17:18, 20:26, 25:11.	18
Romanos	2:15, 3:7, 3:24, 7:9, 8:28, 10:10, 14:15.	7
I Coríntios	1:17, 3:15, 5:11, 6:12, 7:2, 10:2, 11:4, 11:27, 14:5, 15:29.	10
II Coríntios	4:7, 11:1.	2
Gálatas	1:6, 3:10.	2
Efésios	1:1.	1
Filipenses	1:1, 2:13.	2
Colossenses	1:2, 2:18.	2
I Tessalonicenses	1:2.	1
II Tessalonicenses	1:1.	1
I Timóteo	1:2, 2:4, 3:2, 4:3.	4
II Timóteo	3:7.	1

Tito	1:4, 2:12, 3:14.	3
Filêmon	[1]:1.	1
Hebreus	1:1, 6:6, 9:26, 11:40, 13:10.	5
Tiago	1:1, 2:10.	2
I Pedro	1:1, 2:9, 4:6.	3
II Pedro	1:1.	1
I João	1:1, 1:9, 1:19.	3
II João	[1]:1.	1
III João	[1]:1.	1
Judas	[1]:1, [1]:5.	2
Apocalipse	1:1.	1

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

O Novo Testamento, por sua vez, possui comentários para cada um dos livros, mesmo que por vezes de quantidade limitada. Os mais comentados são os Evangelhos de Mateus (37 notas), Marcos (11), Lucas (23) e João (21), e também Atos dos Apóstolos (18) e a primeira Carta de Paulo aos Coríntios (10).

Reunidas em grupo e consideradas em quantidade, as notas parecem dedicar-se muito mais a alguns livros do Pentateuco, dos Livros Históricos e a alguns dos quatro Profetas Maiores do Antigo Testamento, e principalmente aos quatro Evangelhos no Novo. Delaunay parece não ter se debruçado sobre as Cartas Paulinas e Apostólicas, nem sobre os Profetas Menores e sobre os Livros Sapienciais.

Embora as informações sobre Henri Delaunay sejam escassas, olhar em conjunto seus comentários sobre a Bíblia pode ser um bom caminho para esboçar um perfil de seu pensamento. Antes disso, vale pontuar o seu interesse na *Imitação de Cristo*, obra que preconiza uma espiritualidade individualizada, meditativa e ascética perante o mundo.⁴⁰⁶ Até certo ponto, essa sutil constatação pode nos ajudar a compreender as reflexões do autor. “Qual é o espírito do christianismo?” pergunta Delaunay em seu comentário sobre Atos 17:18. Ele mesmo responde: “A mortificação da carne e a humildade do espírito.”⁴⁰⁷

⁴⁰⁶ Leia-se KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015 (Vozes de Bolso).

⁴⁰⁷ A *BIBLIA SAGRADA*, *Op. cit.*, p. 1455.

Mesmo traduzida ao português,⁴⁰⁸ a linguagem empregada pelo cónego é simples e clara. Ele não se perde em explicações filológicas, não trata de problemas teológicos complexos, nem tampouco referencia autores canônicos da Igreja. O teor de suas intervenções é muito mais explicativo e moral do que necessariamente dogmático. Com isso, suas ponderações parecem destinar-se a um público não eclesiástico, e sim leigo, secularizado. Veja-se seu comentário a Gênesis 1:3:

A producção da luz, anterior á formação do sol, era pelos incredulos considerada como um absurdo sufficiente para convencer d'impostura os livros santos; hoje porém as experiencias mais recentes da sciencia estabelecem que a substancia luminosa tem uma existencia completamente independente dos corpos luminosos. É um fluido espalhado por todo o espaço, e em cujo centro estão mergulhados os corpos, penetrando até sua propria substancia.⁴⁰⁹

A preocupação em ajustar os ensinamentos bíblicos ao pensamento racionalista é uma constante no seu texto. A Bíblia, tal qual apresentada pelo cónego, deve manter seu posto de autoridade, mesmo diante das severas críticas que a Igreja vinha recebendo desde o século anterior. Seu comentário a Eclesiástico 1:17 possui a mesma preocupação:

Deos é a verdade. As pesquisas da sciencia devem ter por objecto conduzí-la á verdade; logo toda sciencia que não conduz a Deos se desvaira; logo o temor de Deos é necessario aos verdadeiros progressos da sciencia, e preserva-a dos erros que a podem desnaturar.⁴¹⁰

Por vezes, o autor se vale de explicações bastante lógicas e práticas para alguns trechos bíblicos, com o cuidado de não descreditar o texto sagrado. É o caso de seu comentário a Êxodo 24:5:

Se o Pentateucho foi escripto por Moysés, como é possível que elle proprio conte a sua morte? Cahe a objecção em face da seguinte explicação: que todo este capitulo, daqui por diante, pertence ao livro de Josué. Quando a Biblia

⁴⁰⁸ A única janela que encontramos para conhecer o tradutor das notas é uma pequena errata em rodapé sob o comentário a Gênesis 39:23. Nele, o agente corrige uma informação do texto original em francês, o que demonstra sua atenção e cuidado para com a fonte a ser traduzida: "Há equivoco do commentador: deve-se aqui ler Potiphar, e não Pharaó. *Nota do tradutor.*" *Ibidem*, p. 1427, grifo original.

⁴⁰⁹ *Ibidem*, p. 1425.

⁴¹⁰ *Ibidem*, p. 1436.

foi dividida por capítulos, o que no princípio não existia, reunio-se sob um título commum o que servia para completar a historia do grande legislador.⁴¹¹

Segundo a tradição judaico-cristã, os livros do Pentateuco foram escritos diretamente por Moisés, muito embora a morte do profeta seja descrita em Deuteronômio. Com a explicação acima, Delaunay esquivou-se de questionar a autoria consagrada do texto bíblico, ao mesmo tempo em que busca dar critérios lógicos para conciliar os fatos.⁴¹²

De um lado, Delaunay questiona os limites da racionalidade humana:

Quem póde induzir o homem a reprimir o que de mao tem em seu coração? A *razão* ou a *consciencia*. Ora a razão desaparece no excesso do vinho, e a consciencia não pode conseguir que seja a sua voz ouvida; fica portanto o homem sem guia, e entregue a todas as insensatas inspirações da embriaguez. [nota a Eclo. 31:31]⁴¹³

De outro, busca a concórdia entre razão e fé, na qual esta é entendida como fundamental para a vida cristã:

Não sómente Jesus se attribue aqui a natureza divina, como proclama a sua perfeita igualdade a seu Pai. Trata-nos, comtudo com uma especie de respeito, e não exige a nossa crença em mysterios superiores á razão, senão depois de haver praticado acções acima da natureza: obra como Deos para provar-nos que é Deos. Por isso, crendo cegamente em sua palavra, não creiamo-la como cegos, porque sempre perfeitamente racional fica a nossa fé. [nota ao Evangelho de João 10:30]⁴¹⁴

Mas Delaunay não se limitou a simplesmente intercruzar o pensamento racionalista com a fé religiosa, pois assumiu em vários momentos uma postura defensiva contra os críticos mais radicais da Igreja. Por exemplo: “A divindade do christianismo acha pois neste psalmo [21] um irrefragavel testemunho contra os judeos a favor da vinda do Messias, e *contra os racionalistas* que vêm-se obrigados a recorrer a uma intervenção sobrenatural.”⁴¹⁵

⁴¹¹ *Ibidem*, p. 1430.

⁴¹² Sobre o respeito de Delaunay à tradição da Igreja, leia-se seu comentário ao Evangelho de João 21:25: “Estas palavras, debaixo d’uma forma oriental, fazem-nos comprehender que difficil seria referir minuciosamente as acções, milagres e palavras de Jesu Christo, fazendo-nos outrossim conhecer a sabedoria da Igreja, que não se atém unicamente á palavra escripta, reconhecendo a que nos foi transmittida pelos apóstolos, e que, com o nome de tradição, torna-se igualmente, mediante certos predicados, uma regra infallivel de fé.” *Ibidem*, p. 1454.

⁴¹³ *Ibidem*, p. 1437, grifos nossos.

⁴¹⁴ *Ibidem*, p. 1453.

⁴¹⁵ *Ibidem*, p. 1435, grifo nosso.

De forma mais direta, ao referir-se aos “incrédulos” em seu comentário ao Evangelho de Lucas 19:27, o autor anuncia a sua condenação: “no fim dos tempos comparecerão perante Jesu Christo, a quem terão negado ou perseguido, e em sua presença entrarão na terrível morte eterna.”⁴¹⁶

Um ponto importante da sua crítica aos descrentes se encontra na valorização dos “milagres” enquanto provas da existência da divindade. “O milagre é o signal indicador da presença ou intervenção de Deos. Quem fez as leis da natureza é só superior a ellas, e só pode mudar ou suspender-lhes o curso” [nota para Êxodo 4:30].⁴¹⁷

A atualização da mensagem bíblica se faz, aos olhos do comentarista, através do reconhecimento da superioridade da fé sobre a razão, cujos exemplos mais bem acabados podem ser achados nos milagres: “O que *hoje* deve fortalecer a nossa fé é a certeza de que os milagres de Nosso Senhor não foram aceitos senão depois de examinados com todas as precauções que se póde suggerir a mais insigne malignidade” [nota ao Evangelho de João 9:20].⁴¹⁸

Parte do conteúdo dessas notas tangencia, portanto, as duras críticas colocadas pelos iluministas e pelo pensamento científico à Igreja Católica do século XVIII. Os comentários de Henri Delaunay ecoam questões colocadas na primeira metade do século XIX na Europa, de uma religiosidade marcada pelo Romantismo, que “não teme desafiar o racionalismo liberal ao insistir nos milagres e nas aparições”, numa forte concepção de que a tradição superaria a razão.⁴¹⁹

3.3.6 Glossários

A Edição Garnier vem acompanhada de dois glossários de termos bíblicos, colocados ao final da obra, no segundo volume: um *Diccionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos da Biblia* (tomo II, p. 1463-1472), e também um *Diccionario geographico e historico da Biblia* (tomo II, p. 1473-1503). Estão organizados em duas colunas, e ordenados em ordem alfabética.

⁴¹⁶ *Ibidem*, p. 1452.

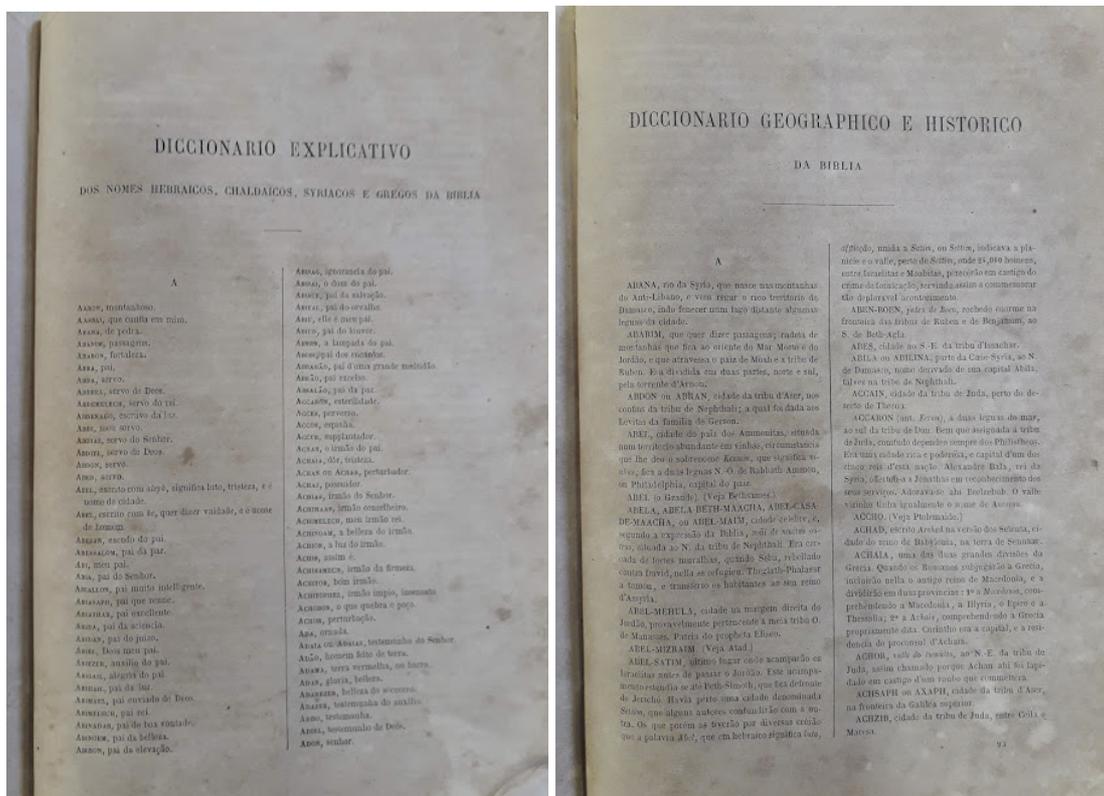
⁴¹⁷ *Ibidem*, p. 1427.

⁴¹⁸ *Ibidem*, p. 1453, grifo nosso.

⁴¹⁹ DUROSELLE, Jean-Baptiste; MAYEUR, Jean-Marie. *História do Catolicismo*. Lisboa: Livros do Brasil, 1988, p. 146, 147.

Não conseguimos identificar a autoria desse material: ele não consta nas edições portuguesas anteriores de Figueiredo, nem nas edições francesas da Garnier Frères que encontramos, e nem na própria edição da versão comentada de Delaunay, de onde foram traduzidas as notas. O texto também não fornece elementos suficientes para afirmar que Baptiste-Louis empreendeu um trabalho original com esses “dicionários”.

Se atentarmos para os possíveis destinatários desses dois aparatos, podemos supor que o leitor implícito estaria mais interessado em aspectos da filologia, da história e da geografia da Bíblia. Esse apêndice não se dedica a questões teológicas, e nem busca a devoção e moralização de seu leitor, mas se direciona a um público leigo, cujo interesse é despertado por detalhes seculares e eruditos do livro sagrado. É, dessa forma, um leitor já instruído e escolarizado, de formação não religiosa, mas principalmente mundana e, acima de tudo, sob essas condições, pertencente a classes mais abastadas.



Imagens 25 e 26: Aspecto dos glossários filológico e histórico-geográfico da edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

3.3.7 Índice

A última seção da Bíblia de Garnier é um índice geral que abrange os dois volumes da edição (tomo II, p. 1505-1559). O subtítulo “Capítulos que se contém no Testamento Velho”, e depois no Novo Testamento já indica a divisão, onde cada capítulo tem a sua respectiva página indicada. Cada um desses itens vem acompanhado de um pequeno resumo do capítulo, que advém das primeiras edições da tradução de Figueiredo, impressas em Portugal. Com esse recurso, uma leitura mais fragmentada é possibilitada, na qual o leitor pode consultar diretamente o trecho anunciado e resumido no índice.

INDICE	
CAPITULOS QUE SE CONTEM NO TESTAMENTO VELHO	
GENESIS	PAGINAS
Capitulo I. Criação do céu e da terra e do mundo e que adão se cria. Depois cria Deus o homem e a mulher, e expulsa-lhes todos os outros animais.	03
Capitulo II. Abençoado e multiplicado Deus o homem. Foi o homem um jardim, ou jardim deliciaes creado de toda a parte. Havendo e regado de muita agua. Defende-lhe que não coma da arvore da sciencia do bem e do mal. De que modo foi Eva formada d'Adão. Instigação do malin.	06
Capitulo III. Tentação d'Eva pelo serpe. Queda d'Eva e d'Adão. A serpente amaldiçoada. O primeiro homem condemnado e lançado fora do jardim.	07
Capitulo IV. Nascimento de Cain e Abel. Os seus sacrificios. Gênesis de Abel. Castigo que por isso teve. Nascimento d'Enoch, de Lamech o hebreu, de Seth, e d'Eve, mãe de Sete.	07
Capitulo V. Genealogia d'Adão por Seth até Noé.	08
Capitulo VI. Casamento dos filhos de Deus com as filhas dos homens. A geral corrupção do mundo humano faz resolver a Deus a destruição. Noé acha agrado nos olhos de Deus. Deus lhe ordena que faça uma arca, em que elle Noé se metta com certo numero de cada especie de animaes.	09
Capitulo VII. Entra Noé na arca com a sua familia. Multiplica nella os animaes que Deus quer conservar. O diluvio inundou toda a terra, e abegou todos os homens e todos os animaes que não entraram na arca.	10
Capitulo VIII. Repellido do aquando diluvio. Entra Noé e a arca. Depois a família de Noé da arca. Obtém um sacrificio a Deus. Gênesis que Deus fez com elle.	10
Capitulo IX. Contrato de Isaac com o mesmo Noé. O seu fim, e a sua morte. Noé planta vinha; e embriagado a sua mulher descobre para Cão. Malição de Noé contra Cão.	11
Capitulo X. Catalogo das descendentes de Sete, Cão e Japhet. Terras que cada um d'elles possui.	11
Capitulo XI. Genealogia da torre de Babel. Confusão das linguas. Genealogia de Noé por Arphaxad até Abraham.	12
Capitulo XII. Promessa d'Abraham a Deus. Promessa que o Patriarcha faz. Chega a terra de Chanaan. Vai ao Egypto. Fugão hebreus para a terra de Ghar.	12
Capitulo XIII. Volta Abraham do Egypto para a terra de Chanaan. Lot se separa d'Abraham e vai para Sodoma. Abraham amparado somente da geração d'Isaac, não para o valle de Membré, junto a Hebron.	13
Capitulo XIV. Guerra de Chedorlosor e de seus alliaes contra os reis de Phoenicia. E pallu tomado Lot e levado cativo. Abraham vir aos alliaes dos senhores e liberta a Lot. Melchisedech dá a sua benção a Abraham, e Abraham dá a Melchisedech o dízimo dos seus bens.	15
Capitulo XV. Apparece Deus a Abraham. Promessa do nascimento d'um filho. Sacrificio d'Abraham. Deus lhe mostra a escadaria de seus descendentes por quarenta e cinco annos. Alligação de Isaac com Abimeu.	16
Capitulo XVI. Agir Sara mulher d'Abraham. Fugida d'Agar e sua volta. Nascimento d'Ismael.	16
Capitulo XVII. Apparece Deus outra vez a Abraham, e lhe annua o nome em Abraham, terra como o de Isaac em terra. Fundação da circumcissão. Promessa do nascimento d'Isaac.	17
Capitulo XVIII. Apparece Deus outra vez a Abraham. Promessa do futuro nascimento d'Isaac. Descobre Deus a Abraham a morte hebraica que estava de destruir Sodoma e Gommorra. Procura Abraham com as suas requisições evitar a ruina d'esses cidades.	17
Capitulo XIX. Chegada dos anjos a Sodoma. Lot se recebe em sua casa. Violencia dos sodomitas contra Lot. Elle se salva em Segor, e sua mulher e convertida em sal. Destruição d'as cidades e Gommorra. Deus mostra a sua gloria a Sara. Abraham leva a Sara para estar com elle. E por isso castigado por Deus. Torna a voltar hebreus a Abraham e depois que receberam que era sua mulher.	18

Imagem 27: Aspecto do índice geral da edição Garnier de 1864. (Museu da Bíblia, Barueri).

3.3.8 Gravuras

As gravuras representaram forte atrativo aos exemplares, considerando o forte apelo a elas nos anúncios. Compõem um total de 15 estampas em papel especial para cada tomo, distribuídas de forma relativamente aleatória entre algumas páginas. Não há uma preocupação evidente com a sequência do enredo bíblico: as imagens não necessariamente

correspondem ao trecho bíblico em que se localizam, tampouco seguem a linearidade das narrativas. Identificamos apenas uma separação entre Antigo e Novo Testamentos entre as cenas representadas. Isso reforça sua função mais ornamental do que necessariamente estrutural para o conteúdo do texto.⁴²⁰

Quadro 26: Gravuras contidas no tomo 1 da Edição Garnier de 1864

AUTOR	IMPRESSOR	GRAVURISTA
Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Ferdinand Delannoy (1822-1887)
Nicolas Poussin (1594-1665)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Adriaen van der Werff (1659-1772)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
-	-	Eduard Willmann (1820-1877)
Horace Émile Jean Vernet (1789-1863)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Alexandre Laemlein (1813-1871)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Nicolas Poussin (1594-1665)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Nicolas Poussin (1594-1665)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882)	Charles Chardon (?-?)	William Henry Mote (1803-1871)
Charles André van Loo (1705-1765)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Charles André van Loo (1705-1765)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882)	Charles Chardon (?-?)	W. J. Edwards (c. 1840-1863)

⁴²⁰ Nenhuma das gravuras do exemplar pertencente ao Museu da Bíblia (Barueri) possuem título. Tomamos, pois, a liberdade de deduzir quais eram as cenas representadas. Observamos que no tomo 2 da Bíblia de Graciliano Ramos (IEB-USP), também de 1864, encontram-se os títulos das obras, em português, mas também sem sequência determinada. Com isso, supomos que as estampas foram incluídas de modo relativamente aleatório a cada volume. Quanto à segunda edição da Bíblia de Garnier (1881), não há diferenças substanciais, como pudemos observar nos volumes do acervo da Biblioteca do IEB-USP. Também nesta edição, via de regra, os artistas, gravadores e impressores permaneceram os mesmos, 20 anos depois.

Salvator Rosa (1615-1673)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Horace Émile Jean Vernet (1789-1863)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Domenico Zampieri (1581-1641)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

Quadro 27: Gravuras contidas no tomo 2 da Edição Garnier de 1864

AUTOR	IMPRESSOR	GRAVURISTA
Rafael Sanzio (1483-1520)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
-	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882)	Charles Chardon (?-?)	Edward Francis Finden (1791-1857)
Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882)	Charles Chardon (?-?)	Francis Holl (1815-1884)
J. Duval (?-?)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Pierre Paul Prud'hon (1758-1823)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Charles Le Brun (1619-1690)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Leonardo Da Vinci (1452-1519)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
José de Ribera (1591-1652)	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Guido Reni (1575-1642)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Paolo Veronese (1528-1588)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Jean-Baptiste Jouvenet (1644-1717)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Théodore-Pierre-Nicolas Maillot (1826-1888)	Charles Chardon (?-?)	Eduard Willmann (1820-1877)
Jean-Baptiste Jouvenet	Théodore Victor Sarazin	Eduard Willmann (1820-1877)

(1644-1717)	(1818-?)	
-	Théodore Victor Sarazin (1818-?)	Eduard Willmann (1820-1877)

Quadro elaborado a partir de exemplar do Museu da Bíblia (Barueri).

Ao pé de cada imagem estampada há informações sobre os artistas das obras originais, gravuristas e impressores. Quanto a estes últimos, estão concentrados nas oficinas parisienses de Théodore Victor Sarazin (1818-?) e Charles Chardon Aîné (?-?). Entre os gravuristas, constam não apenas Eduard Willmann (1820-1877), largamente anunciado nas propagandas dos exemplares, mas também os nomes de Edward Francis Finden (1791-1857), William Henry Mote (1803-1871), Francis Holl (1815-1884), Ferdinand Delannoy (1822-1887) e W. J. Edwards (c. 1840-1863).⁴²¹

Quanto aos artistas das obras originais, os colocamos em ordem de nascimento: Leonardo Da Vinci (1452-1519), Rafael Sanzio (1483-1520), Paolo Veronese (1528-1588), Guido Reni (1575-1642), Domenico Zampieri (1581-1641), José de Ribera (1591-1652), Nicolas Poussin (1594-1665), Salvator Rosa (1615-1673), Charles Le Brun (1619-1690), Jean-Baptiste Jouvenet (1644-1717), Adriaen van der Werff (1659-1772), Charles André van Loo (1705-1765), Pierre Paul Prud'hon (1758-1823), Horace Émile Jean Vernet (1789-1863), Alexandre Laemlein (1813-1871), Pierre Gustave-Eugène Staal (1817-1882), Théodore Pierre Nicolas Maillot (1826-1888) e J. Duval (?-?).

Assim dispostos em conjunto, podemos observar que os nomes dos artistas gravados pertencem todos ao período que vai do século XV ao XIX, principalmente franceses e italianos. São todos artistas acadêmicos, obedientes a várias convenções estéticas, muitos dos quais ainda mantinham um *status* de “grandes mestres”. Podemos inferir que a seleção de tais artistas revelam um gosto bastante tradicionalista, centrado em artistas já bastante consagrados.

A escolha de tais obras iconográficas é elemento importante ao horizonte de expectativas do editor Garnier para com o seu público: o leitor de uma elite europeizada e conhecedora das artes clássicas. Reunir artistas já consagrados também representaria poucos

⁴²¹ Informações sobre esses trabalhadores do livro podem ser encontrados na página online do *Dictionnaire des imprimeurs-lithographes du XIXe siècle*, disponível em: <http://elec.enc.sorbonne.fr/imprimeurs/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

riscos de comercialização, uma vez que seus nomes mantinham prestígio consolidado, e em nada estranhariam o leitor dessas classes.⁴²²

Embora as imagens representadas sempre se refiram à História Sagrada, fica evidente o interesse secularizado nos artistas, cujos nomes agregam valor simbólico ao produto – recordemos novamente os anúncios que ressaltavam os nomes dos artistas representados. Para além de um artefato religioso, elementos fortemente secularizados estão presentes na Bíblia de Garnier, pois destinam-se a um leitor não circunscrito aos meios teológicos.



Imagem 28: Oitava estampa do tomo 2 da edição de 1864, com gravura de Da Vinci. (Museu da Bíblia, Barueri).

Acerca dessas características que envolvem o sagrado e o profano, podemos indagar:

Evidentemente estamos diante das fronteiras do livro religioso: é ainda a Palavra de Deus que se quer honrar? não seria, ao contrário, mais frequentemente, *uma* das obras-primas da literatura universal, chamada a ocupar o seu lugar entre Homero e Racine para testemunhar a cultura do dono da casa?⁴²³

⁴²² Sobre as mudanças estéticas na virada do século XVIII para o XIX na Europa, veja-se GOMBRICH, E. H. “A ruptura na tradição”. In: *História da Arte*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988, p. 375-394.

⁴²³ SAVART, Claude. “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”, *Op. cit.*, p. 27, tradução nossa, grifo original.

O aspecto dual do livro religioso no século XIX, apontado por Savart, pode ser uma chave importante para entendermos as transformações pelas quais a Igreja e o sentimento religioso passaram no período, em consonância com as escolhas editoriais em torno da Bíblia. Com seu aparato paratextual de imagens, mapas e glossários, ela serve não mais apenas às camadas eclesiásticas, mas a um público leigo, que pode ter pelo referido livro interesses que não apenas o religioso.



Imagem 29: Terceira estampa do tomo 2 da edição de 1864, com gravura de Staal. (Museu da Bíblia, Barueri).

Como preconiza Roger Chartier, o papel da mediação editorial se encontra entre as duas instâncias: seja na promoção e disponibilização dos materiais a serem preservados, como também na *seleção* do que efetivamente pode, deve ou interessa ser difundido, sob critérios que se relacionam tanto a uma escolha deliberada do editor, mas também às

condições sociais, políticas e econômicas em que se encontra. “Os editores, por suas escolhas, desempenham um papel essencial na domesticação da abundância.”⁴²⁴

À luz desses princípios, podemos considerar a Bíblia empreendida por Baptiste-Louis Garnier como o produto de uma série de escolhas editoriais, que se manifestam na própria materialidade do livro. Essas escolhas se fizeram a partir de seu próprio contexto, com os materiais e referenciais que lhe estavam disponíveis. Assim, parte importante do processo de construção do livro muito deve ao que está na mente do editor, como sugere outra obra de Chartier.⁴²⁵

Da mesma forma que esses critérios valeram para a análise da Edição Garnier, eles podem ser úteis para refletir sobre tantas outras Bíblias que encontramos e lemos. Pensar nas mediações estabelecidas entre as Escrituras e nós, portanto, vem a enriquecer e educar nosso olhar para a leitura também do mundo.

⁴²⁴ CHARTIER, “A mediação editorial”, *Op. cit.*, p. 76.

⁴²⁵ CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Eu vi debaixo do Sol a impiedade no lugar do juízo,
e a iniquidade no lugar da justiça.*

Eclesiastes 3:16, trad. Antônio Pereira de Figueiredo

“O livro por excelência” na acepção tanto de católicos⁴²⁶ como de protestantes,⁴²⁷ segundo referências encontradas em todo o século XIX. O peso de sua influência transbordou o espaço da fé para alcançar o da cultura ocidental. Ainda que a Bíblia permaneça como um patrimônio que não se limita às instituições religiosas, foram elas que por muito tempo estabeleceram – e ainda estabelecem – importantes mediações entre o texto tomado como sagrado e seus leitores.

A sua leitura integral representa um verdadeiro *tour de force*, não apenas pela dificuldade intrínseca às suas origens remotas, tão distantes de nosso tempo e espaço, mas também pelo oceano de clichês, preconceitos e doutrinas que torcem e distorcem sua interpretação. Assim, recaímos muitas das vezes num sutil paradoxo: o mesmo “livro por excelência”, tão citado e reverenciado, é também um livro efetivamente *desconhecido*.

Além disso, a simples difusão de Bíblias não implica diretamente a sua leitura, como atesta o próprio século XIX: em se tratando de um país cuja taxa de alfabetização já apresentava graves limitações, esse quadro se tornava ainda mais incerto. Outras vias de acesso às narrativas bíblicas vêm a se somar, como as artes, a literatura e a oralidade, demonstrando que a sua circulação transcende – e muito – as fronteiras do escrito.

Refletir sobre os mediadores responsáveis pela difusão da Bíblia requer passar não apenas pelas instituições que dela se valem, mas também por aqueles que promoveram a sua recepção, nos mais variados métodos e suportes. Dentre estes, o livro impresso, que possui uma dinâmica própria e uma historicidade.

A Bíblia enquanto *livro*, na sua forma de objeto material, signo cultural e mercadoria, mobiliza não apenas a vida religiosa dos fiéis e a vida cultural humana, mas também toda

⁴²⁶ “É o livro mais antigo que existe; o livro por excellencia, a cujo nome emmudecem de admiração os seculos: a Biblia”. *O Apóstolo*, Rio de Janeiro, 11/04/1879, ano XIV, n. 43, p. 4, col. 1, grifo nosso.

⁴²⁷ “Quem falla em livro, por pouco cultor que tenha sido das letras, lembra-se logo com admiração e profundo culto do livro por excellencia, a Biblia”. *Imprensa Evangelica*, Rio de Janeiro, 03/07/1875, ano XI, n. 13, p. 102, col. 2, grifo nosso.

uma cadeia produtiva que perpassa autores, editores, distribuidores e leitores. Considerado nessa perspectiva, o livro que é *sagrado* está também *vulgarizado* em nosso mundo. Isso significa dizer que a Bíblia está sujeita às conjunturas sociais, econômicas e políticas de cada momento, o que influi não apenas na sua produção, mas também na sua leitura e interpretação ao longo do tempo.

A orientação católica até pelo menos o século XIX convergia para manter a Bíblia como livro dos padres, e não das pessoas comuns. O argumento de uma paridade entre o texto sagrado e a tradição foi muitas vezes reiterado pela Igreja para justificar seu controle. A leitura das Escrituras deveria ser acompanhada por uma autoridade; no limite, não era necessária para a vida cristã, já que a interpretação caberia principalmente aos sacerdotes. As edições das Escrituras em português realizadas por impressores alinhados ao Catolicismo foram, portanto, sensivelmente reduzidas, e recheadas de paratextos que visavam de alguma forma controlar a sua leitura.

O interesse tardio de Portugal na publicação da Bíblia se deveu, em parte, à legislação católica que restringia a vernacularização das Escrituras para seus fiéis. Desde pelo menos o Concílio de Trento, no século XVI, o Catolicismo procurou manter um forte controle à leitura do texto sagrado, preocupado com os riscos de dissidência e heterodoxia que ameaçavam sua hegemonia desde a Reforma.

Na ausência de uma comunidade protestante suficientemente consolidada tanto no Brasil como em Portugal, a edição da Bíblia na língua lusitana para essa comunidade foi, ao longo de todo o século XIX, centralizada nas mãos das Sociedades Bíblicas, particularmente a *British and Foreign Bible Society* (Londres) e a *American Bible Society* (Nova York). Essas instituições se valeram principalmente de agentes e distribuidores, muitas vezes missionários atuantes na conversão de prosélitos para suas igrejas.

Desde o seu surgimento, as Sociedades Bíblicas evitaram assumir denominações religiosas específicas, e dessa forma atenderam ao público leitor das mais variadas igrejas cristãs. Não por acaso, o aspecto mais notável de suas publicações é a ausência de notas, comentários ou textos introdutórios nos exemplares. Por mais que o texto bíblico fosse então disponibilizado a qualquer leitor, sua difusão no século XIX se dava principalmente através de agentes mais ou menos envolvidos no trabalho missionário. Com isso, as Sociedades foram entendidas como parte da própria dinâmica de implantação de igrejas protestantes mundo afora.

O controle protestante à leitura da Bíblia, nesses casos, não se encontra no texto e em seus paratextos, mas sim numa série de outros livros e materiais que serviam de apoio à evangelização, bem como da constante figura do missionário ou pregador. Além disso, a produção massiva de porções bíblicas em detrimento de versões integrais já implicava numa forma de seleção de textos a serem distribuídos ao público.

Ao contrário do que se poderia supor, no entanto, os missionários vinculados às Sociedades Bíblicas não foram os únicos a disponibilizar a Bíblia para o leitor brasileiro do Oitocentos. Uma série de livreiros instalados na Corte do Rio de Janeiro já comercializavam edições em português das Escrituras desde o início do século.

A tradução do padre oratoriano Antonio Pereira de Figueiredo teve uma destacada circulação no Brasil Oitocentista, pois era tanto aceita por católicos como também utilizada por missionários protestantes. As Bíblias trazidas por estes – produzidas pelas Sociedades Bíblicas –, no entanto, costumavam atingir bolsos mais humildes por seu baixo custo, ao contrário de outras edições das Escrituras no período.

Tanto a *British and Foreign Bible Society* como a *American Bible Society* se beneficiaram dos desenvolvimentos técnicos da impressão de livros no século XIX e também da hegemonia político-econômica de seus países de origem, sem os quais seu programa de ação teria sido inviável. Empreendimentos dessa magnitude só foram possíveis, portanto, dentro de uma conjuntura capitalizada e industrializada, que permitiu uma produção em larga escala e a baixo custo, além de um escoamento internacional bastante eficaz.

A Bíblia editada por Baptiste-Louis Garnier em 1864, por sua vez, é produto do mesmo momento histórico de crescimento da atividade livreira, embora tenha seguido caminhos diferentes: trata-se de uma obra de luxo, não destinada ao trabalho missionário. Mais do que isso, ela acompanha um movimento de expansão do mercado editorial europeu em busca de novos públicos, que no caso francês encontrou no Brasil e na América Latina possíveis grandes consumidores. O comércio brasileiro de livros em meados do século XIX era ainda muito dependente do Velho Continente: não por acaso, a primeira Bíblia integral em português foi editada no Brasil por um francês.

A Edição Garnier consistiu numa proposta laica de publicação da Bíblia, e, para além disso, também destinada a um leitor não eclesiástico. A obra foi artigo voltado às elites de um país monárquico fortemente inclinado à cultura europeia, particularmente a francesa. Assim, pelas próprias características de sua materialidade, ela converge em si tanto um interesse

religioso e devoto presente na sociedade brasileira, como também as aspirações seculares de uma camada social que buscava moldar-se na cultura europeia.

O empreendimento de Baptiste-Louis reuniu diversos elementos e referências disponíveis, selecionados e transformados na forma de livro. Como todo trabalho editorial, essa seleção se fez de acordo com expectativas em relação aos leitores e consumidores possíveis, fato que reflete os lugares onde editor, livro e leitor se inseriram.

Mesmo valendo-se de uma série de referenciais e passando pelo crivo de autoridades, todo esse aparato editorial não garante uma efetiva apreensão dos protocolos de leitura, que na prática depende das condições e do interesse de cada leitor. Nesse sentido, outras formas de mediação vêm a se somar à materialidade do livro sagrado: não apenas os textos e paratextos conduzem determinadas leituras, mas as próprias instituições religiosas, nas mais diversas denominações e com as mais distintas interpretações.

Assim ocorre com muitas outras edições da Bíblia, nos mais variados contextos. Buscar compreender as conjunturas que envolvem a produção e recepção das Escrituras entre nós se faz uma tarefa importante e libertadora, na medida em que nos leva a refletir acerca de tantas manipulações exercidas sobre o texto sagrado, seja nos tempos passados, seja nos tempos atuais.

Vemos em nossos dias a proliferação de versões da Bíblia e uma grande diversidade de igrejas que se multiplicam, atestando o interesse sempre renovado no “livro por excelência”. Mas vemos também a quantidade de equívocos, abusos e preconceitos das mais variadas esferas respaldados nesse grande livro, demonstrando que a Bíblia requer de nós um tratamento não apenas espiritual e literário, mas também crítico e responsável.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS E BIBLIOGRÁFICAS

Bibliotecas e arquivos consultados

BBM – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

BnF – Bibliothèque nationale de France (Paris)

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (USP)

FFLCH – Biblioteca Florestan Fernandes (USP)

MB – Museu da Bíblia (Barueri)

Fontes

Bíblias

A BIBLIA SAGRADA traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro. B. L. Garnier Livreiro-Editor, 1864. 2 vols.

A BIBLIA SAGRADA traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo. Segunda edição. Rio de Janeiro. B. - L. Garnier, Livreiro-Editor. Paris - E. Belhatte e Cia. Livreiros, 1881. 2 vols.

Periódicos

(Disponíveis em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>)

A Actualidade, 1860

Correio Braziliense, 1814-1818

Correio da Tarde, 1850

Correio Mercantil, 1832-1833, 1864

Cruzeiro do Brasil, 1865

Diário do Rio de Janeiro, 1821-1847, 1854-1855, 1864

Diário Mercantil, 1825-1827

Gazeta de Notícias, 1893

Gazeta do Rio de Janeiro, 1819-1820

Imprensa Evangelica, 1864, 1866, 1885

Jornal das Familias, 1869, 1870

Jornal do Commercio, 1827-1847, 1864-1865

O Apóstolo, 1872, 1876

O Chronista, 1838

O Constitucional, 1864

O Despertador, 1838-1841

Pharol do Imperio, 1837

Catálogos

BULLEN, George. *Catalogue of the library of the British and Foreign Bible Society*. Londres: Society' Hause, 1857. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044038439063&view=1up&seq=13>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGO da livraria de B. L. Garnier, n. 2, *Literatura: novelas, romances, narrativas, crítica literária, poesias, peças de teatro, etc.* S.l.: B. L. Garnier, s.d. Disponível em:

<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGO da livraria de B. L. Garnier, n. 23. S.l.: B. L. Garnier, s.d., p. 2. Disponível em: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGO das obras impressas e manuscritas de Antonio Pereira de Figueiredo da Congregação do Oratorio. Lisboa. Na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1800, p. 59-60. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=xLWyWzf4OzQC&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGO por Ordem chronologica das biblias, corpos de biblia, concordancias e comentarios existentes na bibliotheca nacional do Rio de Janeiro. Extrahido do v. XVII dos Annaes da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

CATALOGUE of editions of the Holy Scriptures in various languages: and other Biblical works, in the Library of the American Bible Society. Nova York: Printed for the Society by D. Fanshaw, 1837. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101065093252&view=1up&seq=7>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGUE of books contained in the Library of the American Bible Society, embracing editions of the Holy Scriptures in various languages, and other biblical and miscellaneous works. Nova York: American Bible Society's Press, 1855. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433069267254&view=1up&seq=9>. Acesso em: 30 ago. 2021.

CATALOGUE of books contained in the Library of the American Bible Society: embracing editions of the Holy Scriptures in various languages and other biblical and miscellaneous works. Nova York: American Bible Society's Press, 1863. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.ah3biq&view=1up&seq=7>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde*

o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo presente, vol. II. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1747. Disponível em: <https://archive.org/details/bibliothecalusit02barbuoft/page/656/mode/2up>. Acesso em: 30 ago. 2021.

SANTOS, Antonio Ribeiro dos. “Memoria sobre algumas Traducções, e Edições Biblicas menos vulgares; em Lingua Portugueza, especialmente sobre as Obras de João Ferreira de Almeida”. *Memorias de Litteratura Portugueza*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, tomo VIII, p. 17-59, 1806.

Impressos

ABREU E LIMA, José Inácio de (Pseud. Christão Velho). *As Biblias falsificadas ou duas respostas ao sr. conego Joaquim Pinto de Campos pelo Christão Velho*. Recife: Typographia Commercial de G. H. de Mira, 1867. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=dFFMAAAAIAAJ&hl=pt-BR&pg=PA1#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2021.

ANNUAL Reports of the American Bible Society, vol. I. Nova York: Daniel Fanshaw, 1838. Disponível em: <https://catalog.hathitrust.org/Record/000502125?type%5B%5D=all&lookfor%5B%5D=Annual%20Report%20of%20the%20American%20Bible%20Society&ft=>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BOAVENTURA, Fortunato de S. “Memória sobre o começo , progressos , e decadencia da litteratura Hebraica entre os Portuguezes Catholicos Romanos desde a fundação deste Reino até ao reinado d’El Rei D. José I”. In: *Historia e Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*, tomo IX. Lisboa: Na Typographia da mesma Academia, 1825, p. 29-62. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=WLI0AQAAMAAJ&dq=mem%C3%B3rias%20da%20academia%20das%20ci%C3%Aancias%20de%20lisboa%20volume%209&hl=pt-BR&pg=PP9#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 30 ago. 2021.

- CAMPOS, Joaquim Pinto de. *As Biblias Falsificadas*. Recife: Typographia Universal, 1865.
- DECRETOS e determinacoes do Sagrado Concilio Tridentino que devem ser notificadas ao povo, por serem de sua obrigaçam, e se hão de publicar nas Parrochias. Por mandado do serenissimo Cardeal Iffâte Dom Henrique Arcebispo de Lisboa, & Legado de latore*. Impresso em Lisboa por Francisco Correa, impressor do Cardeal Iffante nosso senhor. Aos dezoito de Setembro. Anno de 1564, s.p. Disponível em: <https://purl.pt/15158>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- FERREIRA, G. L. dos Santos. *A Bíblia em Portugal: apontamentos para uma monographia (1495-1850)*. Lisboa: Typ de Ferreira de Medeiros, 1906.
- KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência no Brasil: Rio de Janeiro e província de São Paulo compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Brasília: Senado Federal, 2001.
- KIDDER, Daniel Parish; FLETCHER, James Cooley. *O Brasil e os brasileiros: esboço histórico e descritivo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- LEITE, A. Pedro de Cerqueira. *As Biblias Falsificadas: resposta a uma velha pastoral*. São Paulo: Jorge Seckler & C., 1882.
- MATOS, Alderi de Souza (org.). *O Diário de Simonton (1852-1866)*. 2ª ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002.
- RECENSEAMENTO do Brazil em 1872. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, s.d., v. 1. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_br.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.
- ROCHA, João Gomes da. *Lembranças do passado: ensaio histórico do início e desenvolvimento do trabalho evangélico no Brasil, do qual resultou a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”*, pelo Dr. Robert Raid Kalley. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Publicidade, 1941.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul, 1820-1821*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1974.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

SANTOS, Luiz Gonsalves dos. *Antidoto Catholico contra o veneno methodista ou refutação do segundo relatorio do intitulado missionario do Rio de Janeiro*. Composto pelo R. P. G. Tilbury. Com huma analyse do annuncio do vendedor de Biblias. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1838.

SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1862, 7 vols.

SILVEIRA, Manoel Joaquim da. *Carta Pastoral do Exellentissimo e Reverendissimo Arcebispo da Bahia Dom Manuel Joaquim da Silveira, Metropolitano e Primaz do Brasil, premunindo os seus Diocesanos contra as mutilações e adulterações da Biblia traduzida em Português pelo Padres João Ferreira A. de Almeida; contra os Folhetos e Livrinhos contra a Religião, que com a mesma Biblia se tem espalhado nesta Cidade; e contra alguns erros, que se tem publicado no Paiz*. Bahia. Typ. de Camillo de Lellis Masson & C. 1862. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/bndigital0487/bndigital0487.pdf. Acesso em: 30 ago. 2021.

Documentos papais

LEÃO XIII. *Constitutio apostolica Officiorum ac munerum*. Roma, 25 de janeiro de 1897, tradução nossa. Disponível em: https://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/apost_constitutions/documents/hf_l-xiii_apc_18970125_officiorum-ac-munerum.html. Acesso em: 30 ago. 2021.

PAULO VI. *Constituição Dogmática Dei verbum*. Roma, 18 de Novembro de 1965, Cap. VI, § 22. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em: 30 ago. 2021.

Bibliografia

- ABADÍAS, David. *Breve história dos Concílios Ecumênicos*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- ALGRANTI, Leila Mezan. *Livros de devoção, atos de censura: ensaios de História do Livro e da Leitura na América Portuguesa (1750-1821)*. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2004.
- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARAÚJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Tese. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1988.
- ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- ASLAN, Reza. *Zelota: a vida e a época de Jesus de Nazaré*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- AYRES, Vivian Nani. *Da sala de leitura à tribuna: livros e cultura jurídica em São Paulo no século XIX*. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2019.
- AZZI, Riolando (org.). *A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- BELLITO, Christopher M. *História dos 21 Concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2016.
- BOGAERT, Pierre-Maurice (dir.). *Les Bibles en français: histoire illustrée du moyen âge à nos jours*. Turnhout: Brepols, 1991.
- BOJUNDA, J. M. (dir.). *Index librorum prohibitorum (1600-1966)*. Montréal: Université de Sherbrooke; Genebra: Librairie Droz, 2002.
- BOMPIANI, Valentino; LAFFONT, Robert. *Dictionnaire biographique des auteurs de tous les temps et tous les pays*. Paris: Robert Laffont, 1988, 4 vols.
- BONFIM, Ellen de Souza. *A Sociedade Bíblica Britânica Estrangeira e a difusão de impressos no Brasil*. Dissertação. Universidade Tiradentes, Aracaju, 2014.
- BORROW, George. *La Biblia en España*. Salamanca: Centro de Estudios Andaluces/Editorial Renacimiento, 2011.

- BOSI, Alfredo (Org.). “Introdução”. In: *Essencial Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 9-132.
- BOTTÉRO, Jean. *Nascimento de Deus: a Bíblia e o historiador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.
- CARVALHO, José Adriano de Freitas. “La Bible au Portugal”. In: BELAVAL, Yvon; BOUREL, Dominique (dir.). *Le Siècle des Lumières et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 253-265. (Bible de tous les temps, 7).
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro (1808-1822)*. São Paulo: EDUSP/Kosmos, 1993.
- CAVACO, Timóteo. “Bíblia, cultura, sociedade no Portugal contemporâneo: o contributo discreto e persistente da Sociedade Bíblica”. *Didaskalia*, Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, vol. XLIV, n. 1, p. 159-189, 2014.
- CAVACO, Timóteo A. J. “O contexto específico das origens da Sociedade Bíblica e os seus ‘vários começos’ em Portugal”. *Revista Lusófona de História das Religiões*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ano IV, n.º 7/8, p. 31-49, 2005.
- CERELLO, Adriana Gabriel. *O livro nos textos jesuíticos do século XVI: edição, produção e circulação de livros nas cartas dos jesuítas na América portuguesa (1549-1563)*. São Paulo: Linear B; Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2008.
- CHARTIER, Roger. “A mediação editorial”. In: *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora UNESP, 2002, p. 61-76.
- CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura”. In: CHARTIER, Roger (Org.). *Práticas da leitura*. 5ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011, p. 77-106.
- CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. São Paulo: Editora UNESP, 2014.

- CHARTIER, Roger & ROCHE, Daniel. “O Livro: uma mudança de perspectiva”. In: LE GOFF, Jacques & NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979, p. 99-115.
- CHEVITARESE, André Leonardo; FUNARI, Pedro Paulo A. *Jesus Histórico: uma brevíssima introdução*. Ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Kline Editora, 2016.
- COSTA, João Cruz. *Contribuição à História das Idéias no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- CRIPPA, Adolpho (coord.). *As idéias filosóficas no Brasil - séculos XVIII e XIX*. São Paulo: Editora Convívio, 1978.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DOVE, Mary. *The first English Bible: the text and context of the wycliffite versions*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DUROSELLE, Jean-Baptiste & MAYEUR, Jean-Marie. *História do Catolicismo*. Lisboa: Livros do Brasil, 1988.
- DUTRA, Eliana de Freitas. “Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil”. In: ABREU, Márcia & BRAGANÇA, Aníbal (orgs.). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: UNESP, 2010, p. 67-80.
- DUTRA, Eliana Regina de Freitas. “O Almanaque Garnier, 1903-1914: ensinando a ler o Brasil, ensinando o Brasil a ler”. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, História e História da Leitura*. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 477-504.
- EAGLETON, Terry. *A morte de Deus na cultura*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ECO, Umberto. “O leitor-modelo”. In: *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 35-49.
- ENCREVÉ, André. “Bible et sociétés bibliques dans le protestantisme français”. In: SAVART, Claude; ALETTI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 111-132.

- ENGAMMARE, Max. “Un siècle de publication de Bible en Europe: la langue des éditions des textes sacrés (1455-1555)”. *Histoire et Civilisation du Livre*. Genebra, Librairie Droz, vol. 4, p. 47-91, 2008.
- ESPAGNE, Michel. “Transferências Culturais e História do Livro”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 2, p. 21-34, ago. 2012.
- FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. *Dicionário do livro: da escrita ao livro eletrônico*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- FEBVRE, Lucien & MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. São Paulo: EDUSP, 2017.
- FERNANDES, Luiz Henrique Menezes. *Diferença da Cristandade: a controvérsia religiosa nas Índias Orientais holandesas e o significado histórico da primeira tradução da Bíblia em português (1642-1694)*. Tese. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2016.
- FERREIRA, G. L. dos Santos. *A Bíblia em Portugal: apontamentos para uma monographia (1495-1850)*. Lisboa: Typ de Ferreira de Medeiros, 1906.
- FINGERNAGEL, Andreas (ed.). *Das Buch der Bibeln: die schönsten illuminierten Bibeln des Mittelalters*. Colônia: Taschen, 2016.
- FLUSSER, David. *Jesus*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FRIEIRO, Eduardo. *O diabo na livraria do cônego*. 2ª ed. rev. aum. São Paulo: Itatiaia; EDUSP, 1981.
- FRÖHLICH, Roland. *Curso básico de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- GILMONT, Jean-François. “Reformas protestantes e leitura”. In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 47-77.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- GIORDANO, Cláudio. “Machado e Garnier”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 7/8, p. 279-282, out. 2019.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil Império: como um livro proibido durante o Brasil Colônia tornou-se uma das obras mais lidas nos tempos do Brasil Império*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *A Bíblia no Brasil República: como a liberdade religiosa impulsionou a divulgação da Bíblia no país de 1889 a 1948*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- GIRALDI, Luiz Antonio. *Semeadores da Palavra: personagens que tiveram participação decisiva na divulgação da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2015.
- GLASS, Frederick Charles. *Aventuras com a Bíblia no Brasil*. São Paulo: Igreja Cristã Evangélica, 2018.
- GOMBRICH, E. H. *História da Arte*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- GOULEMOT, Jean-Marie. *Esses livros que se lêem com uma só mão: leitura e leitores de livros pornográficos no século XVIII*. São Paulo: Discurso Editorial, 2000.
- GRAFTON, Anthony. *As origens trágicas da erudição: pequeno tratado sobre a nota de rodapé*. Campinas: Papyrus, 1998.
- GRANJA, Lúcia. “Um editor no espaço público: Baptiste-Louis Garnier e a consolidação da coleção em Literatura Brasileira”. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo: Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, n. 45, vol. 3, p. 1205-1216, 2016. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/594>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- GRANJA, Lúcia. “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e livros)”. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018, p. 55-80.

- GRANJA, Lúcia. "Entre homens e livros: contribuições para a história da Livraria Garnier no Brasil". *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 3, p. 41-50, nov. 2013.
- GREENSLADE, S. L. (ed.). *The Cambridge History of the Bible: the West from the Reformation to the present day*. Vol. 3. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des Lettres Françaises: le dix-huitième siècle*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1960, 2 vols.
- GRENTE, Georges (dir.). *Dictionnaire des lettres françaises: le dix-septième siècle*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1954, 2 vols.
- HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil: sua história*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2012.
- HAMEL, Christopher de. *Bibles: An Illustrated History from Papyrus to Print*. Oxford: Bodleian Library/ University of Oxford, 2011.
- HAMEL, Christopher de. *The Book: A History of the Bible*. Londres: Phaidon Press, 2001.
- HARRISVILLE, Roy A. & SUNDBERG, Walter. *The Bible in Modern Culture*. Grand Rapids: William B Eerdmans, 1995.
- HAUCK, João Fagundes et al. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. Segunda época - século XIX. 2ª ed. Petrópolis: Paulinas/Vozes, 1985. (História Geral da Igreja na América Latina, vol. 2).
- HILL, Christopher. *A Bíblia Inglesa e as revoluções do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- INDEX Librorum prohibitorum*: a edição de 1564. Trad. Tiago Gadotti. Rio de Janeiro: Editora CDB, 2018.
- JESUS, Leonardo Ferreira de. *Ventos venenosos: o catolicismo diante da inserção do protestantismo e do espiritismo na Bahia durante o arcebispado de Dom Manoel Joaquim da Silveira (1862-1874)*. Dissertação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- JULIA, Dominique. "Leituras e contra-reforma". In: CHARTIER, Roger; CAVALLO, Guglielmo (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999, v. 2, p. 79-116.

- KEMPIS, Tomás de. *Imitação de Cristo*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2015 (Vozes de Bolso).
- KLAUCK, Samuel. "A imprensa como instrumento de defesa da Igreja Católica e de reordenamento dos católicos no século XIX". *Mneme Revista de Humanidades*, v. 11 n. 29, p. 132-148, jan./jul. 2011.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia, sua origem e sua leitura*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMANN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.
- LEÃO, Andréa Borges. "A Livraria Garnier e a história dos livros infantis no Brasil: gênese e formação de um campo literário (1858-1920)". *Revista História da Educação*, Pelotas: ASPHE/FaE/UFPel, vol. 11, núm. 21, jan./abr. 2007, p. 159-183. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=321627125008>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- LÉONARD, Émile G. *O Protestantismo brasileiro: estudo de eclesiologia e história social*. 3ª ed. rev. São Paulo: ASTE, 2002.
- LEONEL, João. *História da Leitura e Protestantismo brasileiro*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie/Paulinas, 2010.
- LEONEL, João. "O jornal Imprensa Evangélica e a formação do leitor protestante brasileiro no século XIX". *Protestantismo em Revista*. São Leopoldo, v. 35, p. 65-81, set./dez. 2014.
- LIMA, Anderson de Oliveira. *A Bíblia como Literatura no Brasil: história e análise de novas práticas de leitura*. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- LORTSCH, D. *Histoire de la Bible en France*. Paris: Agence de la Société Biblique Britannique et Étrangère, 1910.
- LYONS, Martyn. *Livro: uma história viva*. São Paulo: SENAC, 2011.
- MACHADO, Ligia Cristina. "A Revista Popular (1859-1862) e a nacionalidade de seus colaboradores". In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 125-148.
- MACHADO, Ubiratan. *História das livrarias cariocas*. São Paulo: EDUSP, 2012.

- MALZONI, Cláudio Vianney. *As edições da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016.
- MCKENZIE, Donald Francis. *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*. São Paulo: EDUSP, 2018.
- MEGALE, Heitor. *O Pentateuco da Bíblia medieval portuguesa*. São Paulo: Imago/ EDUC, 1992.
- MEIN, John. *A Bíblia e como chegou até nós*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1924.
- MELOT, Michel. *Livro*,. Cotia: Ateliê, 2012.
- METZGER, Bruce M.; COOGAN, Michael D. (ed.). *The Oxford Companion to the Bible*. Nova York/Oxford: Oxford University Press, 1993.
- MILLER, Stephen M. & HUBER, Robert V. *A Bíblia e sua história: o surgimento e o impacto da Bíblia*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2006.
- MOLLIER, Jean-Yves. *O Dinheiro e as Letras: História do Capitalismo Editorial*. São Paulo: Edusp, 2010.
- MOLLIER, Jean-Yves. “Uma livraria internacional no século XIX, a livraria Garnier Frères”. In: GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914)*. Campinas: Editora UNICAMP, 2018, p. 33-54.
- MOMESSO, Beatriz Piva. “Os livros, a Livraria B.L. Garnier e os modos de leitura de um político do Império”. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz; RIBEIRO, Gladys Sabina; GONÇALVES, Monique de Siqueira (Orgs.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 177-204.
- MORAES, Rubens Borba de. *O Bibliófilo Aprendiz*. 3ª ed. Brasília: Briquet de Lemos; Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1998.
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil Colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979. (Biblioteca Universitária de Literatura Brasileira: série A, vol. 6).

- NOVAIS, Fernando A. *Portugal e o Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 9ª ed. São Paulo: Hucitec, 2011.
- NUNES, José Horta. *Formação do leitor brasileiro: imaginário da leitura no Brasil Colonial*. Campinas: Editora UNICAMP, 1994.
- PAES, José Paulo. *Tradução, a ponte necessária: aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo: Ática, 1990.
- PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do Livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1998.
- PEREIRA, J. “Portugaises (versions) de la Bible”. In: VIGOUROUX, Fulcran. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Letouzey et Ané, 1891-1912. v. 5, col. 559-569.
- PÉREZ FERNÁNDEZ, Miguel & TREBOLLE BARRERA, Julio. *Historia de la Biblia*. Granada: Editorial Trotta/Universidad de Granada, 2006.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. “Baptiste Louis Garnier: o homem e o empresário”. SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1, 2004, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://200-142-86-53.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/alexandrasantospinheiro.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- RAUPP, Marcelo. *A história da transmissão e da tradução da Bíblia em nível mundial e no Brasil e as marcas ideológicas nas primeiras traduções brasileiras completas dessa obra*. Tese. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- REIS, Rutzkaya Queiroz dos. “Machado de Assis e Garnier: O escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial”. SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1, 2004, Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa. Disponível em: <http://www.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/rutzkayaqueiroz.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- RIBEIRO, Boanerges. *Protestantismo no Brasil Monárquico (1822-1888): aspectos culturais da aceitação do Protestantismo no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1973.

- RIZZINI, Carlos. *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil, 1500-1822: com um breve estudo sobre informação: meios de comunicação, correio, catequese, ensino, sociedades literárias, maçonaria, etc.* São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1988.
- SALLA, Thiago Mio. “A Bíblia Sagrada de Graciliano Ramos”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 4, p. 95-121, nov. 2014.
- SANDARS, N. K. “Introdução”. In: *A EPOPÉIA de Gilgamesh*. 3ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011, p. 7-88.
- SANTIROCCHI, Ítalo. “Uma questão de revisão de conceitos: Romanização - Ultramontanismo - Reforma”. *Temporalidades: Revista discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, vol. 2, n. 2, p. 24-33, ago./dez. 2010.
- SANTIROCCHI, Ítalo. “Dai a César o que é de César e ao Papa o que é do Papa: a reforma ultramontana no Segundo Reinado”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL BRASIL NO SÉCULO XIX, n. 1. Vitória: Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2014, p. 1-24.
- SANTOS, Luís Aguiar. “Evolução da presença em Portugal da Sociedade Bíblica: de Agência Britânica a Instituição de Utilidade Pública”. *Revista Lusófona de História das Religiões*, Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, ano IV, n.º 7/8, p. 51-61, 2005.
- SANTOS-ALVES, José Augusto dos. “Da instituição censurante no final da Monarquia Absoluta: Antonio Pereira de Figueiredo, o erudito da ‘desconstrução’ censória”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê Editorial, n. 2, p. 47-68, ago. 2012.
- SAVART, Claude. “Quelle Bible les catholiques français lisaient-ils?”. In: SAVART, Claude & ALLETI, Jean-Noël (dir.). *Le monde contemporain et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1985, p. 9-34. (Bible de tous les temps, vol. 8).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da Biblioteca dos reis*. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SCHWEITZER, Albert. *The quest of the historical Jesus*. Londres: Dover Publications, 2016.

- SILVA, Ana Rosa Clochet da; CARVALHO, Thaís da Rocha. “Ultramontanismo e protestantismo no período regencial: uma análise da crítica panfletária dos padres Perereca e Tilbury à missão metodista no Brasil”. *Almanack Guarulhos*, n. 15, p. 143-182, jan./abr. 2017.
- SILVEIRA, Mariana de Moraes. “Transferências Culturais: o exemplo da imprensa na França e no Brasil”. *Livro: Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, Cotia: Ateliê, n. 4, p. 371-377, nov. 2014.
- SORDET, Yann. “La donation Delaunay: pourquoi à la bibliothèque Sainte-Geneviève?”. In: DELAVEAU, Martine; SORDET, Yann (dir.). *Édition et diffusion de l’Imitation de Jésus-Christ (1470-1800)*. Études et catalogue collectif des fonds conservés. Paris: Bibliothèque nationale de France/ Bibliothèque Mazarine/ Bibliothèque de Sainte-Geneviève, 2012, p. 109-116.
- TORRES, João Camilo de Oliveira. *História das idéias religiosas no Brasil: a Igreja e a sociedade brasileira*. São Paulo: Editorial Grijalbo, 1968.
- TREBOLLE BARRERA, Julio. *A Bíblia judaica e a Bíblia cristã: introdução à História da Bíblia*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. 2ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1980.
- VIEIRA, Dilermando Ramos. *O processo de reforma e reorganização da Igreja no Brasil (1844-1926)*. Aparecida: Editora Santuário, 2007.
- WILSON, Edmund. *Os Manuscritos do Mar Morto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WYLER, Lia. *Línguas, poetas e bacharéis: uma crônica da tradução no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

Websites

Circulação Transatlântica dos Impressos: a globalização da cultura no século XIX.
Disponível em:

<http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br/index.php?cd=0&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2021.

Dictionnaire des imprimeurs-lithographes du XIXe siècle. Disponível em: <http://elec.enc.sorbonne.fr/imprimeurs/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

Retratos da Leitura no Brasil. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/pesquisas-retratos-da-leitura/as-pesquisas-2/>. Acesso em: 30 ago. 2021.

APÊNDICE I

Edições impressas da Bíblia em português (1681-1900)

Para a elaboração desta bibliografia, nos restringimos apenas às Bíblias em tradução regular para o português impressas até o ano de 1900. Esta última data, apesar de arbitrária, segue a extensão das informações contidas nas fontes que utilizamos e cobre em sua integridade o século XIX. Nosso instrumento de maneira alguma esgota – e nem pretende esgotar – toda a produção impressa das Escrituras em português no referido período. Buscamos com ele apenas mapear e cruzar algumas informações até então esparsas, que uma vez reunidas nos permitem obter um quadro mais ou menos organizado das edições da Bíblia no mundo lusófono entre os séculos XVII e XIX.

Essa tarefa não é nova e já foi empreendida de modos muito variados por outros estudiosos, dos quais também nos valem para a realização deste levantamento. Cláudio Vianney Malzoni apresentou uma proposta muito mais ampla do que a por nós estabelecida, abarcando edições mais recentes.⁴²⁸ Autores como Antônio Giraldi⁴²⁹ e José Adriano de Freitas Carvalho⁴³⁰ também chegaram a citar e comentar algumas edições da Bíblia, assim como o verbete de J. Pereira no *Dictionnaire de la Bible*.⁴³¹ Guilherme Luís dos Santos Ferreira se debruçou sobre algumas edições em seu estudo sobre a Bíblia em Portugal.⁴³²

Quanto às bibliografias comentadas, a de Antonio Ribeiro dos Santos permanece sendo um dos principais mananciais para se conhecer as primeiras edições impressas da

⁴²⁸ MALZONI, Cláudio Vianney. *As edições da Bíblia no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2016.

⁴²⁹ GIRALDI, Luiz Antonio. *História da Bíblia no Brasil*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

⁴³⁰ CARVALHO, José Adriano de Freitas. “La Bible au Portugal”. In: BELAVAL, Yvon; BOUREL, Dominique (dir.). *Le Siècle des Lumières et la Bible*. Paris: Beauchesne, 1986, p. 253-265. (Bible de tous les temps, 7).

⁴³¹ PEREIRA, J. “Portugaises (versions) de la Bible”. In: VIGOUROUX, Fulcran. *Dictionnaire de la Bible*. Paris: Letouzey et Ané, 1891-1912. v. 5, col. 559-569.

⁴³² FERREIRA, G. L. dos Santos. *A Bíblia em Portugal: apontamentos para uma monographia (1495-1850)*. Lisboa: Typ de Ferreira de Medeiros, 1906.

Bíblia em português, particularmente as de João Ferreira de Almeida.⁴³³ Innocencio Francisco da Silva dela muito se valeu para elaborar alguns verbetes do seu *Diccionario Bibliographico Portuguez*, que também enumerou algumas Bíblias de seu tempo.⁴³⁴ Diogo Barbosa Machado também tratou brevemente de edições de Almeida em sua *Bibliotheca Lusitana*.⁴³⁵

Os catálogos da biblioteca da *American Bible Society* (Nova York) de 1837,⁴³⁶ 1855⁴³⁷ e 1863,⁴³⁸ bem como o da *British and Foreign Bible Society* (Londres) de 1857,⁴³⁹ trazem referências de algumas Bíblias produzidas por essas sociedades tão importantes para a difusão das Escrituras.

Acresce ainda o importante catálogo de Bíblias da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que contém não apenas as edições em português, mas todas as que ali foram salvaguardadas, das mais variadas línguas e épocas.⁴⁴⁰ Esse amplo levantamento foi solicitado pelo general Charles W. Darling, da *Oneida Historical Society* de Nova York, e apresentado oficialmente pela Biblioteca em 1893.

⁴³³ SANTOS, Antonio Ribeiro dos. “Memoria sobre algumas Traducções, e Edições Biblicas menos vulgares; em Lingua Portugueza, especialmente sobre as Obras de João Ferreira de Almeida”. *Memorias de Litteratura Portugueza*. Lisboa: Academia Real das Sciencias, tomo VIII, p. 17-59, 1806.

⁴³⁴ SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858-1862, 7 vols.

⁴³⁵ MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca lusitana historica, critica, e cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos authores portuguezes, e das obras, que compuserão desde o tempo da promulgação da Ley da Graça até o tempo prezente*, vol. II. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1747. Disponível em: <https://archive.org/details/bibliothecalusit02barbuoft/page/656/mode/2up>. Acessado em 01 jul. 2021.

⁴³⁶ *CATALOGUE of editions of the Holy Scriptures in various languages: and other Biblical works, in the Library of the American Bible Society*. Nova York: Printed for the Society by D. Fanshaw, 1837. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=njp.32101065093252&view=1up&seq=7>. Acessado em 01 jul. 2021.

⁴³⁷ *CATALOGUE of books contained in the Library of the American Bible Society, embracing editions of the Holy Scriptures in various languages, and other biblical and miscellaneous works*. Nova York: American Bible Society's Press, 1855. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=nyp.33433069267254&view=1up&seq=9>. Acessado em 01 jul. 2021.

⁴³⁸ *CATALOGUE of books contained in the Library of the American Bible Society: embracing editions of the Holy Scriptures in various languages and other biblical and miscellaneous works*. Nova York: American Bible Society's Press, 1863. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.ah3biq&view=1up&seq=7>. Acessado em 01 jul. 2021.

⁴³⁹ BULLEN, George. *Catalogue of the library of the British and Foreign Bible Society*. Londres: Society' Hause, 1857. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=hvd.32044038439063&view=1up&seq=13>. Acessado em 01 jul. 2021.

⁴⁴⁰ *CATALOGO por ordem chronologica das Biblias, corpos de Biblia, concordancias e commentarios existentes na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. Leuzinger, 1895.

Ao todo, encontramos referências a 87 edições diferentes da Bíblia entre 1681 e 1900, sejam elas parciais ou integrais. Dada a raridade das obras, nos valemos principalmente de informações contidas nos catálogos e bibliografias supracitados; em alguns casos consultamos diretamente os exemplares, indicando os acervos que os custodiam.

Procuramos reproduzir os títulos da forma que aparecem nas bibliografias, ou mesmo nas folhas de rosto dos volumes. Como a utilização de caixa alta nos títulos foi ignorada em todos catálogos, mantivemos o uso de maiúsculas e minúsculas. Na ausência de informações completas de alguns itens, optamos por manter a estrutura *Título. Tradutor. Local: Editora, data*. Lacunas são indicadas pelas abreviações *sem local* [s.l.], *sem editora* [s.n.] e *sem data* [s.d.]. Informações presumidas e intervenções nossas são sempre indicadas pelos sinais de colchetes [].

Ao final de cada entrada estão indicados alguns aspectos materiais dos livros, na sequência: quantidade de tomos/volumes, tamanho [in-folio, in-4º, etc.] e quantidade de páginas numeradas. Quando essas informações não foram encontradas, foram omitidas no item.

Abaixo de cada item encontram-se as referências de onde foram retiradas as informações na forma de referência abreviada [SOBRENOME/TÍTULO, ano, página]. A seguir, deixamos a indicação de acervos que possuem alguns exemplares, por suas respectivas siglas [Ex: MB – *Museu da Bíblia*, etc.].

Siglas utilizadas

BBM – Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (USP)

BNP – Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros (USP)

MB – Museu da Bíblia (Barueri)

Edições impressas da Bíblia em português (1681-1900)

1) Novo testamento, isto he, todos os Sacrosantos Livros e Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo concerto de nosso Fiel Senhor, Salvador e Redemptor Jesu Christo, agora traduzidos em portuguez pelo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho. Com todas as licenças necessarias. Em Amsterdan. Por viuva de J. V. Someren. Anno 1681. 1 vol. in-4º, [8]-557 p.

(FERREIRA, 1906, p. 27; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 562-563; SANTOS, 1806, p. 48-51; SILVA, 1859, t. 3, p. 369).

2) Novo Testamento, isto he, todos os livros do novo concerto do nosso fiel senhor e redemptor Jesu Christo, traduzido na lingua portugueza pelo reverendo padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro pregador do Sancto Evangelho n'esta cidade de Batavia em Java maior. Em Batavia, por João de Vites, impressor da illustre Companhia, e desta nobre cidade Anno 1693. 1 vol. in-4º, VIII-597 p.

(BULLEN, 1857, p. 142; FERREIRA, 1906, p. 29; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 563; SANTOS, 1806, p. 52; SILVA, 1859, t. 3, p. 369-370).

3) Novo testamento, isto he: todos os Sacrosantos Livros Escritos Evangelicos e Apostolicos do Novo concerto de nosso Fiel Senhor, Salvador e Redemptor Jesu Christo, traduzido em Portuguez pelo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho. Com todas as licenças necessarias. En Amsterdam. Por João Crelliuuz. 1712 [ou 1711?]. 1 vol. in-8º

(BULLEN, 1857, p. 142; CATALOGO, 1895, p. 147; FERREIRA, 1906, p. 37; MACHADO, 1747, vol. II, p. 657-658; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 563; SANTOS, 1806, p. 53; SILVA, 1859, t. 3, p. 370).

4) Dos cinco Livros de Moyses chamados 1.º Genesis. 2.º Exodo. 3.º Levitico. 4.º Numeros. 5.º Deuteronomio. Pelos Padres Missionarios Dominicanos da Real Missão de Dinamarca. Trangambar. Em a Estampa da Real Missão da Dinamarca. Anno de 1719. 1 vol. in-4º

(FERREIRA, 1906, p. 41; MALZONI, 2016, p. 43; SANTOS, 1806, p. 30).

5) O Livro dos Psalmos de David, com toda diligencia traduzido do texto original na lingua portugueza. Pelo P. Benjamin Schultze, etc. Trangambar, em Índia oriental na Costa de Coromandel. 1721. 1 vol. in-12º

(FERREIRA, 1906, p. 43).

6) Os Doze Profetas Menores, convem a saber Hoseas, Jonas [sic], Amos, Obadias, Jonas, Micheas, Nahum, Habacu, Sofonias, Haggeo, Zacharias, Malachias. Com toda a diligencia traduzidos na Lingua Portugueza pelos Padres Missionarios de Trangambar. Trangambar. Na Officina da real Missão de Dinamarca. Anno de 1732. 1 vol. in-4º

(BULLEN, 1857, p. 75; FERREIRA, 1906, p. 46; SANTOS, 1806, p. 42-43).

7) Os Livros Historicos do Velho Testamento, convem a saber: O Livro de Josue, o livro dos Juizes, o livro de Ruth. O primeiro livros de Samuel, o segundo livro de Samuel. O primeiro livro dos Reis. O segundo livro dos Reis. Primeiro livro das Chronicas, o segundo livro das Chronicas. O livro de Esdras. O livro de Nehemias. O livro de Esther. Traduzidos em a

linguagem Portuguesa pelo Reverendo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na Cidade de Batavia. Revistos, e conferidos com o Texto Original pelos Padres Missionarios de Trangambar. Na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1738. 1 vol. in-4°

(BULLEN, 1857, p. 75; FERREIRA, 1906, p. 48; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SANTOS, 1806, p. 33-34; SILVA, 1859, t. 3, p. 371).

8) Livro dos Psalmos de David traduzidos na Lingua Portuguesa pelo reverendo padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na cidade de Batavia. Revisto, e conferido com o Texto Original pelos Padres Missionarios de Trangambar. Trangambar. Na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1740. 1 vol. in-8°

(FERREIRA, 1906, p. 50; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SANTOS, 1806, p. 35-40; SILVA, 1859, t. 3, p. 371).

9) Os livros Dogmáticos do Velho Testamento, convém a saber, o livro de Job, os Psalmos de David, os Provérbios de Salomão, o Ecclesiastes de Salomão, os Cantares de Salomão; traduzidos na Lingoa Portuguesa pelo Reverendo Padre Joam Ferreira A. d'Almeida, Ministro Pregador do santo Evangelho na Cidade de Batavia; Revistos e conferidos com o Texto Original pelos Padres Missionários de Trangambar. Trangambar, na Oficina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1744. 1 vol. in-4°, IV-232 p.

(BULLEN, 1857, p. 75; FERREIRA, 1906, p. 50).

10) Do Velho Testamento o Primeiro Tomo que contem os SS. Livros de Moyses, Josua, Juizes, e Ruth, Samuel, Reys, Chronicas, Esra, Nehemias, e Esther. Traduzidos em Portuguez

por João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na Cidade de Batavia. Com todas as Licenças necessarias. Na Officina do Seminario por M. Mulder Impressor nella. Anno de 1748. 1 vol. in-8º

(BULLEN, 1857, p. 61; CATALOGO, 1895, p. 239; FERREIRA, 1906, p. 57; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SANTOS, 1806, p. 25; SILVA, 1859, t. 3, p. 371).

11) Os quatro Profetas Mayores, convem a saber: Esaias, Jeremias, com as Lamentações de Jeremias, Ezechiel, Daniel, etc.. [Trad. João Ferreira de Almeida e C. T. Walther]. Trangambar. Na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1751. 1 vol. in-4º

(BULLEN, 1857, p. 75; FERREIRA, 1906, p. 53; SANTOS, 1806, p. 41-42).

12) Do Velho Testamento o segundo Tomo que contem os SS. Livros de Job, os Salmos, os Proverbios, o Pregador, os Cantares com os Prophetas Mayores e Menores. Traduzidos em Portuguez por Joaõ Ferreira A. de Almeida e Jacob Opden Akker, Ministros Pregadores do Santo Evangelho na Cidade de Batavia. Na Officina do Seminario por G. H. Heusler Impressor nella. Anno de M. D. CC. LIII [1753]. 1 vol. in-8º

(BULLEN, 1857, p. 61; FERREIRA, 1906, p. 57-58; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SANTOS, 1806, p. 26).

13) Os cinco Livros de Moyses convem a saber I. Genesis. II. Exodo. III. Levitico. IV. Numero. V. Deuteronomio. Traduzidos na Lingua portugueza pelo Reverendo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na Cidade de Batavia.

Revista, e conferida com o Texto Original pelos Missionarios de Trangambar. Trangambar. Na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno 1757. 1 vol. in-4º

(BULLEN, 1857, p. 75; FERREIRA, 1906, p. 54; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SANTOS, 1806, p. 31-33; SILVA, 1859, t. 3, p. 371).

14) Primeira parte do Novo Testamento de Nosso Senhor, e Salvador Jesu Christo, que contem os quatro Evangelistas, convem a saber: S. Matheus, S. Marcos, S. Lucas, S. João, traduzidos em Lingua Portugueza pelo Reverendo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho na Cidade de Batavia. Revistos, e conferidos com o Texto Original pelos Padres Missionarios de Trangambar. Trangambar. Na Officina da Real Missão de Dinamarca. Anno de 1760. 2 vols. in-8º

(FERREIRA, 1906, p. 60-61; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 563; SANTOS, 1806, p. 54-55; SILVA, 1859, t. 3, p. 370).

15) Maximas de Salomaõ commentadas por hum anonymo na lingua franceza, e traduzidas no idioma portugez por huma curiosa. Lisboa, Na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. M.DCC.LXII. [1762] 1 vol.

(CARVALHO, 1986, p. 258).

16) O Novo Testamento, isto he: todos os Sacrosantos Livros Escritos Evangelicos, e Apostolicos do Novo concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo: traduzidos em Portuguez pelo Reverendo Padre João Ferreira A. de Almeida, Ministro Pregador do Santo Evangelho nesta Cidade em Batavia. Por Egbert Humen Impressor da Illustre Companhia. Anno de 1773. 1 vol. in-8º

(BULLEN, 1857, p. 61; FERREIRA, 1906, p. 61; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 563; SANTOS, 1806, p. 55-58; SILVA, 1859, t. 3, p. 370).

17) Proverbios de Salomão em Paraphrase. Traduzidos de Francez por Joze Antonio da Silva Rego. Alferes de Infantaria e Academico aplicado. Lisboa. Na Offic. da Viuva de Ignacio Nogueira Xisto, 1774. 1 vol. in-8º

(CATALOGO, 1895, p. 192; CARVALHO, 1986, p. 258; SILVA, 1860, t. 4, p. 248).

18) Historia Evangelica, apostolica, e doutrinal, deduzida dos livros santos do Novo Testamento com frequentes parafrases, introduzidas no Texto, sobre algumas Notas Literaes em certos lugares mais difficieis: tudo extrahido dos antigos padres, e modernos Expositores, para melhor, e mais facil intelligencia da Sagrada Escritura. Por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento, Ministro Provincial da Santa Provincia da Sagrada Ordem Terceira da Penitencia, &c. &c. Lisboa. Na Regia Officina Typografica. Anno MDCCLXXVII. Com Licença da Real Meza Censoria. [1777-1778] 8 vols. in-4º

(CATALOGO, 1895, p. 192-193; FERREIRA, 1906, p. 68; MALZONI, 2016, p. 53; SILVA, 1859, t. 2, p. 394).

19) Historia Biblica e Doutrina moral da religião católica, extrahida dos livros santos do Antigo Testamento com frequentes parafrases e varias Notas Literaes, e Reflexões Moraes, para sua maior, e mais proveitosa intelligencia por Fr. Francisco de Jesus Maria Sarmiento, Ministro Provincial da Santa Provincia da Sagrada Ordem Terceira da Penitencia. Lisboa. Na

Regia Officina Typographica e na Officina da Academia Real das Sciencias, 1778-1785. 44 vols. in-4º

(CATALOGO, 1895, p. 193, 196, 201; MALZONI, 2016, p. 53; PEREIRA, 1912, col. 567; SILVA, 1859, t. 2, p. 394).

20) O Novo Testamento de Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a vulgata, com varias annotações historicas, dogmaticas, e moraes, e apontadas as differenças mais notaveis do original grego. Por Antonio Pereira de Figueiredo, deputado da Real Meza Censoria. Lisboa: Regia Officina Typografica, [1778-1781] 6 vols. in-8º

(CATALOGO, 1895, p. 193; FERREIRA, 1906, p. 69; PEREIRA, 1912, col. 565).

21) Novo Testamento. Trad. Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa: [s.n.], 1781. 2 vols. in-4º

(FERREIRA, 1906, p. 69; PEREIRA, 1912, col. 565).

22) Testamento Velho, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata Latina, illustrado de prefações, notas e lições variantes, por Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Regia Officina Typografica, [1782-1790] 17 vol. in-8º [tomos 12 (1800), 16 (1803) e 17 (1804) impressos pela Oficina de Simão Thadeu Ferreira]

(BULLEN, 1857, p. 75; CATALOGO, 1895, p. 195; FERREIRA, 1906, p. 70-71; SILVA, 1858, t. 1, p. 229).

23) Biblia Sagrada, traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina, illustrada com prefações, notas e lições variantes. Segunda edição revista e retocada pelo auctor. [Trad.

Antonio Pereira de Figueiredo]. Lisboa: Regia Officina Typographica, 1791-1805. 23 vols. in-8º

(FERREIRA, 1906, p. 73; PEREIRA, 1912, col. 565; SILVA, 1858, t. 1, p. 229).

24) A Bíblia Sagrada Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina Illustrada com Prefações, Notas, e Lições Variantes, Dedicada ao Príncipe nosso Senhor por Antonio Pereira de Figueiredo. Edição nova pelo Texto Latino que se ajuntou, e pelos muitos lugares que vão retocadas na Traducção e Notas. Lisboa. Simão Thaddeo Ferreira. [1794-1819] 7 vols. in-4º

(BULLEN, 1857, p. 61; CATALOGO 1895, p. 200; FERREIRA, 1906, p. 76-77; PEREIRA, 1912, col. 565; SILVA, 1858, t. 1, p. 229-230).

25) O Novo Testamento, isto he, O Novo Concerto de Nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo. Traduzido na lingua portugueza [Trad. João Ferreira de Almeida]. Impresso por Heney e Haddon. Londres. 1809. 1 vol. in-12º, IV-352 p.

(FERREIRA, 1906, p. 82; GIRALDI, 2008, p. 33; MALZONI, 2016, p. 34).

26) O Novo Testamento, isto he, O Novo concerto de nosso fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo Traduzido na lingua portugueza [Trad. João Ferreira de Almeida]. Shacklewell [Londres]. Impresso por T. Rutt. 1811. 1 vol. in-12º, IV-352 p.

(BULLEN, 1857, p. 142; FERREIRA, 1906, p. 83; GIRALDI, 2008, p. 33; MALZONI, 2016, p. 34).

27) O Novo Testamento, isto he, o novo Concerto de Nosso Fiel Senhor e Redemptor Jesu Christo, traduzido na lingua Portugueza [Trad. João Ferreira de Almeida]. Impresso por Hamblin e Seyfang. Monte do Alho [Garlick Hill, Londres], 1813. 1 vol. in-12º, IV-352 p.

(CATALOGUE, 1837, p. 22; CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104; FERREIRA, 1906, p. 83).

28) Paraphrase dos Proverbios de Salomão em verso portuguez, dedicada ao serenissimo Principe da Beira [Trad. José Eloy Ottoni]. Bahia: Typ. de Manuel Antonio da Silva Serva, 1815. 1 vol. in-8º, 357 p.

(CARVALHO, 1986, p. 258, SILVA, 1860, t. 4, p. 310).

29) Novo Testamento. Londres: [s.n], 1817. 1 vol. in-12º

(BULLEN, 1857, p. 142).

30) Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata. Por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Impresso na officina de Bensley e Filhos, em Bolt-Court, Fleet-Street. 1818. 1 vol. in-12º, IV-351 p.

(CATALOGUE, 1837, p. 22; FERREIRA, 1906, p. 84).

31) A Biblia Sagrada contendo o Novo e o Velho Testamento, traduzidos em Portuguez, pelo Padre João Ferreira d'Almeida, Ministro pregador do sancto Evangelho em Batavia. Londres, na Officina de R. & A. Taylor, 1819. 1 vol. in-8º, 884-279 p.

(BULLEN, 1857, p. 61; CATALOGUE, 1837, p. 22; CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104; FERREIRA, 1906, p. 84; GIRALDI, 2008,

p. 33; MALZONI, 2016, p. 34; PEREIRA, 1912, v. 5, col. 564; SILVA, 1859, t. 3, p. 371-372).

32) Obras poeticas do Reverendo Antonio Pereira de Sousa Caldas. Tomo I. Psalmos de David vertidos em rythmo portuguez, com as notas e observações de seu amigo o Tenente General Francisco de Borja Garção Stockler, e dados à luz pelo sobrinho do defuncto poeta traductor, Antonio de Sousa Dias, fidalgo da Casa Real, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Consul Geral de Sua Magestade Fidelissima na cidade do Havre da Graça. Paris. Na Off. de P. N. Rougeron, 1820. 1 vol. in-8°, IV-411 p.

(CARVALHO, 1986, p. 258; SILVA, 1858, t. 1, p. 232).

33) A Sancta Biblia, contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzidos em portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: B. Bensley, 1821. 1 vol. in-8°, 926-251p.

(BULLEN, 1857, p. 61; FERREIRA, 1906, p. 85; SILVA, 1858, t. 1, p. 230)

34) O Sancto Evangelho segundo São Lucas, e os Actos dos Apostolos. Londres: [s.n.], 1823. 1 vol. in-16°

(BULLEN, 1857, p. 160; CATALOGUE, 1837, p. 22; CATALOGUE, 1863, p. 104).

35) The Book of Psalms, Proverbs, Ecclesiastes, and Isaiah, in Portuguese. Londres: [s.n.], 1823. 1 vol. in-32°

(CATALOGUE, 1863, p. 104).

36) A Santa Biblia; contendo o velho e o novo testamento. Traduzidos em portuguez segundo a Vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: na Typographia de Bagster & Thoms, Bartholomew Close. 1828. 1 vol. in-8°, 752-240 p.

(BULLEN, 1857, p. 61; FERREIRA, 1906, p. 86).

37) O Novo Testamento, traduzido em Portuguez, pelo J. Ferreira A. d'Almeida. Nova York: American Bible Society, 1839. 1 vol. in-8°

(CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104; GIRALDI, 2008, p. 37; MALZONI, 2016, p. 34).

38) O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesu Christo, traduzido em Portuguez segundo a Vulgata, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Nova York: American Bible Society, 1839. 1 vol. in-8°

(CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104).

39) O Novo Testamento, traduzido em Portuguez pelo Antonio Pereira. Nova York: American Bible Society, 1839. 1 vol. in-8°

(CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104).

40) O Novo Testamento, traduzido em Portuguez pelo Padre J. F. A. De Almeida. Porto: [s.n.], 1840. 1 vol. in-16°

(BULLEN, 1857, p. 142).

41) O Novo Testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesu Christo, traduzido em Portuguez, pelo Padre João Ferreira A. d'Almeida. Reimpresso da Edição de 1693. Revista e emendada. Porto: [s.n.], 1840. 1 vol. in-32°

(CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104).

42) Paraphrase dos proverbios de Salomão em verso portuguez. Segunda edição. Trad. José Eloy Ottoni. Rio de Janeiro: Typ. Austral, 1841. 1 vol. in-8°, 167 p.

(SILVA, 1860, t. 4, p. 310).

43) O Santo Evangelho segundo S. Matheus. Em nova edição. Revista e reformada segundo o original Grego. Trad. João Ferreira de Almeida. Londres: [s.n.], 1841-1843. 8 vols. in-32°

(BULLEN, 1857, p. 142).

44) Livro dos Salmos. Em nova edição. Londres: [s.n.], 1842. 1 vol. in-32°

(BULLEN, 1857, p. 91).

45) Isaias. Em nova edição. Londres: [s.n.], 1844. 1 vol. in-32°

(BULLEN, 1857, p. 95).

46) Obras Poeticas de D. Leonor d'Almeida Portugal Lorena e Lencastre, Marqueza d'Alorna, Condessa d'Assumar, e d'Oeynhausien, conhecida entre os poetas portuguezes pelo nome de Alcipe. Tomo VI. Paraphrase dos cento e cincoenta psalmos que compõem o Psalterio, em varia especies de rythmo: seguida da paraphrase de varios canticos biblicos e hymnos da igreja. Lisboa. Na Imprensa Nacional, 1844. 1 vol.

(CARVALHO, 1986, p. 258-259; SILVA, 1860, t. 5, p. 177-178).

47) Inspirações de David. Paraphrases do psalmo Miserere mei Deus, e de alguns psalmos mais, em verso portuguez, e illustrações ao mesmo psalmo Miserere. Por Francisco Ferreira Barreto. Parocho collado na Igreja Matriz de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife. Pernambuco. Typ. Imp. de L. I. R. Roma, 1844. 1 vol. in-8º

(CATALOGO, 1895, p. 206; SILVA, 1859, t. 2, p. 376).

48) O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, conforme a Vulgata Latina, traduzido em portuguez, e annotado segundo o sentido dos Santos Padres e Expositores Catholicos, pelo qual se esclarece a verdadeira doutrina do texto sagrado, e se refutam os erros subversivos dos novadores antigos e modernos, por D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora de Nazareth, Bispo de Coimbra, Conde de Arganil, e Senhor de Coja. Maranhão. Impresso na Typographia de I. J. Ferreira. 1845-1847. 3 vols. in-folio [Tomo I; Typ. de I. J. Ferreira, 1845, 482 p.; Tomo II: Idem, 1846, 358 p.; Tomo III: S. A de Faria, p. 1-170 e J. A. G. de Magalhães, p. 1-175]

(CATALOGO, 1895, p. 206-207; FERREIRA, 1906, p. 91-92; PEREIRA, 1912, col. 568; MALZONI, 2016, p. 55-56, SILVA, 1860, t. 4, p. 137).

49) O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesu Christo, traduzido em portuguez segundo a Vulgata. Pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Londres. Impresso na Officina de R Clay, 1847. 1 vol. in-16º

(CATALOGO, 1895, p. 207).

50) Bíblia Revista e Emendada. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova York: [s.n.], 1847. 1 vol.

(GIRALDI, 2008, p. 37; MALZONI, 2016, p. 34).

51) A Biblia Sagrada. Published by the American Bible Society. New York. 1847. 1 vol. in-12°

(CATALOGUE, 1863, p. 104).

52) O Novo Testamento, traduzido pelo Padre A. Pereira de Figueiredo. Londres: [s.n.], 1847. 1 vol. in-12°

(BULLEN, 1857, p. 142).

53) Biblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzida em portuguez pelo padre João Ferreira A. D'Almeida, ministro pregador do sancto evangelho em Batavia. New York: Sociedade Americana da Biblia, 1848. 1 vol.

(MALZONI, 2016, p. 34-35).

54) O Novo Testamento, traduzido em Portuguez, pelo J. Ferreira A. d'Almeida. Printed by the American Bible Society. New York. 1848. 1 vol. in-8°

(CATALOGUE, 1855, p. 72; CATALOGUE, 1863, p. 104).

55) O Novo Testamento. Nova York: American Bible Society, 1848. 1 vol. in-12°

(CATALOGUE, 1863, p. 105).

56) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova York: [s.n.], 1850. 1 vol. in-8º, 886-283 p.

(MALZONI, 2016, p. 35; PEREIRA, 1912, col. 564; SILVA, 1859, t. 3, p. 372).

57) A Biblia Sagrada, traduzida em Portuguez segundo a Vulgata Latina, por A. Pereira De Figueiredo. Londres: [s.n.], 1850. 1 vol. in-8º

(BULLEN, 1857, p. 61).

58) A Biblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Enriquecida com varias notas pelo mesmo traductor (excepto aquellas que foram condemnadas em Roma) e por D. Felipe Scio de S. Miguel, Bispo de Segovia, Bossuet, etc. Ornado com gravuras. Lisboa. Typographia de José Carlos de Aguiar Vianna, 1852. Approvada pelo Cardeal Patriarcha de Lisboa em 9 de Janeiro de 1852. 2 vols. in-folio

(PEREIRA, 1912, col. 565).

59) Job Traduzido em verso por José Eloy Ottoni Dedicado ao excelentissimo e reverendissimo senhor D. Manoel Joaquim da Silveira, Bispo do Maranhão, e precedido Primeiro - d'um discurso sobre a poesia em geral e em particular no Brasil pelo conego J. C. Fernandes Pinheiro/ Segundo - d'uma noticia sobre a vida e poesias do traductor pelo senhor Teophilo Benedicto Ottoni/ Terceiro - d'um prefacio extrahido da versão da Biblia por de Genoude. Rio de Janeiro. Typographia Brasiliense de F. Manoel Ferreira, Rua do sabão n. 111, 1852. 1 vol. in-8º, XXXIX-42-104 p.

(SILVA, 1860, t. 4, p. 310) BBM.

60) Bíblia. Trad. Antonio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Silva & Sousa; Typographia de Joaquim Germano de Sousa Neves, 1852-1857. 3 vols. in-folio

(PEREIRA, 1912, col. 566; SILVA, 1858, t. 1, p. 230).

61) O Novo Testamento. Londres: [s.n.], 1856. 1 vol. in-32°

(CATALOGUE, 1863, p. 105).

62) The New Testament of Our Lord and Saviour Jesus Christ translated out of the original greek, and with the former translations diligently compared and revised. [Trad. João Ferreira de Almeida]. Nova York: American Bible Society, 1857. 1 vol. in-12°, 670 p.

(CATALOGUE, 1863, p. 105) IEB.

63) O Novo Testamento. Nova York: American Bible Society, 1857. 1 vol. in-18°

(CATALOGUE, 1863, p. 105).

64) A Bíblia Sagrada traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo, official que foi das cartas latinas de secretaria d'estado e deputado da real mesa da comissão geral sobre o exame e censura dos livros, seguida de notas pelo Rev. conego Delaunay, cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, de um dictionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um dictionario geographico e historico, e approvada por mandamento de S. Ex. Rev^a. o Arcebispo da Bahia. Edição Illustrada com gravuras sobre aço, abertas por Ed. Wilmann, segundo Raphael, Leonardo de Vinci, O Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc. Rio de Janeiro. B. L. Garnier Livreiro-Editor 1864. 2 vols. in-4°

(CATALOGO, 1895, p. 212; PEREIRA, 1912, col. 566) MB, IEB.

65) Historia Biblica e Doutrina Moral da Religião Catholica, extrahida dos Livros Santos do Antigo Testamento com frequentes Paraphrases e Varias Notas Litterarias e Reflexões Moraes, para sua maior e mais proveitosa intelligencia. Trad. Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Porto: [s.n.], 1864-1867. 27 vols. in-8º

(MALZONI, 2016, p. 53; PEREIRA, 1912, col. 567).

66) Historia Evangelica, apostolica, e doutrinal, deduzida dos Livros Santos do Novo Testamento, com frequentes paraphrases, introduzidas no Texto, sobre algumas Notas Litteraes em certos lugares mais difficeis: tudo extrahido dos antigos Padres e Modernos Expositores, para melhor e mais facil intelligencia da Sagrada Escriptura. Trad. Francisco de Jesus Maria Sarmiento. Porto: [s.n.], 1867-1869. 11 vols. in-8º

(MALZONI, 2016, p. 53; PEREIRA, 1912, col. 567-568).

67) A Biblia Sagrada. Por Antonio Pereira de Figueiredo. The Holy Bible, in Portuguese. Londres: [s.n.], 1865. 1 vol. in-8º

(CATALOGUE, 1863, p. 20).

68) A Biblia Sagrada, contendo o velho e o novo testamento traduzida em portuguez segundo a vulgata latina por Antonio Pereira de Figueiredo. Londres: Na Officina de Harrison e Filhos, 1866. 1 vol., 1222 p.

MB.

69) O Novo Testamento. Pelo Padre João Ferreira A. D'Almeida. Lisboa: [s.n.], 1867. 1 vol.

(CATALOGUE, 1863, p. 20).

70) Livro dos Salmos de David. Trad. João Ferreira de Almeida. Lisboa: [s.n.], 1868. 1 vol.

(CATALOGUE, 1863, p. 20).

71) Bíblia. Edição Revista e Reformada. Trad. João Ferreira de Almeida. [s.l.]: [s.n.], 1869. 1 vol.

(GIRALDI, 2008, p. 41; MALZONI, 2016, p. 35).

72) A Biblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento Traduzida em português pelo Padre João Ferreira A. d'Almeida. Nova York. Sociedade Americana da Biblia, 1870. 1 vol. in-8°

(CATALOGO, 1895, p. 216).

73) Proverbios de Salomão. Por José Eloy Ottoni. Marianna. J. A. R. de Moraes, 1872. 1 vol. in-4°

(CATALOGO, 1895, p. 216).

74) O Novo Testamento de Jesus Christo, traduzido em portuguez, segundo a Vulgata latina, por D. Fr. Joaquim de Nossa Senhora da Nazareth, bispo de Coimbra, em conformidade da versão franceza annotada por J. B. Glaire e approvada pela Santa Sé. Editor José Franco de Sousa. Lisboa. Imprensa Nacional. 1875. 1 vol. in-18°, XXII-507 p.

(FERREIRA, 1906, p. 93; PEREIRA, 1912, col. 568; MALZONI, 2016, p. 56).

75) Biblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzido em portuguez pelo padre João Ferreira d'Almeida. Revista e correcta. Lisboa: Sociedade Biblica Americana, 1877. 1 vol.

(MALZONI, 2016, p. 35)

76) Biblia sagrada contendo o velho e o novo testamento. Lisboa: Lallemand Frères, 1879. 1 vol.

MB.

77) O Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus e Redemptor Jesus Christo. Traduzido do original grego. Primeira edição brasileira. Rio de Janeiro. Sociedade de Litteratura Religiosa e Moral, 1879. 1 vol. in-8º

(CATALOGO, 1895, p. 220; GIRALDI, 2008, p. 40; MALZONI, 2016, p. 35; PEREIRA, 1912, col. 568).

78) A Biblia Sagrada traduzida em portuguez segundo a Vulgata latina illustrada com prefações por Antonio Pereira de Figueiredo, official que foi das cartas latinas de secretaria d'estado e deputado da real mesa da comissão geral sobre o exame e censura dos livros, seguida de notas pelo Rev. conego Delaunay, cura de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, de um dictionario explicativo dos nomes hebraicos, chaldaicos, syriacos e gregos, e de um dictionario geographico e historico, e approvada por mandamento de S. Ex. Rev^a. o

Arcebispo da Bahia. Edição Ilustrada com gravuras sobre aço, abertas por Ed. Wilmann, segundo Raphael, Leonardo de Vinci, O Ticiano, Poussin, Horacio Vernet, Murillo, Vanloo, etc. Segunda edição. Rio de Janeiro. B. - L. Garnier, Livreiro-Editor. Paris - E. Belhatte e Cia. Livreiros, 1881. 2 vols. in-4°

IEB.

79) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova York: [s.n.], 1882. 1 vol.

(MALZONI, 2016, p. 36; PEREIRA, 1912, col. 564).

80) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova York: [s.n.], 1883. 1 vol.

(MALZONI, 2016, p. 35; PEREIRA, 1912, col. 564).

81) O Santo Evangelho segundo S. Marcos, traduzido por Antonio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro. Typ. Universal de Laemmert & C., 1885. 1 vol. in-16°

(CATALOGO, 1895, p. 221).

82) Biblia popular ilustrada pelo abbade Drioux. Tradução de Paiva Pona. Publicada com permissão do Cardeal Bispo do Porto. Velho e Novo Testamento. Porto: [s.n.], 1895. 1 vol. in-8°

(PEREIRA, 1912, col. 568).

83) Biblia Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Nova York: Sociedade Americana da Biblia, 1896. 1 vol.

MB.

84) Bíblia Sagrada Illustrada: contendo o Velho e o Novo Testamento segundo a Vulgata ou Versão Latina. Tradução do padre Antonio Pereira de Figueiredo, reimpressa conforme a edição existente na Bibliotheca Municipal do Porto (Lisboa, 1794) e acompanhada do texto por onde foi feita. Porto: Empresa Editora da Bíblia Sagrada Illustrada, 1896-1902. 3 vols. in-folio

(FERREIRA, 1906, p. 121) IEB.

85) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e correta, com referências e na margem algumas palavras segundo o hebraico e o grego. Lisboa: [s.n.], 1897. 1 vol. in-4º

(MALZONI, 2016, p. 36; PEREIRA, 1912, col. 564).

86) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Londres: [s.n.], 1898. 1 vol.

(MALZONI, 2016, p. 35-36).

87) Bíblia. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. [s.l.]: [s.n.], 1900. 1 vol.

(GIRALDI, 2008, p. 50; MALZONI, 2016, p. 36).

APÊNDICE II

Anúncios de vendas de Bíblias no Rio de Janeiro (1808-1840)

Correio Braziliense (1814-1818)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
1814	n. 12, vol. 1, p. 208	s.t.	A parte VIII. da Biblia Hebraica do Rev. J. Frey acaba de publicar-se
1817	n. 18, vol. 3, p. 242	Annuncio	Scripture Genealogy; 4 to. preço £2.12 s. 6 d. Genealogias da Escriptura, desde Adam até Christo; apresentando, em uma série de 36 tabelas gravadas, uma vista distincta da nação, tribo, familia, descendencia lineal, e posteridade de cada uma das pessoas mencionadas na Biblia [...]
1818	n. 21, p. 169	s.t.	Saio á luz: o 6º tomo da Traducção da Biblia Sagrada, pelo P. Antonio Pereira de Figueiredo, com texto latino á margem; preço 3.000 reis

Correio Mercantil (1832-1833)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
17/04/1832	n. 374, p. 5, col. 1	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende se [...] Biblia contendo a Historia do Velho e Novo Testamento pelo Padre J. F. d'Almeida 2\$560; dita pelo Padre Antonio Pereira 6\$ [...]
11/07/1832	n. 438, p. 2, col. 2	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende se [...] Biblia pelo P. Antonio Pereira 4\$ [...]
15/09/1832	n. 488, p. 3, col. 2	Livros para vender	<i>Idem</i> n. 438.
28/09/1832	n. 499, p. 2, col. 1	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende-se em Portuguez os seguintes volumes: [...] 19 de Biblia de Pereira, 4\$000 rs.
23/10/1832	n. 520, p. 2, col. 1	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende-se em Portuguez os seguintes volumes: [...] 8 da Biblia de Pereira 2\$590 [...]
29/10/1832	n. 525, p. 2, col. 1	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende-se as obras seguintes em Portuguez, a Biblia pelo Padre Antonio Pereira, 4\$ [...]
06/04/1833	n. 77, p. 3, col. 2	Livros para vender	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende-se em Portuguez: [...] 6v. da Biblia de Pereira, 2\$ [...]

Diário do Rio de Janeiro (1821-1840)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
30/06/1821	n. 27, p. 193	Vendas	Na portaria de N. Senhora do Patrocinio ás Marrecas se vendem os livros seguintes, Biblia do Padre Sarmento 32\$000, - dita abreviada 4\$160 [...]
28/02/1822	n. 23, p. 92, col. 1	Livros à venda	Na loja de Francisco Luiz Saturnino Veiga, na rua da Alfandega N. ° 395, ha de venda [...] Biblia Sagrada traduzida em Portuguez, por Sarmento 44 vol. de 4° [...]
22/03/1822	n. 18, p. 68, col. 1	Livros à venda	Na rua dos Pescadores N. 46, ha para vender os livros seguintes por commodo preço: Huma Biblia sagrada em Portuguez, do Padre Antonio Pereira, ultima edição com o testo ao lado, 4.°, 7 vol. com estampas, e nova pelo preço de Lisboa 25\$600 [...]
24/07/1823	n. 21, p. 30, col. 2	Livros à venda	A Sancta Biblia, contendo o velho e o novo Testamento, traduzidos em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo; como tambem o novo Testamento de N. S. Jezus Christo traduzido em Portuguez, segundo a vulgata pelo mesmo Auctor, vende-se na casa N. 107 rua do Rozario, a Sancta Biblia a 960, o novo Testamento a 320
27/08/1823	n. 22, p. 85, col. 2	Livros à venda	Na loja de Vera Cruz, e Comp. Moreira, rua do Ouvidor esquina da rua Direita lado direito se achão a venda as seguintes obras, Biblia Sagrada em boa encadernação [...]
13/10/1823	n. 11, p. 41, col. 1	Livros à venda	Vende-se a Biblia Sagrada de Pereira em 23 volumes, muito boa encadernação [...] quem quizer comprar dirija-se defronte da Candellaria casa N. 17.
01/06/1824	n. 1, p. 2, col. 1	Livros à venda	Acha-se a venda na loja da rua Direita N. 14 as obras seguintes: [...] a Biblia Sagrada em 23 vol., boa encadernação tradusida pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo com notas &c. [...]
09/12/1824	n. 7, p. 25, col. 1	Livros à venda	Quem quizer comprar a Biblia Sagrada, traduzida em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira em cinco vol.; procure na rua Direita N. 108
25/02/1825	n. 21, p. 81, col. 2	Livros à venda	Quem quizer comprar a rarissima obra Constituição, do Arcebisgado da Bahia; pôde dirigir-se a loja de livros de João Pedro da Veiga e Comp., rua da Quitanda, canto da de S. Pedro, aonde se achão tambem muitas outras obras Ecclesiasticas, que se vendem por preços commodos, como a Biblia em Latim, e Portuguez, pelo Padre Antonio Pereira em 7 vol. em folio [...]
09/03/1825	n. 8, p. 29, col. 2	Vendas	Na rua Direita N. 40, se continua a vender os verdadeiros vidros de Balsamo Gratia Porbatum excellente medicamento para retenções de orinas pedras &c. igualmente a Santa Biblia traduzida pelo Padre Antonio Pereira de Figueredo, o Novo Testamento, ha tambem um escravo proprio para pagem, o qual cosinha o ordinario de huma casa.
15/03/1825	n. 13, p. 49, col. 2	Livros à venda	Na loja de livros de Francisco Carlos de Vasconcellos, rua da Quitanda N. 249, se acha a venda Biblia Sagrada 7 vol. folio [...]
17/03/1825	n. 15, p. 58, col. 1	Vendas	Na botica da rua Direita N. 40, se vendem os verdadeiros vidros da Gratia Porbatum excellente medicamento para as urinas, e outros effeitos bem conhecidos; se achão igualmente alguns vol. da Santa Biblia a venda, assim como o Novo Testamento pelo preço anunciado
28/05/1825	n. 22, p. 87, col. 1	Livros à venda	Na rua da Quitanda N. 249, loja de F. C. de Vasconcellos, se acha á venda o seguinte: Biblia Sagrada traduzida em Portuguez segundo a Volgata [sic] Latina (7 vol. folio) [...]

09/07/1825	n. 8, p. 29, col. 1-2	Livros à venda	Na rua do Rozario, beco das Cancellas casa N. 6, ha para vender a Biblia em Latim, e Hespanhol em 15 vol., pex o [sic] Pai Leio; quem a quizer comprar, dirija-se a dita casa, que achará com quem tratar
27/10/1825	n. 23, p. 89, col. 1-2	Livros à venda	Na rua Direita sobrado N. 130. vende-se com uzo o seguinte: [...] a Santa Biblia traduzida em Portuguez, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, impressa em Londres, mui boa encadernação (está nova) [...]
02/11/1825	n. 1, p. 1, col. 2	Livros à venda	Na rua Direita sobrado N. 130, vende-se sem uzo o seguinte: [...] a Biblia Santa traduzida em Portuguez pelo P. Antonio Pereira [...]
28/02/1826	n. 23, p. 90, col. 1-2	Livros à venda	A Santa Biblia traduzida no Idioma Portuguez [...] achão-se a venda em casa de J. J. Dodsworth, na rua da Alfandega N. 38
31/05/1826	n. 24, p. 93, col. 1	Livros à venda	A Santa Biblia, e o novo Testamento traduzido no Idioma Portugueza [sic]; achão-se á venda na rua da Alfandega N. 38, casa de leilão.
29/07/1826	n. 24, p. 94, col. 2	Vendas	Na rua da Quitanda N. 238, ha para se vender [...] 23 livros da Biblia Sagrada em muito bom uso, que se dão por 12U800 réis.
25/11/1826	n. 21, p. 85, col. 1	Livros à venda	Vende-se os livros Portuguezes seguintes: [...] a Santa Biblia, impressa em Londres 1 vol.; o novo Testamento (em Hespanhol) 1 vol. [...] achão-se no sobrado N. 10 da rua da Alfandega.
19/12/1826	n. 15, p. 68, col. 1	Livros à venda	Vende-se os livros Portuguezes seguintes: [...] o novo Testamento; Estampas da Biblia, de Klauber [...] achão-se no N. 10 da rua da Alfandega.
20/12/1826	n. 16, p. 61, col. 1	Livros à venda	Na rua Direita sobrado N. 130, vende-se em bom uso as seguintes obras todas em Inglez: [...] a Santa Biblia (sem uso) bonita encadernação 960 [...]
23/04/1827	n. 17, p. 65, col. 1	Livros à venda	Na rua Direita sobrado N. 130, vende-se sem uso o seguinte: [...] a Santa Biblia (em Inglez) 960 [...]
05/07/1827	n. 4, p. 13, col. 1-2	Livros à venda	Na rua do Ouvidor N. 53 no primeiro sobrado, ha para vender as obras seguintes: a Sagrada Biblia no idioma Francez em 20 tomos, contendo o velho, e o novo testamento, com mui copeozas notas, edição Vicente [...]
12/07/1827	n. 10, p. 37, col. 2	Livros à venda	Na rua Direita N. 149, vende-se a Biblia para uso dos Catholicos Romanos Inglezes, nova edição de Steriotypo (1825), rica encadernação dourada, em Inglez 14\$000; dita para uzo dos protestantes em Inglez 960 [...]
11/10/1827	n. 10, p. 37, col. 1	Livros à venda	Na rua Direita loja N. 149, vende-se em Portuguez o seguinte: [...] Biblia Catholica (em Inglez) 14U000; dita Anglicana (em Inglez) 960.
26/11/1827	n. 21, p. 81, col. 2	Livros à venda	Na rua do ouvidor N. 75, vende-se [...] Biblia contendo Velho e Novo Testamento traduzido em portuguez, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, impresso em Londres, hum volume por 2U réis [...]
29/11/1827	n. 24, p. 93, col. 1-2	Livros à venda	Na rua Direita N. 149 acha-se á venda as seguintes obras em Portuguez: [...] Biblia para uzo dos Catholicos Romanos, stereotypo (em Inglez) 14.000: dita para uzo dos protestantes (em Inglez) 960.
18/12/1827	n. 14, p. 53, col. 1	Livros à venda	Na rua do Ouvidor N. 138, acha-se á venda em Portuguez, [...] a Biblia Traduzida pelo Padre Antonio Pereira, com huma mui linda encadernação [...]
01/10/1828	n. 1, p. 1, col. 1-2	Livros à venda	Na loja de livros Albino Jordão, rua do Ouvidor N. 138, acha-se a venda o seguinte em Portuguez, [...] a Biblia, com optima encadernação 6\$000 rs. [...]
20/11/1828	n. 16, p. 61, col. 1	Livros à venda	Na loja de livros Albino Jordão, rua do Ouvidor N. 138, acha-se a venda o seguinte em Portuguez: [...] Biblia Sagrada contendo antigo, e Novo Testamento, linda encadernação 6\$000 [...]

03/02/1829	n. 1, p. 1, col. 2	Livros à venda	Vende-se por modico preço a Santa Biblia, traduzida da do Padre Antonio Pereira de Almeida [sic], em hum só livro [...] dirija-se á rua do Sabão N. 200.
25/05/1829	n. 21, p. 81, col. 2	Livros à venda	Na loja de livros Albino Jordão, rua do Ouvidor N. 138, acha-se a venda o seguinte, em Portuguez: [...] Biblia de Antonio Pereira, 23 vol.; dita de Almeida, hum grande vol. [...]
20/10/1829	n. 17, p. 65, col. 1	Livros à venda	Quem quizer comprar [...] a Santa Biblia tradusida em Portugues; dirija-se á rua dos Ferradores N. 229.
11/01/1830	n. 7, p. 1, col. 2	Livros à venda	Na rua de S. Lourenço N. 12, ha para vender os livros seguintes [...] e em Portuguez a Biblia Sagrada pelo Padre Antonio Pereira, 1 vol. em 4.º por 4\$000 rs. [...]
26/01/1830	n. 19, p. 1, col. 3	Vendas	No armarinho do largo da Carioca N. 15, vende-se [...] a Biblia Sagrada em Portuguez a 4\$000 rs. [...]
23/05/1830	n. 19, p. 1, col. 1	Livros à venda	Quem quizer comprar a Biblia Sagrada, que contém o Novo e o Velho Testamento em Portuguez, e outra em Hespanhol, que são ambos novos, pôde procurar no botequim do largo da May do Bispo.
01/06/1831	n. 1, p. 98, col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 138, vende se [...] Biblia contendo a Historia Sagrada do Velho e Novo Testamento, 3\$ rs.
22/07/1831	n. 18, p. 67, col. 3 - p. 68, col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 138, achão-se á venda as seguintes obras em Portuguez: [...] Biblia de Pereira com o livro de Machabeos [...]
20/09/1831	n. 16, p. 61, col. 2	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 138, achão-se á venda as seguintes obras em Portuguez: [...] Santa Biblia, contendo o Velho e o Novo testamento, 8\$ réis.
04/07/1832	n. 3, [p. 54], col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 157, vende se em Portuguez: [...] a Biblia, pelo Padre Antonio Pereira 4\$000 rs.
11/03/1834	n. 9, [p. 2], col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão rua do Ouvidor n. 157, vende-se o seguinte em Portuguez: a Santa Biblia, 2U rs.; livro dos Salmos 2 vol. 1U280 [...]
01/04/1834	n. 1, [p. 1], col. 2	Livros à venda	Vende se por precisão na rua de Santa Thereza n. 18, [...] a Biblia em Hespanhol, novo testamento, [...]
23/04/1834	n. 20, [p. 1], col. 2	Livros à venda	A Santa Biblia; contendo o velho e o novo Testamento traduzidos em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, vende-se na rua do Snr. dos Passos n. 109, preço 4\$000.
09/05/1834	n. 7, [p. 1], col. 2	Livros à venda	Vende-se na Praia de D. Manoel n. 68, os seguintes livros em bom uso: A Biblia contendo o velho e o novo testamento 1 vol. 2\$560 [...]
21/05/1834	n. 16, [p. 1], col. 3	Livros à venda	Na rua de S. Pedro n. 156, vendem-se os seguintes livros: [...] Biblia em Hespanhol 1 vol. 640 [...]
19/09/1834	n. 16, [p. 2], col. 1-2	Livros à venda	Na rua do Cano n. 88, vende-se os livros seguintes [...] a Santa Biblia contendo o Velho e o Novo testamento 4U rs.
06/10/1834	n. 5, [p. 2], col. 2	Livros à venda	Biblia Sagrada pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, com o texto latino ao lado em 7 volumes, por 30U000 [...] vende-se na loja de livros rua da Alfandega n. 7, perto da rua Direita.
17/11/1834	n. 13, [p. 2], col. 2	Livros à venda	Vende-se a Biblia em Francez, devidida em 6 tomos, ainda em muito bom uzo, e por preço commodo; na rua dos Pescadores n. 125, loja de fazendas.

09/11/1836	n. 7, [p. 2], col. 2	Livros à venda	No Bêco dos Cachorros n. 36, vende-se o 1.º tomo da Biblia Sagrada, em 4.º, e nova, pelo modico preço de 5\$ rs.
23/03/1837	n. 20, [p. 1], col. 2	Livros à venda	Na rua da Guarda Velha, debaixo da Secretaria do Imperio, vende-se huma porção de livros em bom uso, a saber, [...] Biblia (em Hespanhol) [...]
22/05/1837	n. 17, [p. 1], col. 2-3	Livros à venda	A Santa Biblia (Escrituras Sagradas) contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em Portuguez, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo; vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$ rs. Também se vende o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, por 1\$ rs., e bem encadernados
15/06/1837	n. 11, [p. 2], col. 2	Livros à venda	Vende-se a Santa Biblia (Escritura Sagrada) contendo o Velho, e o Novo Testamento, traduzida em Portuguez, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, por 4\$; na rua Direita n. 115; tambem se vende o Novo Testamento de Nosso Senhor Jezus Christo, separado por 1\$ rs.
06/07/1837	n. 5, [p. 1], col. 2	Livros à venda	Na rua do Ouvidor n. 91, esquina da dos Ourives, vendem se as obras seguintes: [...] A Santa Biblia 3\$ [...]
14/07/1837	n. 12, [p. 1], col. 3	Livros à venda	Vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$ rs. a Santa Biblia (Esriptura Sagrada) contendo o Velho e o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo. Tradusido em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Este livro he muito util a geração Brasileira que goza a liberdade de o lerem. Porque toda a Esriptura dividamente [<i>sic</i>] inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, e para instruir na justiça: a fim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a obra (2.ª Epist. de S. Paulo a Timotheo Cap. iii, verso 16 e 17.)
05/09/1837	n. 4, [p. 1], col. 2	Livros à venda	Vende se huma Biblia, pelo Padre João Ferreira d'Almeida, por 4\$ [...] na rua dos Ourives loja nova de chapéos, defronte de hum Marcineiro.
09/10/1837	n. 7, [p. 2], col. 1	Livros à venda	Vendem se os seguintes livros Portuguezes, mui raros : [...] A Biblia Sagrada, com o texto latino á margem, trad. de A. P. de Figueiredo, 7 vol. f. [...] na rua d'Alfandega n. 4, sobrado.
07/11/1837	n. 5, [p. 2], col. 2-3	Livros à venda	Santa Biblia em Latim, em 7 vol. em 12, com huma Concordancia em folio [...] vende-se na loja de papel na rua do Ouvidor n. 85.
15/11/1837	n. 12, [p. 1], col. 3	Livros à venda	Vende-se na rua Direita n. 115, a Santa Biblia (Esriptura Sagrada) por 4\$ rs.; e tambem o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, por 1\$ rs.: estes livros são tradusidos do vulgar, no idioma Portuguez, pelo Reverendo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, que foi Capellão de D. João 5.º, e Professor da Cadeira da Universidade de Coimbra: este bom homem gastou quasi toda a sua vida em tradusir estes livros muito exactos, e hoje achão-se á venda por tão barato preço.
30/12/1837	n. 23, [p. 1], col. 3	Livros à venda	Vende se huma porção de livros, entre os quaes a Biblia Sagrada, e o Novo Testamento, em Alemão; na rua do Hospicio n. 136.
03/03/1838	n. 50, ano XVII, [p. 2], col. 3	Livros à venda	Livros em portuguez. Biblia de Almeida, 2U560; Novo testamento de Jezus Christo, por A. Pereira, 800 [...] Salmos de David pelo padre Caldas, 1U [...] Proverbios de Salomão em parafrase, 1U; Os livros dos Salmos, proverbios &c., 1U; Livro dos Salmos ou Salterio, por A. Pereira, 2 vol., 2U [...] Vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro asul.
07/08/1838	n. 174, ano XVII, [p.	Livros à venda	Livros em portuguez. [...] santa biblia, pelo padre Antonio Pereira, 1 vol. 4U; e mesmo em obra grande, 23 vol. 40U; novo testamento, 1U [...]

	2], col. 1-2		vendem-se na loja de Albino Jordão rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro asul.
11/08/1838	n. 178, ano XVII, [p. 2], col. 3-4	Livros à venda	A SANTA BIBLIA. ESCRIPTURAS SAGRADAS. Este abençoado livro, contem os livros canonicos do velho e do novo testamento do nosso Senhor e Redemptor Jesu Christo, traduzido em portuguez dos antigos manuscritos hebraicos, latinos e gregos, conforme a vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja o reverendissimo Antonio Pereira de Figueiredo. Este abençoado livro, fonte de luz, fonte de moral, fonte de virtude e fonte de sabedoria, é muito recommendavel a todos os mestres de seminarios, de collegios, e de aulas, e a todo pae de familia, para adoptarem para seria leitura diariamente de todas as pessoas que lhe rodeem, porque mostra as obras omnipotentes do nosso creador, e como, e porque elle nos criou, e as obras que elle espera e exige de cada um de nós, de uma livre vontade, e tambem mostra o não fizerem [<i>sic</i>]; feliz d'aquellas nações que se achem instruindo o seo povo com as sagradas escripturas. Extracto do evangelho de S. Matheos cap. 15 v. 1.º [...] Acha-se á venda na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4U, bem encadernado.
14/08/1838	n. 180, ano XVII, [p. 2], col. 4	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 178.
26/09/1838	n. 215, ano XVII, [p. 2], col. 3	Obras publicadas	A SANTA BIBLIA, Contendo o Velho e o Novo Testamento, traduzido em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Impresso em Londres, de muito bom typo, e muito bem encadernados, se acha á venda na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4U rs. Esta grande e abençoada fonte de luz e de sabedoria, não deixa de ser muito recommendavel, para seria leitura de todo o povo brasileiro, porque é hoje o livro de mais aceitação, e de mais meditação em todas as nações civilizadas, e a nação que o tem mais abraçado e adoptado para baze de sua instrucção, é hoje a nação mais abençoada no mundo, e aquellas nações que estão seguindo o mesmo exemplo, também se estão aproximando para o mesmo gráo de sabedoria e moral; para recommendar este livro ao povo fluminense que felizmente goza a liberdade de poder examinar as escripturas sagradas, e julgar cada um para si, não é necessário aqui mostrar senão as proprias palavras do Psalmista David Salmo 1:8, verso 130, 131, e 132. - Os teos testemunhos são admiraveis, por isso a minha alma procurou ter d'elles um pleno conhecimento. A explicação de taes palavras allumia, e ella dá intelligencia aos pequeninos. Eu abri a minha boca, e atrahi o espirito porque eu dezejava os teos mandamentos; e tambem as palavras de S. Lucas, cap. 12, verso 2. - Porque nenhuma cousa há occulta, que não venha a descobrir-se, e nenhuma há escondida, que não venha a saber-se. N. B. tambem se achão à venda na livraria da rua da Quitanda n. 77.
28/09/1838	n. 217, ano XVII, [p. 3], col. 1	Obras publicadas	<i>Idem</i> n. 215.
01/10/1838	n. 219, ano XVII, [p. 2], col. 2-3	Obras publicadas	<i>Idem</i> n. 215.

24/12/1838	n. 291, ano XVII, [p. 2], col. 3	Livros à venda	Achão-se á venda na typographia da rua do Cano n. 151, os livros seguintes, a maioria com gravuras: [...] A biblia traduzida segundo a vulgata, 1 vol., 4U; O Novo testamento, 1 vol., 1U [...]
29/11/1839	n. 270, ano XVIII, [p. 2], col. 4	Livros à venda	[...] a Santa Biblia (a completa) por Figueiredo 10U [...] na rua d'Alfandega n. 286.
05/05/1840	n. 101, ano XIX, p. 2, col. 4	Livros à venda	A Santa Biblia, (a completa) por Figueiredo, vende-se por 8U rs. na rua d'Alfandega n. 286.

Diário Mercantil (1825-1827)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
26/03/1825	n. 116, p. 1, col. 1	Vendas	Vende-se a Santa Biblia e novo Testamento traduzida no Idioma Portuguez, se achão a vender na rua da Alfandega N. 38
30/06/1825	n. 188, p. 1, col. 1	Livros à venda	A Santa Biblia, contendo o velho e o novo Testamento, em Inglez, traduzida das linguas originais; acrescentada com os Psalmos traduzidos em verso Inglez, e com outras poesias sagradas para o uso da Igreja Anglicana Edenburgo [sic], 1822 optima Impressão em papel muito bom: vende-se na rua Direita N. 130, por 960 rs.
19/07/1825	n. 204, vol. 3, p. 1, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 188.
19/07/1825	n. 204, vol. 3, p. 1, col. 1	Livros à venda	Na rua Direita no sobrado N. 130, vende-se o seguinte: [...] a Sagrada Biblia; contendo o velho e o Novo Testamento, traduzido em Inglez, acrescentada com os Psalmos traduzidos em verso Inglez, e com outras sagradas Poesias; para o uso da Igreja Anglicana de Edenburgo 1822, com mui bom papel, e mui bem impressa, 960;
07/10/1825	n. 6, vol. 6, p. 2, col. 2	Vendas	O novo Testamento, impresso em Londres 1 vol.: a Biblia Sagrada; traducção de A. P. Figueiredo, 1 vol.: estas obras são bem encadernadas, e em muito bom estado [livreiro situado à Rua Direita, 130]
25/10/1825	n. 21, p. 2, col. 2	Vendas	Na rua Direita N. 130, vende-se o seguinte: [...] A Biblia Santa, traduzida em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, e impressa em Londres, muito bella encadernação em 1 só vol.[...]
17/02/1826	n. 38, p. 3, col. 1	Livros à venda	A Santa Biblia traduzida na idioma Portugueza [sic] [...] achão-se a venda em casa de J. J. Dodsworth, na rua da Alfandega N. 38
31/05/1826	p. 2, col. 2	Livros à venda	A Santa Biblia e o Novo testamento traduzido na idioma Portugueza [sic], achão-se a venda na rua da Alfandega N. 38 (casa de leilão)
19/09/1826	n. 208, vol. VII, p. 3, col. 2	Vendas	Na rua Direita sobrado N. 130, vende-se [...] A Santa Biblia, bella encadernação sem uso 960
11/06/1827	n. 130, vol. 8, p. 2, col. 1	Livros à venda	Na rua Direita, loja n. 149, vende-se as seguintes obras: A Biblia para uso dos Catholicos Romanos Inglezes, nova e bella edição de Stereotypo (1825), rica encadernação dourada, em Inglez I4000 [sic]. Dita para o uso

			dos Protestantes em Inglez 960
03/07/1827	p. 1, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 130.
17/07/1827	n. 14, vol. 9, p. 54, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 130.
08/08/1827	n. 32, vol. 9, p. 125, col. 2	Livros à venda	Na rua da Prainha casa n. 132, ha para vender-se a Biblia Sagrada em Portuguez, e latim, letra maiuscula; e por isso facil de ler-se, cuja obra he nova
24/08/1827	n. 45, vol. 9, p. 2	Livros à venda	Na rua Direita, loja n. 149, vende-se [...] Biblia Catholica (em Inglez) 14:000: Dita Protestante (em Inglez) 960.
15/10/1827	n. 88, vol. 9, p. 350, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 45.

Gazeta do Rio de Janeiro (1819-1820)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
16/01/1819	n. 5, p. 4	Avisos	Na loja da Gazeta se acha o 6º tomo da Biblia de Antonio Pereira, em latim e portuguez, separado por 4:800, assim como uma obra em 6 volumes por 28:000.
12/01/1820	n. 4, p. 4	Avisos	Na loja da Gazeta se acha o tomo 7º da Biblia do Padre Antonio Pereira, que completa a obra, por 6:400.
15/01/1820	n. 5, p. 4	Avisos	Na loja de J. C. Guimarães, rua do Sabão Nº. 12 [...] Biblia do Padre Pereira, latim e portuguez, 34:000.

Jornal do Commercio (1827-1840)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
26/11/1827	n. 47, vol. 1, p.3, col. 1	Livros à venda	Na rua do Ouvidor n. 75, vende-se [...] Biblia contendo o velho e o novo Testamento traduzido em Portuguez, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, impresso em Londres, 1 vol. por 2000 rs.
13/07/1829	n. 518, p. 1, col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão rua do Ouvidor n. 138, acha-se á venda o seguinte em Portuguez: Biblia de Antonio Pereira em 23 vol. 40,000 rs., Dita do dito em hum vol. 4,000 rs. [...]
01/08/1829	n. 534, p. 1, col. 2	Livros à venda	Vende-se na rua detraz do Hospicio n. 218 os livros seguintes a saber: [...] Santa Biblia, 1 vol.
24/08/1829	n. 552, p. 2, col. 1	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 138, achão-se a venda as seguintes obras em Portuguez: [...] Biblia de Antonio Pereira em 1 vol. 4\$000 [...]

19/09/1829	n. 573, p. 2, col. 2	Vendas	Na rua Direita n. 106, [...] compra-se a Sagrada Biblia em 7 vol. pelo Padre Antonio Pereira.
21/09/1829	n. 574, p. 2, col. 2	Vendas	Vende-se na rua Direita n. 106, [...] os sete volumes da Sagrada Biblia pelo Padre Antonio Pereira.
03/02/1830	n. 27, vol. I, p. 1, col. 2	Livros à venda	Na loja de livros de Albino Jordão rua do Ouvidor n. 138, achão-se as seguintes obras em Portuguez, encadernadas: [...] a Biblia ou Historia Sagrada, de Pereira 4,000 [...]
10/12/1834	n. 276, ano VIII, p. 3, col. 2	Livros à venda	Vende-se na rua do Sr. dos Passos n. 126 [...] Proverbios de Salomon em verso, e a Biblia em Portuguez completa.
04/06/1835	n. 123, ano IX, p. 4, col. 4	Anúncios	Biblia franceza, edição de Pariz; vende-se na rua Direita n. 155.
30/09/1835	n. 214, ano IX, p. 4, col. 3	Anúncios	Vende-se a Biblia de Sarmento, 40 tomos em portuguez e latim, muito em conta; na rua do Sabão n. 188. Na mesma obra vai incluido o dictionario da biblia, e o 3º e 4º livro de Esdras.
23/01/1836	n. 17, ano X, p. 3, col. 3-4	Livros à venda	Huma pessoa que se retirou para a Europa, deixou para se desonerar de algumas dividas os livros seguintes, para vender na rua do Ouvidor n. 148: [...] Biblia em lingua espanhola, edição 5606, 6\$ [...]
26/08/1836	n. 186, ano X, p. 4, col. 3	Anúncios	Acha-se á venda em casa de J. Villeneuve e Comp., a Biblia Sagrada traduzida em portuguez, segundo a vulgata latina, illustrada com prefações, notas e lições variantes, por Antonio Pereira de Figueiredo.
15/02/1837	n. 36, ano XI, p. 3, col. 3	Anúncios	Obras em portuguez que se vendem na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121: a Biblia de Antonio Pereira, 23 vol., 20\$ [...]
01/03/1837	n. 48, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	Vende-se na rua das Mangueiras n. 64, a Santa Biblia, em muito bom uso, impressa em Londres, por preço commodo.
18/03/1837	n. 63, ano XI, p. 4, col. 4	Anúncios	Acha-se na rua da Guarda Velha, casa por baixo da Secretaria do Imperio, hum catalogo de diversos livros, em bom uso, que se pretendem vender, contendo [...] Biblia em hespanhol [...]
22/05/1837	n. 112, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	Vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$ rs., a Santa Biblia (escriptura sagrada), contendo o velho e o novo testamento, traduzido em portuguez pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo; Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, separado, por 1\$000, bem encadernados. N. B. Estes livros usão-se muito nas escolas em Inglaterra.
23/05/1837	n. 113, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.
26/05/1837	n. 115, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.

27/05/1837	n. 116, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.
29/05/1837	n. 117, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.
30/05/1837	n. 118, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.
31/05/1837	n. 119, ano XI, p. 4, col. 1	Anúncios	<i>Idem</i> n. 112.
08/06/1837	n. 125, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	Vende-se a Santa Biblia (escriptura sagrada), contendo o velho e o novo testamento, traduzido em portuguez pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, por 4\$000 rs.; na rua Direita n. 115. Tambem se vende o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus-Christo, separado, por 1\$000 rs. N. B. Estes livros usão-se muito nas escolas em Inglaterra.
09/06/1837	n. 126, ano XI, p. 4, col. 1	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
10/06/1837	n. 127, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
12/06/1837	n. 128, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
15/06/1837	n. 130, ano XI, p. 3, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
16/06/1837	n. 131, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
17/06/1837	n. 132, ano XI, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.
20/06/1837	n. 134, ano XI, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 125.

04/07/1837	n. 144, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	Vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$000, A Santa Biblia (Escriptura Sagrada) contendo o Velho e o Novo Testamento do Nosso Senhor Jesus-Christo, traduzido pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo. Este livro he muito util á geração Brasileira que goza a liberdade de o ler, porque toda a Escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a obra boa. (2.º Epist. de S. Paulo a Timotheo Cap. III ver. 16 a 17).
06/07/1837	n. 146, ano XI, p. 4, col. 1	Anúncios	<i>Idem</i> n. 144.
07/07/1837	n. 147, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	Obras em portuguez que se vendem na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre as dos Ourives e dos latoeiros, a saber: [...] Biblia pelo Padre A. Pereira, 23 vol. 12\$ [...]
08/07/1837	n. 148, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 144.
05/09/1837	n. 196, ano XI, p. 3, col. 3	Anúncios	Acha-se á venda na rua Direita n. 115, a santa biblia, ou escriptura sagrada, traduzida em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, por 4\$; e tambem o novo testamento de Nosso Senhor Jezus Christo, separado da Biblia, por 1\$; a nação que tem adoptado estes abençoados livros para fundação de todas as suas instituições, como as suas igrejas, collegios, aulas, tem tirado delles grandes beneficios; por isso são muito recommendaveis ao povo Brasileiro que goza tambem do privilegio de os lerem. S. Paulo diz na sua segunda epist. a Timotheo cap. III ver. 1617 [<i>sic</i>], que toda a escriptura, divinamente inspirada, he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. Tambem se vende os mesmos livros no idioma Francez, Hespanhol e Alemão, pelo mesmo preço.
06/09/1837	n. 197, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 196.
11/09/1837	n. 199, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 196.
12/09/1837	n. 200, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 196.

09/10/1837	n. 223, ano XI, p. 3, col. 3	Anúncios	Acha-se á venda na rua Direita n. 115, a santa biblia, ou escriptura sagrada, traduzida em Portuguez pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, por 4\$ rs., e o novo testamento de N. S. Jesus-Christo, separado da Biblia, por 1\$ rs. A nação que tem adoptado estes abençoados livros para fundação de todas as suas instituições e para cumprir com o que elles dizem á risca, nas suas suas igrejas, collegios, aulas, tribunaes de justiça, tem colhido delles grandes beneficios, e póde se dizer que he nação muito abençoada. Por isso são muito recommendaveis ao povo Brasileiro, tão digno de gozar do privilegio de os lêr para os adoptar em suas instituições. S. Paulo, diz na sua segunda Epist. a Timotheo cap. 3º, verso 16 e 17, que toda a escriptura, divinamente inspirada, he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. Ainda mais diz S. João em o cap. 5º, verso 39. Examinai as escripturas, pois julgais ter nellas a vida eterna: e ellas mesmas são as que dão testemunho de mim.
11/10/1837	n. 225, ano XI, p. 3, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 223.
13/10/1837	n. 227, ano XI, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 223.
16/10/1837	n. 229, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 223.
18/10/1837	n. 231, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	Vendem-se os livros seguintes, mui raros : [...] a santa Biblia, com o texto latino, etc., 7 vol., em fol. [...] Na rua da Alfandega, n. 4, sobrado.
21/10/1837	n. 234, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 223.
13/11/1837	n. 252, ano XI, p. 3, col. 3-4	Anúncios	Vende-se, na rua Direita n. 115, a Santa Biblia (Esctura Sagrada), por 4\$; e tambem o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus-Christo, por 1\$. Estes livros foram traduzidos da Vulgata no idioma portuguez pelo Rev. Padre Antonio pereira de Figueiredo, que foi Capellão de D. João V. e Professor da Cadeira da Universidade de Coimbra. Este bom homem gastou quasi toda a sua vida em traduzir estes livros muito exactamente. A nação Ingleza tem adoptado estes abençoados livros, traduzidos no seu idioma, para base de toda a sua instrucção dos seus povos em todos os collegios e aulas; porque elles são a verdadeira font de verdade, fonte de luz, fonte de moral, fonte de sabedoria. Por isso he que elles são tão recommendaveis ao nobre povo Brasileiro, para que os adopte em suas instituições. Por elles a nação Ingleza he o que he, e o que tem sido desde a adopção destes livros, a mais abençoada nação do mundo, e hoje está dilatando por todas as partes do mundo as luzes e a sabedoria que tem colhido destes livros. O Apostolo S. Paulo diz, na sua segunda epistola a Timotheo, que toda a escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça; a fim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra (segunda Epistola de S. Paulo a Timotheo, cap. III, ver. 16 e 17). Pois, á

			vista do que S. Paulo diz, e huma vez que estes livros são a fonte de luz, cumpre que todas as classes do povo Brasileiro os lêão, como se pratica na Inglaterra.
14/11/1837	n. 253, ano XI, p. 4, col. 2	Anúncios	<i>Idem</i> n. 252.
16/11/1837	n. 255, ano XI, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 252.
23/03/1838	n. 66, ano XIII, p. 4, col. 1	Anúncios	Biblia de Almeida, 2\$560; Novo Testamento de Jesu-Christo, por A. Pereira, 800; Compendio do antigo e novo testamento, 1\$; Psalmos de David, pelo Padre Caldas, 1\$; [...] Proverbios de Salomão em paraphrazes, 1\$; os Livros dos psalmos, proverbios, etc., 1\$; Livro dos psalmos ou salterios, por A. Pereira, 2 vol., 2\$ [...] tudo em portuguez. Vende-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul.
09/04/1838	n. 80, ano XIII, p. 4, col. 1	Anúncios	Livros em portuguez. [...] Novo Testamento de Jesu-Christo, 1 vol., 800; [...] Biblia de Pereira, 1 vol., 4\$ [...] vende-se na loja de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul.
21/05/1838	n. 114, ano XIII, p. 7, col. 3	Anúncios	Livros em portuguez. [...] Biblia de Antonio Pereira, 4\$ [...] vende-se na loja de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul.
30/05/1838	n. 121, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	A Santa Biblia contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesu-Christo, traduzida na lingua lusitana dos manuscritos antigos latinos e gregos, conforme a Vulgata, pelo celebre e doutissimo Padre da Igreja, o Reverendo Antonio Pereira de Figueiredo, capellão de D. João V e professor da cadeira da Universidade de Coimbra. - "Examinai as escripturas, que julguei ter nellas a vida eterna, e ellas mesmas são as que dão testemunho de mim". Estas são as palavras exhortativas de Nosso Senhor Jesu-Christo, segundo S. João, capitulo V, verso 39. Vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$ réis.
01/06/1838	n. 123, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 121.

02/07/1838	n. 144, ano XIII, p. 4, col. 3	Anúncios	A Santa Biblia contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesu-Christo, traduzida na lingua lusitana dos manuscritos antigos latinos e gregos, conforme a Vulgata, pelo celebre e doutissimo Padre da Igreja, o Reverendo Antonio Pereira de Figueiredo, capellão de D. João V e professor da cadeira da Universidade de Coimbra. Este grande e abençoado livro he muito recommendavel a todos os mestres de seminarios, collegios e aulas no imperio do Brazil, de o adoptarem para a instrucção dos seus alumnos e tambem he muito recommendavel atodo pai de familia de o ter, para ler diariamente a sua familia porque he a fonte de luz, a fonte de sabedoria, a fonte de moral e a fonte da virtude. Desde que a nação ingleza adoptou este abençoado livro para a instrucção de sua mocidade e de todo seu povo, desde aquella feliz época esta feliz nação tem produzido os homens mais sabios, os mais moralizados, os mais virtuosos e os mais generosos que o mundo ainda tem visto, e he de lamentar o desgraçado estado em que se achão as nações que não tem instruido o seu povo com este abençoado livro, por isso he que he tão recommendavel ao povo Brasileiro, que tambem goza da liberdade de o poder ler, para se fazerem ainda dignos de receber as mesmas benções de Deos que elle tem deitado sobre a Inglaterra e sobre todas as nações, assim como a Hollanda, Suecia, Dinamarca, Prussia, Estados-Unidos que tem instruido o seu povo com a Santa Biblia. Ainda para maiores provas olhai para os seguintes extractos na 1ª epistola de S. Paulo aos Thesalonicenses cap. V., verso 20 e 21. Não desprezeis as profecias. Examinai porém tudo, abraçai o que he bom. 2ª epistola de S. Paulo a Timotheo cap. III, verso 16 e 17. Toda a escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça: a fim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra; e ainda as palavras exhortativas de Nosso Senhor Jesu-Christo, examinai as escripturas que julguei ter nellas a vida eterna: e ellas mesmas são os que dão testemunho de mim. S. João cap. V. verso 39. Vende-se na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4\$ bem encadernada.
07/07/1838	n. 149, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 144.
09/08/1838	n. 176, ano XIII, p. 4, col. 3	Anúncios	A SANTA BIBLIA, ESCRITURAS SAGRADAS. Este abençoado livro contém os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor Jesus-Christo, traduzido em portuguez, dos antigos manuscritos hebraicos, latinos e gregos, conforme a vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja e Rev. Antonio Pereira de Figueiredo. Este abençoado livro, fonte de luz, fonte de moral, fonte de virtude, fonte de sabedoria, he muito recommendavel a todos os mestres de seminarios, collegios e aulas, e a todo pai de familia, para o adoptarem para seria leitura diariamente de todas as pessoas que lhes rodêem, porque mostra as obras omnipotentes do Nosso Creador, como, e porque elle nos criou, e as obras que elle espera de cada hum de nós, de huma livre vontade; e tambem mostra quanto he util ás nações que os seus povos sejam instruidos nas sagradas escripturas. Tambem mostra as promessas que Deos fez de abençoar ás nações que fizerem como elle nos ensina na escriptura sagrada. Extracto do evangelho de S. Matheus, Cap. 15, verso 1. "Então chegarão a elle huns escribas e phariseos de Jerusalem, dizendo: verso 2. Porque [sic] violão os teus discipulos a tradição dos antigos? Pois não lavão as suas mãos quando comem pão. 3. E elle respondendo, lhes disse: E vós tambem porque [sic] transgredis os mandamentos de Deos pela vossa tradição? Porque Deos disse..." (vide Biblia, livro exodo, capitulo 20). Acha-se á

			venda na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4\$ rs., bem encadernada.
11/08/1838	n. 178, ano XIII, p. 4, col. 3-4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 176.
17/08/1838	n. 182, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 176.
20/08/1838	n. 184, ano XIII, p. 6, col. 1	Anúncios	<i>Idem</i> n. 176.
03/09/1838	n. 196, ano XIII, p. 4, col. 2	Anúncios	A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzidos em portuguez segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo; edição original de Londres, com bella encadernação ingleza, vende-se na livraria de Eduardo Laemmert, por 4\$000 rs.
03/09/1838	n. 196, ano XIII, p. 4, col. 2	Anúncios	[...] Biblia de Antonio Pereira, 1 vol., 3\$ [...] Todas estas obras são em portuguez, e encadernadas. Vende-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro azul.
24/09/1838	n. 212, ano XIII, p. 4, col. 2	Anúncios	A Santa Biblia contendo o velho e o novo testamento; traduzida em portuguez, segundo a Vulgata, pelo Padre Antonio Pereira de Figueiredo, impressa em Londres, com muito bom typo, e muito bem encadernada; acha-se á venda na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4\$000 réis. Esta grande e abençoada fonte de luz e de sabedoria não deixa de ser muito recommendavel para seria leitura de todo o povo brasileiro, porque he hoje o livro de mais aceitação e de mais meditação em todas as nações civilizadas; e a nação que o tem mais abraçado e adoptado para base de sua instrucção , he hoje a nação mais abençoada do mundo; se aquellas nações que estão seguindo o mesmo exemplo tambem estão approximando para o mesmo gráo de sabedoria e moral, para recommendar este livro ao povo fluminense, que felizmente goza a liberdade de poder examinar as Escrituras Sagradas, e julgar cada hum para si, não he necessario aqui mostrar senão as proprias palavras do Psalmista David (Psalmo 118, verso 130, 131 e 132): - "Os seus testemunhos são admiraveis, por isso a minha alma procurou ter dellas hum pleno conhecimento. A explicação das tuas palavras allumia, e ella da inteligencia aos pequeninos. Eu abri a minha bocae atrahi o espirito, porque eu desejava os teus mandamentos." E tambem as palavras de S. Lucas (Cap. 12 verso 2): - "Porque nenhuma cousa ha oculta que não se venha a descobrir-se, e nenhuma ha escondida que não venha a saber-se." N. B. Tambem se acha á venda na livraria da rua da Quitanda n. 77.
26/09/1838	n. 214, ano XIII, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 212.
02/10/1838	n. 219, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 212.

06/10/1838	n. 223, ano XIII, p. 4, col. 4	Anúncios	<i>Idem</i> n. 212.
10/01/1839	n. 8, ano XIV, p. 4, col. 1-2	Anúncios	Livros no idioma portuguez, de muito bom typo, bem encadernados e por modico preço. Vendem-se na rua Direita n. 115, a saber: A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzidos em portuguez, segundo a Vulgata, pelo Padre Antonio Pereira de Figueredo. Preço 4\$000 rs. O Novo Testamento traduzido em portuguez, segundo a Vulgata, pelo Padre Antonio Pereira de Figueredo; por 1\$000 rs. O livro dos Psalmos, Proverbios, do Ecclesiastes e das Prophecias do Isaias, traduzido em portuguez, segundo a Vulgata, pelo Padre Antonio Pereira de Figueredo; por 1\$000 rs. Estes grandes e abençoados livros, que o Creador de todo o mundo fez escrever para instrucção de suas creaturas, são muito recommendaveis a todo o povo Fluminense, que felizmente goza liberdade de os poder ler e examinar desde o principio até o fim, e julgar por si, e fazer delles a base de sua instrucção; porque a experiencia tem mostrado, e continua a mostrar, que elles são a fonte de luz, a fonte de sabedoria, a fonte de moral e a fonte de virtude; e para prova disto, olhemos para as próprias palavras de S. Paulo, na sua 2ª Epistola a Timotheo, cap. III, verso 16 e 17: "Que toda a escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça: a fim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra." N. B. Offerecem-se a vender estes livros a quaesquer livreiros ou vendedores de livros no Imperio, com abatimento de 20 por cento do preço aqui marcado, tomando de vinte volumes para cima.
24/01/1839	n. 20, ano XIV, p. 4, col. 1	Anúncios	<i>Idem</i> n. 8.
05/04/1839	n. 76, ano XIV, p. 4, col. 4	Anúncios	Livros em portuguez. A Biblia, contendo o velho e o novo testamento, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, 23 vls. 12\$ [...] vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro azul.
10/07/1839	n. 151, ano XIV, p. 4, col. 3	Anúncios	Livros em portuguez. [...] Biblia completa de Antonio Pereira, 1 vol. 10\$ [...] todas estas obras vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a dos Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro azul.

12/10/1839	n. 242, ano XIV, p. 4, col. 4	Anúncios	A Santa Biblia, contendo o Velho e o Novo Testamento de Nosso senhor e Redemptor Jesus Christo, traduzido na lingua materna, conforme a Vulgata, pelo estimado padre da igreja o Reverendo Antonio Pereira de Figueiredo; vende-se na rua Direita n. 115, e na rua da Quitanda n. 77, a preço de 4\$000 rs.; Novo Testamento 1\$000, e os Psalmos 1\$000. Em o Despertador de 2 de agosto o redactor tendo recordado a duvida respeito á traducção da Santa Biblia, agora está informado que a traducção he isto, que está copiado da ultima edição do Sr. Antonio Pereira, tendo dedicação ao Sr. D. João VI, com permissão real; cujos originaes pódem se consultar na livraria publica do Carmo, para conferir a exactidão. O celebre traductor gastou quasi toda a vida em actos de piedade e serviço da pátria, como hum zeloso ministro da Igreja; sendo homem doutissimo, foi eleito por seu perspicaz soberano D. José I, official maior das linguas estrangeiras ao governo; todas as suas obras litterarias erão feitas com approvação e patrocínio do Serenissimo Sr. D. Gaspar, arcebispo de Braga, actual primaz de todo o reino, cuja preferencia era mostrada em distincta escolha do Sr. Antonio Pereira para reformar o Breviario Bracharense; as suas obras publicarão por muitos tempos o quanto perderão as letras em hum homem e a pátria em hum cidadão que servio com o maior zelo. Estas occurencias são bem verificadas na historia do seculo ultimo. Em breve todos os leitores podem ter confiança sobre a traducção da Santa Biblia, como orthodoxa e verdadeira obra. Povos de todas as nações devem tambem ter convitação a ler pelas palavras exhortativas de Nosso Senhor e Redemptor do Mundo Jesus Christo, cuja authoridade he mais alta; S. João, capitulo 5, verso 39: - "Examinai as escripturas, pois julgais ter nellas a vida eterna, e ellas mesmas são as que dao testemunho de mim." Temos tambem testemunho historico de S. Paulo; Actos dos Apostolos, capitulo 17, verso 11: - "Os Bereanos pois erão mais generosos do que aquelles que se achão em Thessalonia, os quaes receberão a palavra com ancioso desejo, indagando todos os dias nas escripturas se estas cousas erão assim." Vejamos tambem testemunha de Santo Agostinho: - "Sic loquitur scriptura, ut altitudine superbos irrideat, profunditate attentos terreat, virtute magnos pascat, affabilitate parvulos nutriat super Genesim 19." Concluimos nós com a oração do illustre Bossuet: - "Revela oculos meos: Aperi, dispelle umbras, tolle velamentum quo spirituales oculi conteguntur: considerabo mirabilia: ut penitus introspeciam, non literam tantum, ac veluti corticem legis, sed arcana spiritualia, puta in sabbatis requiem sempiternam, simplicitatem in azymis, in victimis obedientium, et ubique Christum." - Commentarias de Bossuet, bispo da igreja Gallicana, Psalmo 119, verso 18.
29/10/1839	n. 259, ano XIV, p. 4, col. 3	Anúncios	Livros em portuguez. [...] Sagrada Biblia, de Antonio Pereira, com notas e o texto ao lado, 7 vols. em folio, 30\$ [...] Todas estas obras são encadernadas e vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre as ruas dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul.
08/04/1840	n. 94, ano XV, p. 4, col. 1	Annuncios	Livros em portuguez. A Santa Biblia contendo o livro dos Maccabeos, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, 1 vol. 3\$; o Novo Testamento, pelo mesmo, 1 vol., 640 \$ [...] Todas essas obras vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre a do Ourives e a dos Latoeiros, casa do livro azul.
05/05/1840	n. 118, ano XV, p. 4, col. 3	Annuncios	Na rua Direita n. 115, ha para vender as seguintes obras: Santa Biblia de Pereira, 4\$000 rs.; Novo Testamento, 1\$000 rs.; Psalmos e Prophecias, 1\$000 rs.

06/07/1840	n. 176, ano XV, p. 3, col. 4	Annuncios	Biblia com gravuras. Acha-se á venda em casa de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77: A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzido em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Edição ornada com riquissimas gravuras, entre as quaes: vista do Paraiso, o rei Saul e a Pythonissa, o Monte de Carmel, o Santo Sepulchro, vista de Jerusalem, Christo em Emmaús, Christo e a Sammaritana, etc.; outra edição com as gravuras de Jacob e Raquel, Moyses na sarça ardente, Moyses enxotando os pastores do poço, vista de Belém, a Santa Cêa, os anjos no sepulchro de Christo, etc. Preço de cada obra ricamente encadernada, réis 8\$000.
31/07/1840	n. 200, ano XV, p. 4, col. 3	Annuncios	Vende-se na rua Direita n. 115: a Santa Biblia, 4\$; Novo Testamento, 1\$; Psalmos 1\$.

O Chronista (1838)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
20/09/1838	n. 232, p. 928, col. 3	Annuncios	Acham-se em casa de Eduardo Laemmert na rua da Quitanda n. 77, [...] A SANTA BIBLIA, contendo o velho e o novo testamento. Traduzidos em portuguez segundo a vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Edição original de Londres, com bella encadernação ingleza, preço 4\$000 [...]
23/10/1838	n. 246, p. 984, col. 3	Annuncios	[...] A SANTA BIBLIA, contendo o velho e o novo testamento. Traduzidos em portuguez segundo a vulgata pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Edição original de Londres, com bella encadernação ingleza, preço 4\$000. Vende-se na livraria dos irmãos Eduardo e Henrique Laemmert, rua da Quitanda n.º 77.

O Despertador (1838-1841)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
27/04/1838	n. 26, p. 3, col. 3	Livros à venda	BIBLIA do padre Antonio Pereira de Figueiredo, illustrada com notas; segunda impressão revista e retocada pelo mesmo author: 23 vol. Vende-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, casa do livro azul.
27/06/1838	n. 73, p. 4, col. 2	Livros à venda	A Santa Biblia, contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesus Christo, traduzida, na lingua luzitana, dos manuscritos antigos, latinos e gregos, conforme a vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja, o reverendo Antonio Pereira de Figueiredo, capellão de D. João V, e professor da cadeira da universidade de Coimbra. "Examinai as Escrituras que julgais ter nellas a vida eterna, ellas mesmas sao as que dao testemunho de mim." Estas são as palavras

			exhortativas do Nosso Senhor. S. João, cap. V, ver. 39. Vende-se na rua Direita n. 115, por 4\$ rs.
03/07/1838	n. 77, p. 4, col. 3-4	Livros à venda	A SANTA BIBLIA, contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e redemptor Jesus-Christo, traduzida na lingua luzitana, dos antigos manuscritos hebraicos, latinos e gregos, conforme a vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja, o reverendo Antonio Pereira de Figueiredo, que foi capellão de D. João V, e professor da universidade de Coimbra;Vende-se na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4\$000 rs., sendo bem encadernada. Este grande e abençoado livro merece, sobretudo, a attenção de todos os mestres de seminarios, collegios e aulas no imperio do Brasil, e he digno de ser adoptado para a instrucção dos seus alumnos, e tambem de adornar a bibliotheca de todos os pais de familia, para o lerem diariamente á sua familia, porque he a fonte de luz, de sabedoria, de moral e de virtude. A nação ingleza adoptou este abençoado livro para a instrucção de sua mocidade e de todo o seu povo, e desde aquella época esta feliz nação tem produzido os homens mais sabios, mais moralizados, mais virtuosos e mais generosos que o mundo ainda tem visto, e he de lamentar o desgraçado estado em que se achão as nações que não tem instruido o seu povo com este santo livro. Por isso he que elle he tão recommendavel ao povo brasileiro, que tambem goza da liberdade de o poder ler, para se fazer pela sua meditação ainda mais digno de receber as benções que Deus tem dado sobre a Inglaterra e sobre todas as outras nações, como a Hollanda, a Suecia, a Dinamarca, a Prussia e os Estados-Unidos, que se tem instruido com a santa biblia. E se disto se querem maiores provas, attendáo aos seguintes extractos: Da 1ª epistola de S. Paulo aos Thessalonicenses, cap. V, versos 20 e 21. - "Não desprezeis as prophcias: examinaí porém tudo; abraçai o que he bom. -" Da 2ª epistola de S. Paulo a Timotheo, cap. III, versos 16 e 17. - "Toda a escritura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. -" E ainda as palavras exhortativas de Nosso Senhor Jesus Christo. - "Examinaí as escrituras, que julguei ter nellas a vida eterna, ellas mesmas sao as que dão testemunho de mim." (S. João, cap. V, ver. 39.)
05/07/1838	n. 79, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 77.
07/07/1838	n. 81, p. 4, col. 1-2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 77.

09/08/1838	n. 108, p. 3, col. 4	Livros à venda	A SANTA BIBLIA, contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e redemptor Jesus-Christo, traduzida na lingua luzitana, dos antigos manuscritos hebraicos, latinos e gregos, conforme a vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja, o reverendo Antonio Pereira de Figueiredo, que foi capellão de D. João V, e professor da universidade de Coimbra;Vende-se na rua Direita n. 115, pelo modico preço de 4\$000 rs., sendo bem encadernada. Este grande e abençoado livro merece, sobretudo, a attenção de todos os mestres de seminarios, collegios e aulas no imperio do Brasil, e he digno de ser adoptado para a instrucção dos seus alumnos, e tambem de adornar a bibliotheca de todos os pais de familia, para o lerem diariamente á sua familia, porque he a fonte de luz, de sabedoria, de moral e de virtude, porque mostra a omnipotencia do Creador, como e porque elle nos creou, e as obras que elle espera de cada hum de nós, deixando inteiramente livre a nossa vontade, e tambem mostra quanto he util ás nações que os seos membros sejam instruidos na Santa Biblia, quaes são as promessas que Deos tem feito aos povos que basearam sua educação nas escripturas sagradas, e as ameaças contraos que o não fizerem. Felizes aquellas nações que seguem os preceitos deste vivino livro!!! Extracto do Evangelho de S. Matheos, cap. 15, verso 1. Então, chegarão a elle huns escribas e phariseos de Jerusalem, dizendo: 2.º Porque violão os teus discipulos a tradição dos antigos? Pois, não lavão as mãos quando comem pão? 3.º E elle respondendo, lhes disse: E vós porque transgredis o mandamento de Deos pela vossa tradição, etc., etc., etc.
11/08/1838	n. 110, p. 4, col. 3	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 108.
22/08/1838	n. 118, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 108
12/09/1838	n. 134, p. 4, col. 3	Livros à venda	A Santa biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzida em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, edição de Londres, com bella encadernação ingleza, vende-se na livraria de Eduardo Laemmert, por 4\$ réis.
25/09/1838	n. 145, p. 4, col. 3	Livros à venda	A SANTA BIBLIA, contendo o velho e o novo testamento, traduzida em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Esta grande e abençoada fonte de luz e de sabedoria não deixa de ser muito recommendavel para séria leitura de todo o povo brasileiro, por que he hoje o livro de mais aceitação e de mais meditação em todas as nações civilisadas, e a nação que o tem mais abraçado e adoptado para base de sua instrucção he hoje a nação mais bem abençoada do mundo; e aquellas nações que estão seguino o mesmo exemplo, também estão se aproximando do mesmo grao de sabedoria e moral. Para recommendar este livro ao povo fluminense, que felizmente goza a liberdade de poder examinar as escripturas sagradas, e julgar cada hum para si, não he necessario aqui mostrar senão as próprias palavras do psalmista David, psalmo 118, versos 130, 131, e 132. "Os teus testemunhos são admiráveis, por isso a minha alma procurou ter delles hum pleno conhecimento. A explicação das tuas palavras alumia, e ella da intelligencia aos pequeninos. Eu abri a minha boca e atrahi o espirito por que eu desejava os teus mandamentos." E tambem as palavras de S. Lucas, cap. 12, verso 2.

			"Porque nenhuma cousa ha occulta, que não venha a descobrir-se, e nenhuma ha escondida, que não venha a saber-se." Esta obra, impressa em Londres, com muito bom typo e muito bem encadernada, acha-se á venda na rua Direita n. 115, e na livraria na rua da Quitanda n. 77, pelo modico preço de 4\$ rs.
23/11/1838	n. 195, p. 3, col. 4	Livros à venda	RECEBEO-SE ultimamente, na typographia, estamperia e livraria de educação, rua do Cano n. 151, as obras seguintes, muito bem encadernadas: A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzidos segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, 1 grande vol., 4\$; O Novo Testamento de N. S. Jesus Christo, traduzido pelo mesmo, 1 vol. 1\$; La Sainte Bible, contenant le vieux et le nouveau testament, édition revue et corrigée d'après les textes hébreu et grec, 1 v., 3\$; le Nouveau Testament, édition revue et corrigée d'après le texte grec, 1 v. 1\$ [...]
22/12/1838	n. 219, p. 3, col. 4	Livros à venda	Achão-se a venda, na typographia da rua do Cano n. 151, os livros seguintes, muito bem encadernadas, e a maior parte com gravuras: [...] a Biblia traduzida segundo a vulgata, 1 v., 4\$; o Novo Testamento, 1 v., 1\$ [...]
10/01/1839	n. 232, p. 4, col. 1	Livros à venda	Livros no idioma portuguez, á venda, na rua Direita n. 115, de muito bom typo, bem encadernados e por modico preço. A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamentos, traduzidos em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueredo, 4\$000. O Novo Testamento, traduzido em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueredo, 1\$000. O livro dos psalmos, proverbios, e do ecclesiastes e das prophcias do Isaias, traduzidos em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueredo, 1\$000. Estes grandes e abençoados livros, que o creador de todo o mundo fez escrever para instrucção de suas creaturas, são muito recommendaveis a todo o povo fluminense, que felizmente goza liberdade de os poder ler e examinar desde o principio até o fim, e julgar por si, e fazer delles a base de sua instrucção, porque a experiencia tem mostrado e continua a mostrar que elles são a fonte da luz, a fonte da sabedoria, a fonte da moral e a fonte da virtude; e para prova disto, olhemos para as próprias palavras de S. Paulo, na sua 2. ^a epistola a Thimoteo, cap. III, vers. 16 e 17: "Toda a escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. " N. B. Offerecemos á venda estes livros a qualquer livreiro ou vendedor de livros no imperio, com abatimento de 20 por cento do preço aqui marcado, tomando de vinte volumes para cima.
14/01/1839	n. 235, p. 3, col. 4	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 232.

02/08/1839	n. 394, p. 4, col. 2	Livros à venda	A SANTA biblia, contendo os livros canonicos do velho e novo testamento de Nosso Senhor e Redemptor Jesus Christo, traduzida em língua materna, dos antigos manuscriptos hebraicos, latinos e gregos, conforme a Vulgata, pelo celebre e doutissimo padre da igreja, o reverendo Antonio Pereira de Figueiredo. Este grande e abençoado livro he muito recommendavel a todos os mestres de seminarios, collegios e aulas, no imperio do Brasil, de o adoptarem para a instrucção dos seus alumnos. Ainda para maiores provas, olhai para os seguintes extractos da segunda epistola de S. Paulo a Timotheo, Cap. III, versos 16 e 17: "Toda a escriptura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça, afim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra. -" E ainda as palavras exhortativas de Nosso Senhor Jesus Christo: "Examinai as escrituras, que julguei ter nellas a vida eterna, ellas mesmas sao as que dão testemunho de mim." S. João, cap. V, verso 39. Também Math., Cap. XXII, verso 20: "Errais não sabendo as escripturas, nem o poder de Deos." Vende-se na rua Direita n. 115, e da Quitanda n. 77, pelo modico preço de 4\$000, bem encadernada. Novo Testamento 1\$000, e psalmos e prophcias, 1\$000.
24/10/1839	n. 465, p. 4, col. 3	Correspondencias e annuncios	[...] Sagrada Biblia, de Antonio Pereira, com notas, e o texto ao lado, 1 vol. em folio, 30\$ [...] Todas estas obras são encadernadas, e vendem-se na loja de livros de Albino Jordão, rua do Ouvidor n. 121, entre as dos Ourives e dos Latoeiros, casa do livro azul.
07/12/1839	n. 501, p. 4, col. 4	Annuncios	A SANTA Biblia (completa), por Figueiredo, 6\$ rs. [...] na rua da Alfandega n. 286.
09/07/1840	n. 698, p. 4, col. 3	Annuncios	Biblia com gravuras. Acha-se á venda em casa de E. e H. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, A Santa Biblia, contendo o velho e o novo testamento, traduzido em portuguez, segundo a vulgata, pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Edição ornada com riquissimas estampas, entre as quaes: o Paraizo, o rei Saul e a Pythonissa, o Monte de Carmel, o Santo sepulchro, vista de Jerusalem, Christo em Emmaus, Christo e a Sammaritana, &c.; outra edição com gravuras de Jacob e Raquel, Moyses na sarça ardente, Moyses no poço em Madian, a santa ceia, vista de Belém, os anjos no sepulchro de Christo, &c. Preço de cada volume, com bella encadernação, 8\$000.
07/07/1841	n. 1039, p. 4, col. 3	Livros à venda	Novo Testamento, em hespanhol, 1 vol. [rua dos Ciganos, n. 12]

Pharol do Imperio (1837)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
------	--------	----------------	---------

20/05/1837	n. 50, ano 1, p. 4, col. 2	Livros à venda	A Sancta Biblia (Escritura Sagrada) contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzido em Portuguez pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, vende-se na rua Direita n.º 115, por 4\$000. Também se vende o Novo Testamento de Nosso Senhor Jesus Christo, separados por 1\$000. Bem encadernados. N.B. Estes livros uzão-se muito nas escolas em Inglaterra.
24/05/1837	n. 53, p. 3, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
30/05/1837	n. 57, p. 4, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
06/06/1837	n. 62, p. 4, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
07/06/1837	n. 63, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
08/06/1837	n. 64, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
09/06/1837	n. 65, p. 4, col. 1-2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
10/06/1837	n. 66, p. 4, col. 1-2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
11/06/1837	n. 67, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 50.
03/07/1837	n. 82, p. 4, col. 2	Livros à venda	VENDE-SE na rua Direita n. 115, por 4\$000 réis. A Santa Biblia (Escritura Sagrada) contendo o Velho e o Novo Testamento. Traduzido em Portuguez pelo Padre Antonio pereira de Figueiredo. Este livro he muito util a geração Brasileira que gosa da liberdade de o lerem, porque toda a Escripura divinamente inspirada he util para ensinar, para reprehender, para corrigir, para instruir na justiça: a fim de que o homem de Deos seja perfeito, estando preparado para toda a boa obra (2.º Epist. de S. Paulo a Timotheo Cap. iii ver . 16 17.
04/07/1837	n. 83, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 82.
05/07/1837	n. 84, p. 4, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 82.
07/07/1837	n. 86, p. 4, col. 1	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 82.
11/07/1837	n. 89, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 82.
13/07/1837	n. 91, p. 4, col. 2	Livros à venda	<i>Idem</i> n. 82.

APÊNDICE III

Anúncios de compras de Bíblias no Rio de Janeiro (1822-1839)

Diário do Rio de Janeiro (1822-1839)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
10/07/1822	n. 9, p. 34, col. 2	Compras	Quem tiver qualquer das duas traduções de Biblia por Sacy, com o Texto Latino a margem e a queira vender, haja de declarar pelo Diario a sua residencia, ou tenha a bondade de hir a rua das Viollas N. 54 que achará com quem tratar
17/04/1823	n. 15, p.59 , col. 2	Compras	Quem tiver alguns livros, cujas obras estejam truncadas, e os queira vender, queira anunciar o lugar onde mora, ou procurar na rua do Rozario N. 67, pois se deseja completar as obras seguintes: Biblia de Mr. Saci, ultima edição em Bruxellas no anno de 1723; faltão os Tomos 35, 36, 39, 40 [...]
03/02/1824	n. 1, p. 2, col. 2	Compras	Precisa-se comprar [...] a Biblia Sagrada, obra de Mompilier [sic]
04/11/1824	n. 3, p. 10, col. 2	Compras	Qualquer Sr. que tiver o tomo 47 do Viajante Universal, e o queira vender, póde hir á rua dos Pescadores N. 49, tambem deseja-se comprar os tomos 35, 36, 39 e 40 da Biblia de Sacy, a ultima edição impressa no anno de 1723
15/12/1824	n. 12, p. 46, col.2	Compras	Quem tiver, e quizer vender a Santa Biblia, tradusida pelo Padre Antonio Pereira, impressa em Londres; queira annunciar por este Diario, ou leva-la a Praça do Rocio N. 4, para se ajustar.
15/07/1826	n. 13, p. 50, col. 2	Compras	Se houver quem tenha a Biblia de Pereira em Latim, e Portuguez 7 vol. de 4.º, ou em Portuguez em 23 vol. de 8º com uso, e que por isso não duvide vender com alguma commodidade; queira dirigir-se a rua da Quitanda N. 202.
30/08/1826	n. 25, p. 98, col. 2	Compras	Quem tiver, e queira vender o livro da Santa Biblia, annuncie por este Diario para ser procurado, que além da paga se lhe ficará muito obrigado.
07/09/1826	n. 6, p. 23, col. 2	Noticias particulares	Quem fez o annuncio do Diario de 30 de Agosto N. 22 [sic], em que diz querer comprar a Santa Biblia, procure na rua dos Ciganos N. 6, em hum armarinho.
27/01/1827	n. 21, p. 82, col. 2	Compras	Quem tiver para vender a Biblia do Salmento [sic] completa, e em bom uzo; declare por este Diario para ser procurado, ou procure na rua do Conde N. 26.
05/03/1827	n. 04, p. 15, col. 1	Compras	Dezeja-se comprar a Biblia em Latim, e para commodidade do preço, quer-se em segunda mão, ainda que com algum uzo; quem a tiver queira declarar por este Diario, para ser procurado, ou dirija-se á rua da Alfandega N. 279.

20/03/1827	n. 16, p. 62, col. 1	Compras	A pessoa que tem a Biblia em Latim, volume em 4.º grande, edição de Paris, se ainda não dispôz della, queira ter a bondade de mandal-a á rua dos Ferradores N. 279
29/08/1827	n. 24, p. 95, col. 1	Compras	Quem tiver e quizer vender o livro da Santa Biblia traduzido em Portuguez, ainda que tenha algum uzo: anuncie por este Diario para se procurar.
17/07/1828	n. 15, p. 58, col. 1	Compras	Quem tiver, e quizer vender huma Biblia, que esteja em bom uzo, anuncie por este Diario para ser procurado
23/07/1828	n. 20, p. 79, col. 2	Noticias particulares	Quem pelo annuncio N. 28 do Diario de 17 do prezente mez, dezeja comprar huma Biblia; procure na segunda travessa de S. Joaquim N. 13, que achará; e juntamente outros muitos livros Religiozos, e de Sciencias.
05/10/1835	n. 4, [p. 2], col. 3	Compras	Pretende-se comprar a Biblia em Latim, ou em Latim, e Portuguez, Francez, ou Inglez, porém em formato pegueno, e de algibeira; quem a tiver queira declarar a sua morada para ser procurado.
08/11/1836	n. 6, [p. 2], col. 3	Compras	Compra-se a Biblia Sagrada, traduzida em Portuguez, com o texto latino á margem, por Antonio Pereira de Figueiredo, 7 volumes em 4.º, estando nova, ou em bom uso; na rua detraz do Hospicio n. 330.
05/10/1838	n. 223, ano XVII, [p. 4], col. 1	Compras	Quem tiver uma biblia do padre Antonio Pereira de Figueiredo, com o texto latino de um lado, e o portuguez de outro, e a queira vender; dirija-se á rua Direita n. 12, defronte do Carmo, ou anuncie por este Diario.
26/10/1838	n. 241, ano XVII, [p. 4], col. 1	Notícias particulares	Quem tiver a biblia do padre Antonio Pereira de Figueiredo, com as notas do mesmo autor, e a queira trocar por outra que não tem as ditas notas, e esta nova, e a outra seja velha não importa; dirija-se á rua da Alfandega n. 310, ou anuncie para ser procurado.
15/01/1839	n. 12, ano XVIII, [p. 3], col. 3	Compras	Precisa-se comprar a Biblia em latim, em formato pequeno para algibeira, ou o livro dos salmos; tambem em latim, e não se duvidará dar melhor preço; quem o tiver declare por esta folha.

Diário Mercantil (1825-1826)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
05/09/1825	n. 30, p. 2, col. 2	Compras	Quem tiver e queira vender a Biblia em hum volume anuncie por este Diario para ser procurado.
06/09/1826	n. 198, vol. VII, p. 4, col. 1	Notícias particulares	O Sr. que no Diario do Rio de Janeiro de 30 de Agosto, annuncio 22, que desejava o livro da Santa Biblia, vá a rua da Alfandega N. 10.

Jornal do Commercio (1835-1836)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
------	--------	----------------	---------

12/05/1835	n. 104, ano IX, p. 4, col. 1	Anúncios	Compra-se a Biblia em portuguez ou em francez, por commodo preço, ou dá-se em troco hum exemplar dos Luziadas, encadernado, edição de Paris; na rua Direita n. 57.
05/10/1835	n. 219, ano IX, p. 4, col. 2	Anúncios	Compra-se a biblia em latim, ou em latim e portuguez, ou francez, ou inglez; porém em formato pequeno, e de algibeira. Quem a tiver declare a sua moradia para ser procurado.
19/10/1835	n. 230, ano IX, p. 4, col. 3	Anúncios	Compra-se a Biblia em latim e portuguez, ou latim e inglez ou francez; porém em formato pequeno e de algibeira. Anunciem.
02/11/1836	n. 238, ano X, p. 5, col. 4	Anúncios	Compra-se a Biblia Sagrada, traduzida em Portuguez, com o texto latino á margem, por Antonio Pereira de Figueiredo, 7 volumes em 4.º, estando nova, ou em bom uso; na rua detraz do Hospicio n. 330.
03/11/1836	n. 239, ano X, p. 4, col. 3	Anúncios	<i>Idem</i> n. 238.

APÊNDICE IV

Anúncios de leilões de Bíblias no Rio de Janeiro (1837-1847)

Diário do Rio de Janeiro (1838-1847)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
11/09/1838	n. 202, ano XVII, [p. 2], col. 4	Leilões	A. Lawrie e comp. fazem leilão hoje terça feira 11 do corrente, no seo armazem, rua Direita n. 6, de [...] uma grande porção de livros, entre os quaes [...] a Biblia em 23 vol. [...]
31/07/1843	n. 167, ano XXII, p. 3, col. 2	Leilões	Leilão de livros de huma bibliotheca particular por causa de sahida. Frederico Guilherme [...] na casa de Carlos Tanière, rua do Ouvidor n. 84, de livros pertencentes a huma bibliotheca particular, e constando em parte de obras muito raras de edições antigas e perfeitamente conservadas, entre os quaes ação-se a Biblia Sagrada em Grego, em Hebraico e em armenio [sic] [...]
01/08/1843	n. 168, ano XXII, p. 3, col. 2	Leilões	<i>Idem</i> n. 167.
20/06/1845	n. 6941, ano XXIV, p. 3, col. 3	Leilões	Feraudy faz leilão hoje, em sua casa na rua do Ouvidor n. 106, de uma grande collecção de boas obras [...] recommenda aos amantes de livros esta rica collecção, onde achar-se ha a Biblia Sacra Vulgatae, em 2 vol. grandes in folio, com muitas gravuras [...]
15/06/1846	n. 7231, ano XXV, p. 3, col. 4 - p. 4, col. 1	Leilões	Dodsworth venderá em leilão hoje segunda-feira, 15 do corrente, na rua da Alfandega n. 28, ás 10 1/2 horas da manhã, vários livros em francez, entre elles [...] Santa Biblia com 250 gravuras [...]
30/03/1847	n. 7464, ano XXVI, p. 3, col. 3	Leilões	Frederico Guilherme faz leilão hoje terça feira, 30 do corrente, ás 4 horas da tarde, de ordem e na casa de C. Tanière, rua do Ouvidor n. 84, de uma das mais ricas collecções de livros que tem apparecido n'esta côrte [...] Recommenda se aos conhecedores a Biblia de Adam Clarke [...]

Jornal do Commercio (1837-1847)

Data	Edição	Título / Seção	Anúncio
21/03/1837	n. 65, ano XI, p. 3, col. 3	Leilões	Frederico Guilherme faz leilão hoje ás 3 horas e meia da tarde, na sua casa, rua do Ouvidor n. 88 (antigamente 118), de rica e escolhida bibliotheca pertencente ao Illm. Sr. Amaro Guedes Pinto, que se retira para a Europa. [...] huma biblia em latim [...].

09/08/1838	n. 176, ano XIII, p. 4, col. 1	Leilões	[J. J. Dodsworth] fará leilão amanhã sexta feira, 10 do corrente, tambem em sua casa [rua da Alfandega n. 28], de huma grande porção de livros em diversos idiomas, constando de obras de direito, medicina, historia, etc., a saber: [...] Biblia sacra, 1 vol. [...]
11/09/1838	n. 201, ano XIII, p. 4, col. 1	Leilões	A. Lawrie e C. fazem leilão hoje terça feira, 11 do corrente, no seu armazem, rua Direita n. 6, de [...] uma grande porção de livros, entre os quaes [...] a Biblia, em 23 vols. [...]
21/09/1838	n. 210, ano XIII, p. 4, col. 1	Leilões	<i>Idem</i> n. 201.
22/09/1838	n. 211, ano XIII, p. 3, col. 4	Leilões	<i>Idem</i> n. 201.
28/06/1842	n. 170, ano XVII, p. 3, col. 1	Leilões	Leilão na residencia do S. Ex. o ministro da Russia, na praia do Flamengo n. 40, amanhã 4ª feira (dia desoccupado), ás 10 horas e meia em ponto. [...] Biblia Sagrada [...]
26/07/1843	n. 196, ano XVIII, p. 4, col. 1	Leilões	Frederico Guilherme faz leilão, terça feira 1º de agosto, de ordem e na casa de C. Tanière, rua do Ouvidor n. 84, de livros pertencentes a uma bibliotheca particular, e constando em parte de obras muito raras, de edições antigas e perfeitamente conservadas, entre as quaes achão-se a Biblia sagrada em grego, em hebraico e em armenio [<i>sic</i>] [...]
27/07/1843	[n. 197], ano XVIII, p. 4, col. 3	Leilões	<i>Idem</i> n. 196.
28/07/1843	n. 198, ano XVIII, p. 4, col. 2	Leilões	<i>Idem</i> n. 196.
29/07/1843	n. 199, ano XVIII, p. 3, col. 4	Leilões	<i>Idem</i> n. 196.
30/07/1843	n. 200, ano XVIII, p. 3, col. 4	Leilões	<i>Idem</i> n. 196.
01/08/1843	n. 201, ano XVIII, p. 5, col. 3	Leilões	<i>Idem</i> n. 196.
20/06/1845	n. 164, ano XX, p. 3, col. 3	Leilões	Leilão extraordinario de livros a queima roupa. Feraudy faz leilão hoje, em sua casa na rua do Ouvidor n. 106, de uma grande collecção de boas obras [...] Feraudy recommenda aos amantes de livros esta rica collecção, onde achar-se-ha a Biblia Sacra Vulgatae, em 2 vol. grandes in folio, com muitas gravuras [...]
11/07/1845	n. 185, ano XX, p. 3, col. 3	Leilões	Leilão de livros novos e em meio uso, por conta de diversos, hoje sexta feira 11 de julho. Feraudy faz leilão hoje, sexta feira 11 do corrente, ás 4 horas, na sua casa, rua do Ouvidor n. 106 [...] Feraudy adverte que entre

			estes livros achão-se: a Biblia, segundo a vulgata, de Du Homet, em 3 vol. em 4.º [...]
04/06/1846	n. 153, ano XXI, p. 3, col. 4	Leilões	Leilão extraordinario no dia sexta feira 5 do corrente, ás 4 horas da tarde, na rua de S. Pedro n. 90, 1º andar [...] Augusto Deshays fará o leilão acima mencionado, de toda a dita livraria que se recommenda em particular aos Srs. scientificos, na qual se achão as seguintes obras raras e de grande merecimento: [...] a Biblia do padre A. P. Figueiredo [...]
06/06/1846	n. 155, ano XXI, p. 3, col. 4	Leilões	<i>Idem</i> n. 153.
05/11/1847	n. 305, ano XXII, p. 3, col. 3	Leilões	Leilão de uma escolhida bibliotheca de bons livros em direito (proprios para os Srs. advogados), e alguns [sic] ricas encadernações, pertencentes ao Axmo. fallecido conselheiro Francisco Alberto Teixeira de Aragão, e por ordem do Illm. Sr. Dr. juiz de orphãos ausentes, que se vende por conta de quem pertencer [...] Dodsworth vende em leilão hoje sexta feira 5 do corrente, na rua da Alfandega n. 28, ás 10 1/2 horas da manhã, a escolhida bibliotheca de bons livros acima mencionada, entre os quaes [...] a Biblia Sagrada, segundo a vulgata, em 7 vol. [...]